





Memórias de **Bailados & Comédias**
OSWALD BARROSO

Memórias de Bailados e Comédia: dramas populares do litoral leste do Ceará

Copyright © 2011 by Raimundo Oswald Cavalcante Barroso

Texto: Oswald Barroso

Projeto gráfico e capa: Pedro Lex e Alexandre Perotto (Torpedo Design Solutions)

Fotos: Alex Hermes e Oswald Barroso

Revisão Ortográfica: Márcio Barroso

Transcrição das partituras musicais: João Victor Reinaldo Barroso

Projeto de Pesquisa: Associação Comunitária Beneficente de Encruzilhada e Umburanas

Impresso na gráfica Visual – Aracati – CE.

Equipe de Pesquisa:

Oswald Barroso (coordenação)

Kally Damasceno

Alexandre Hermes

Participações:

Evandro Vieira (produtor)

Carlos Vieira (motorista)

Pesquisadores eventuais:

Paulo Ess

Fátima Façanha

Vanéssia Gomes

B28m Barroso, Oswald
Memórias de Bailados e Comédia: dramas populares do litoral leste do Ceará/
por Oswald Barroso. – Fortaleza: IPHAN, 2011.

140 p.: il.

ISBN: 978-85-7334-206-2

1. Arte e Antropologia 2. Folclore 3. Dramas populares – Litoral Leste do Ceará 4.
Patrimônio Cultural Imaterial.

I. Título

CDD(22ª ed.) 398.098131

Este livro é para

Francisca Alves da Silva (Dona Formiguinha) – em memória

e todas as dramistas do Litoral Leste do Ceará.



Apresentação

Dramas, farinhadas, trançados e labirintos: memórias sentimentais das mulheres trabalhadoras do ceará

ISABEL LUSTOSA

Onde ficará guardada a memória dos trabalhadores do Ceará? Daqueles que trabalham nos ofícios mais característicos da nossa terra: as rendeiras, os pescadores, os trançadores de palha para chapéu, os que conheciam a técnica da extração da cera da carnaúba, dos sanfoneiros e rabequeiros, dos que fazem a farinha e os outros tantos produtos da mandioca nas alegres e longas farinhadas?

Quem terá reunido as lembranças de seu cotidiano, do trabalho duro, da rigorosa moral cabocla, do lazer rústico quase sempre associado ao trabalho? Pois se ninguém mais se ocupa da extração da cera da carnaúba, se cada vez menos mulheres se dedicam à arte do bordado, daquele trabalho tão sofisticado do labirinto, se cada vez menos há como viver da pesca em um mundo onde ela também faz parte da economia de mercado, a tendência é que essas ocupações se acabem ou se modifiquem de tal maneira que nada mais tenham a ver com as condições em que, entre nós, eram tradicionalmente praticadas.

Parte desse tesouro se revela nas páginas deste livro de Raimundo Oswald Barroso. Seu objetivo central é apresentar a tradição, hoje pouco lembrada, do “drama” e de suas protagonistas através de uma série de depoimentos tomados ao longo de anos de trabalho de pesquisa. Oswald mergulha fundo no cotidiano de uma região do Ceará – especialmente o litoral leste que tem como principal cidade a bela Aracati - e, através dos maravilhosos relatos que colecionou, nos revela bem mais do que se propôs. Pois como separar a diversão e a arte de um cotidiano duro de trabalho em que as opções de lazer e instrução eram tão poucas? A vida se fazia pelo trabalho e em torno dele. O trabalho ocupava todo o tempo das famílias integrando-as e aproximando-as das famílias vizinhas. Nas narrativas que se sucedem as explicações do processo que envolve a famosa farinhada, por exemplo, demonstram o total empenho dos que se dedicam a esse tipo de atividade esporádica: raspar a mandioca, encher as gamelas da primeira água, passar pras

vasilhas de esgotar, espremer outra goma, botar dentro e fazer tudo de novo.

O mesmo vale para os que trabalhavam na extração da cera da carnaúba, como Elisa Monteiro que desde os sete anos ajudava os pais e os irmãos nessa dura rotina: catar e carregar a palha para que os mais velhos a cortassem e as crianças estendessem. Assim foi também a infância de Maria Izaíde, das Aroeiras, cuja mãe viúva mantinha os sete filhos com a carnaúba, fazendo embira, tapete, chapéus, bolsa, o que fosse possível criar a partir da palha. Isto foi no tempo em que a palha da carnaúba, cuja cera tinha grande acolhida no mercado internacional - dava sustento a muita família sertaneja. Tempo em que muita gente ainda usava tapete, chapéu e bolsa de palha. Mas, diz Maria Liduína: “Agora a gente nunca mais fez. Num sabe nem onde vender isso!”



Foto: AH

Também minuciosa é a descrição que as bordadeiras do labirinto fazem do seu trabalho. Diz Dona Mariquinha, labirinteira do Córrego da Nica,: “Eu pego o pano comprado na loja, rasgo a peça que eu vou cortar, eu risco, eu corto, eu encho e quando termino, eu lavo e depois estico. Quando consigo juntar muito, eu vou vender em Fortaleza.” Mas a preciosíssima arte das labirinteiras é outro ofício que vai desaparecendo pois como diz outra bordadeira, Aldeiza Silva: “o labirinto é sem futuro. Um metro de linho está custando dez reais, a gente compra um tubo de linha pra

encher, cinco reais, o tubo de paleitão, cinco reais, o tubo de 200, cinco reais. Aí a gente vai fazer, pega aquele linho, manda cortar na cortadeira, ela pede três reais pra cortar todinho, aí desfia. Tudo é pago. Aí a gente vai encher, quando termina aquele trabalho todinho, por quanto é que o Valdemar quer comprar o cento?”

Plantar, colher, trabalhar o que foi colhido se tornam tarefas bem mais duras quando a elas se associam as longas distâncias percorridas sob um sol inclemente em busca da água. Maria Linduína lembra de sua infância, em



Pau-Branco onde: “Pra beber a gente tomava uma água que fazia nojo de tão barrenta. (...) Água boa mesmo só tinha quando chovia.” A instrução também, mesmo a mais elementar pede esforços tremendos pois quase sempre a escola é distante, quando não falta o professor ou quando o trabalho das crianças é requerido pelos pais desde cedo, obrigando-as a renunciar à escola.

Ao trabalho duro, agravado, às vezes pelas agruras naturais do sertão, misturam-se às histórias de namoros, casamentos, carnavais, festas juninas e datas pátrias. Muitos foram os casais que se formaram durante as farinhadas onde, muitas vezes, é a competência e a desenvoltura da mulher no trabalho que conquista as atenções do pretendente. Dessa matéria se constrói o delicioso relato de Paulina de Amarelas sobre como conheceu e namorou o marido durante uma farinhada, onde ela, uma craque no ofício, tirava meio quilo de goma por dia: “Aí ele imprensando a massa, cevando e eu tirando massa pra fazer a goma. A gente só de olho no olho. [risos] Nos engracemos! Bem, aí eu sei é que se casemos.”

O relato de Maria das Neves sobre a farinhada como lugar propício para o namoro até faz lembrar a música famosa de Luiz Gonzaga: “Eu tava na peneira,/ eu tava peneirando,/eu tava no namoro/eu tava namorando.” A longa jornada de homens e mulheres juntos, dias e noites seguidos, convida à intimidade, às conversas que resultam em namoros: “O pessoal até namorava na peneira, peneirando a massa, peneirando a goma, fazendo beiju, assando jerimum no fogo.”

Também era bom namorar nas noites de lua cheia em que moças e rapazes de Aroeiras se juntavam para traçar as embiras. Conta Liduína: “Você riscava aquela palha, aí botava tudo nos feixinho, todo mundo sentado com moinho de palha, uma roda de gente contando história.” O trabalho virava festa quando alguém lembrava de servir um aluá, um bolo de carimã, alguém contava uma anedota, todos riam e a conversa se animava. E foi em trançando embira em um cenário assim que Liduína namorou com o Luis que depois se tornaria seu marido.

Essas experiências doces ou amargas das mulheres do povo cearense se transubstanciam em arte e poesia através de seus bordados, de seus trançados e de seus dramas. Estes últimos, tais como os bordados, são atividades essencialmente femininas que misturam elementos tradicionalmente presentes

na literatura de cordel com a adaptação de canções populares e mesmo com criações inspiradas no cotidiano dos entrevistados. É na arte das dramistas que o sofrimento camuflado pela vida encontra sua melhor expressão. Exemplo melhor neste apanhado de belos relatos é a história de Maria Estela que aprendera arte do drama no Mucuripe, ainda na década de 1940. Entrevistada no Cumbe, onde seu marido e filho são pescadores, ela narra uma trajetória de vida, em que tristeza e alegria se misturam, culminando com a cegueira que a atingiu na maturidade e se tornou tema maior de sua poesia: “Já fui alegre, contente/Hoje não sou mais ninguém./Já fui consolo dos tristes/Hoje eu sou triste também”.

Diz a dramista Germana de Souza e Silva, do Beberibe, que a memória é como uma cacimba na qual, se não se tira a água regularmente, cria uma capa de lodo. A dela estava assim mas o reencontro com antigas colegas da juventude serviu para retirar parte do lodo que lhe embotava as lembranças. Ela então começou a se lembrar de um monte de coisas bonitas que declamara no passado.

As entrevistas reunidas aqui, costuradas pelo texto do autor, cujo estilo se confunde com o de suas entrevistadas no uso natural e literário de expressões e falares tipicamente cearenses, proporcionam narrativas comoventes e saborosas. Elas certamente contribuirão para oxigenar a memória dessas artes e ofícios tão caros a todos nós cearenses que tivemos o privilégio de usufruir de seus produtos sem que, no entanto, tivéssemos a oportunidade de conhecer as vidas que animavam as mãos hábeis e invisíveis que, entre cantos, namoros e lágrimas, os criavam.



Sumário

Memórias
de **Bailados &**
Comédias
OSWALD BARROSO

INTRODUÇÃO	14
DE RITO DE PASSAGEM À FESTA DE REINTEGRAÇÃO NA VIDA	15
Os caminhos percorridos.....	16
PARTE I: O PALCO PROPÍCIO PARA O DRAMA	20
AMARELAS O EPICENTRO DOS DRAMAS	21
A desmancha de Amarelas.....	21
Lagoa de abelhas	21
O homem mais rico de Amarelas	21
Em torno da casa grande de Amarelas.....	22
Os que passavam por Amarelas.....	23
Paulina de Amarelas	24
O casamento de um boieiro com uma dramista, narrado por Agostinho Xavier, com algumas intervenções de Maria Suzana	26
O mais sabido da família	28
Neves Monteiro e a vida em Amarelas	28
Tanta alegria.....	30
A última moradora de Amarelas.....	31
COMO VIVIA O POVO ANTIGAMENTE	32
Quem eram os pais das dramistas.....	32
Antigamente na Serra do Fêlix.....	33
A história de Aroeiras contada por Luís de Sena Filho, Seu Diniz.....	33
INFÂNCIAS	36
Tirando alegria da vida simples.....	36
Professora pelo amor de alfabetizar.....	38
Uma formiga que gostava de inventar	39
Uma educação sofisticada.....	40
Três gerações	40
Romances e canções	41
ARTES E OFÍCIOS	43
Aprendendo a virar homem	43



Sumário

Moças prendadas.....	44
Ofício de rezadeira.....	45
Ofício de labirinteira.....	47
O ofício de parteira.....	47
Sangue de palavras.....	49
HISTÓRIAS DO LUGAR.....	50
Uma dor pro resto da vida.....	50
No tempo do carrancismo.....	50
A ocupação de Aroeira segundo Seu Diniz.....	51
O zepelim.....	52
Vida tranquila.....	52
Conversa de filhos e filhas sobre um pai.....	53
Pega de boi nu.....	54
Carta de amor, guardada na memória de Geraldo Lima.....	54
O sujeito que ficou duvidando – história de Geraldo Lima.....	55
O padre e o jerimum.....	56
Na seca do 15.....	56
O que tinha de bom em Pau-Branco.....	56
Uma conversa entre duas amigas no Pontal de Maceió.....	57
Uma história muito triste.....	58
A história da Serra do Félix.....	59
História dos nomes dos lugares.....	60
A história de Tanques.....	61
HISTÓRIAS DE VIDA.....	62
Dona Formiguinha.....	62
Dona Formiguinha, letra para um bailado.....	63
A única professora.....	63
Sina de mulher.....	63
Uma história de amor.....	64
Quando Adão era cadete.....	65
Liberato e a arte do tocador.....	65
Adolfo de Aracati e o olho de Raimundo Bernardo.....	66
A vida de Maria Estela antes de perder a vista.....	67



O dia em que Tetela completou 60 anos.....	68
A longa espera de Maria Ribeiro.....	69
Lições de sanfona e de vida.....	70
Escreveu não leu o pau comeu.....	72
Zuca, o professor que escolheu ficar.....	72
HISTÓRIAS DE TRANCOSO.....	74
A história do soldado lustroso, como ouvi de Geraldo Lima.....	74
História das duas famílias.....	77
HISTÓRIAS MISTERIOSAS.....	79
O lobisomem.....	79
O segundo lobisomem.....	80
Um milagre do Padre Cícero, segundo Raimundo Bernardo.....	80
FESTAS, FOLGUEDOS E OUTRAS ARTES.....	82
Diversão e arte em Aracati.....	82
Os papangus de Judas.....	83
A serração da velha.....	83
Aroeira, um pequeno centro nervoso.....	84
Festa grande para São Joãozinho.....	84
A noite do bicho careta.....	85
Novenas e terços.....	85
As festas nacionais.....	86
Os calungueiros.....	86
Noites de cantorias.....	87
Récitas e jogos poéticos.....	87
Reisados e pastoris.....	88
Boi de praia.....	88
Agostinho Xavier, vida de boieiro.....	89
Chamada da rapaziada do boi.....	90
Chamada da burrinha.....	90
Chamada do vaqueiro.....	90
Despedida do boi.....	90
Suando a camisa.....	90
Vaquejadas.....	91
A destruição da paisagem.....	91
PARTE II: A ARTE DOS DRAMAS POPULARES.....	94
Aprendizado.....	95
A economia dos dramas.....	96
A época.....	97
Os circos de drama e outros espaços de apresentação.....	97



Sumário

Os figurinos e adereços	98
As antigas mestras e suas referências.....	99
Sobre a participação dos homens	103
A idade das dramistas	103
A música e os músicos.....	107
Namoro e sedução.....	109
Palcos.....	111
As partes do drama	111
Significado dos dramas para as dramistas	114
Viagens	115
BAILADOS.....	117
Bailado da florista.....	117
As cozinheiras.....	117
A cozinheira.....	118
Baile da cigana	119
Paixão pela dança	120
A ceguinha - bailado.....	120
A outra parte da ceguinha.....	120
Maria tá peneirando.....	121
A rainha do baião.....	121
Os cangaceiros.....	121
Poesia da separação	122
A árvore	123
A cearense animada ou a menina perereca	123
Pretinhas da Guiné.....	123
Viver de borboleta	124
Zefinha e Janjão	125
COMÉDIAS.....	126
A bela camponesa	126
Bela pastora	127
Romance de Dom Jorge e Juliana.....	128
Dona Lindalva (comédia cantada)	130
Pedido de filha.....	131



O besouro e a barata.....	132
O camaleão.....	134
A bêbada.....	134
Sebastião e Sebastiana.....	135
Os três negrinhos.....	136
O casamento de Rosinha.....	136
Gentil pastora.....	138

DESPEDIDA.....	140
-----------------------	------------





Introdução

Abertura de Porta

DE RITO DE PASSAGEM À **FESTA** DE REINTEGRAÇÃO NA **VIDA.**



Os Dramas Populares são espetáculos cênicos/musicais de palco, constituídos por uma sequência de pequenos números, denominados partes, que se dividem entre bailados e comédias, iniciada por uma Abertura e finalizada por uma Despedida. Os bailados são números cantados e dançados em coletivo ou em solo. Já as comédias são partes em que entram diálogos contracenados, cantados ou cantados e falados, com a participação de duas ou mais personagens. Nos dramas populares, a denominação comédia se dá, como vimos, às suas partes dialogadas, que tanto podem ser risíveis, cômicas no sentido estrito, como sérias, dramáticas e até trágicas.

Durante pelo menos meio século, entre 1930 e 1980, aproximadamente, os dramas populares serviram de rito de passagem às adolescentes de

grande parte do Ceará. Especialmente no Litoral Leste do Estado, para as jovens entre 12 e 16 anos, ser dramista era vivenciar um processo de preparação da mulher para a vida adulta. Tal preparação se fazia de modo meticuloso, sob a orientação das mestras dramistas, ex-brincantes, mulheres de mais idade, geralmente casadas, mães, tias, madrinhas, ou vizinhas, parte das quais professoras.

O aprendizado da dramista incluía especialmente a arte da graça e da sedução feminina, com todos os seus desdobramentos e implicações: a dança, o canto, a representação, e nelas, a expressão corporal e facial. E mais, o modo de proceder em público e, particularmente, de dirigir-se aos rapazes. Além disso, as artes de vestir-se, maquiarse, da confecção de figurinos, adereços e cenários, que por certo lhes auxiliariam, futuramente, na vida de adultas.

Em outro sentido, ao interpretar diferentes papéis nas comédias, a adolescente experimentava viver, por momentos, outras identidades sociais, ou seja, colocar-se no lugar de outras pessoas, de uma mãe, por exemplo, de um pai, de um velho, de uma velha, de um bêbado, de uma solteirona, de uma mulher submissa, de uma mulher dominadora ou de outro personagem qualquer de seu meio social. Isso lhe permitia melhor avaliar as circunstâncias, pois as colocava sob a ótica do outro, ajudando a enriquecer sua vivência e ampliando seu olhar sobre o mundo.

Todo esse aprendizado, desenvolvido durante os ensaios, pequenas viagens a distritos, localidades e cidades próximas, para apresentações, assim como por ocasião das próprias apresentações, integrava gerações e produzia a passagem de saberes entre elas sem maiores conflitos. Do mesmo modo, a atividade gerada pela preparação dos dramas contribuía para a integração comunitária, ao mesmo tempo em que a ida de grupos de dramistas para apresentações em outras localidades, ajudava no intercâmbio entre diferentes comunidades.

O mundo dos dramas era (e ainda é) essencialmente feminino, um lugar onde a participação dos homens tem caráter absolutamente auxiliar. Restringe-se tão somente ao acompanhamento musical, em certos casos à autoria de textos e, aqui, acolá, à presença nas encenações de algum menino com talento artístico. De resto é um dos poucos espaços

públicos de afirmação da mulher numa sociedade acentuadamente machista.

No reino dos dramas populares, as mulheres são rainhas e reis, produtoras, autoras, encenadoras e atrizes. Nele se reúne a mãe, a avó, a tia, a madrinha, a filha, a sobrinha, a afilhada, se junta a família clânica, o coletivo comunitário, estabelecendo-se a intimidade do feminino, seu aconchego, ambiente propício para que a mulher, com liberdade e iniciativa, conquiste a independência e desenvolva a criatividade. Nele, florescem não só as vocações artísticas, como as aptidões para o empreendedorismo das mais diferentes naturezas, como a produção de eventos, a organização de pequenas economias e a propaganda.

As dramistas vão ao palco para divertir a plateia e o fazem muito bem. Mas, ao contrário das cantadoras de romances e das contadoras de histórias, que anulam suas pessoas em detrimento das narrativas, para evidenciar suas fábulas, as dramistas, no palco, mostram principalmente a si mesmas, seu poder de encanto. Nem mesmo é o bailado ou a comédia que está em foco durante suas apresentações, mas o corpo e a alma das dramistas em cena, a ânsia que flui de suas figuras e seduz a plateia.

Na década de 80, do século passado, com a popularização da antena parabólica, a novela de televisão, em grande parte, passou a ocupar o lugar do drama popular e de outros folguedos nas noites das comunidades. Porém, quando muitos pensavam ser o drama popular uma manifestação folclórica em extinção, ele ressurgiu em muitas regiões do Ceará, no limiar do novo século, renovado em sua função. Resgatado pelas antigas dramistas, de rito de passagem pela adolescência, ela se transforma num modo de reinserção das mulheres idosas na sociedade e na alegria de viver. Através do drama popular, numerosos grupos de idosas revisitam a adolescência, reativam as lembranças, renovam a libido e as relações sociais, recolocam-se na vida pública e, alguns deles, passam a se dedicar à atividade artística de modo sistemático e organizado.



Foto: AH

OS CAMINHOS PERCORRIDOS

A ideia do projeto foi de Evandro Vieira, filho e neto de dramistas, criado em cima de palco de drama e na travessia dos seus caminhos, cidade em cidade, distrito em distrito, localidade em localidade, sítio em sítio, pra cima e pra baixo atrás de comédias e bailados. Onde chega, todo mundo já conhece, o rapaz dos dramas. Sujeito que não gosta de ver dramista parada: manda recado pelo telefone, pela internet, pelo rádio, pelo ônibus, e vai buscar ela onde estiver.

Então, em sua companhia, a gente ia chegando e a porta já estava aberta. Entrava, o café era servido, a dona da casa mandava recado pra vizinhança e logo o alpendre estava cheio de gente. Dávamos início à série de entrevistas que, ainda nem concluída, ia pro quintal, pro terreiro ao lado, ou para o salão da escola mais próxima, onde virava festa.

Providenciava-se um violão, uma sanfona, ou apenas um pandeiro e pouco mais precisava para que senhoras, entre 40 e 80 anos, devidamente acompanhadas da prole, feito um bando de colegas, estivessem cantando e dançando, brincando umas com as outras, como na adolescência. As

lembranças vinham aos poucos, uma puxando a outra, depois chegavam em ondas, reminiscências, às vezes, de 30, 40 anos passados, partes de dramas brincados durante quatro, cinco anos apenas, entre a infância curta e o casamento precoce. Tempo diminuto e longínquo, entretanto, para a maior parte das dramistas, “ a época mais inesquecível da vida”.

Nossa equipe foi se definindo aos poucos. As viagens de pesquisa ocorreram entre os meses de abril e setembro de 2010. Na primeira viagem, em que foi feito o levantamento preliminar da área de pesquisa, esteve conosco a socióloga Fátima Façanha, sempre entusiasmada com os dramas e com as dramistas. Na segunda, contamos com o teatrólogo Paulo Ess que teve o privilégio de conduzir a entrevista com Francisca Alves da Silva, a Dona Formiguinha, na qual seu conhecimento das artes cênicas foi fundamental. (Para o trabalho de formatação final das fichas do inventário, contamos com a contribuição do historiador Adson Pinheiro. Cortar a frase) O registro em vídeo do encontro final de dramistas foi feito por Jael Brito, bem como a edição de imagens dos documentários em DVD, produzidos pelo projeto. As transcrições das entrevistas gravadas foram feitas sob a coordenação de Mireyka Falcão, também parceira de outras pesquisas.

A equipe permanente, entretanto, aquela que fez junta quase todas as viagens, constituindo, por assim dizer, o núcleo do projeto, tal a familiaridade adquirida, entre si e com as dramistas, foi composta por cinco pessoas: Evandro Vieira (produtor, administrador), Kally Damasceno (pesquisadora), Alex Hermes (fotógrafo e câmera), Carlos Vieira (motorista) e Oswald Barroso (pesquisador e coordenador).

Evandro, como já foi dito, filho da região, funcionou como um guia para os pesquisadores. Seu conhecimento prévio do lugar e do objeto de pesquisa ajudou em muito na localização das dramistas, na objetividade e na rapidez dos levantamentos. De Carlos, irmão de Evandro, podemos dizer o mesmo. Já a trinca de pesquisadores, eu, Kally e Alex, familiarizada com temas da cultura popular e entrosada por participações conjuntas em outros projetos,



Foto AH

funcionou maravilhosamente. Entendia-se como que por telepatia. Afinal, tratava-se de três antigos parceiros no registro das artes tradicionais do povo, que haviam descoberto um sujeito fissurado pelo drama popular. Eu e Kally, inclusive, já conhecíamos Evandro e algumas dramistas da região, de três anos antes, quando participamos, juntamente com Lilian Lustosa e uma equipe de cinegrafistas e fotógrafos, do projeto Memória do Caminho que resultou em livro publicado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

No meu caso particular, desde 1975, eu estivera várias vezes na região, como pesquisador e artista cênico, tanto em projetos voltadas para o artesanato, como para o teatro tradicional e para a cultura popular de modo geral. Todo esse conhecimento, porém, só contribuiu para aumentar meu repertório de interrogações sobre o objeto do inventário.

Nossos padrões eram as dramistas, isso porque o projeto foi uma iniciativa da Casa das Dramistas da Associação Comunitária Beneficente de Encruzilhada e Umburanas, entidade localizada no epicentro da área delimitada como o espaço da pesquisa, porque equidistante dos três municípios incluídos, Beberibe, Fortim e Aracati. A Casa das Dramistas, onde funciona atualmente um Ponto de Cultura, é a sede do Grupo de Dramistas de Umburanas/Encruzilhadas, liderado pelas Vieiras, duas irmãs e uma prima, respectivamente, a mãe (Alice), a tia (Umbelina) e uma prima da mãe de Evandro (Terezinha). Nosso prazer, portanto, era maior ainda por estar atendendo, com o projeto,

a uma demanda das próprias dramistas, no caso, daquelas organizadas no núcleo talvez mais representativo no momento da região. Para tal, contaríamos ainda com o acompanhamento do escritório do IPHAN de Fortaleza, através da historiadora Ítala Moraes.

Após um período de planejamento e preparação da equipe, a primeira viagem à região foi realizada entre os dias seis e 12 de abril de 2010. Nesse intervalo, teve lugar o lançamento festivo do projeto na comunidade de Parajuru, com uma noite de apresentações de dramas, assim como foi realizado o levantamento preliminar das comunidades e das dramistas a serem visitadas.



A partir do conhecimento prévio do Evandro acerca do objeto e do território a ser pesquisado, cumprimos um roteiro de contatos iniciais que incluiu, pela ordem, as localidades de Parajuru, Aracati (sede), Paripueira, Juazeiro, Beberibe (sede), Fortim (sede), Jardim, Pontal de Maceió, Serra do Félix, Lagoa do Arroz, Barracas, Piquiri, Forquilha, Barra da Sucatinga e Caetanos. No último dia, fomos à região de Umburanas/Encruzilhada, onde estão incluídas localidades outras como Tanques, Aroeiras e Amarelas.

A partir do levantamento preliminar, traçamos um plano de viagens, levando em consideração a concentração de dramistas por locais, assim como a presença de dramistas importantes. Em seguida, elaboramos um roteiro de questões para nortear as entrevistas. Para orientar nossos critérios de prioridades, levamos em consideração a presença de mestras antigas e de pistas que indicassem a condição de centros irradiadores de algumas localidades, fontes de difusão de comédias e bailados. Nestas localidades e pessoas, que passamos a chamar de “matrizes dos dramas”, concentramos nossas prioridades.

Foi a partir dos critérios acima mencionados que chegamos a localidades como Amarelas, Caetanos, Umburanas/Encruzilhadas e a mestras como Dona Neves Albuquerque e Dona Maria Ribeiro de Paripueira, Julia Bernardo de Piquiri, as Irmãs Cartaxo, em Beberibe (sede), Edite Ribeiro, da Barra da Sucatinga, Dona Formiguinha, de Aracati, Dona Ilza, de Parajuru, Dona Paulina, de Fortim e Dona Maria Estela, a famosa cega dramista de Fortim e Caetanos.

Nos meses seguintes, de maio, junho, julho e agosto, realizamos as viagens de pesquisa à região, fazendo registros em fotografia, vídeo e gravação sonora de entrevistas com dramistas, figuras populares e memorialista, bem como dos sítios e paisagens da região. Este material colhido perfaz aproximadamente 40 horas de gravação sonora, 10.000 (dez mil) fotos e 10 (dez) horas de gravação em vídeo. Foram ouvidas 85 pessoas, distribuídas em 20 diferentes localidades.

Vale acrescentar que a recolha desse material foi feita num processo de intensa participação das dramistas e da comunidade, durante o qual foram reativados muitos grupos de dramas e promovidos um bom número de encontros e espetáculos. O maior desses encontros teve lugar em Parajuru nos dias 20 e 21 de Novembro de 2010, com extensa programação de debates, palestras, oficinas e apresentações.



Após a finalização dos produtos resultantes do projeto, no caso o livro, os DVDs e os cartões postais, nossa intenção é voltar com esse material aos locais visitados para prestar conta do trabalho desenvolvido, bem como pensar como utilizá-lo da melhor maneira.







PARTE I:
**O PALCO
PROPÍCIO
PARA O
DRAMA**

AMARELAS O EPICENTRO DOS DRAMAS

A DESMANCHA DE AMARELAS

O vilarejo de Amarelas foi apagado do mapa, desmanchado por decisão dos políticos e engolido pela natureza. Hoje, quem atravessa suas estreitas vias carroçáveis, ligando algumas poucas fazendas semidesertas, não imagina que ali já foi o epicentro dos dramas populares em seus tempos áureos.

A paisagem, apesar do inverno pouco de 2010, é de mata verde, quase fechada, salpicada pelo colorido variado das flores silvestres e pela alvura da areia, quando o chão se mostra na linha dos caminhos ou nas pequenas clareiras. O ar se alegra com o voo dos pássaros, onde se destaca o planar longo dos gaviões e carcarás, junto ao canto dos bandos barulhentos de jandaia e periquitos.

Por sobre as antigas plantações de carnaúbas e cajueiros, assim como nos territórios inúmeras vezes desmatados e até mesmo destocados, a caatinga nativa recuperou terreno, estendendo seus espinhos e ramagens onde antes fora domínio da agricultura e de outras culturas. Até mesmo sobre os escombros de casas, galpões, calçadas, restos do vilarejo que não foram desmanchados e transferidos junto com novos interesses políticos, a mata enfiou suas raízes, galhos e cipós.

Dona Eliza Monteiro aponta para um imenso descampado e diz: “A capela de Amarelas não existe mais. Foi só eu dar as costas. Bastou eu ir embora pra Aracati, desmancharam e carregaram os tijolos, as linhas, os caibros e as telhas, uma por uma. Está com uns 30 anos que desmancharam. Levaram para outro canto, negócio de política. Carregaram pro Juazeiro. Eu não estava aqui, porque se eu estivesse eu não aceitava. Deixasse cair.” Eliza conta atualmente 73 anos de idade e mora no Aracati. Fomos encontrá-la em uma das poucas fazendas restantes em Amarelas, passando o final de semana. A mesma velha fazenda propriedade de sua família, atualmente guardada por um irmão.

Dona Elisa Monteiro é do grupo de dramistas da velha-guarda que fez a fama de Amarelas, algumas das quais tivemos a sorte de conhecer e entrevistar. As outras foram: Paulina Pereira de Lima, 86 anos, que mora hoje em Fortim; Dona Neves Monteiro, 80 anos, residente em Parajuru; Maria Suzana Xavier, 73 anos, moradora de Juazeiro; e Maria Hosana de Lima, 70 anos, que reside atualmente em Tanques. Entrevistamos ainda Francisco Ferreira Lima, o Chico da Cândida, 80 anos, morador de Tanques, que conheceu Amarelas quando era menino.

LAGOA DE ABELHAS

O vilarejo de Amarelas ficava próximo de onde hoje é Tanques, abaixo de Umburanas, Encruzilhada e Pau-Branco, em terreno atravessado pelo Córrego do Camará. O lugar era bonito. Ganhou o nome de Amarelas por causa das abelhas dessa cor, que na primavera aproveitavam o mel das flores que coloriam a vegetação em torno da lagoa ali assentada. Dona Paulina, magrinha, com seu boné inseparável na cabeça, gestos largos e rápidos, fala como se estivesse vendo Amarelas lá pelos anos 30, do século passado: “No verão, a gente ia lavar roupa na lagoa, ia buscar carga-d’água de jumento pra poder ter água favorável em casa. No inverno o córrego era cheio e corria água nas pedras, nas locas, a gente ia buscar água nos potes, nas cabaças, naquele tempo não tinha balde. Nos roçados tinha muita fartura de planta, maniva, jerimum, melancia, milho, feijão. Era uma vida boa. Os terrenos eram coletivos, todo mundo brocava e não tinha confusão, questão nenhuma de fulano, de cicrano.”

O HOMEM MAIS RICO DE AMARELAS

O vilarejo de Tanques fica um pouco acima de onde estava situado Amarelas. Por lá mora, ainda hoje, Francisco Ferreira Lima, o Chico da Cândida, memorialista e historiador do lugar. De conhecimento seu, os moradores mais antigos de Tanques foram o finado Quinquim e seu bisavô, também finado Caetano. Já de Amarelas, foi o velho Vicente Monteiro, embora diga Chico da Cândida que quando eles ali chegaram já encontraram morada velha, lugar onde eram achados



cacos de louça, prova de que ali havia habitado gente. Porém Vicente, sendo o primeiro, não foi o homem mais rico de Amarelas e sim, um outro Monteiro aparentado seu, de quem Chico da Cândida contou a história.

Pra começo de conversa, antigamente não era como hoje, quando o agricultor pode ir a um posto de saúde, tirar uma pressão, fazer um exame preventivo, ter um acompanhamento da saúde. Até mesmo os fazendeiros, muitos deles morriam sem nunca ter ido a um médico. Outros só iam depois de gravemente enfermos ou de muita insistência da família. Foi o caso de João Monteiro, o homem mais rico de Amarelas e de todo o Aracati. “Isto, porque nesse tempo, Amarelas pertencia ao município de Aracati”, explicou Chico da Cândida, dando início à história de como morreu o primeiro patriarca do lugar. Depois continuou, se bem me lembro, mais ou menos assim:

João Monteiro de Amarelas era dono de milhares de cabeças de gado, vivia em cima de uma sela campeando e tornara-se um homem muito perigoso em campo. Até que, no ano de 40, pegou o problema de uma dor e foi pro Aracati atrás de se tratar. Mas deixa que mesmo sendo famoso por essas bandas, pouco andava no Aracati e quase ninguém o conhecia por lá.

Quando desceu da canoa, depois de atravessar o rio para entrar na cidade, perguntou ao canoeiro que o atravessou se ele sabia onde encontrar o doutor Eduardo, médico conhecido tanto por sua competência quanto por sua caridade para com os pobres. O canoeiro respondeu que sim e João Monteiro pediu a ele para levá-lo até onde estava o doutor. Pois não, disse o canoeiro e levou o homem mais rico de Amarelas até ao consultório do doutor Eduardo no centro de Aracati. Ficou com ele até o final e viu quando, o médico cobrou ao outro os costumeiros dez mil réis, pela consulta, preço popular.

João Monteiro, depois de pagar ao doutor, despediu-se do canoeiro com um muito obrigado e precisou ser lembrado para lhe deixar uma pequena gorjeta, antes de sair caminhando apressado. Ficou o médico na porta do consultório espiando o outro desaparecer na esquina. Foi quando o canoeiro perguntou: “Doutor, o senhor tá sabendo

pra quem foi que o senhor deu uma consulta?” “Não”, respondeu o Doutor Eduardo. E o canoeiro: “O senhor atendeu o homem mais rico de Aracati, João Monteiro de Amarelas. O senhor já ouviu falar?” Ao que o médico admirou-se: “Aquele rico de Amarelas!? Ouvi sim.” E o canoeiro confirmou: “Esse mesmo!”. Então, Doutor Eduardo deu por si: “Homem, pra que você não me disse antes, que eu tinha cobrado mais caro! Se eu soubesse...”

Eu perguntei ao Seu Chico da Cândida o que João Monteiro tinha. “Gado, gado, muito gado”, ele respondeu. “Não Seu Chico, quero saber a doença”, expliquei. Então, ele respondeu: “A doença dele era o câncer, não teve jeito.”

Chico de Cândida revelou-me que hoje o câncer é causado na grande maioria das vezes pelos produtos químicos que a gente ingere na comida, devido aos venenos, aos agrotóxicos. Porém isso não quer dizer que antigamente não houvesse câncer. Até porque o primeiro homem a morrer de câncer foi Herodes, que recebeu esse castigo por ter judiado com Jesus. Foi daí que o câncer se espalhou pelo mundo.

EM TORNO DA CASA GRANDE DE AMARELAS

A família Clemente Monteiro era dona de muita légua de terra e muita cabeça de gado. Podia botar as filhas para estudar em Fortaleza. E, ainda mais, contratar uma professora para, nas férias, vir dar um reforço ao ensino na escolinha da fazenda, que funcionava em um salão próximo à casa grande de Amarelas. Chamava-se Irismar Lourenço e possuía diploma da Escola Normal. Todas as filhas do velho Antônio Clemente estudaram com ela. Depois, também, deram aula na mesma escolinha onde foram iniciadas nas letras.

Neves Monteiro, que foi aluna delas, pertenceu à terceira geração de professoras da mesma escolinha. Maria Suzana contou-nos que foi sua aluna. Mas confessa ter aprendido muito pouco. Não por culpa da Neves, ótima professora! Mas porque faltava muita às aulas, pra ficar em casa ajudando à mãe a trançar palha e fazer chapéu.



A economia dos agregados era roça de milho, feijão, mandioca, carnaúba e casa de farinha. Durante a semana, se dormia cedo. Suzana Xavier, por exemplo: “- Não tinha pra onde sair, anoitecia em casa! Só se tinha um dia de brincadeira, que o meu tio fazia, aí a gente saía! Mas a semana era em casa. Eu dormia com a minha avó e quando era noite a gente sentava no alpendre, na frente da casa e ficava proseando. Depois se deitava.”

Diversão mesmo apenas no fim de semana, quando aparecia um drama, com festa depois, ou no tempo da desmancha nas quatro casas de farinha existentes. Era quando, em Amarelas, rapazes e moças tinham oportunidade de estar juntos noite a fora, conversando, cantando e trocando olhares e sinais, embora em torno do trabalho.

OS QUE PASSAVAM POR AMARELAS

Por Amarelas, vez por outra, passava aquele bando de ciganos, com suas montarias. Arriavam suas bagagens. Armavam suas tendas embaixo dos cajueiros, próximos das aguadas, amarravam seus cavalos e burros. Passavam de três a quatro dias. Por vezes, até uma semana. Trajes muito coloridos, joias, as mulheres com as saias bem compridas.

Havia tanto os ciganos mais ricos, quanto os ciganos mais pobres. Os ricos eram como aqueles de quem falei acima. Possuíam uns cavalos lustrosos, bem arreados, encerados, já os pobres traziam apenas um burro velho ou um jumentinho, de enfeite, só uns poucos, de fantasia. Mas todos cantavam, principalmente as ciganas, e muitas até dançavam. “- Umas bichas bonitas, as ciganas. Cigano também era um bicho todo arrumado!”

Quem nos contou sobre os ciganos em Amarelas foi Elisa Monteiro, junto com seu irmão Carlos que se referiu, particularmente, a Pedro Cem, um cigano rico frequentador de Amarelas, “sujeito perigoso medonho, acho que vivo ainda lá em Aracati!”. Seu Diniz, de Aroeiras, disse que Pedro ganhou esta alcunha porque de tudo ele possuía cem.

Vivia da troca de animais. O povo tinha medo dele, como também ficava receoso dos outros ciganos recém-chegados. Devido à fama. Recolhiam suas crianças, botavam olho em suas galinhas e criações.

Os ciganos, porém, tinham seus truques, suas artimanhas. As ciganas, principalmente. Iam se chegando. Pediam para ver a mão, ler o futuro. Botar o baralho, ver a sorte. De graça, se a pessoa quisesse que desse algum agrado. Cigana tinha um imã nos olhos. Por isso, os mais velhos diziam: - Num quero ninguém aqui conversando com essa ciganagem! Mas eles só queriam atrair a pessoa para fazer negócio, trocar, comprar ou vender um animal, um objeto, fosse o que fosse.

Mesmo com toda esperteza, cigana também caía em esparrela. Contou-nos Seu Diniz que, Mãe Senhora, cigana famosa, chegou certa feita em Mutuca, como sempre, oferecendo-se para ler a mão das pessoas. Aproximou-se de um matuto, prometendo-lhe adivinhar seu passado, seu presente e seu futuro, por apenas cinco mil réis. Ao que o sujeito respondeu: “- Não precisa, porque o passado eu já passei, o presente eu estou com ele, e o futuro não interessa!” Então, Mãe Senhora, desanimada, não insistiu. Perguntou: “- Gajão, me ensina onde fica a porteira do açude pra eu apanhar água.” No que o matuto respondeu: “- Mas a senhora num estava nesse instante dizendo que adivinhava minha vida. Adivinha onde fica a porteira do açude, criatura!”

Outros que, vira e mexe, faziam aparições por Amarelas eram os retirantes e os comboieiros. Os retirantes vinham fugindo da seca, em busca de socorro em Aracati, arranchavam-se uma noite em Amarelas, para prosseguir viagem até Cascavel no dia seguinte. “- Era gente fraca, desarranjada”, informou-nos Elisa Monteiro. Já os comboieiros que passavam com suas tropas de burros, transportando mercadorias para a feira de Cascavel, eram gente prevenida. De um deles, Elisa Monteiro nunca esqueceu. A razão, ela nos contou:

“- Eu escapei de uma enchente medonha por causa de um comboieiro e este meu irmão Carlos foi quem me salvou. Meu pai tinha ido pro roçado lá do outro lado, aí a minha irmã mais velha, como era maior,





passou atrás de papai. Aí eu disse: ‘- Eu vou também!’ Aí, minha filha, a enchente lá vai com uma força medonha com água de cima! Eu já estava bebendo água, agarrada, agarrada, morrendo de medo pra não me soltar. A sorte foi que de repente chegou um comboieiro, um senhor que vendia farinha essas coisas, e ele só foi me puxar por um braço e me dependurar assim de cabeça para baixo pra água escorrer. Depois, me levou lá pra casa do meu tio, e disse: ‘- Monteiro, enterra essa menina, Monteiro!’ Ele sabia que eu tava viva, disse só pra poder dar um susto. Aí meu tio olhou e disse: ‘- Valha meu Deus, é minha sobrinha!’ Eu bebi muita água, foi sorte. Se num fosse ele me agarrar e me botar assim de cabeça pra baixo pra água escorrer, igual um bode, hoje eu num era mãe de 13 filho.”

Os comboieiros eram outros que passavam sempre por Amarelas. Vinham de Mossoró para comprar mercadoria em Cascavel. Atravessavam Amarelas na volta. Traziam tropas de burros carregados de enormes surrões de sola, abarrotados de farinha e rapadura que traziam de Cascavel. Abasteciam-se na feira e ganhavam a “estrada do telégrafo”, que passava mesmo de junto à porta da casa dos pais de Dona Neves Monteiro.

“Os comboieiros eram uma alegria”, foi a imagem que ficou na lembrança da, então, menina. “- Vinham uns vinte e tantos animais, tudo enfeitado! Os burros encaretados, bonitos! Aí chegavam, ficavam debaixo de uma sombra. Na hora do meio-dia, os comboieiros estendiam uma vara com duas forquilhas, botavam a panela no meio e o fogo lá em baixo. Ali cozinhavam a carne. Vinham montados em animal, os arrieiros e os donos. Mais em burros do que em cavalos, porque o caminho era longo e o burro é mais resistente. Quem carregava os surrões eram os burros. Burros, sempre burros. Tudo encaretado. E eram domesticados. Os donos: - Ei! E os burros faziam aquela fila e derribavam os surrões! Quando vinham, o primeiro da frente avançava pelo meio dos surrões e os comboieiros se trepavam. Uma coisa bonita!

Os comboieiros passavam por Amarelas nos finais de semana. A feira era no sábado, mas tinha deles que até na segunda ainda estava passando de volta. Muitos se arranchavam na casa do avô de Neves,

outros na do pai. Alguns pernoitavam. De todos a menina já era conhecida. Tanto que chamavam: “- Vamos lá pra casa do teu pai, num quer ir não? Eu te levo.” Neves, muitas vezes, foi.

De passagem, atravessando as veredas matagal adentro, a partir de setembro e entrando pelo mês de outubro, via-se passar também por Amarelas, levas de romeiros, rumo a Canindé. Vinham do Rio Grande do Norte, na mira de pagar promessa a São Francisco. Muitos se perdiam pelos caminhos, outros pediam arranchamento, pernoitando nos alpendres, a maioria com o cajado e a bata do santo, chapéu de palha na cabeça para se defender do sol. Muitos repetiam a penitência todos os anos e faziam-se amigos do povo de lá.

No mais, visitava aquele começo de mundo, artista ou quem tinha negócio. Artista calungueiro profissional e famoso, como Zé Maia, do Aracati, que depois abandonou o ofício para ser crente; artista e dono de circo, da qualidade de Zé Pixota; e cantador, desde aprendiz pé de chinelo até gente famosa como Manuel Vieira Machado, do Piquí, e Azulão. Gente de negócio era vendedor ambulante, negociante de fazenda, que passava oferecendo tecido, que trazia dos armazéns de Cascavel.

PAULINA DE AMARELAS

As flores não foram muitas na vida de Paulina, pelo contrário, bem mais numerosos foram os espinhos por ela vencidos graças à sua persistência de mulher acostumada a tirar água das pedras em potes pequenos durante sua infância, em Amarelas. Seus pais conheceram-se ali mesmo, naquele sertão de Beberibe, então uma espécie de epicentro dos dramas. Ele, Sabino José Pereira, filho natural do lugar, e ela, Maria Trindade da Costa, nascida em Paripueira. Sabino já era viúvo e pai de duas filhas do primeiro casamento. Maria tinha vindo trabalhar numa desmancha de farinha, ocasião mais do que propícia para trocas de olhares e flertes, como se dizia antigamente. Daí que deu em casamento.

Sabino trabalhava na roça, enquanto Maria cuidava de casa e dos sete filhos que deram para nascer um atrás do outro: João, Vicente, Domingos, Luís, Rosa, Paulina e Alberto. Além disso, Maria ainda criava

porcos, bodes, carneiros, era parteira e rezadeira. Curava membros do corpo acidentados: “desmentidos, trilhados etc.”

Até que na seca de 1932, Sabino saiu em busca de serviço e regressou muito doente. Voltou só para morrer em casa, como se diz, o que aconteceu em 25 de fevereiro do ano seguinte. Maria ainda pensou em voltar com os filhos para Paripueira, mas aconselhada por um genro do marido, casado com uma filha dele do primeiro casamento, ficou mesmo em Amarelas. As duas famílias do finado Sabino reuniram-se e seguraram suas roças. Assim Maria pode criar Paulina, seus irmãos e irmãs.

Foram se casando, uns e outras, até que ficaram com ela apenas Paulina e Alberto. Este último foi quem lhe deu mais cuidados. Paulina contou-nos sua história:

“- Esse Alberto morreu novo, ainda com 22 anos. Porque quando os dentes dele ainda estavam nascendo e justamente por isso, ele estava com febre. Mamãe teve que sair para ir buscar água numas locas, aí disse para uma enteada dela, que era solteira e vivia dentro de casa: ‘- Mulher, tu presta atenção no menino!’ A casa era de palha e nas palhas velhas gotejava, tinha goteira. Por isso mamãe insistiu: ‘- Tu tem cuidado na criança, se chove, para não respingar chuva na rede dele!’ Aí ela foi.

Foi mesmo que não dizer nada. Ela nem ligou. Aí ele pegou respingo de chuva com febre e quando mamãe chegou, ele tava com a boca-torta, deficiente da boca, o rosto e um olho torto e a mão esquerda aleijada. Daí por diante, quando a mamãe ia cuidar das mulheres, fazer os partos, eu ficava cuidando do aleijado.

Alberto era mais velho do que eu e quando chegava a força da lua cheia, ele dava ataque e era eu que tinha de resolver. Eu não podia levantar ele. Daí eu cobria ele com um surrão que tinha - porque a gente trabalhava em surrão, em chapéu de palha, nesses trançados - e quando ele podia tornar, aí eu levantava ele e vinha pra casa. Quem cuidava dele era eu, com oito pra dez anos.

Quando foi um tempo, houve umas carreiras de cavalo e vinha um pessoal do Aracati, de todo canto, e o Alberto gostava de pedir um dinheirinho: ‘- Me dê um dinheirinho!’ Aí um homem foi e disse: ‘- Cadê



sua mãe? Vá chamar ela!’ Ele foi. ‘- Mamãe, ali tem um homem lhe chamando.’ ‘- A senhora é mãe desse rapaz?’ ‘- Sou.’ ‘- Quantos anos ele tem?’ Aí mamãe contou a história como tinha acontecido e o homem foi e disse: ‘- Ele vai morrer com 22 anos!’ E foi exato. Nesse dia que ele morreu, mamãe não estava em casa, tinha ido assistir uma mulher, a sogra de Juvenal. Aí quando ele morreu, nós mandamos avisar. Quando ela chegou, ele já tinha morrido, com 22 anos. Ficou só eu e o finado Luís, o mais novo. Depois ele casou-se e eu fiquei acompanhando a minha mãe até chegar o momento d’eu me casar. Casei com 30 anos, já coroa.”

Paulina brinca que tem algum negócio com viúvo, porque no drama fez o papel de uma viúva, sua mãe casou com um viúvo e ela própria também casou com um viúvo. Viúvo, aliás, que igualmente sua mãe



conheceu numa desmancha de mandioca. Pois foi Paulina mesma que contou, voltando um pouco na história:

“- Quando eu era moça, eu raspava mandioca, passava mês nas casas de farinha raspando mandioca, aí uma prima minha me chamou: ‘- Paulina eu quero que você vá pra minha desmancha.’ ‘- Se mamãe deixar!’ Respondi. Porque naquele tempo não era como hoje, as filhas num saiam na hora que queriam e chegavam na hora que quisessem não. Aí quando foi no dia marcado, ela mandou dizer que passava lá em casa pra me buscar no sábado. Aí eu fui pra desmancha dela.

Lá o viúvo, meu marido, trabalhava também na desmancha, cevava mandioca e imprensava na prensa, preparando a massa seca pra fazer a farinha. Eu era muito ‘talentuda’, espremendo goma, tirava meio quilo de goma por dia. Eu me levantava da raspagem da mandioca, ia encher as gamelas da primeira água e quando terminava a da mandioca, ia passar pras vasilhas de esgotar, espremer outra goma e botar dentro pra fazer tudo de novo, aí era todas, mas a primeira água era eu que ia espremer. Às vezes mais a dona da desmancha. Aí ele imprensando a massa, cevando e eu tirando massa pra fazer a goma. A gente só de olho no olho. [risos] Nos engracemos! Bem, aí eu sei que se casemos.”

O CASAMENTO DE UM **BOIEIRO** COM UMA **DRAMISTA**, NARRADO POR **AGOSTINHO XAVIER**, COM ALGUMAS INTERVENÇÕES DE MARIA **SUZANA**

Agostinho: “Eu morava no Córrego do Sal, acolá perto da Paripuera, e ela na Amarela, duas léguas mais ou menos de um lugar pro outro. É longe. Aí o que foi que aconteceu? Eu lá nas Amarelas tinha muito serviço pra trabalhar e no Córrego não tinha, aí eu fui trabalhar lá. Trabalhar de enxada, de foice, de machado. Fui trabalhar pra ganhar um tutuzinho. O homem que me chamou pra trabalhar já morreu faz tempo, dele já num tem nem osso. A pois bem, eu fui comecei a trabalhar em machado, roça, depois em casa de farinha.

Na farinhada, a Suzana era raspadeira, ela era uma raspadeira boa como todo, pequenininha desse jeito, mas era sapecada pros dramas, pra raspar mandioca e

pra fazer chapéu. A mãe dela fazia chapéu e ela aprendeu. Raspava mandioca e ainda dançava em forró. Menino, isso é de primeira qualidade! E era!

Na farinhada a gente ia peneirar massa, ia fazer a goma. Ela entende bem do trabalho de palha, de farinhada, de labirinto também ela entende bem, ela só num entende é de leitura e nem de Boi. Aí eu cheguei por lá e vi os enxerimentos dela! Até que eu me engracei dela! Mas essa menina era tão enxerida, toda, toda! Se ela tivesse lá prum canto e não se apresentasse, talvez eu nem tivesse querido, mas ela se apresentou. Aí começou com os enxerimentos dela. Aí eu disse: ‘- É aqui mesmo!’

Ela era muito sapecada e chamaram pro drama: ‘- Vem Suzana pro drama, porque tu és muito ativa, tu és muito esperta, tu és muito inteligente, então tu vens brincar drama aqui?’ Ora, foi só chamar! Menino, foi só chamar, ela foi! Chegou lá, se meteu de dentro e num se acanhava coisa nenhuma. Aí disseram: ‘- Essa menina dá pra alguma coisa!’ E ela era deste tamainho, perereca, grossa, dessa grossura, grossona!’ ‘- Essa menina dá pra alguma coisa!’ Num é que deu mesmo. [risos] Vi ela dançando, era a baiana, e ela ia lá e vinha cá. E eu digo: ‘- É aqui mesmo!’ E adispois eu fui olhando os prestinhos dela e tudinho, acolá por fora né, aí deu certo pra mim.

Eu era acanhado! Eu era mole, mas ela não era não. Ela era pra-frente soltando gás de jumento! Aí eu perguntei se ela queria namorar comigo. Ela disse que queria. Aí nós comecemos por ali. Mas ela era muito novinha demais, eu disse: ‘- Deixa ela crescer mais uma coisinha.’ Porque ela era enxerida, mas era novinha, aí eu me engracei dela e tudinho.

Eu era muito direito, o pai dela, a mãe, o pessoal dela gostou muito de mim, das minhas conversas, das minhas propostas e disseram a ela: ‘- É bom casar com ele!’ Aí eu pensei: ‘- Menino, eu vou ao Amazonas dar umas voltas por lá, ver se eu ganho um dinheirinho pra gente se casar, depois eu venho.’ Aí toquei, fui pra Porto Velho e passei nove messes, (Nessa altura da prosa, Suzana que estava ouvindo, fez um comentário: ‘- E quase num veio mais!) trabalhando de seringador. Lá, o patrão era paulista e fez uma roça muito grande, pra plantar seringa, fazer o seringal. Eu comecei trabalhando mais ele, e era muita gente, num era só eu não! Tinha gente do Nordeste, mas tinha também os caboclos de lá. Tinha parece só cinco do Ceará, o resto tudo era piauiense, e ele era paulista, seu Antonio Barbosa, mas foi pra lá trabalhar como empreiteiro. Aí chegamos lá e ele nos contratou. Ficamos atrás de ganhar tutu, aí passamos nove messes trabalhando mais ele.

Era trabalho grosseiro. Fizemos umas barracas lá de palha de buçu, e a gente dormia na roça, no meio do mato. Olha, tinha tanta da praga que fazia medo, tinha a ura, o carapanã, a cobra, a tucandeira, o lacrau, a sanguessuga, tinha uma cobra com um par de chifre deste tamanho! [risos] Menino a gente quase num dormia de noite não, era se aguentando! Pra comer tinha o fornecimento. Era carne de jabá, feijão, e nas fontes tinha muito peixe, cará, tambaqui, tucunaré. A gente pegava e levava pra barraca e lá a gente comia. Mas ninguém num ia lá pra casa do home não que o home era rico. A gente só podia ficar debaixo da barraca.

Mas, pra você ver, quando eu chequei aqui com um conto de réis, eu já trazia um vestido, um par de sapatos, o jogo de aliança, trazia um bocado de coisa pra ela. Era só chegar e casar! Aí eu comprei logo o sapato pra me casar, comprei uma roupa branca! Menino, era uma presepada desgraçada! Eu cheguei e me ajeitei pra me casar com ela, no dia 24 de junho de 1954. Foi lá na Paripueira, porque papai disse assim: '- Eu quero esse casamento todo legal, não quero ninguém junto aqui. Você se case, num quero ninguém junto aqui em casa, num quero!' Aí eu disse: '- Pois tá!' Aí eu fui, me ajeitei.

Eu vim aqui. O dono do carro era naquela casa grande ali nesse tempo. Era um caminhão que quando corria era todo se balançando! Eu vim aí, falei pro caminhão, pra mode levar os noivos pro Cruzeiro, acolá, pra me casar. Aí o homem disse: '- Eu vou.' Nesse tempo o prefeito do lugar era o Benedito, aquele home ali. Justamente o carro era dele, Benedito Batista. Aí, no dia 24, nós fomos falar com o padre. Chegemos lá, o padre disse: '- Eu caso, eu faço o casamento!' Aí, tá.

Aí, quando eu vi, o homem estava lá em cima do caminhão pro mode trazer



Foto OB

a gente. Aí quando eu cheguei lá, eu me casei e tal, e tal, aí vim embora, sai pra pegar o caminhão. Quando cheguei bem pertinho de subir no caminhão, bem pertinho, me lembrei: '- Ah, num paguei o padre! Vala-me Deus! Mas aquele padre é muito tolo, num procurar o dinheiro! Eu vou já voltar, pra pagar o padre!' E a mulher, a Suzana, toda vestida de noiva, lá na boleia, pensando que eu vinha na carroceria..."

Suzana: "Mas você também ia na boleia! Você bem pertinho do Cruzeiro, vendo a torre da igreja, você desceu pra uma mulher subir, porque ela disse que se num fosse na boleia num ia. Bem pertinho do Cruzeiro. O abestado

velho desceu e deu o canto pra mulher!"

Agostinho: "Aí rapaz, quando eu ia chegando, lá ia o carro de marcha ré, eu larguei o grito: '- Hei, espera aí pelo noivo!' [risos] O carro foi se embora, o noivo ficou, e a noiva foi se embora. Eu pensei: 'Agora está como o diabo queria! Agora está bom! Daqui lá pro Juazeiro de pé uma hora dessa rapaz, valha minha Nossa Senhora! Eu vou é

embora!' E fui. Nem paguei o padre. O que vale é que meu pai estava com 14 anos que era encarregado da igreja, e o padre conhecia muito ele. Aí eu disse: '- Eu agora num vou mais atrás de padre não, eu vou logo é ver se eu chego em casa!'

Toquei nesse caminho e vim de lá pra cá de pés, de tardezinha, o sol quase se pondo! Lá vem, lá vem, e lá vem, quando chegou lá pra banda da serra, eu encontrei um cavaleiro: '- Rapaz tu é o noivo é? E o que é isso?!' '- Rapaz, eu perdi o carro e agora vou aqui de pés!' '- Rapaz, sobe aqui na garupa da minha burra que eu vou te deixar lá!' Aí foi que esse homem veio me deixar lá na Amarela, eu na garupa. Quando eu cheguei lá, tinham matado uma bacorinha,

já tinham comido, e eu nada. [ri] A noiva deu por falta, mas ela disse que era enxerimento meu, mais num sei o quê! Mas num era não rapaz, foi porque acontece isso com as pessoas né?”

Suzana: “Eu pensei no começo que ele vinha na carroceria, porque ele desceu para a mulher ir. Nós percebemos no caminho que ele não vinha. Uma irmã dele sentiu a falta, aí ela disse: ‘- Vamos voltar!’ Eu respondi: ‘- Vocês podem ir, eu não vou não!’ E eu num fui não! Eu estava com raiva porque ele desceu pra aquele mulher ir. Aí ele aqui (Suzana aponta para um irmão dela) voltou mais o Luiz e foram buscar. Quando chegaram lá num sei aonde, já souberam que ele tinha ido à cavalo.”

Agostinho: “- Mas foi uma novela!”

Suzana: “- Uma novela e tanto, mandaram um carro atrás de mim, menino, foi uma novela medonha!”

O MAIS **SABIDO** DA FAMÍLIA

Agostinho Xavier tinha dessas. Mesmo assim era considerado o homem mais sabido da família. Por isso, quando seu tio teve um passamento e foi desenganado pelas rezadeiras do lugar, a ele foi dada a incumbência de ir até o Aracati comprar a mortalha e o caixão, embora na época contasse apenas 18



Foto AFI

anos. Como não havia carros de linha ou transportes outros à sua disposição, Agostinho valeu-se de um jumentinho para atravessar a distância em léguas que separam Córrego do Sal da sede de Aracati. Foi um dia de caminhada paciente, mais do jumento do que dele, Agostinho.

“- Eu passei um dia pra chegar no Aracati. Comprei a mortalha lá, ajeitei e vim me embora. Quando vim, vim lá pela casa da minha sogra, passei pela casa dela, e o home lá pra morrer.” Daí o azar de Agostinho, essa demora na casa da sogra. Justamente o tempo do tio morrer.

Quando ele voltou pro Córrego do Sal onde morava, depois de mais de um dia de viagem e da demora na casa da sogra, o tio já estava morto e enterrado. Com Agostinho ficaram o caixão, a mortalha e o prejuízo do gasto. Também quem mandou se empalhar na casa da sogra!?

NEVES MONTEIRO E A **VIDA** EM AMARELAS

Dona Neves é Monteiro, da mesma família de João Monteiro, o homem mais rico de Amarelas, de quem já falamos, junto com Antônio Clemente, é preciso que se diga. Hoje, mora em Parajuru, antes morou em Paripueira, mas sua juventude passou em Tanques, com os pais, e em Amarelas, onde foi professora, localidades bem próximas. Seu pai chamava-se José Nunes da Costa, natural de Tanques, e sua mãe, Ana Monteiro de Queiroz, dos Monteiros de Amarelas, lá nascida.

Tanques, ao contrário de Amarelas, era lugar de recursos escassos, uma várzea de carnaubal, com casas distantes uma da outra. Foi lá que Neves nasceu. O pai trabalhava na roça e a mãe, moça de educação privilegiada para a época, além de cuidar de casa, possuía uma máquina de costurar e conhecia como ninguém as artes da costura e da culinária. Tanto em Tanques como em Amarelas, as mulheres trabalhavam no labirinto e na renda, para vender no Aracati. O labirinto era mais procurado. Por vezes, vinham pessoas de longe para comprar.

O território era dividido entre os membros das famílias em diferentes proporções. Havia desde grandes até pequenos proprietários, sem falar nos moradores agregados sem-terra, que eram muitos. Os terrenos ficavam à beira de um “salgado”, lago formado tanto pela água do mar que avançava rio a dentro,

quanto pela água-doce acumulada durante o inverno, o que propiciava fartura de peixe. Parte da renda advinha do carnaubal, da cera retirada da palha, da preta e da amarela, principalmente, mas também da palha trançada para fazer chapéu, surrão, bolsa e tudo quanto é objeto artesanal.

Tanto os Clemente, quanto os Monteiro eram bem relacionados com as elites de Fortaleza e Aracati, para onde mandavam seus filhos e filhas estudar, assim como de onde traziam professoras. Além da carnaúba, exploravam a agricultura e principalmente a criação de gado. Seus domínios se estendiam de Amarelas a Tanques e iam até Mutuca, passando por Umburanas, Pau-Branco e Aroeiras. Criavam cavalos para servir aos seus vaqueiros e promoviam vaquejadas.

O esposo de Dona Maria das Neves Monteiro (ou Maria Ana Monteiro como ela foi registrada) era também de sua mesma família. Possuía terras próprias e trabalhava como vaqueiro. “- Mas era assim, mais por esporte”, apressou-se em explicar sua filha. O fato é que gostava da lida do campo, segundo nos contou sua esposa. Embora fosse o patrão, todo dia saía para vaquejar em mata fechada.

Maria das Neves exibiu um sorriso de orgulho ao relatar:

“- Eles corriam dentro da caatinga fechada, chegavam com o rosto lavado de sangue! Tudo isso acontecia e era bom, a gente tirar leite de vaca, fazer queijo, coalhada, tudo a gente tinha, criação de tudo. Era atrasando porque só tinha aquilo, num tinha nada diferente, até os políticos eram muito fracos, porque ficavam longe, davam pouca assistência.



Foto: AH

A escola funcionava de tarde, e as crianças frequentavam a partir de sete anos. Antes ficavam em casa. Brincavam com os irmãos mesmo, porque as casas eram separadas. Às vezes, no domingo elas se juntavam, aquelas mães levavam os filhos pra casa umas das outras. As meninas brincavam de boneca

e os meninos de carrinho. Eles mesmos fabricavam os carrinhos de madeira. Boneca, a gente fazia de osso de gado, aquelas boneca de mocotó, e a gente vestia, mas também tinha boneca de pano, trazida da Fortaleza. Eu também tive boneca de louça, quando comecei a ficar grande com dez, 11 anos. Porque, naquele tempo, com essa idade, a gente ainda era menina. De noite a gente num tinha nada pra fazer, dormia cedo, jantar e dormir, ou então ouvir história.

Tinham uns velhos que contavam muita história de Trancoso, muita história bonita de rei e rainha e até eu aprendi muitas histórias. Eu era cavilosa, tudo que eu via, aprendia. Tinha um primo meu que também contava história e a gente queria saber quem contava mais história. Ele contava uma eu contava outra. Histórias de reinos encantados, aquelas coisas antigas,

que a gente ouvia dos outros. O meu primo era muito danado, ele criava, e eu num sabia criar não. Depois que eu fiquei grande foi que comecei a pensar e achar que a gente tinha possibilidade de criar. A gente contava nos terreiros em noite de lua.

As farinhadas eram muito animadas. Passava o dia, aquelas mulheres trabalhando em mandioca, umas cavando, outras raspando, os homens trabalhando na roda. Eu aprendi a cevar a mandioca, tinha preguiça de raspar, num gostava porque tinha que se sujar, sentar, e aí eu ia cevar porque eu achava



que era mais delicado. Conversava muito, mas do trabalho não, conversa muito de noite, aquele pessoal, até namorava na peneira, peneirando a massa, peneirando a goma, fazendo beiju, assando jerimum no fogo. Tinha muito jerimum, melancia, era uma fartura porque nessa época num tinha muita seca não, matavam boi, a gente comia carne de boi assada com beiju.

As crianças dormiam cedo, porque os pais passavam o dia naquela luta e as crianças no meio. Quando chegava de noite todo mundo estava cansado. Dependia dos pais a idade em que as crianças podiam começar a dormir mais tarde e a participar dos dramas. Tinha família que prendia mais, outras eram mais... Eu pelo menos comecei a participar desde cedo, eu era muito espevitada, sempre punham pra eu fazer aquelas partes de criança, e eu fazia muito bem! Eu já sabia fazer as coisas muito bem, aí eles gostavam e me botavam noutras. Eu ainda era menina pequena, mas quando via as moças saírem pra ensaiar numa outra casa, digamos na casa do meu futuro esposo, eu queria ir também. Minha avó era quem me criava e minha tia não queria deixar, mas eu chorava, até que as outras diziam: ‘- Deixa ela ir que a gente toma conta.’ E lá eu ia, e pegava no sono, quando elas davam conta eu tava arreada, em qualquer canto dormia. Mas eu era muito sapeca! Nesse tempo eu tinha de nove pra dez anos e já acompanhava. Gostava de escutar.”

TANTA ALEGRIA

O depoimento de Maria Hosana de Lima sobre a vida em Amarelas nos meados do século passado, época de ouro dos dramas, mostra uma comunidade em que a vida transcorria com simplicidade e bem-estar. Sua alegria em recordar a infância e a juventude reflete uma felicidade quase idílica, o que me faz pensar em áreas de relativo equilíbrio social dentro de um vasto sertão de desigualdades econômicas. Ela nasceu em Amarelas, no dia 12 de outubro de 40. Hoje, Hosana mora em Tanques, comunidade bem próxima à antiga Amarelas, o sítio que ainda agora povoa sua imaginação e do qual ela nos falou:

“- Amarelas era uma maravilha! Nasci e me criei lá, saí de lá com uns 20 anos, mas ainda hoje eu tenho ela no meu coração. Faz poucos dias que eu fui lá aonde eu me criei. No lugar da casa onde morei só tem a lembrança, mas eu ainda passei, ainda recordei muita coisa boa e hoje estou aqui. Tudo

na minha vida foi bom, meus 20 anos que eu passei lá. Minha juventude foi maravilhosa no meio da minha família. Todo mundo me queira bem, eu queria bem a todo mundo, meus tios, minhas tias, tudo era família. Pra mim foi uma maravilha. Inda hoje é onde eles estão. Quando sinto saudade eu vou lá visitar.

Os divertimentos eram muitos. Com idade de dez anos, eu comecei a raspar mandioca. A gente se levantava de madrugada pra raspar mandioca. A gente cantava. Quando era à noite, ficava peneirando massa, pra lá e pra cá e botando a goma no forno. Às vezes, tinha alguém com violão, ficava tocando e a gente escutando. Tudo isso era animação, divertimento. Depois a gente trabalhava em labirinto, ainda hoje eu faço. Eu gostava muito, num esqueci. Eu era, era não, ainda sou, graças a Deus, muito alegre, divertida nos meus trabalhos. Eu gosto de cantar, eu cantava muito quando eu estava trabalhando. Tudo isso era como brincadeira.

Dia de domingo, tinha um rapaz que batia numa lata de querosene - na época tinham umas latas de querosene, a gente se juntava, as moças, e dançava na sala da casa do meu tio. Ele tocava as músicas de Luís Gonzaga [cantarola]: ‘- Luís escuta este baião...’ Eram essas músicas. Ele batia na lata com um pauzinho. Num tem o zabumba que o povo bate nas bandas de hoje? Na época num tinham essas bandas, ele batia na lata? Quem cantava era eu e as outras amigas. Era só mulher. Era só brincadeira, porque depois apareceram as festas de sanfona, a pessoa tocava na sanfona e a gente cantava, num tinham essas bandas não.

Era o divertimento que tinha lá nas Amarelas. Umhas brincadeiras sadias, é por isso que eu digo: ‘- Foi muito bom, graças a Deus, hoje eu estou aqui e tenho essa alegria, porque passei essas belezas na minha vida.’”

A ÚLTIMA MORADORA DE AMARELAS

Talvez porque não tenha a alegria natural de Maria Hosana ou porque a vida não lhe tenha reservado a mesma sorte, o fato é que Elisa Monteiro não guarda lembranças tão somente positivas de Amarelas. Para ela, o fardo da existência parece ter sido bem mais duro. Há quase 30 anos, ela deixou Amarelas para morar em Aracati com a família, devido à necessidade de estudo dos filhos:



“- Eu não aprendi. A gente morava aqui e os meninos estudavam, tinha um grupo escolar ali. Mas o prefeito retirou. E eu deixei uma pessoa aqui tomando conta do ensino, mas hoje nem todo mundo quer trabalhar. Aí sei que eu disse: ‘- Homem, já fiz tudo, e eu não ter estudado, eu quero botar meus filhos pra estudarem!’ Então nós procuramos um canto em Aracati e fomos pra lá. Graças a Deus, hoje, todos eles sabem. Não tinham o gosto de aprender não. Mas era: ‘- Vá pra aula!’ Aí, eles iam.”

Atualmente, de 15 em 15 dias, Elisa volta com o marido para dar uma espiada na casa e no terreno que deixou. Ficou um irmão tomando conta da propriedade, mas o dito-cujo agora deu pra dizer que a irmã e o cunhado não têm mais nada ali, que a casa ali é dele. Doideira.

Elisa teve 13 filhos e criou dez. Já sua mãe teve 14 e criou nove, seis homens e oito mulheres, das quais morreram três, assim ficaram cinco mulheres e quatro homens. Vida de casada mais difícil a dela. Primeiro em Aracati, depois em Amarelas. Elisa é quem conta:

“- Carlos, meu irmão, nasceu em Aracati, mas veio pequeno pra cá, ele e minha irmã mais velha nasceram em Aracati. Porque meu pai era de lá e a minha mãe era daqui. Tudo da mesma família. Só que meu pai era meio vivão! [ri] Não tem o homem vivão né? Ela morava na casa da sogra com ele, mas meu pai era safado mesmo. Passava aquelas garotona na calçada... Ela tinha muito desgosto de ver aquilo. Aí ela disse: ‘- Não, minha tia, eu vou embora!’ E veio embora pra Amarelas. Deixou a filha mais velha com a tia e a avó, porque ela tinha quatro

anos e já estava na aula. Veio pra cá onde estava a família. Mas ele queria um bem medonho a ela, correu e veio atrás dela. Ela fez uma casa aqui e ficou morando aqui.

Mas ele era assim, quando via uma cigana bonita - porque aqui andava muito cigana - ele passava o dia todinho curtindo com as ciganas! Era dormente, papai era dormente, era dormente! Eu discuti muitas vezes quando nós crescemos, nós discutimos muitas vezes com ele. Ele dizia: ‘- Você quer levar peia!’ Eu respondia: ‘- Eu levar peia? Nós apanhamos em criança, mas agora mesmo não. Agora o senhor é que acabou de se açoiar!’ Papai era assim.”

Em Amarelas, o pai de Elisa compensava o desgosto da mulher com muito trabalho, costume que Elisa conheceu desde muito pequena:

“- Papai vivia do roçado, cortava carnaubal, era dormente pra botar a gente pra estender palha, carregar palha. Sofri muito, muito, muito, a gente trabalhava! As crianças trabalhavam e no duro mesmo! Eu comecei com sete anos. Com sete anos eu já estava na peia, no trabalho. Com sete anos eu carregava água, carregava palha pra fazer cera, botava lenha dentro de casa, em tudo eu ajudava a minha mãe. A palha era pra fazer cera. Eles cortavam e a gente estendia, carregando na mão.

Nesse tempo minha mãe morava aqui nas Amarelas, possuía até fazenda, lá do outro lado. Morava muita gente por essa banda, aqui tinha uma bodega. Meu marido botou uma venda e eu ajudava. Cortei carne, cortei peixe, tudo. Às vezes ele ia pra Beberibe comprar, eu ficava na luta em tudo, era pra atender menino. Tinha vez que esses meninos chegavam às seis horas e, ao mesmo tempo, encostava de três, quatro, cinco, pessoas. Eu vinha atender as pessoas e cansou das crianças pegarem no sono. Nesse tempo meus filhos tinham por volta de oito anos.

Já depois, quando eu fui pra Aracati, fiz muita chinela de corda, fazia duas, três dúzias por dia. Eu trabalhava lá com uma amiga da gente, na casa da minha avó. Mas eu estava na escola e essa minha amiga era muito sabida. Quando era dia de sábado ela fazia as contas lá no armazém, recebia o dinheiro e depois vinha: ‘- Não, num deu certo, só vou te pagar no outro sábado!’ Todo sábado ela dizia isso. Até que resolvi: ‘- Eu mesma num vou trabalhar pros outros!’ Olhei assim pra ela: ‘- O quê menina?! Eu vou-me embora pra onde está minha mãe.’ E lá eu fui torcer labirinto!”

COMO VIVIA O POVO ANTIGAMENTE

QUEM ERAM OS PAIS DAS DRAMISTAS

Paizinha nasceu de uma família modesta, mas teve a sorte de possuir um pai com tino para o comércio e uma mãe dedicada à casa, com boa formação escolar e gosto pelos estudos. Contou-nos que seu pai veio ao mundo na cidade de Sete Estrelas, no Amazonas, quando seu avô lá esteve na febre da borracha. Ainda bebê, o velho retornou com os pais à Jaguaruana, terra de sua família, onde cresceu e se casou. Chegou a ser delegado e secretário de administração do município. Mas logo que Paizinha completou um ano de vida, sua família mudou-se para Aracati, onde seu pai pôde dedicar-se plenamente ao comércio, atividade que exerceu com muito êxito, pois correspondia à sua verdadeira vocação. No comércio, chegou a ser representante de firmas da importância do Moinho Fortaleza, da Nacional Gás Butano, que nesse tempo chamava-se Norte Gás Butano, da Cônsul, com suas famosas geladeiras, e da Casa das Máquinas, através da qual foi o primeiro a vender na região as máquinas de costura Singer.

O pai de Linduína Barbosa foi jogador de futebol e ganhou o apelido de Manequim, porque vivia arrumadinho e tinha uma bela cabeleira. Mas não ficou por aí. Foi um homem de sete instrumentos. Enfermeiro prático, trabalhou na farmácia do Seu Adolfo e, em seguida, abriu a sua própria. De acordo com sua filha: “- Aí nessa farmácia ele era assim quase como um médium. Ele não possuía formatura, mas o pessoal tinha muita fé no que ele dizia e nos remédios que ele passava. Dizia que ele era como se fosse um médico.” Sua mãe dedicava-se ao trabalho com os filhos, que foram dez, incluindo Ana, uma filha adotiva, atual prefeita de Fortim.

O pai de Formiguinha era vaqueiro, tomava conta do gado na fazenda do prefeito de Cascaval, Luís Benício. Mas Formiguinha tinha medo de vaca, não podia ver um boi que logo ia subindo numa cerca, num muro. Já a mãe era

costureira, a exemplo da avó. Formiguinha seguiu o exemplo das duas. Já o pai de Fátima Lima era padeiro em Aracati. Depois se transferiu para Aroeiras, onde foi trabalhar na agricultura, como era costume na região.

O pai de Maria Izaide saía de Aroeiras para trabalhar na roça em Mutuca, que não ficava tão perto. “- Aqui nesse tempo era muita pobreza, num tinha casa, a gente morava num barraquinho bem pequenininho. Eram sete filhos, meu pai e minha mãe. Em 1974, meu pai faleceu e ficamos só com a mãe.” Contou-nos Izaide. Para sustentar a família, sua mãe, Fátima, descansava dos afazeres domésticos, trabalhando no artesanato de palha, fazendo embira, tapete, chapéu, bolsa e tudo quanto era objeto, desde que houvesse alguém para comprar.

Como a maioria das mulheres de seu tempo, a mãe de Maria Estela teve uma quantidade tal de filhos que, mesmo morrendo quase a metade, ainda restou uma filharada numerosa. Em seu caso, nasceram 18 e morreram oito, ainda crianças. O pai trabalhava na roça e a mãe, além de cuidar da casa e das crianças, ajudava o marido na agricultura e completava a economia doméstica na almofada de bilro, tecendo gola de renda para aplicar em camisola. Maria Estela, criancinha ainda, aprendeu a ajudar a mãe no trabalho com a renda.

Do mesmo modo acontecia nas famílias de quase todas as dramistas. O pai na roça, plantando milho, feijão, maniva, quando não também na criação do gado, do bode ou de outro animal qualquer de pequeno porte. A mãe na luta doméstica, ajudando na roça, ou na lida com um artesanato, fosse trançando palha ou linha de algodão. Era o caso dos pais de Suzana Xavier, de Juazeiro e Maria Ribeiro, de Paripueira. A mãe de Maria Linduína também teve muitos filhos, 14, morreram cinco. O pai era roceiro. Tiveram muita dificuldade para criar os filhos. Ela trabalhava em labirinto e ensinou o ofício a todas as filhas, desde muito novas. Já a mãe de Terta Garcia, de Lagoa do Arroz, trabalhava com caju, produzindo cajuína e fazendo doce.

Caso morasse perto do mar ou de algum braço de água salgada, o pai da dramista, além de roceiro, podia ser pescador, ou ambas as coisas. Como o de Aldeiza, moradora de Pontal de Maceió, que era pescador. Sua mãe era labirinteira, feito a maioria das mulheres da região.

Já os pais de Socorro Góes viviam na sede do município de Beberibe, de todo modo uma vila, com seu mercado, seu comércio, sua pequena indústria artesanal, enfim, um esboço de ambiente urbano. Ambos eram mestres de ofício,



ele ferreiro e ela costureira. O pai, porém, viciado em álcool, danava-se a beber noite à dentro, enquanto a mãe fazia serão na máquina de costura. Altas horas, ele chegava fazendo arruaça e botando todo mundo pra fora de casa. Socorro cansou de passar noites com a mãe e os irmãos na calçada do mercado velho.

A mãe de Socorro teve 26 filhos, incluindo duas barrigadas de gêmeos natimortos, dos quais apenas nove sobreviveram. Quando Socorro completou cinco anos, sua mãe transferiu-se com a família para Sucatinga, um minúsculo povoado de pescadores, onde morava um irmão do marido, achando que lá a vida melhoraria. Pura ilusão, a levar em conta o relato de Socorro:

“- Assim a gente ia vivendo. Quando eu fiz dez anos, comecei a entender mais a vida. Foi quando eu entrei na catequese e minha vida foi se iluminando no aprendizado, no respeito, na obediência. Então se meu pai mandava a gente ficar de castigo, a gente ficava, nunca desobedecia ele. A vida da gente era muito sofrida aqui no Beberibe, só havia aquela pesca do guaiamum, que hoje num estão mais aceitando. A gente ficava feliz quando chegava e tinha aquele pirão de peixe. Às vezes, a gente chegava da escola e nem tinha mais nada, o jeito era se conformar.”

ANTIGAMENTE NA SERRA DO FÉLIX

Na primeira metade do século, a seca era o grande tormento do roceiro. Muito agricultor abandonou seus terrenos e migrou para a cidade, em busca de socorro. Os que podiam voltavam com as primeiras chuvas. A maioria, porém, ia-se para sempre. José Fernandes de Moraes, Seu Zuca, professor e memorialista da Serra do Félix, contou-nos o que aconteceu com seus pais:

“- Quando eu era menino, aqui se vivia da agricultura e da pecuária. O papai, a principio, num tinha quase nada, mas ele, muito trabalhador, brocava sozinho 200 passos de terra e fazia a cerca. Quando foi em 1918/19, ele foi pro Aracati trabalhar na estrada, por causa da seca que foi muito grande. A mamãe fazia trança e ele tirava o caranguejo pra comer. Hoje em dia o camarada diz: ‘- Ah, eu num posso fazer isso, num posso viver porque é uma coisa muito difícil’, e nesse tempo, em 1919, quando era tudo seco!? Quando a pessoa quer viver direito, num quer roubar, faz como meu pai fez. A trança era pra fazer chapéu. As mulheres viviam do artesanato de palha. Porque minha mãe era de Russas e

no Vale do Jaguaribe todas elas trabalhavam na palha. Já os homens plantavam mandioca, milho e feijão. Algodão veio só depois de muito tempo.”

Maria Zilda é também da Serra do Félix, mestra dramista do lugar. Seu pai foi caixeiro-viajante, natural dali mesmo, Serra do Félix, filho de João Maria Nogueira e Ana Lucena Nogueira. Sua mãe, nascida no Sítio do Leite, Beberibe, filha de João Alves Nogueira e Ana de Jesus Nogueira. Ela com três anos de idade, seus pais vieram morar na Serra do Félix numa localidade chamada Rancho da Casca, hoje propriedade da firma AGM.

Para início de conversa, Maria Zilda fez questão de declarar:

“- Primeiramente eu quero dizer o nome da minha mãe: Joana d’Arc Nogueira. Além de ela ter tido um nome muito forte, foi uma mulher forte, resistente, que trabalhou por essa terra todos os dias da sua vida até bem próximo de falecer.”

Na primeira metade do século passado, na Serra do Félix se vivia de agricultura e pecuária. Criavam-se cabras, porcos, ovelhas e gado. A agricultura era mandioca, feijão e milho. Houve um tempo em que o pai de Maria Zilda plantou algodão mocó, mas só ele na Serra do Félix. Aliás, dentre os irmãos, ele foi o único a permanecer nas terras desbravadas pela família na região. Os demais migraram para Minas, dividiram as posses, tendo o pai de Maria Zilda segurando os roçados maiores, por volta de 25 hectares de terra, do cume da serra à Lagoa do Caiçara.

A HISTÓRIA DE AROEIRAS CONTADA POR LUÍS DE SENA FILHO, SEU DINIZ

“Meu avô, Joaquim Antônio de Sena Vieira, era um rapaz muito forte e muito disposto e, naquela época de 1895, o nordestino tinha aquele negócio de ir para o Norte, principalmente o Amazonas. E como outros aroeirenses já haviam ido e voltado de lá, uns trazendo muito dinheiro da borracha, outros doença, outros nem voltavam, morriam por lá, meu avô ficava observando a história daqueles ‘paroaras’, que é como era chamado o povo que ia pra Amazônia. A nossa terra toda vida foi uma terra carente por causa das secas e de muita dificuldade. Então, ele ficava naquela ansiedade, queria ir, ouvia as histórias boas de lá, via que podia ganhar muito dinheiro com a borracha, mas também ouvia contar muitas histórias



tristes, como eu acabei de dizer: doenças, feras, cobras, muitos morreram por lá, outros chegaram doentes, mas ele resolveu: '- Eu vou aventurar a minha sorte!'

Aí ele foi. Primeiro até Fortaleza. Foi no cavalo que ele campeava e levou uma pessoa pra trazer o animal de volta, porque de lá ele ia viajar, embarcar num navio. Em Fortaleza, ele ficou na casa de uma tia, enquanto o vapor, que era como se chamava o navio, chegava. Até que, certa manhã, o navio chegou, demorou uns dias descarregando, e partiu com ele de viagem.

Ele naquela ansiedade de ir pro Norte, naquela preocupação em deixar o lugar dele, a família dele, naquela dúvida... Mas era muito novo, tinha muita coragem, muita vontade de vencer na vida. Sei que, quando ele já ia no vapor, se distanciando no mar, que ele foi vendo as últimas pontas de dunas, bateu aquela saudade no coração, aquela dor, teve que dizer pra si mesmo: '- Eu vou ver e vencer, se Deus quiser.' Aí foi.

Chegou lá, desceu em Manaus e no porto mesmo encontrou os agenciadores, aqueles seringueiros que vinham pegar nordestino para trabalhar na borracha. Como meu avô era muito forte apareceu logo uma pessoa interessada e contratou ele pra trabalhar. Ele foi prum seringal lá pras bandas do rio Juruá, depois pra outro no rio Tapajós. Teve sorte de não pegar malária nem outra doença.

Lá, meu avô conheceu uma família, por sobrenome Marques, daqui de Maracanaú, aqui perto de Fortaleza. Havia uma moça nessa família, os dois se engraçaram e casaram. Mas, com seis meses, ela morre. A moça era doente dos rins e não podia ficar grávida, daí a causa de sua morte. Acontece que a moça era de família de bem, com muitos recursos, e ela possuía muitas joias. O plano de meu avô era passar mais tempo no Amazonas, juntando dinheiro, porém, com esse acontecimento, resolveu voltar ao Ceará, trazendo as joias da esposa recém-falecida para devolver à família.

Pegou, então, o navio de volta, desceu em Fortaleza, e foi direto a Maracanaú, onde moravam os pais dela. Chegou lá, contou a história e entregou as joias.



Consternado com a notícia, mas ao mesmo tempo comovido com a atitude do meu avô, Joaquim Antônio, seu sogro, juntamente com o resto da família, passaram a admirá-lo. O certo é que Joaquim Antonio acabou casando com uma irmã de sua falecida esposa, por nome Genira, e a trouxe para Aroeiras, quando veio rever os parentes, antes de voltar a Manaus.

Porém Genira ficou grávida e o casal, já instalado em um seringal, foi obrigado a regressar à capital do Amazonas, devido ao quadro precário de assistência médica no interior. Por tal motivo, Luís de Sena Vieira, o pai de Seu Diniz, nasceu em dois de fevereiro de 1898, na Santa-Casa de Manaus. Quando sua mãe terminou o resguardo, a família pegou um navio de volta ao Ceará e, da Capital, tomando uma lancha, veio dar no porto de Fortim, onde embarcou num bote, terminando por aportar em Aracati. Lá, mandou avisar a família nas Aroeiras, que enviou animais para o transporte dos três, meu avô, minha avó e meu pai.

Eles chegaram aqui com bastante dinheiro. Compraram bastante terra e bastante gado.

Mandaram fazer uma cacimba grande para os animais. Em seguida, nasceram mais três irmãs minhas: Raimunda, Argemira e Maria. Aí vai a minha avó morre! Meu pai tinha sete anos quando ela morreu. Aí ele ficou viúvo, meu avô, e casou com outra mulher, uma professora.

Naquele tempo, os meninos chamavam a professora de 'sôra', 'sôra'! E uma coincidência: Ela era muito vermelha e lá na casa do tio dele, onde a professora dava aula, meu avô, viúvo, viu ela lá e perguntou: 'Tio Lino, quem é essa melada?' Chateando dela! Num é que eles se casaram! Ai nasceram mais uma menina, a Rosa, e o José.

Até que um dia uma vaca deu o sinal da morte dele. Ele no Amazonas nunca adoeceu e nem aqui. Mas um dia estava tirando leite das vacas no curral e uma das vacas lá, a que ele gostava muito - porque o cara que cria sempre tem um animal de maior estimação, aí foi a tal vaca deu mujo (aquele mugido penoso), criou penoso, olhou pra ele e começaram a sair lágrimas dos olhos da vaca. Ele



viu aquilo, ficou muito pensativo e disse à mulher: ‘- Foi um sinal.’ E foi, foi o sinal da morte do meu avô.

Nesse tempo Aroeira aqui era bem pouquinho habitada. Se me permitir eu vou buscar bem longe; tinha um baiano, Manoel Ferreira Vieira, que veio da Bahia pra trabalhar nas salinas do Canué. Esse baiano teve vários filhos, entre eles o José, conhecido como Papai José. Ele morava nas Umburanas, pertinho de onde o Evandro mora. De lá, três filhos dele vieram morar aqui em Aroeiras, meu bisavô e mais dois irmãos dele. Os Januário vieram morar nas Aroeiras, eles foram os primeiro habitantes. Porque Bárbara de Alencar passou presa aqui nas Aroeiras, vindo do Crato para Fortaleza, em 1817. Nesse tempo, Aroeiras já era habitada por esses Januário. (Segundo Seu Raimundo Bernardo de Forquilha, a comitiva que levava Bárbara e seus filhos ficou hospedada na fazenda do Deco.)

Por sinal tem até um poço lá na Encruzilhada onde ela tomou banho. Dizem que ia a cavalo, muito enfadada e pediu para tomar um banho. Esse poço lá é conhecido como Poço Dona Bárbara de Alencar. Eu tenho até uma fotografia dele, porque estou escrevendo um livrozinho sobre a história de Aroeiras, onde está incluída essa passagem.

Depois, Aroeiras possuía essa estrada que vinha do Icó até Russas. Havia também a estrada que ia pro Aracati, beirando o Rio Jaguaribe, e tinha uma do Aracati pra cá, que daqui seguia, beirando o Riacho da Umburana, e ia até Aquiraz. Provavelmente já existia a estrada para Fortaleza, embora ela não fosse ainda Capital. Essa era a história que meu pai e meus tios contavam. Aroeiras era pouca habitada, mas como aqui as terras eram muito boas, tinha o carnaubal e a agricultura de subsistência pra sustentar o povo. Já o cajueiro só apareceu mais tarde.

Depois que meu avô morreu, meu pai foi pra casa de um tutor. Mas esse tutor não deu certo, aí arranjaram outro tutor e ele ficou na fazenda Mutuca, do coronel Antônio Cunha da Silva, até inteirar a maior idade. Quando isso aconteceu, ele foi pra Fortaleza a pé, ‘a mala era um saco, o cadeado era um nó’, [ri], como diz Luiz Gonzaga. Chegando na Capital, passou mais de mês na casa de sua tia Noca. Aí arranjaram um emprego pra ele de motoneiro, dirigir bonde. Já ouviu falar? A empresa era inglesa e ele teve que passar um mês sem ganhar, só por experiência. Só quando ele inteirou um mês, foi efetivado na empresa.

Ele só não passou muita fome porque estava na casa de uma tia. Depois, ainda em Fortaleza, foi ser soldado. Só retornou a Aroeiras em 1933. Voltou, aí fez uma

casa, aquela que tem ali, foi feita e terminada no dia 16 de fevereiro 1925. Com dez anos de volta a Aroeiras, ele se casa com minha mãe, Josefa Ribeiro de Sena, e eu fui seu primogênito.

Meu pai foi uma pessoa criada praticamente pelos outros, já que a mãe dele morreu quando ele tinha quatro anos e o pai, quando ele tinha sete. Daí ele praticamente ficou só no mundo. Mas ele não esmoreceu. Como naquela época não havia igreja por aqui, só em Aracati ou em Beberibe, bem mais distante, um dia, ele conversando mais um amigo, numa cacimba ali bem mais adiante, e ele ia inteirar 40 anos, no dia 2 de fevereiro, disse para o companheiro: ‘- Rapaz, vamos conseguir um padre pra vir celebrar uma missa nas Aroeiras!’ Mas o padre Pacheco só pôde vir no dia 28 de fevereiro, já com 26 dias depois.

Toda a comunidade compareceu, veio muita gente d’outros cantos, daqui da redondeza. O padre gostou e combinaram dele ficar vindo sempre. Depois tiveram a ideia de fazer uma igrejinha. Fizeram a primeira igrejinha e ela foi inaugurada em julho de 1940. E como vinha gente de muitos lugares pra cá a igrejinha tornou-se pequena. Combinaram então fazer uma igreja maior. Essas outras comunidades se uniram com o povo de Aroeiras e fizeram aquela ali, que vocês estão vendo. Foi inaugurada no dia 03 de dezembro de 1947. Por causa do progresso da nossa comunidade, tinha a estrada comercial que vinha de Russas, da banda do sertão, e depois fizeram outra estrada, que passava aqui na porta, por onde vinham os comboieiros, as boiadas. Começou a passar tudo pela nossa porta, os transportes carregados de algodão, oiticica, cera de carnaúba, pele de animal, boi, carneiro, ovelha e cabra.

Aroeiras passou a ter necessidade de uma escola. Meu pai tomou a frente e conseguiu da prefeitura a primeira escola pública, em 1947, mesmo ano da inauguração da igreja. Antes só havia professora particular, por sinal a primeira foi a segunda mulher do meu avô, que abriu uma escola em 1902. Após sua morte, a escola fechou e desde lá, as crianças de Aroeiras haviam ficado sem estudo.

A padroeira de Aroeiras, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, foi um pedido da minha mãe, que era sua devota. Como o meu pai se tornou o encarregado da igreja, transmitiu o pedido de minha mãe e todo mundo concordou. Agora ela é nossa padroeira, por sinal ela também é minha madrinha. Coincidência! [ri]”

INFÂNCIAS

No Ceará do Litoral Leste, distanciando-se no tempo e no espaço, de acordo com a escala social, a infância era mais curtas. Quase não houve para as avós das famílias de moradores e agregados, nas brenhas perdidas sertão afora. A vida de obrigações e labutas para as mulheres, começava muito cedo. Desde a gravidez na barriga da mãe, acompanhando seu trabalho, só uma pequena trégua durante o resguardo, logo retomada para ajudar nos afazeres domésticos, varrer o terreiro, lavar louça, arear as panelas, dar de comer aos animais. Caso a mãe auxiliasse o marido na roça, a partir dos três anos, a menina acompanhava, para colher uma maniva, ou deitar uns caroços de milho ou de feijão na fileira de covas abertas pelo pai, durante a sementeira. Caso a mãe fosse artesã, auxiliando no trançar da palha, no desfiar do tecido para o labirinto, ou na troca dos bilros para fazer a renda.

Estudo quase não havia, só uma ou outra família de fazendeiros mais ricos contratava uma professora, a maioria das vezes, ela mesma sem maior formação, para iniciar seus filhos nas letras e na religião. De resto, era comer pouco e dormir cedo. Brincar só no fim de semana, com brinquedos e brincadeiras criados pelas próprias crianças com a ajuda ou não de um adulto. De noite, apareciam diversões outras como ouvir histórias contadas pelos mais velhos ou brincar de roda.

A exceção eram as épocas das festas de Natal e São João, da festa da padroeira, o período das farinhadas e as férias escolares, quando as filhas dos fazendeiros, que estudavam fora, voltavam para a casa dos pais. Aí apareciam os folguedos e as brincadeiras, mas nem tantas, devido à população escassa e à distância entre os povoados. Em muitos casos, os pais iam se divertir nos vilarejos mais adiantados das proximidades, levando os filhos maiores e deixando os menores sob a guarda dos avós ou dos empregados.

Nas cidades sedes dos municípios e seus arredores, bem como para as filhas das famílias mais abastadas, e até mesmo com o passar dos anos,

tal realidade vai se modificando, e aparecem mais oportunidades de estudo e de lazer. Esse quadro mais geral, entretanto, não exclui o fato de que, em algumas localidades mais distantes e em épocas mais antigas, como foi o

caso de Amarelas, já relatado aqui, se encontre exemplos de vida comunitária equilibrada e de infância vivida com alegria e prazer.

TIRANDO ALEGRIA DA VIDA SIMPLES

Paripueira é atualmente um distrito de Beberibe dos mais prósperos, vila praieira razoavelmente povoada e bem urbanizada, com boa movimentação de turistas. No entanto, há 70 anos, quando Maria Ribeiro de Lima e Lídia Bento de França eram crianças, Paripueiras não passava, segundo elas próprias, de “um povoadozinho bem pequenininho, um lugarzinho sem muito movimento”.

Maria Ribeiro contou-nos que “as meninas, nesse período, mal aprendiam a caminhar já iam pro roçado. Levavam uma coitezinha pra ajudar o pai a plantar a roça de feijão. Plantavam logo de muito. Jogavam de cinco, dez caroços, porque não sabiam. Aí depois, quando nascia aquela ruma de pé num lugar só, o pai voltava arrancando pra deixar só o tanto. Era assim. Acordava cedo. Na hora que ele ia pro roçado, a gente tinha que ir também. Voltava pra casa dez horas, o sol ainda frio. Aí ajudava a mãe nos torcidos dos labirintos. Aprendia já de pequeninha. A gente via a mãe fazendo e já fazia. Com seis anos, sete anos, já fazia o labirinto.”

Hoje, Maria Ribeiro é a encarregada de tomar conta da capela de Paripueira. Faz seu trabalho com zelo e entusiasmo absolutos. Pequenininha, magrinha, tem o rosto cheinho e sempre risonho. Parece que a infância nunca a abandonou. Gosta de cantar e fazer músicas. Para as colegas do apostolado da igreja fez uma canção, cuja primeira estrofe diz o seguinte: “Antes a gente não sabia/Que mulher pobre tem valor/Pensava que só era artista/Mulher de rico e de doutor./ Depois começamos a ouvir/O ensinamento do Senhor/Descobrimos que bem mais rica/Era a mulher do agricultor.”

Lídia, por sua vez, lembra que “a gente vinha pra igreja, pras novenas, pras missas, quando acabava, ao redor da igreja tinha só um patamarzinho de cimento, o movimento era arrodar a igreja, tudinho ali arrodando a igreja, as moças e os rapazes. Ali a gente se encontrava, só no arredor da igreja, não tinha avenida, não tinha nada. As ruas eram calçadas, mas tudo no escuro. Nesse tempo não tinha nem energia de motor ainda. A vida das crianças era de pouco estudo, porque a professora era muito longe, e umas brincadeirinhas.



Foto AH

As meninas brincavam de bonecas de pano. A gente mandava fazer. Dona Filizó fazia umas bonecas de pano. Já os meninos, a gente comprava muito caranguejo e tinham aqueles coquinhos verdes. Então, enfiava quatro pauzinhos nos coquinhos, furava o casco do caranguejo, fazia ali tipo um cavalinho com uma carguinha de caçua e os meninos saíam puxando. Não era não, Maria, assim? Saía arrastando, como se fosse um cavalinho.

Quando a menina ficava mocinha, logo a gente ensinava a trabalhar no labirinto mais nós. De noite a gente ia dormir. Nem calungueiro, nem bonequeiro, nesse tempo não tinha nada. Anoitecia e a gente ia cuidar na janta, depois ia tudo pras redes. Contar história, só aqueles mais velhos, avô, avó. Mas às vezes não tinha quem contasse, aí os meninos iam tudo dormir.”

Na falta de brinquedo, as meninas e os meninos inventavam, Em Pau-Branco, comunidade pra lá de Aroeiras, a criatividade era muita no tempo em que Maria Linduína não passava de uma perereca: “- A gente inventava tudo, brincadeira de roda, inventava até [ri] uma coisa tão engraçada que chamavam João-Galamarte. Você pegava um toco de pau e enfiava no chão. Depois você pegava uma tábua, furava um buraco no meio e botava no pau. Os meninos se montavam, um do lado outro do outro, e ficavam rodando. Menino, era muito engraçado! Botava carvão e gás pra deslizar melhor e fazer cantar. E bola! A gente jogava de bola,

brincadeira de roda, tudo que se podia inventar. Tinha uma parte que falava: ‘- Eu sou pobre, pobre, pobre...’ Mas era muito engraçado! Vinha uma pra cá e a outra ia pra lá, aí ia trocando até chegar o final. As brincadeiras eram essas, outras num existiam não.

Num tinha nada, se passava muita necessidade nessa época. Igreja só na comunidade de Aroeiras. Era pra onde a gente ia, era pra lá! De pé ainda mais. Minha primeira comunhão foi lá nas Aroeiras. Era conhecida aqui, toda a comunidade ia pra lá, a festa só era lá. Festa da padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Tinha leilão, tinha quermesse, era missa, tinha até as missões, vinha o bispo. Eu fiz minha primeira comunhão, me crismei lá. Toda redondeza só corria pra lá, porque era o canto só que tinha.”

Maria Izaíde morava em Aroeiras, mas nem por isso teve uma infância animada. Sua professora foi sua madrinha Eufrásia, a mestra dramista do lugar. Mesmo assim pouco aprendeu. Explica por que: “- Eu era muito atrasadinha, só vivia doente, num estudei quase nada, sou viva por milagre de Deus. Eu só fiz o segundo ano, num tive condição de estudar por causa das dificuldades. Depois fomos trabalhar pra poder viver. Trabalhava em artesanato de palha, fazia chapéu, bolsa de ponto, fazia aquelas tiriricas. Eram nossos trabalhos. E a gente tomava conta da casa mais a mãe.”





Entre os Vieira das Umburanas, o regime não era muito diferente. Depois do jantar, rezar o terço e, dando sete horas, tudo quanto era menino e menina, “já pra rede, dormir”. Agora, estivesse em casa, o velho Luís Nunes Vieira, mais conhecido por Luís Lino, domingo à tarde, era ele pegar o fole, assim à boca da noite, e todo mundo dançava, de velho à criança. Maria Umbelina mesmo contou: “- Aí a gente vinha de lá, eu que sou sobrinha dele, minhas irmãs também vinham. Chegava aqui, tinha o professor de catecismo, a gente assistia e depois ele puxava o fole. Aí a gente dançava até quando davam sete horas da noite. Então a gente puxava a perna e ia dançar. Eu vinha mais as minhas irmãs, mais minha sobrinha. Quando a gente voltava era com medo de levar uma laborada. Daqui eu voltava era correndo, pois a vida era essa mesmo.

Agora, quando a gente era criança, eu tocava numa lata de querosene e a gente dançava na casa de farinha. Brincava também de boneca de pano que a gente mesmo fazia. Botava nome. Tinha Maria, Carmelita, Angelita... A brincadeira era fazer casamento de boneca, pra convidar as amigas.”

Francisco Vieira, entrando na conversa, lembrou que Umbelina botava a boca da lata próximo ao rosto e cantava com a voz o mais alto possível: “- Dava um estrondo danado nessa lata, rapaz! Ela cantava aquela música da Iracema.” Soou como um convite. Foi Francisco falando na canção de Adoniran Barbosa e o coro se formando, ele, Umbelina, Maria Alice, Luís Nunes Filho e os demais que sabiam a letra, isto é, quase todos.

Depois da música, voltou a conversa. Luís lembrou então de uma brincadeira de menino, corrida de cavalo: “- Num tinham os talo de carnaubeira? Na ocasião cortava assim a cabeça do talo, botava o cabresto e se escanchava em riba. Depois plantava o pau a correr atrás de bicho aí nessas matas. Formava as parrelhas, ele num cavalo de pau e eu n’outro.” Luís se referiu a Francisco, mas quem respondeu, entrando na conversa dos homens, foi Umbelina: “- É, mas eu era meio velhaca, eu passava dele. Era difícil ele ganhar de mim.”

Em Forquilha, Raimundo Bernardo, quando menino, fazia touro de osso de boi, e os bezerrinhos de ossinho de cabra, para brincar de fazendeiro. Jogava bola de pano, que ele mesmo fazia, mas gostava mesmo era de caçada. Matou muito bicho do mato, peba, tamanduá, até veado. Só nunca matou foi onça. Maria Estela, hoje, mora nos Caetanos, mas nasceu, em 1937, e foi menina em meio às dunas do Cumbe. Com cinco anos começou tanto a brincar de drama,

quanto a ajudar o pai no roçado, fosse na limpa do terreno ou no plantio do feijão.

PROFESSORA PELO AMOR DE ALFABETIZAR

Na Serra do Félix, menino acordava cedo. Seu Zuca nos contou que ele, com cinco anos, despertava de manhã com o pai dizendo: “- Acorda, que é pra levantar antes do sol.” Maria Zilda, porém, tem boas recordações de sua infância naquela serra, dos seus pais, de sua mãe, principalmente, que além de mãe foi sua professora e professora de toda a comunidade. Na maneira como Maria Zilda nos falou de sua infância e da história de sua família, transparece a grande admiração que tem por sua mãe, para ela exemplo de mulher e de heroína. Sua história do mesmo modo é admirável:

“-A minha infância eu posso dizer que foi muito boa, porque a gente brincava na areia, brincava de roda, de balançador... A minha mãe foi professora. Foi professora pelo amor não por formatura, pelo amor por alfabetizar, porque meu pai era analfabeto e ele foi e disse (a minha mãe tinha a o apelido de Losa): ‘- Losa abre uma escola pra ensinar essas crianças! Pra num se criarem como eu que num sei ler.’ Mas ele num morreu sem saber ler, porque eu ensinei ele a ler. Fui eu quem alfabetizei meu pai. Em casa mesmo, eu todo dia: ‘- Papai vamos ler, papai vamos ler?’ Aí ele aprendeu a ler.

A minha mãe foi professora no tempo da Ditadura, mas ela era construtivista, sabia? Ela foi uma professora que não gostou de bater com a palmatória em ninguém. Ela usava a palmatória em cima da mesa, mas ela nunca ameaçou aluno, nem nada não. O meu pai comboiava, viajava pra Cascavel. Ela fez foi meu pai trazer corda e bola para os meninos brincarem. Ela comprou com o próprio dinheirinho dela, bola e corda. A frente da casa dela num tinha cerca, aí a gente desbravou, eu e meus dois irmãos. Limpamos tudinho de enxada, ciscamos, e fizemos balançador debaixo dos cajueiros e o jogo de bola dos meninos na frente da casa.

Aí era assim, todo mundo tinha recreio. Aí num tinha merenda, havia uns pés de goiabeira, que ela havia trazido as sementes de Cascavel, e dava muita goiaba, ela enchia uma bacia de goiaba e dava às crianças pra merendarem na hora do recreio. Quando era no inverno, ela dava milho-cozido a todinhas.

Aquelas que queriam comer melancia, ela partia e dava na hora do recreio: '- Quem quer melancia? Quem quer milho?' Ela dava a todinhas. Ela ensinava a 60 alunos. E era assim: dez na cartilha, cinco no primeiro ano, três no segundo... Era da terceira série até a Carta de ABC. E ela ensinava a todinhos. Como eu já tinha o dom de ensinar, eu num precisei ser alfabetizada, eu já peguei um livro e já fui lendo. Eu tenho um neto que é a mesma coisa, do mesmo jeito aconteceu com meus três filhos, não foi preciso alfabetizar. Aprendi a ler só, eu tinha sede do saber.

Eu toda vida fui pequenininha e com cinco anos de idade ainda era mais raquítica, mais miúda. Meu tio mais velho me botava na palma da mão e perguntava: '- Que é que tu vais ser?' Eu respondia: '- Professora'. Assim bem explicado. Ele dizia: '- Professora dos sapos é?' [risos] Aí ele não teve oportunidade de ver eu me formar porque, quando eu fiz meu terceiro ano pedagógico, ele já tinha falecido. Então eu disse: '- Oh, meu Deus, eu queria tanto tirar uma foto com o tio Raimundo numa hora dessas!' Ele era aquele tio que me aperreava quando eu dizia que queria ser professora.

Bom, a minha mãe inventava essas brincadeiras pra gente e quando era a festa da árvore - hoje eu estava me lembrando da festa da árvore - ela inventava da gente dançar na areia quente. Ela toda vida gostou dessas coisas, fazia a festa da árvore, a festa da bandeira... A gente hasteava a bandeira, cantava o Hino Nacional e o Hino da Bandeira. Todo dia pra entrar na escola a gente fazia fila, cantava e rezava, todo dia cantava e rezava! E eu que sabia ler por natureza, eu ajudava os coleguinhas.

Eu fiz o terceiro ano com minha mãe, já a 4ª. Série, eu fiz na cidade, com uma prima, num colégio que foi levantado em 1963. Eu estudava de tarde e, de manhã, ajudava minha mãe a ensinar os menores. Depois, com 13 anos, fui estudar em Fortaleza, onde fiquei um ano na Escola Medalha Milagrosa."

UMA FORMIGA QUE GOSTAVA DE INVENTAR

Formiguinha, nem precisa dizer, era menor ainda que Maria Zilda, não tinha uma mãe professora nem tanta facilidade para as letras. Em compensação, cabeça boa era aquela, para criar melodia, botar música em poesia e parodiar letra de canção. Apresentada que só ela, assumidamente foi 'a mais presepeira



do pedaço'. Então, quando aparecia uma festa na escola e havia necessidade de uma apresentação qualquer, aqueles papéis mais difíceis, nos quais a aluna havia que se expor, vencer a timidez, não tinha outra: '- Eu num vou, eu num vou. Bota a Formiguinha!' E ela ia.

"- Eu gostava muito de brincar. A professora me botava pra fazer as coisas porque ela dizia que eu enfrentava tudo. E era mesmo! Aí quando eu tinha oito anos, houve um Sete de Setembro, e Dona Chiquinha Joana, a professora, precisava de alguém para dizer aquela poesia, Meus Oito Anos, toda decorada, na festa. Eu toda vida fui apresentada, me levantei na sala, fui e disse a ela: '- Professora, eu só vou dizer se for cantada.' E ela: '- Como é que você vai cantar a poesia se você nunca ouviu cantar, se ela não existe cantada?' Respondi: '- Eu invento.' Aí eu inventei."



Formiguinha, na entrevista que deu pra gente, pegou então um caderno, tamborilou nele a melodia por ela inventada para Meus Oito Anos, de Cassimiro de Abreu, e saiu cantando e dançando a poesia até o fim: “Oh que saudades que tenho/Da aurora da minha vida/Da minha infância querida/Que os anos não trazem mais...” Quando Formiguinha terminou de cantar, a professora admirou-se: “- Como foi que você inventou isso?” “Num sei, ela respondeu”. Na entrevista, disse pra gente: “- Acho que ninguém nunca ouviu Meus Oito Anos cantado.”

Formiguinha aprendeu a costurar de olhos, isto é, por ver a mãe costurar. Ou melhor, de corpo todo, porque ela foi criada dentro do quarto de costura da mãe. Quando aos oito anos teve a permissão de pegar na máquina de costura já sabia o que fazer. A ocasião apareceu devido a uma queda que a mãe deu de um cavalo. Quebrou uma perna e um braço, era época de festa, muitas encomendas, e a mãe chamou Formiguinha: “- Minha filha, você e Maria - a filha mais velha, vejam se fazem alguma coisa por aqui.” Daí em diante, as duas irmãs “botaram o barco pra frente”, Formiguinha tomou gosto e costurou até morrer.

UMA EDUCAÇÃO SOFISTICADA

Aracati sempre teve um papel destacado na história da cultura acadêmica cearense, não apenas pela quantidade de agremiações e outras entidades artísticas e literárias que abrigou, como ainda pelas irmandades religiosas que desde longa data mantiveram instituições educacionais na cidade sede daquele município. Tal fato permitiu aos filhos e, principalmente, às filhas da elite local, uma educação rebuscada, na qual o conhecimento das artes europeias ocupava um lugar importante, principalmente as chamadas belas-artes, no caso a música, a pintura e as artes cênicas, pelo menos, até algumas décadas atrás.

Maria da Paz Pontes Venício, a Paizinha, foi uma das que teve essa educação privilegiada. Iniciou os estudos na década de 40 do século passado, aos três anos estava no maternal, depois no jardim de infância, fez o ginásio e o normal, no Instituto São José, ou seja, viveu a infância e a juventude dentro de uma escola, sob a orientação das irmãs de caridade. Além das disciplinas curriculares e religiosas, estudou praticamente todas as artes. No colégio havia clubes que reuniam os alunos interessados em torno de cada uma delas, o clube do teatro,

o clube da dança, o clube da música e o clube da literatura. Paizinha acrescentou ainda; “- Além disso, no nosso currículo havia canto orfeônico. Então, a gente tinha uma base de música muito forte, inclusive de música clássica, porque no colégio, tanto no São José, quanto no Marista, as freiras sempre que havia algum evento no auditório, antes de começar, elas botavam músicas clássicas e a gente ficava ouvindo”.

Linduína Barbosa também estudou no São José, mais ou menos na mesma época que Paizinha. Fez o primário no Salesiano e o restante do segundo grau no hoje Instituto São José. Descreveu-nos sua vida no colégio como uma trajetória de artista, tantas as peças que apresentou, tantos os números de dança em que foi protagonista: “- A gente apresentou várias peças. Tem uma, inclusive, que guardo toda na memória. Chamava-se, O Amor de Mãe. Não foi a primeira não. Eu já havia apresentado umas danças, uma vez eu fui a baiana, outra a pretinha, acho que eu tinha uns dez para doze anos. Depois eu fui para o Instituto São José e não parei, sempre me apresentando. Eu apresentava muito drama e participava do coral. A encarregava era a Tereza Dias. Eu participava também das Coroações nas Festas de Maio, que falavam das flores. Cada menina vinha caracterizada de uma flor. Quem escrevia pra gente era a Dona Rosália Nepomuceno. Escrevia e ensaiava.”

TRÊS GERAÇÕES

Na Barra da Sucatinga, pudemos ouvir da boca das mulheres da família Carneiro, a descrição da infância de três gerações: avó, mãe e filha. Edite, a avó, quando criança, ainda morava no Piquiri, comunidade praieira bem próxima dali. Falou-nos de sua infância, como diz o povo, despachadamente:

“- Nesse tempo tudo era diferente! Agora é tudo rico, num tem pobreza não! As meninas riem porque eu digo: eu alcancei pobreza ainda, avalie meus pais! Eu ainda alcancei pobreza! Agora quem é que é pobre no mundo? As meninas se riem quando eu conto. Eu digo: quando eu fui me crismar, a mamãe comprou um par de tamancos pra mim. Eu era tão braba que dentro da igreja era ‘tu-ru-cu tu-ru-cu’ que era pro povo ver que eu estava de tamanco! [ri] Se não fizesse zoada o povo num via que eu estava de tamanco!

Nesse tempo as brincadeiras eram no São João, no São Pedro e no Santo Antonio. Quando começava o mês de junho, a gente ficava muito boazinha

com a mamãe que era pra gente ir pro dendê. Aí a mamãe dizia: ‘- Isso tudo é pra ir pro dendê!’ Aí a mamãe deixava. A gente ia lá pro finado Manduca, que era o home grande do Piquiri. (O pessoal chama Barraca, mas, assentado no papel, o carimbo é Piquiri.) Lá ele tinha as filhas dele também. A madrinha Duda ia pedir a mamãe pra ela deixar a gente ir. Ela: ‘- Dona Edite (que era o nome de minha mãe também), deixe as meninas irem lá pra casa?’ Lá faziam uma fogueira bem grande e a gente brincava até num sei que horas.

Toda brincadeira se inventava lá. Brincava o dendê, brincava o casamento... tudo que era de brincadeira saía. Quando eram umas horas nós vínhamos embora. A gente só ficava até mais tarde, quando era o São João. E pedia a Deus que chegasse o São Pedro pra brincar. Agora, mamãe num queria brincadeira



Foto OB

era de festa, se quisesse ir pra festa tivesse paciência, mas eu era encapirotada e fugia pra ir pra festa! Apanhava! Mas eu era muito doida por dança, porque foi a coisa da terra que eu dei mais valor!

A brincadeira do dendê é formada por uma roda de moças e rapazes bem grande, cantando: ‘Mas o dendê (bis)/Manjericão miudinho/Num se corta de faca/Se corta de canivete/No bolso do namorado/Mas o dendê (bis)’. Aí nisso o dia amanhecia. A coisa mais ótima! Então, voltava pro Carneirinho (canta): ‘Carneirinho, carneirão, neirão, neirão/Olhai pro céu, olhai por chão, pro chão, pro chão/Pede a Deus Nosso Senhor, Senhor, Senhor/Para nós se ajoelhar’. E emendava: ‘O tim-tin do-lê-lê/O tim-do-lá-lá/O tim-tim da viola/Pega quem vai voltar.’ Isso era muito bom!”

No tempo de sua filha Maria, mãe de Roberta, as brincadeiras eram quase as mesmas: o dendê, as cirandas de roda... A diferença era a escola com seus festejos e comemorações, durante os quais as meninas se apresentavam. Foi nessa época também que apareceram os dramas. Roberta ainda pegou o final desse período em que os dramas, como rito de passagem pela adolescência, estava vivo. Porém, como uma daquelas meninazinhas, quase bebês, que de tão precoces, acabam fazendo alguma parte. Segundo calcula, tinha lá seus três anos de idade quando estreou num palco de drama:

“- Desde cedo eu sempre fui muito metida pra cultura, coroação, drama, em todos os eventos que havia na comunidade eu estava presente. Eu fazia a abertura. Eu lembro que era pequenininha, mas fazia a abertura do drama como borboleta e fazia a boneca também. Geralmente, quem faz a abertura são as borboletas. Foi uma experiência legal, até a minha adolescência, quando brinquei já como florista, ofertando flores aos rapazinhos. Lembro-me que, na época, era ótimo.”

ROMANCES E CANÇÕES

Quando Socorro Góes ingressou na Escola Ana Facó, de Beberibe, aos sete anos, em 1980, ela havia sido inaugurada há apenas três anos e funcionava precariamente.

“- A gente ia pra aula de tamanco, quando quebrava o tamanco a gente ia um pé com um tamanco de um par e o outro pé com um tamanco de outro. Não tinha merenda, Só água do pote, bebida naquelas quengas de coco, que do coquinho faz a quenginha pra botar o pauzinho. Chega corria aquela água lacrimosa, tão fria a água! Brincar, num tinha com que a gente brincar. Fazia bolas de meias e, na época do milho, fazia peteca pra bater, pra jogar. Mas a educação era belíssima! Respeito, respeitar os outros, cumprir as normas do colégio, fazer as lições.

Os meninos brincavam de peteca e bola também, mas chutando, enquanto a gente jogava vôlei. Quando era no dia 7 de Setembro era muita animação: quebra-pote, pau de sebo, corrida de saco... Mas num tinha nada pra gente comer, a gente ia às vezes com uma fome tão grande, só bebia água, ia, bebia e voltava.



Eu achava interessante a brincadeira Terezinha de Jesus, Atirei o pau no gato, La Condessa... La Condessa era assim: ficava uma fila de meninas e tinha uma, La Condessa, que era mãe das meninas. Aí chegavam outras meninas que eram os Cavaleiros, então um deles começa cantando.

Cavaleiro:

La condessa, La condessa

Língua de França e lanceta.

La Condessa:

Que quereis com La Condessa

Que por ela perguntais?

Cavaleiro:

Senhor rei mandou dizer

Que das filhas que ela tem

Lhe mandasse a mais bonita

Para com ele casar.

La Condessa:

Eu não dou as minhas filhas

No estado que elas estão

Nem por ouro, nem por prata

Nem por sangue de alazão.

Cavaleiro:

Tão alegres nós viemos

Mas tão tristes que voltemos

Que a filha de La Condessa

Nós daqui não a levemos.

La Condessa:

Volta, volta Cavaleiro

Por ser um homem de bem

Entre aqui nesse convento

E escolhe a que te convém.

(Aí o Cavaleiro pegava lá da ponta do cordão das meninas e saia escolhendo.)

Cavaleiro:

Essa fede, essa cheira

Essa come o pão da feira

Essa por ser mais bonita

Que vai ser do rei companheira.

La Condessa:

Vós levais a minha filha

Vejais o trato que lhe dão

O pão que o rei comer

O vinho que o rei beber

Ela também beberá.

(Aí o Cavaleiro saía com a menina, quando chegava lá adiante, sentava ela numa pedra.)

Cavaleiro:

Senta aí, bela menina

Vais coser e vais rezar

Que do céu há de cair

Uma agulha e um dedá

Palmatória de marfim

Para eu te castigar.

Depois os cavaleiros voltam para buscar as outras filhas de La Condessa. A derradeira é a mais nova. Aí descobrem que é um menino, mas ele foge e todos correm para pegar. Termina com um casamento.

Essas brincadeiras a gente fazia em noite de lua. Também podia ir pular corda. Depois cansava e se sentava no chão para ouvir aquelas histórias, aqueles romances como o de Dom Jorge e aquele em que o filho pede o coração da mãe para dar a uma menina que não gostava muito dele.”

ARTES E OFÍCIOS

APRENDENDO A VIRAR **HOMEM**

Entre os Lima/Vieira das Umburanas/Encruzilhada, menino era criado acompanhando os pais na lida da roça e na luta com os bichos, dentro dos currais, ou na mata. Estudo mesmo, um quase nada, no intervalo entre o almoço às onze da manhã e o retorno ao trabalho no campo a uma hora da tarde, diferentemente das meninas que podiam acompanhar as aulas com o professor, em casa, até um pouco mais tarde. As lições de vida eram aprendidas na convivência diária com os adultos. Uma forma de ensino dura, muitas vezes, que inclui provações, como essa narrada pelo músico dramista Francisco Vieira:

“Eu cansei ir pro roçado, papai me levava pro roçado eu nem podia ainda com a enxada. Ele levava só pro mode levar. Nesse tempo, a gente tinha o eito, os homens iam limpar o mato, tinha um bocado de trabalhador pro eito. Aí eu ia pro mode, quando os homens tivessem sede, eu levar uma cabaça d’água pra eles. Até um dia... Eu vou contar essa história, é uma história vergonhosa, mas eu vou dizer. Eu peguei uma pisa muito grande de meu pai no roçado, mas o culpado não fui eu. O culpado foi um compadre do papai, chamava-se Pedro Pororó.

Era uma turma de homens, duns dez homens, ia lá. Aí tinha o Caboclinho que era o mais velho, dos que trabalhavam mais o papai, e ficou atrás. Os outros tiraram a parte do eito deles e voltaram pro começo do eito. E alguns trabalhadores, o papai mais o Caboclinho, ficaram atrasados. E aí os que tinham voltado pro começo do eito pediram água, eu fui. Eu, nesse tempo, tudo o que mandavam dizer eu dizia, era destemido, era solto. Aí cheguei lá no começo, eles beberam água e pegaram a puxar por mim. O Seu Pedro disse assim: ‘- Chiquinho, você tem coragem de chamar fulano corno?’ Ora mais, se eu lá sabia o que diabo era corno! Aí eu fui: ‘- É corno!’ Eu lá sabia que palavra era corno, rapaz! Ainda mais um velho duvidando que eu chamasse.

Pra encurtar a história, eu sei que eu chamei todinhos de corno. O derradeiro

foi o papai. Porque ele foi e disse assim: ‘- Mas você num chama compadre Luís de corno. Eu disse:’- Corno!’ Aí o sacana num enredou! Ele disse: ‘- Compadre Luís, o Chiquinho tá chamando aqui todo mundo de corno e até propriamente o senhor. Aí o papai disse: ‘- Peraí.’ Era uma capoeira de roça, tinha muito oró, o oró é uma rama que faz, que enrola os pau de roça, que é mesmo que rede, a chibatinha de pau, sabe? Ela é mole. Aí ele puxou a faca, desfiou lá uma chibatinha dest’amanho... Eu olhando, mas eu lá sabia o que era! Rapaz, ele me pegou nesse dia no roçado, mas me deu uma surra, com licença da palavra, eu fiz cocô na calça!

Até hoje, é o capricho que eu tenho, ele pode ser o homem corno mais de duzentas vezes, que eu num chamo ele, é um capricho que eu tenho, eu num chamo. Chamo de veado, mas de corno eu num chamo. Eu num me esqueci mais dessa, nunca na minha vida. E num chamo não. É a palavra que eu num chamo com ninguém. Que eu num gosto não. Eu nunca me esqueci.

Mas tem uma coisa: teve o troco! Meu pai chegou, me mandou embora, eu vim, cheguei chorando. Aí a mamãe olhou aqui as minhas costas, estava o envergão, era um vermelho medonho! Aí eu contei. Mamãe disse: ‘- Deixa chegar.” Minha mãe chamava-se Bernardina Vieira, ela era uma mulher disposta. Aí quando meu pai chegou, chamou ele pra dentro e contou tudinho o que eu disse. Ele falou que só tinha açoitado porque num sabia. Porque se soubesse que tinha sido daquele jeito num tinha me dado essa pisa. Sei que a mamãe plantou a língua e disse coisa, num foi coisa pouca não. Essa parte eu gostei. Qual é a mãe que não defende um filho?

Nessa escola acabei aprendendo a trabalhar na agricultura. Trabalhei também na pecuária, papai tinha um gado. Depois que nós crescemos mais, aí eu fui acompanhar os vaqueiros. Eu comecei a trabalhar em campo, mas trabalhei pouco, quem trabalhou mais foi o Liberato, aquele outro meu irmão que acompanha os dramas no violão. Ele trabalhava era cru no mato, era desses que botavam o cavalo numa rês e era bom, mas eu trabalhei também e gostava da brincadeira de campo.

É porque a gente vai crescendo e vai vendo os outros trabalharem, a gente vai acompanhando e vai aprendendo. A primeira coisa que faz é banhar o gado, ajudar a tanger pro cercado. Começa assim. Aí quando a gente vai crescendo mais um pouco e vai andando a cavalo, vai correndo atrás da rês

e aprende, que nem eu campeei muito mais meu pai no mato, encourado, trabalhamos muito juntos. A primeira vez que eu coloquei um gibão, eu era novo, talvez tivesse uns quinze anos, mais ou menos, num me lembro mais.

Eu tinha vontade de botar um gibão, mas acontece que a primeira carreira que eu dei no mato, eu num peguei a rês. Acontece que uns primos meus foram pro campo e me convidaram. Eu fui no cavalo da mamãe, um cavalo que era só de caminhar. Quando o gado partiu dentro do mato, eles correram atrás, e eu, cadê eu pra acompanhar. Eu também num tinha bem prática. Mas depois foi continuando e eu fui aprendendo. Eu num era bem esperto não, mas também num era dos piores. Aí fiquei na carreira continuando até que deu certo. Mas que pegava rês, pegava!”

MOÇAS PRENDADAS

A elite do Aracati caprichava na educação de suas filhas. Além da educação esmerada ministrada nos colégios orientados por padres e freiras, cuidava de reforçar suas formações com aulas particulares. Maria da Paz, a Paizinha, foi uma das beneficiadas. Exemplo típico de quem teve o talento desenvolvido por uma iniciação primorosa nas letras e nas artes, desperdiçado, porém, com o casamento. Ela nos contou alguns lances de sua formação:

“- O meu professor de português fazia questão que nós lêssemos as crônicas da Rachel, que saíam na revista O Cruzeiro. Ele era o capelão do colégio, um padre já de idade, que ia ao seminário dar aula. Nesse tempo nós tínhamos aula de latim, francês, inglês e português, fazia parte do currículo. Eu tinha que usar o dicionário, o velho pai dos burros, que agora é o pai dos inteligentes. Está mudado, mas de todo jeito, a gente querendo saber o significado de alguma palavra é só ir lá e ele socorre. Então, toda aula do padre, nós levávamos dicionário e ele criou pra gente uma forma de aprendermos significados de palavras: ele mesmo dando as palavras que ele tirava do dicionário, as mais difíceis, as mais esdrúxulas que podiam ter. Ele chamava a Mariquita: ‘- Mariquita venha pro quadro, escreva aí’. E ele escrevia palavras.

Eu tocava em shows no colégio São José. Havia uma variedade de apresentações. Nossa banda era formada quase toda pela minha turma. E tinha declamações. Uma das vezes, eu tive que ir ao palco pra recitar uma poesia chamada Silêncio, num sei se vocês já ouviram falar. Num me lembro mais, mas

sei que o nome era silêncio. Sabe o que aconteceu? Eu era habituada na sala de aula, dia de sexta-feira era dia de declamação e a gente tinha que decorar. Mas dessa vez, eu subi e o auditório estava lotado. Quando a apresentadora me chamou pra recitar, foi um desastre. O Silêncio da poesia ficou assim... - literalmente.

Eu fiz curso de piano, não no colégio, no colégio era só canto orfeônico. Havia os instrumentos e uma bandinha. Fizemos a bandinha já no curso normal. Na minha sala tinham seis meninas que faziam parte da banda e na banda eu tocava acordeom. Eu tive aula de piano com duas professoras no Aracati. Eu fiz três anos de piano, depois parei, porque o ouvido começou a falar mais alto do que as partituras. Uma delas reclamou que ia lá dentro da casa dela e me deixava com a partitura aberta, de repente, na primeira aula, no final daquela



Foto: AH

música, eu já não olhava mais. Eu já tinha assimilado a música, mas sem a técnica. Eu começava a tocar sem a técnica. Quando eu num estava olhando, aqui acolá eu fugia da técnica. Meu ouvido era, é ainda é, muito sensível, e ela lá de dentro dizia? ‘- Você não está olhando para a partitura!’ Ela sabia tudo, era muito capaz. Então passei três anos estudando, com 14 anos abandonei, mas fiquei tocando. Nos meus 15 anos, meu pai me deu um piano e eu fiquei tocando de ouvido. Eu tinha também acordeom e violão.



Ai quando eu casei que fui morar em Fortaleza o meu noivo me proibiu de levar meus instrumentos. Eu era professora no Aracati e ainda tentei pedir transferência para Fortaleza, minha diretora não queria me dar a demissão. Ela deixava o ponto aberto e quando eu vinha a Aracati, eu assinava, preenchia tudo, e minha mãe ficou pagando uma substituta pra dar aula no meu lugar. Tudo um arranjo, num tinha nada oficial. E minha diretora dizia: ‘- Paizinha, você vai morar em Fortaleza, fique insistindo, fique falando, porque aqui eu vou fazer até onde der.’

Aí foi o jeito. Meu punho se encarregou de pedir demissão ao Governador e ao Secretario de Estado da Educação, eu tenho o Diário Oficial aí, quando eu vou mexer nos meus alfarrábios eu encontro. Daí pronto, fiquei doméstica assim, perdi toda a vontade de jornais, televisão, Jornal da Globo, revistas de informação, nessa época tinha a revista Realidade, a Manchete e na revista o Cruzeiro, que tinha sempre na última página já na contracapa, a crônica da Rachel de Queiroz.”

A história de Linduína Barbosa foi diferente porque o marido sempre apoiou seu trabalho intelectual e ela pôde ver seus dotes artísticos transferidos aos filhos. “- Eu sempre fui artista, eu declamava, cantava no coral, apresentava drama que hoje é teatro. Uma vez tirei o primeiro lugar num concurso de poesia sobre a pátria, que eles faziam no dia 7 de Setembro. Só parei quando terminei o segundo grau. Aí parei de fazer drama. Mas às vezes eu digo para os meninos que eu tenho tipo um trauma comigo porque era uma coisa que eu adorava, que mexia muito comigo. Só parei porque fui ser professora no Instituto São José. Ensinei língua portuguesa. Tinha vontade, mas nunca tive oportunidade de passar isso para os alunos, porque cada professora tinha sua atividade. Mas hoje, quando eu passo pelas colegas, elas param e dizem assim: ‘- Aqui era a artista a quem os filhos puxam.’

Evandro, presente à conversa, observa que Liduína é a mãe de Marcelo Barbosa, um multi-artista que se expressa nas artes plásticas e cênicas, muito querido na cidade, orgulho da mãe. Linduína arremata: “- Eu me realizo nele. Eu digo pra ele: ‘- Marcelo me bota num negócio desse aí, eu já tenho 70 anos, mas eu tenho vontade de ainda participar.’

Marcelo, ali na hora, promete realizar o desejo da mãe: “- Eu conheço algumas dramistas, a dona Formiguinha, a dona Francisquinha, filha da dona Maria Bahia. A

partir dessa identificação a gente pode formar um grupo de drama, pra realizar o sonho da minha mãe. Às vezes ela me cobra, tem vontade de estar participando.”

Linduína sente-se estimulada a fazer uma última revelação: “- Aí meu marido insistiu ainda pra eu ir fazer faculdade em Mossoró, mas eu era muito assim... Ele diz que era porque eu tinha ciúme dele, mas num era não. Era porque eu tinha medo. Parei de fazer drama porque num tinha mais oportunidade. Meu marido nunca interferiu nada na minha vida. Foi porque eu não estava mais na escola.”

OFÍCIO DE REZADEIRA

Entrevistei Dona Mariquinha, dramista, rezadeira e labirinteira do Córrego da Nica, em 2003, tendo como auxiliar de pesquisa a assistente social Lauriene Marreiro. Nessa época, ela estava com 72 anos e nos falou sobre sua vida, longamente. Relembrou dramas da adolescência e até uma surpresa que fez às suas netas: “- Ainda outro dia eu brinquei. As meninas fizeram aqui um drama e eu disse: ‘- Vou fazer uma palhaçada, vocês não digam a ninguém que eu vou me meter no meio de vocês!’ Aí elas fizeram a parte de um bêbado. Elas num davam no passo, né? Eu disse: ‘- Eu dou no passo ainda! Ainda dá pra eu fazer!’ – Tu dá, mãe?’ Eu disse: ‘- Dou! Agora, se vocês disserem eu num vou!’ Porque a gente indo assim sem ninguém saber é melhor, porque eu já sou uma pessoa de idade, já estou velha e num quis me apresentar no meio de um bocado de menina nova. Mas eu disse: ‘- Eu vou fazer a parte de um bêbado. Aí eu fui e fiz. A gente canta assim, ouve só: Eu sou um louco pela brincadeira/Eu faço isso tudo isso eu faço/Ando na rua bebendo cachaça/Com a garrafa debaixo do braço/Ontem à tarde eu escutei dizer/Que ia haver uma brincadeira aqui/Mas eu estava um pouco chutado/Me achava incapaz de ir. (risos) Aí eu fui dançar, eu e ameninazinha, porque é um bêbado que ia casar com uma menina, mas ela não queria ele, porque ele vivia bêbado, aí ela dizia os versos dela e eu dizia os meus.”

Além da lida com os serviços de casa e do labirinto, além das artes do canto e da cena, o ofício de Dona Mariquinha é rezar, rezar em ofício de cura, saber herdado de sua mãe. Sobre esta sua arte, ela não fez segredo:

“- Ah, eu gosto de rezar muito. Desde os nove, eu tinha um sentido de rezar mesmo, porque a minha mãe era muito rezadeira. Ela gostava muito era de ler na Bíblia pra gente ouvir. Aí ela rezava o terço, todo dia ela rezava. Quando era tempo da Semana Santa ela rezava aquele ato da quaresma todinha, da Paixão de Cristo.





Eu rezo, depende da doença que a pessoa se acha, está doente, se é uma dor de cabeça, uma espinhela caída, um mau-olhado. Com a espinhela caída, a pessoa sente assim falta de forgo (fôlego), não pode tomar suspiração, aí a gente mede, olha se tiver, a gente mede aí faz falta no corpo, e se num tiver é tudo normal. Se tiver, a gente faz uma cura. A gente reza. Não é coisa demais não, a gente pode ensinar. Eu vou dizer; a gente faz a cura da vítima que a gente quer rezar; se o senhor tem uma devoção com um santo, porque o primeiro santo que a gente tem que amar é Deus, porque toda reza é oferecida a Jesus Cristo. Agora, a fé está no senhor. Se o senhor se sente com aquela falta no seu corpo, eu vou lhe curar. Se o senhor também tiver problema da espinhela, o senhor vai ficar bom, se não for, o senhor procura um médico.

Rezo pra pessoa que tem zanga no corpo, que fica assim atrapalhada, ele fica perturbada, não dorme de noite, fica imaginando aquelas besteiras; porque às vezes a gente num perde o sono só imaginando certas coisas? Precisa o senhor ir num curador, fazer uma cura, depois é! Para isso, eu sei uma reza, que eu num vou dizer que sei todas. Tem dias que eu me sinto também tão difícil d'eu me entender, aí eu procuro uma pessoa que sabe mais do que eu, eu vou ao Aracati e procuro um curador, que eu num sei o rezar, eu sei fazer um pouco do que eu sei, né? Porque tem o curador que sabe rezar mesmo e conhecer, dizer assim: '- Você procure isso assim, assim'.

No Aracati, tem uma cega que mora ali perto do Expedito, ela cura muito bem. Uma ceguinha, ela é cega. Tem o nome dela, ela mora perto do Expedito. O Expedito é um homem muito conhecido, tem uma empresa.

É muito menino doente, que trazem pra rezar e trazendo pra cá, eu vou rezar e eles ficam bons. Começa a vir um, quando dá fé tem três, cinco, passo a tarde entretida. Tem dia que dá de noite e ainda tem menino, e eu digo: '- Deixe pra manhã o resto, porque eu vou cuidar desse gadozinho que eu dou de comer.' Ai quando é de manhã, eu vou e fico rezando. Eu rezo três vezes em cada criança. Eles vêm do município todo, num faltam. É de manhã, é de tarde. Quando eu não posso curar de manhã, eu curo à tarde, sempre eles estão aqui. Ainda ontem à tarde vieram dois. Hoje, graças a Deus, até essa hora, ainda num chegou não. Eles têm quebrante, mau-olhado, a criança fica doente, provocando, com febre, ai eu vou, rezo nele, ai fica bom. Vem moça, vem rapaz também. Eles têm quebrante, se sentem doente com uma moleza

no corpo e vêm pra eu curar. Então, eu pego um galhinho de ramo, rezo e eles ficam bons.

O raminho é porque Deus, quando veio ao mundo, pegava os galhos de ramo e rezava, assim diziam os mais velhos. Eu pego um galhinho de ramo, vou ali no pé de planta, dou três palminhas, eu me benzo e vou rezar. Deus quando era menino olhava pros cegos, pros aleijados e eu também vou rezar e vou curar os doentes como Jesus curava."

Maria Nunes, de Tanques, a Dona Mariinha, é outra iniciada no ofício de rezadeira. Conhece orações e procedimentos para a cura do quebrante, da espinhela caída, do mau-olhado, da *isipa* (erisipela), da *vermeia* e da carne *triada* ("às vezes, a pessoa fica com o pé inchado, cria aquela carne, aí é preciso rezar pra ficar bom"). Começou a rezar desde cedo observando as velhas rezadeiras. Nem sua mãe, nem seu pai rezavam. Aprendeu com Maria do Carmo, uma rezadeira que morava próximo. Ela e uma irmã. Rezou primeiro em crianças. As mães traziam para que ela rezasse. Depois passou a atender chamados.

Hoje, aos 88 anos, Mariinha, ainda atende em sua casa. Reza com agulha e linha, costurando, ou com ramo. Com a agulha, sai fazendo cruzeiros no novelo, enquanto profere as palavras da oração. Para carne *triada* (trincada), por exemplo, Mariinha usa a agulha e o fio. Pergunta: "- Quer que eu cozo?" Ai o doente responde: "- Carne *triada*." Daí, ela sai cozendo e rezando: "Carne *triada*, nervo *rinido* e osso torto/Assim mesmo eu cozo com agulha de São Frutuoso".

Com ramo, ela reza para ventre caído, vermelha, *isipa*, espinhela caída e dor de cabeça. Costuma usar um galho de mangirioba, mas na falta dele, pode usar qualquer galho verde. A oração para Vermelha começa assim: "*Vermeia* que está no mar, do mar entra para a terra, da terra entra para o osso, do osso para a carne, da carne entra para a terra..." Todas as orações que usa, Maria Nunes recolheu de velhas rezadeiras suas antepassadas e as anotou num livro, que guarda cuidadosamente. Muitas já não sabem de cor: "- Ave-Maria, minhas orações tem no livro! O pessoal me procura e eu preciso me lembrar pra rezar. As orações, eu copio e rezo. A cura quem faz é a fé, tendo fé a pessoa se cura!"

Kally, uma de nossas pesquisadoras, aproveitou para fazer uma consulta à Dona Mariinha. Ele pegou um cordão e fez suas medições: dores nas costas, espinhela caída na certa.



OFÍCIO DE LABIRINTEIRA

Dona Mariquinha continua descrevendo outro de seus ofícios:

“- Parte de nós aqui, no Córrego da Nica, é labirinteira. Só que também tem um baldeio de gente por aqui, o vira-lata. Já eu, vou pra Fortaleza, eu cuido desses bichos, eu corto...é com lata na cabeça, eu pego uma burra e boto na carroça, eu vou pro mato, chego lá, pego a enxada, tiro a carga de comer, boto na boca e vou m'embora pra casa. Quando é onze e meia, doze horas, eu estou chegando por aqui. Ai arreio a carroça pra dar de comer ao gado, boto comida, guardo a burra e vou cuidar do meu almoço. De tarde, se tiver um tempinho, vou trabalhar no meu labirinto. Eu arremato, eu corto, eu risco, eu faço tudo.

Eu pego o pano comprado na loja, rasgo a peça que eu vou cortar, eu risco, eu corto, eu encho e quando termino, eu lavo e depois estico. Quando consigo juntar muito, eu vou vender em Fortaleza. Era eu quem vendia o trabalho da minha irmã. Tinha semana que eu viajava três vezes pra Fortaleza. Tudo eu comprava lá, peça de linha, cambraia. Chegava aqui, partia pra comunidade. Ai se fazia o labirinto. Quando ficava pronto eu ajuntava o labirinto todinho, ia pra Fortaleza e vendia.

Eu vendia no mercado, vendia ali na Aldeota, vendia na Monsenhor Tabosa pra minhas freguesas. Nós trabalhamos muito com artesanato de Aracati. Eram sessenta e três labirinteiras mas acabou por completo. Hoje, tem vez que eu ainda arrumo umas trouxinhas de labirinto, uma pessoa pede e eu vou lá deixar. O labirinto não é caro, porque o que a gente gasta e o que a gente trabalha não é pouco. Nós trabalhamos de manhã, montando o tecido na grade. Quando acaba, a gente se senta na grade e faz um círculo, aquelas mulheres trabalhando, até dá onze horas. Aí, nós vamos cuidar de casa, cuidar de dar de comer a um bicho. Quando é de tarde, que acaba de arrumar, nós nos sentamos de novo naquela grade, pra continuar trabalhando até quatro, cinco horas. Às três horas tem a merenda pra quem tem. Eu trabalho até enxergar.

No trabalho, eu fico ouvindo umas musiquinhas, ali eu estou me entretendo. Quando num é, eu canto uns benditos. Eu canto e meu marido, quando ele lembra diz: ‘- Oh Mariquinha, para.’ Cantar é muito bom. Olhe, eu estou varrendo, eu estou cantando. Os meninos dizem: ‘- Vovó, a senhora vive cantando!’ ‘- Meu filho, é alegria que eu tenho!’ Num tem com quem eu conversar, eu fico

cantando meus benditos pra me distrair. Num falo mal de ninguém, nem de nada, ai fico cantando meus benditos. Sai ali na hora, já tenho decorado na cabeça. Agora eu vou cantar uma coisa antiga. É uma parte de drama: ‘Oh que tarde tão bonita para nós/Oh que noite tão feliz, aventureira/Só comparo com casal de beija-flor/Quando pousa num jardim beijando a rosa. (bis)”

O OFÍCIO DE PARTEIRA

Conversamos com Maria Ribeiro do Nascimento, de Encruzilhada, Fortim, mais conhecida por Dona Mariquinha, em Outubro de 2005, quando acabara de completar 72 anos. Como a xará do Córrego da Nica, além de brincar de drama, gostava de reza, porém diferentemente da outra, aplicou-se mais na arte de fazer partos. Na entrevista, nos deu uma aula sobre seu saber:

“- O ofício de parteira foi coisa de dote mesmo. Porque eu casei cedo demais, com 17 anos, até com um rapaz que meu pai não queria. Eu num precisava nem ter feito isso não, mas eu fiz, porque a vida era muito dura. Aí eu morava num deserto também, como aqui na Encruzilhada, era no Mamoeiro. Agora, lá no Mamoeiro, as mulheres quando precisavam vinham buscar uma velha que tinha aqui na Encruzilhada, isso uma distância duma légua e meia, quase duas léguas. Aí acontecia isso: quando elas vinham buscar a velha, às vezes, o marido mandava me chamar pra ficar mais elas enquanto ela vinha, muitas vezes aconteceu.

Eu ficava: ‘- Olha escuta! Olhe vá sentar!’ Muita vez acontecia que quando a velha chegava, a mulher já tinha tido o neném e era eu que tinha ajudado, justamente. Aí eu fui me dedicando a fazer parto. Fiz até muita viagem arriscada, atravesssei muita água, como esse Salgado. O senhor deve ter atravessado aí. Eu atravessava a cavalo, a nado nos animais, pra ir fazer um parto, porque nem transporte num tinha aqui pra gente levar pro Aracati, que era o canto mais perto. Aí eu fui fazendo. Depois, apareceu no Aracati curso pra parteira e eu fiz. A vista d’eu já estar dentro do quente, vou lá. Aí fui, participei. Mas num encontrei nenhuma dificuldade no curso com o médico.

Teve até um dia que ele fez uma entrevista com todas nós, sobre o parto de uma criança que num nascia normal e vinha nascer de pé. Ele chegou, dizendo que gostava muito de brincadeira. Falou que tinha um prêmio pra quem dissesse o que se devia fazer quando chegasse no queixo. Isso era





numa sala grande cheinha de mulher. Aí eu estava lá, esperei a vez das outras, porque tinha muitas de mais idade do que eu. Eu era das mais novas. Quando chegou lá pelo meio, o médico disse: ‘- Agora vamos corrigir. ‘Aí perguntou de uma por uma. Quando chegou a minha vez, eu expliquei pra ele como era, porque já tinha acontecido comigo. ‘- Quando chega no queixo, a gente apanha a criança e joga pra cima da mãe, porque no que a gente vira ela aqui, pra cima da mãe, solta.’ O médico confirmou que era assim mesmo e era o certo e que o prêmio quem tinha tirado era eu, porque nenhuma das mais velhas tinham acertado. E assim eu fiz. Fiz parto de três crianças, de duas, de tudo. E ganhei o prêmio. Foi lá no Aracati, no EFISESC onde eu participei.

Contei que de gente já fiz 1.212 partos. De animal eu num prestei atenção não, porque isso de uma hora pra outra me chamavam aqui, duma vaca, dum bicho qualquer, aí eu fiz uns pouco. Fiz também muito parto perigoso. Uma vez eu fui fazer o parto de uma concunhada minha. Foi na casa dela. Faltou energia no momento. Ficou tudo no escuro e pior é que na casa num tinha nem cama. Quando eu cheguei, ela estava levantada e disse avexada: ‘- Chegue aqui, me acuda!’ Eu cheguei, só fiz encostar ela na parede e mandei ela se segurar pra num cair em cima de mim. Peguei o menino e fiquei segurando, enquanto a vizinha foi na casa dela buscar uma lamparina, pra eu puder fazer o resto do parto. Não foi mais perigoso porque o menino nasceu muito ligeiro.

Agora, o parto mais perigoso que eu fiz foi aí nas Umburanas. A mulher já estava com três dias que sofria pra ganhar, eram duas crianças e eu não podia ir lá porque estava com febre. Eu tinha minhas orientações que se eu estivesse com febre não devia ir. Ia de derradeira, depois de num ter jeito mesmo, aí eu ia, porque eu prometi a meu Deus que por uma falta de uma diligência, num se acabava nenhuma nas minhas mãos, como num se acabou. Morreu uma dessas mil duzentos e doze, morreu depois que ela já tinha ganhado a criança com umas três horas, ela deu derrame e morreu. O médico disse que nem ele salvaria.

Pois é, agora, aí eu fui. O marido dela veio duas vezes aqui, isso era numa internada e eu me acabando em febre, caída mesmo sem me levantar com febre. Aí falei assim: ‘- Compadre eu podia ir lá, mas eu num quero, por causa d’eu estar com febre e ela estar assim já com três dias.’ Aí quando foi à boca

da noite, ele chegou aqui falou assim: ‘- Olha, eu vim aqui, porque ela está nas mãos de Deus, ela vai morrer e nas mãos daquela mulher que tem lá mais ela, ela num tem condição de ter a criança não.’ Porque nem ela sabia que eram dois. Aí eu disse: ‘- Vá chamar minha cunhada pra ela ir mais eu’. Minha cunhada tinha uma manguinha de farol, aí foi.

Eu saí daqui de dentro de casa me ardendo nessa febre, já com o pé dentro d’água e debaixo de relâmpago e trovão. E assim mesmo eu fui e com medo de relâmpago e trovão e tudo como tenho ainda hoje. Mas eu fui. Aí, quando cheguei lá encontrei ela botada, em pé, agarrada com as mãos numa enxada que num tinha mais onde segurar e numa corda. Eu falei assim: ‘- Aí não, você vai pra cama’. Ela disse: ‘- Ah eu num posso!’ Eu disse: ‘- Pode, nós lhe botamos na cama’. Aí, um irmão meu, que tinha ido mais nós, veio, nós ajudamos, pegamos ela e botamos na cama. Aí quando ela foi pra cama, deixei ela na posição como era de ser, que eu passei a mão na barriga dela, eu fui e disse pra mulher que estava com ela: ‘- São duas.’ A outra respondeu: ‘- Num sei.’ Eu disse: ‘- Mulher, você está hoje com três dias que luta com essa mulher, ainda num sabe o que é que tem aí!’ ‘- Ah, pois é.’

Aí ajeitei, botei um pra diante, botei outro pra trás, nasceu um. Aí depois, quando nasceu um, eu disse: ‘- Batiza que num está morto, está mortal.’ Aí ela batizou. Quando ela estava batizando aí veio o outro. Aí nasceu e eu afinal fiquei: ‘- Agora está tudo bem, está tudo calmo.’ Cuidei deles bem direitinho e dela, eles tornaram todos dois. Mas estavam pretinhos, pretinhos mesmo. Já estavam ficando sem fôlego. Aí eu cuidei deles dois e dela também. Deles, um anda no mundo que ninguém sabe se é vivo ou se é morto, outro morreu e a mãe deles também já morreu.

Outro caso era uma barriga de três, de cinco meses. Foi um desejo que a mulher teve. Parece uma coisa. Nesse dia eu num estava bem sadia não. Estava com uma dor numa perna, mas fui. Subi no pau da porteira, montei na garupa do cavalo e fui. Quando eu cheguei lá ela tinha tido um, mas estava na cama, direitinho. Aí eu ajeitei, arrumei, ela teve os outros dois. Agora, o que deu mais trabalho foi se desocupar, porque era numa placenta só. Mas graças a Deus ela está viva contando a história.

Tenho muitos afilhados por isso, eu num sei nem da conta mais. Est’áí um desses que eu peguei, esse Evandro. Ele num deu trabalho não. O pai

dele se arrumou e ia sair de madrugada pra Fortaleza, quando ele deu as costas. A mãe dele sentiu e mandou um rapaz que tinha em casa me chamar. Eu fui. Quando cheguei lá, ele num deu trabalho não, nasceu logo. Estava avexadinho e nasceu. Dava pra ter gravado ele chorando, porque quando ele chegou, ele contou um bê-á-bá danado, porque ele chorava mesmo era com força. Chegou falando. Fui eu quem preparei ele pra fazer a primeira comunhão e também a crisma.”

SANGUE DE PALAVRAS

Dona Mariquinha entra na parte mais secreta de suas revelações:

“- Aprendi com a minha avó, o modo pra tomar Sangue de Palavra, que isso é uma palavra que a gente num pode nem dizer. Sangue de Palavra e mais muitas orações igualmente a ela. Ah, essa do Sangue de Palavra é uma que se reza num momento que está sangrando muito um cristão ou um bicho, como aqui na Umburana, uma vez um rapaz me chamou e eu fui salvar a vida dum cavalo, que era o cavalo da fazenda do seu Luís Correia, o senhor conhecia? Pois é. Eu fui lá, salvei a vida do cavalo. Essa oração se chama

Sangue de Palavra porque é tomado o sangue da palavra. São as palavras que eu digo, justamente. É secreto. Foi uma mulher que me ensinou. Num são muitas palavras não. São umas palavras certas, repetidas três vezes. Agora ela me falou que eu só copiasse essa oração, pra dar a alguém pra aprender se a pessoa fosse um homem. Se fosse uma mulher, tinha de um homem copiar de mim pra passar pra ela. Isso porque ninguém decora assim de momento. A oração é assim, a gente se benze e fala: ‘Virgem Santíssima isto é que é sangue/Sangue se sustenta no corpo e na veia/Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo/Sentou-se na ceia...’(continua)

Aprendi muito com minha avó. Ela benzia criança, minha avó fazia essas coisas tudinho. Usava o ramo. Ela gostava muito de ensinar, ela sabia muitas e muitas orações fortes: oração pra livrar dos inimigos, oração de rezar em casa de noite ou de manhãzinha. Eu também rezo. Quando eu faço o parto, eu rezo. O Sangue de Palavra não, que o Sangue de Palavra só num momento... Foi a coisa que a mulher mais recomendou, que o Sangue de Palavra só se reza num momento de perigo. Agora, o Ofício de Nossa Senhora, a Oração a Nossa Senhora se reza para o parto, antes e depois, porque às vezes têm aqueles que demoram...”



Foto: AH

HISTÓRIAS DO LUGAR

UMA DOR PRO RESTO DA VIDA

Na casa de Dona Formiguinha há um quarto vazio, um vão à espera, um buraco sem fundo, um corredor que não leva a nada, uma dor que ela passou a carregar pelo resto da vida e que, agora a gente sabe, lhe acompanhou até a morte. Esta ausência teve início em 1997, e sua história ela nos contou no dia oito de maio de 2010.

“- Minha mãe teve poucos filhos, sete ao todo. Agora eu tive muitos, onze filhos, 17 netos, quatro bisnetos e sou morta de feliz por tudo. Só tenho a tristeza de um ter desaparecido. Até hoje a maior dor que carrego na minha vida é não ter notícia dele. Levaram meu filho para uma viagem, ele não chegou lá, nem me devolveram meu filho. Disseram que ele fugiu e eu não acredito. Ele foi pra Minas Gerais. [fala com a neta] Vá lá dentro pegar aquela foto do Paulo, vá! Aqui é minha netinha do coração! E esse rapaz aqui é filho desse meu filho, que está desaparecido. Você me desculpe eu estou botando uma coisa que não tem nada a ver com o assunto...

Levaram ele pra tomar conta d’uma tal de oficina! Meus filhos todos são mecânicos! Ele foi nessa viagem, inventaram de levar ele pra esse canto e eu não queria que ele fosse de jeito nenhum... Ele ia fazer trinta e três anos. Ele viajou no dia 14 de janeiro de 97. Esse aqui é meu filho! (Mostra o retrato) Ele aqui tinha uns vinte anos. Agora eu tenho uma foto ali em que ele é mais idoso. (Fala com a neta) Traz aí Traquinha! Elas num acham não! Ave-Maria! Ah! está aqui, no tempo em que ele viajou era esse! Porque ele trabalhava em moto, em carro.

Essa viagem, já estava com duas vezes que tentavam levar ele pra lá. Ai eu digo: ‘- Paulo, num adianta você ir pra acolá não!’ Francisco de Paulo, ele se chamava. Nas duas primeiras ele num foi não, mas na terceira conseguiram levar meu filho e até hoje eu choro essa dor.



Foto AH

Era pra ele ir trabalhar lá. Mas ele num trabalhava aqui?! Aqui num faltava serviço pra ele. Ele era trabalhador, ele era pintor, soldador... Tudo isso eles faziam, meus filhos. Esse pessoal lá disse que ele fugiu em Belo Horizonte, mas é mentira. Ele num saiu daqui do Ceará. Eu tenho certeza que mataram meu filho. O pessoal diz, mas não tem prova. Eu aqui como mãe sei que ele não saiu daqui, ele saiu acompanhado com essas pessoas e essas pessoas nunca viajaram, nem fizeram nada para saber do paradeiro. Foram na delegacia, mas não resolveram nada. E eu não sei o que fazer com essa história, é muito complicada! Só sei que quem levou meu filho está aqui, mora aqui no Aracati.”



NO TEMPO DO CARRANCISMO

Esse passado se deu num antigamente em que Aroeiras era um pequeno arruado cercada de mata fechada. Possuía pouca coisa além de uma capela, duas bodegas, uma casa que servia de escola e algumas poucas dezenas de moradas de taipa, em torno. Sua economia baseava-se numa agricultura para o autoconsumo: roças de milho, feijão e mandioca, casas de farinha e um carnaubal, que fornecia a matéria-prima para o trançado de palha das mulheres, na fabricação de embiras, surrões, tapetes e chapéus.

Os divertimentos se davam quase todos em torno da capela e dos festejos religiosos, além dos forrós de fim de semana e das brincadeiras de dramas durante as férias escolares. A mais animada era a festa de São João, isso lá pelos anos 30 do século passado, quando se deu o caso, contado por Luís de Sena Filho, Seu Diniz, com João Alexandre, devoto do santo xará dele:

“- Havia muito botequim, havia fogos, por sinal, se eu puder esticar mais a conversa; naquele tempo o transporte era cavalo, e chegou um sujeito chamado José Lalão, num cavalo, e quando ele chegou estavam soltando fogos e o cavalo se assustou. Aí o José Lalão reclamou dos soltadores de fogos entre eles Chico Passos, genro do João Alexandre: ‘- Num é pra soltar fogos aqui não, que o meu cavalo está espantando, está assustado!’ Aí o Chico Passos respondeu de lá: ‘- Eu solto aqui é com ordem do seu João Alexandre.’

O João Alexandre tinha uma venta grande assim esparramada, aí o Zé Lalão foi e disse: ‘- Aquele negro, venta de bezerro, num manda em nada aqui não! E é pra parar de soltar fogos!’ Aí Chico Passos sai e vai enredar o acontecido ao sogro, que era o dono da festa. João Alexandre ouviu calado e respondeu: ‘- Deixa que eu resolvo.’ Só disse isso.

Haviam parado de soltar fogos, Zé Lalão tinha amarrado o cavalo na cerca e entrado pra dançar. Já estava dançando todo animado lá com a namorada, quando João Alexandre entra com um facão rabo de galo amarrado na cintura e voa nas goelas dele. Puxa o facão e diz: ‘-Me chama agora de negro, venta de bezerra!’ Aí o Lalão, se tremendo todo, pede pelo amor de Deus: ‘Seu João, não me mate!’ ‘- Cabra, tu já aprendeste meu nome? Ainda há pouco era venta de bezerra!’

É só para ilustrar de como era a moral nesse tempo do carrancismo. Pois de outra feita, esse mesmo João Alexandre, um dia chegou em casa do roçado e



encontrou uns comboieiros arranchados. Entrou e estava lá um comboieiro na sala da frente só de calça, sem blusa. Olhe que naquele tempo isso era uma ofensa, um sujeito ficar sem blusa numa casa de família. Mas o que fez João Alexandre. Entrou, passou direto, foi lá dentro, deixou o saco de feijão na camarinha e voltou sem calça, só de blusa. E olhe que naquele tempo, homem não usava cueca. Os comboieiros se chocaram: ‘- Mas Seu João, o que é isso?’ ‘- Isso é porque se chegar outro comboieiro aqui, vai saber que o dono da casa aqui sou eu.’

“- E os namoros, Seu Diniz?” “- O namoro naquele tempo era muito sério! A moça e o rapaz pra namorar, primeiro sinal, batia com o olho, rebolava uma pedrinha pra dar o toque e outras coisas mais né. [risos] Um bilhetinho, um recadinho, tinham uns aviõezinhos que levavam as mensagens. A mãe e o pai da moça sentados ali pertinho com a lamparina acesa, pro cabra num se adiantar. Era um negócio muito sério, viu, naquele tempo! A minha mulher é desse tamainho, ela foi pescar. Eu aperreio ela, que ela é todo tempo menina.”

A OCUPAÇÃO DE AROEIRA SEGUNDO SEU DINIZ

“- Na fazenda Pimenteira que hoje é do Jaime de Aquino, morava o primeiro habitante dessa região, Félix Bernardo. Ele comprou da ribeira do Pirangi, do Aracati, do Rio Jaguaribe e da Ribeira do Palhano, que é o riacho que faz a divisa, até a serra do Félix, por cem mil réis, uma vaca parida e algumas moedas de ouro e de prata. Ele tinha um mateiro chamado Estevão, homem muito desbravador, que saiu tomando posse de todos esses lugares que antes eram habitados pelos índios Tupis.

Esse mateiro, ele saiu da Pimenteira foi até a Serra do Félix, onde havia uma vista privilegiada, saiu beirando a serra, quando chegou lá onde nasce o riacho da Umburana, ele viu, veio beirando o riacho, e nada de habitante. Até que, chegando numa mata muito grande de aroeira e carnaúba, resolveu: ‘- Eu vou botar o nome desse lugar de Aroeiras!’ E ficou Aroeiras, porque em Aracati tem outra Aroeira. A nossa tem o plural, tem o s. Depois ele foi descobrindo as lagoas, que aqui tem muito lugar chamado lagoa: Lagoa do Carão, Lagoa da Pedra Branca, porque tudo tinha um sinal, só depois foi habitando.



Até que ele descobriu uma lagoa, aí foi chamar o Félix Bernardo pra ver essa lagoa. Chegou lá não era a mesma lagoa, era outra lagoa. Botou, então, o nome da primeira lagoa de Lagoa do Engano, e a outra ficou sendo, Lagoa do Estevão, por que Estevão foi seu descobridor. O certo é que todos esses lugares foram descobertos pelo Estevão, o mateiro de Félix Bernardo.”

○ ZEPELIM

Em 1947, Socorro Góes era menina pixota, mas ainda se lembra da passagem de um zepelim por Beberibe. Ela estava com a mãe, que lavava roupa, tardezinha, junto com uma ruma de lavadeiras, próximo ao antigo matadouro da cidade. Havia uma cacimba em torno da qual as mulheres se reuniam, para puxar água e jogar conversa fora enquanto lavavam roupa. Lá pelas cinco horas da tarde veio aquela coisa no ar, imensa e silenciosa. Todas pararam abismadas. “- Tu estás vendo!” Nem um pingo de zoada, deslizando devagar. Depois, pegou velocidade em direção a Morro Branco. Aí todo mundo desabou correndo, dizendo que o mundo ia se acabar.

O Queca, artista e compositor do lugar, foi quem pintou o Zepelim de Beberibe pela primeira vez. Ele gostava de ir para as falésias do Morro Branco, pras barreiras, como se chama por lá. Dizia que as telas mais bonitas são as do por do sol. Socorro Góes quis comprovar: “- Eu subi até lá pra ver que, é a coisa mais linda, o sol! Aquela bola parece ouro. Então se ele já achava bonito o por do sol nas barreiras do Morro Branco! Nesse dia ele estava lá na barreira, na hora em que o Zepelim chegou e tirou de lá pra Fortaleza. Daí ele fez (canta): Vindo eu/Ver o Morro Branco/Subi no barranco/Pela beira-mar/Eu fui andando/Por cima do monte/Vi no horizonte/O Zepelim passar.”

VIDA TRANQUILA

Quando Mariquinha chegou em Córrego da Nica, com a idade de quatro anos, se contavam as casas pelo nome do chefe da família: “- O que morava acolá era João Venâncio da Costa, o que morava lá em cima era Manoel Ferreira da Costa, e a que morava ali pra cima era Maria Gregório, e dessa região aqui morava Lulu Nogueira da Costa e mais pra baixo morava Pedro Lourenço, aquela outra região mais pra baixo morava os Cláudio. Mais isso já se acabou tudo, só tem os netos.” Dona Mariquinha sai estirando a história, nisso ela tem prazer:

“- De que eles viviam? Deles brocarem roçado, plantarem feijão, melancia, dava muito seu menino! Quando eu me entendi por gente eles já eram velhos, os filhos já tudo rapaz, nós íamos pro mato quebrar lenha, os feixinhos de lenha pra cozinhar, sabe? A gente passava no roçado, eles davam melancia à gente, davam feijão em troca de peixe. Papai era pescador e eles eram trabalhadores de roçado.



Meu pai morava aqui também, agora a minha mãe era de Canoa Quebrada. Meu pai pescava na Canoa. Todo dia ele ia de madrugada pescar. Daqui pra lá deve ser meia-légua. Voltava às cinco horas. Quando o vento estava bom, ele chegava cedo, quando o vento era ruim, ele vinha já tarde da noite, nove, dez, eram as horas que ele chegava em casa. Mas ia. Ele estando bom, todo dia ele ia pescar. Só não domingo e às vezes, quando a navegação estava no conserto. O peixe ele vendia na praia e o resto ele trazia pro consumo da família.

O divertimento dessa época era nada, Só às vezes numa noite de lua, que eu lembre, eles saíam tocando violão, cantando nas portas das meninas que eles gostavam, faziam seresta. Agarravam um violão, um cavaquinho, e saíam nas noites de lua. Eu me lembro que nós gostávamos de ouvir as músicas, aprendíamos também pro mode poder cantar. Tem muita música... Mas mulher eu tenho uma coisa assim comigo, uma besteira da gente chorar, num sei por que é, acho que é nervoso, né? (Mariquinha enche os olhos de lágrimas.)



Minha filha eu vou dizer, o tempo da gente era muito melhor do que esse que está passando agora. Esse período em que nós estamos está assim muito agitado, um pessoal cheio de confusão, né? Naquele tempo era melhor, o pessoal era mais tranquilo, todo mundo se respeitava uns aos outros. O namoro era uma coisa séria, os rapazes chegavam na casa da gente, vinham bem direitinho, estava papai e mamãe. As serenatas, os rapazes faziam só eles mesmos, não era com mulher; eram só os homens. Chegavam tarde da noite, nove, dez horas da noite, aí começavam a cantar aquelas modas, tocadas no violão. A gente ficava tudo deitada no seu cantinho, só ouvindo. Eles encerravam e todo mundo procurava as suas casas, num existia essa bebedeira que há aí hoje.

Começavam os namoros nessas serenatas, a gente ia pras brincadeiras, tinha casamento, né? Sim, tinham os casamentos por aqui. Aquela moça mais aquele rapaz saíam convidando as famílias. Aí papai ia com a gente. Quando a gente gostava de um rapaz, começava a dançar com ele. Depois, ele falava de namoro.”

CONVERSA DE FILHOS E FILHAS SOBRE UM PAI

Luís Nunes Vieira, conhecido por Luís Lino, o velho seu Luizinho, era agricultor, comboieiro, mas principalmente vaqueiro, e dos bons, daqueles de pegar boi a pulso, pelo rabo, na caatinga fechada. Além disso, era animado. Tocava fole e fazia festa, sendo conhecido em tudo quanto é canto de Beberibe e arredores. Pra falar bem dele, se juntaram os filhos, ambos músicos de dramas. O primeiro Francisco, o segundo Luís, que foi logo dizendo ter herdado do pai o nome e o apelido de Luizinho, e o terceiro Liberato. Mas o início da história ficou por conta de Francisco:

“- Ele já tinha essa moradia que herdou do pai e ficou por aqui trabalhando. Arranjou um gado e era vaqueiro, trabalhou muito em campo. Deu muita carreira bonita em boi, o povo é que contava. Era vaqueiro do bom. Aqui o mato era muito em cima de casa. Mato fechado, pouca casa. A casa era ali donde é aquele salão, uma casa alta, a madeira medonha, umas portas medonhas, como o povo fazia antigamente. Mas estava muito velha, destiorada, aí ele botou pra cá. O movimento daqui era pra Aracati. Já o movimento do meu pai

era às vezes pra Cascavel, outras pra Aracati. Ele saía de madrugada daqui pra chegar no Aracati ainda escuro, em burro.”

Luís toma a palavra, pega no ponto em que Francisco deixou e continua:

“- Em burro, carga de burro, passo a passo. No Aracati, chegava na beira do rio e nós ainda dormíamos, ele inda pegado no sono. Ele levava um velho lá de nome Delmiro, eu me lembro como se fosse hoje. Tinha um banco de pau, aí ele forrava lá e mandava eu ir me deitar, inda dormia. Ele ia pra feira vender farinha, cera, comprar mercadoria.

Em Aracati todo dia tinha feira. Em Cascavel era dia de sábado. Mas que é longe Cascavel, viu. Às vezes a madrugada medonha e eu no meio da carga, cochilando, tacava os queixos no cabo da faca da cangalha. Eu sofri, mas num sofri não, porque isso não é sofrer. Porque papai dizia: ‘- Olhe, a pessoa se puder não deve perder o sereno da madrugada e não levar o sereno da boca da noite. Ele ensinava isso, que faz mal o sereno da boca da noite’. Agora, o da madrugada faz bem.

Eu viajei muito mais ele e ele me ensinava: ‘- Olhe, você vê uma coisa ali que num é sua, você num tem nada a ver, num tem por que você perguntar, não bula, só bula no que é seu. O que num é você passe. Foi o que ele me deixou de herança.

Nesse tempo só se cercava o roçado. Num se desmatava como hoje. Num se brocava aquele roçado no toco. Num arrancava mato não. A gente brocava aqui, mas a gente plantava no toco. Plantava carnaubal, plantava cajueiro, tudo no toco. Brocava, aí no outro ano plantava de novo, plantava dois, três anos no mais, e no outro brocava noutra terreno, plantava. Num arrancava toco. Aí hoje em dia se arranca até o toco, fica tudo desmatado.

Agora papai também gostava de festa. Era ele no fole, esse meu irmão no violão e eu aprendi a tocar pandeiro. Meu pai num cantava, ele só tocava. Gostava de tocar um chorozinho, uma marcha, um samba, bolero, xaxado, mazurca, xote.”

Para falar do pai, entra na conversa, Liberato, o tocador do violão: “- Eu mais meu pai, a gente passava a noite tocando. Em casamento, a gente tocava das duas, três horas da tarde até na manhã do outro dia. O pessoal dançando, anoitecia e amanhecia o dia.”





PEGA DE BOI NU

A melhor história sobre seu Luizinho, quem contou foi Umbelina, a caçula da família. Pacientemente, ela ouviu os irmãos falarem, contarem as proezas do pai. Deixou a sua para o final.

“- Uma vez meu pai andava campeando. Fazia dias que esperava pegar um boi e nunca dava certo. Quando ele chegou na Lagoa dos Alexandre, amarrou o cavalo, tirou a roupa pra tomar banho, o boi chegou na beirada da água pra beber. Aí ele estava já sem roupa, foi e montou no cavalo. Botou o cavalo atrás do boi e pegou ele lá dentro do mato. Pegou e amarrou. Pegou a pulso, correu atrás, botou no chão e pegou. Derrubou pelo rabo, quando acabar pulou em cima e... Porque o boi era arisco. O boi era muito brabo. Aí num dava tempo dele vestir a roupa. Ele tava tomando banho.

Tirou o cabresto do cavalo e amarrou o boi, deixou ele lá, amarrado, e veio no cavalo solto. Foi pegar as outras coisas, mascara e tudo pra botar. Voltou pra casa. Aí o pai dele, meu avô, perguntou, por que ele num tinha vestido a roupa. Ele respondeu que se fosse vestir, o boi tinha ido embora.

O cavalo do meu pai se chamava Preto. Meu pai campeava nele, quando ele derrubava boi, que botava no chão, que ficava lá em cima do boi, o cavalo vinha e encostava juntinho dele, que era pra meu pai tirar a mascara, o chocalho e botar no boi. O cavalo vinha e encostava pra ele tirar, já era acostumado. Dessas histórias eu num sei muitas, mas o meu irmão que é o pai deles sabe muito mais. Que meu pai era meio bom, no mato, era!”

Luís Nunes, o filho, junta: “- Hoje em dia, nessas fazendas, tudo é desmatado, a gente vai pegar boi em campo aberto, corre atrás no cavalo e laça. Mas vá laçar em mata fechada como antigamente. O cabra pra pegar o boi dentro da mata, se for ruim ele fica enganchado e o boi vai se embora. Tem que acompanhar cada passada do bicho, se tiver coragem vai, se num tiver o boi vai se embora. Num pode laçar dentro do mato né. Porque se for botar engancha a corda nos paus.”



CARTA DE AMOR, GUARDADA NA MEMÓRIA DE GERALDO LIMA

“Vou começar logo a carta

Por quatro peças de flores

Eu lhe acho parecida

Amores da minha vida.

Tens a aparência da rosa

Sendo a flor mais melindrosa

Lhe acrescenta valor

Pra lhe fazer mais formosa.

És a rosa do cerrado

És o bogari, a angélica

És o Santos-Reis enfim

Filho do chão orvalhado.

Se no mundo houver alguém

Com encanto tanto assim

É bastante para mim

Sua beleza e candidez.

Foi a natureza que fez

A graça que você tem.

Porque teus olhos, meu bem

Têm um mar que me dá calma

Onde irei com todo gosto

A morrer estou disposto

No recanto de tua alma.

Se por infelicidade

Um dia você declarar

Que nunca me teve amizade





Faço minha despedida
Transtornado de saudade
Dizendo adeus querida
Não é assim que se faz
Adeus para nunca mais
Consolo da minha vida.

Quem escreveu esta carta foi uma velhinha criada na casa do meu avô, que mora hoje lá no Pau-Branco. Meu pai começou a namorar com minha mãe, aí ela fez essa carta a pedido dele e mandou para minha mãe.”

O SUJEITO QUE FICOU DUVIDANDO – HISTÓRIA DE GERALDO LIMA

“- Nós fomos tocar um Judas aqui na igreja do Pirangi, eu mais meu sogro, meus cunhados, o irmão meu também andava. Sei que nós andamos com o Judas pra banda da Palmeira e quando chegamos de tardezinha lá na bodeguinha que o dono era amigo dele, do compadre Luís Lino, tava o velho lá bebendo pra glosar mais ele. Aí começaram a glosar, começaram a glosar e lá vai o pau. Do meio pro fim meu sogro mandou eu entrar na glosa, que ele num estava mais aguentando, o velho era muito glosador. A glosa é a décima.

Só sei que comecei a glosar de um até dez:

Um padre dizendo missa
Dois sacristãos ajudando
Três rezadores rezando
Quatro cabras com preguiça
Cinco leis sem a justiça
Seis mesas de catimbó
Sete rodas de cipó
Oito paus de macaxeiras
Nove velhas cozinheiras
Dez pratos de mocotó.

Dez pratos de mocotó
Nove velhas cozinheiras
Oito paus de macaxeiras
Sete rodas de cipó
Seis mesas de catimbó
Cinco leis sem a justiça
Quatro cabras com preguiça
Três rezadores rezando
Dois sacristãos ajudando
E um padre dizendo missa.

U’a fábrica de tecido
Dois torcedor à torcer
Três roda grande a correr
Quatro cangas de vestidos
Cinco ais com seus gemidos
Seis amores sem maldade
Sete becos na cidade
Oito correntes franzina
Nove cavador de mina
Dez batalhões de soldados

Dez batalhões de soldados
Nove cavador de mina
Oito corrente franzina
Sete becos na cidade
Seis amores sem maldade
Cinco ais com seus gemidos
Quatro cangas de vestidos
Três roda grande a correr
Dois torcedor a torcer
E u’a fábrica de tecido.



Com dez eu levanto a casa

Com vinte eu raspo os esteio

Com trinta eu parto no meio

Com quarenta eu faço a base.

Com cinquenta o nome é casa

Com sessenta a obra é singela

Setenta porta e janela

Com oitenta arriba o mar

Com noventa corre o barro

Com cem eu tô dentro dela.

Com cem eu tô dentro dela

Com noventa arriba o mar

Com oitenta chega o barro

Setenta porta e janela

Sessenta a obra é singela

Com cinquenta o nome é casa

Com quarenta eu faço a base

Com trinta eu raspo os esteio

Com vinte eu parto no meio

Com dez eu levanto a casa

O sujeito lá, quando eu glosava de um até dez, ele glosava de 10 até vinte!

Mas quando eu desci de dez até cem ele calou a boca. Disse mais nada não.

Ai nós ganhamos a festa. O bate-papo foi uma coisa medonha! Nossa turma que andava sabe.”

○ PADRE E O JERIMUM

“Você conheceu o padre Estevão? Ele era de Russas, irmão do Manuel Honorato. Um dia, padre Estevão tinha celebrado missa e ia voltando, quando apareceu uma velhinha com um jerimum: ‘- Mulher, me venda esse jerimum?’ ‘- Vendo não.’ Primeiro ele pediu e ela disse que num dava. Depois falou em comprar. Ela disse que num vendia que era pra fulano de tal. E o padre: ‘- Me venda o jerimum ou me dê que eu celebrou uma missa pra você!’ Aí ela moderou e disse: ‘- Está certo, eu dou.’

Então o padre disse pro sacristão: ‘- Vamos rezar a missa, logo e logo. Encosta aí nessa casinha!’ O sacristão encostou na casinha e benzeu a velhinha. Benzeu tudinho, recomendou. O padre deu a comunhão, aí disse: ‘Pronto, agora eu vou embora, você vai embora, está tudo abençoado e o jerimum...’. O sacristão, que era o Manuel, pegou o jerimum velho medonho: ‘- Bota aí na cela e vamos levar o jerimum.’ Andaram um pedaço, o Manuel disse: ‘- Mas o padre Estevão tem cada uma!’ ‘- Por que Manuel?’ ‘Celebrar a missa por um jerimum!’ ‘- Manuel, a missa celebrada por tu num vale mais do que um jerimum!” (Raimundo Bernardo, Forquilha)

NA SECA DO 15

Raimundo Bernardo era menino nessa grande seca. Raimundo Inácio era o homem rico do lugar e os Aderaldo, família de Bernardo, era de gente pobre. Só que um filho dos Aderaldo casou com uma filha de Raimundo Inácio e as famílias se misturaram. Então, na seca, Inácio deu dinheiro pro pai de Bernardo cuidar do gado dele e tomar conta do seu. Raimundo Bernardo se lembra, “os meninos botando sentido nos animais lá do outro lado, eu queria ir e a mamãe num deixava. Judiavam comigo. Me pegavam e eu rodava, rodava, rodava, quando me soltavam, eu ficava no chão bêbado, caído, eles corriam e iam se esconder.”

O QUE TINHA DE BOM EM PAU-BRANCO

Maria Linduína começa contando tudo que havia de ruim em Pau-Branco, só mais lá pro fim vai aparecendo o lado bom daquele tempo:

“- Pau-Branco era um lugar muito esquisito, num tinha água, aliás até agora ainda continua quase o mesmo problema. Mas era muito difícil a vida aqui pra gente. Pra beber a gente tomava uma água que fazia nojo de tão barrenta. Vinha de um barreirozinho que havia ali no açude dos Facunde. Água boa mesmo só tinha quando chovia. Nesse tempo num tinha cisterna, a gente aparava no pote. Quem tinha mais vasilhas aparava mais, quem num tinha, muito pouca. Quando o inverno era bom, a gente colhia alguma coisa, passava aquele tempo comendo, depois ficava na maior dificuldade. Hoje melhorou muito pouco, se vive de agricultura como antigamente, no mesmo regime. Melhorou porque o governo deu oportunidade as pessoas



de fazer empréstimo para plantar cajueiro. Antigamente se vivia da palha da carnaúba, vendia para tirar cera, também fazia embira e chapéu. Mas agora a gente nunca mais fez. Num sabe nem onde vender isso! Antigamente a gente fazia embira e vendia, namorava fazendo as embiras! Passava a noite, ainda fazia o serão, sabe como é o serão? Todo mundo namorando, com a trança na mão, ninguém tinha liberdade de soltar! [ri] No serão da trança, você riscava aquela palha, aí botava tudo nos feixinhos, todo mundo sentado com a moinho de palha, uma roda de gente contando história. [ri] Se num tivesse lua ninguém trabalhava.”

Lúis, marido de Linduína, pega a palavra e entra na conversa:

“- Esperava pela lua. Quando a lua estava bem clara, o pessoal se reunia e passava quase a noite namorando, contando anedota, tomando um aluazinho, comendo um pedacinho de bolo. Vendia a embira ali no Zé Nogueira, que ficava em Aroeiras. Num existe mais não, o velhinho! Faleceu agora há pouco tempo. Aqui era muito bom, muito divertido, não tinha violência como tem agora. O pessoal num se empolgava com bebida. Agora não, o pessoal é bebida, bebida... Eu até falei pras minhas filhas, nesse tempo chamavam-se as tertúlias. Como eram as tertúlias? Aquelas brincadeira improvisadas, a gente dançava, todos brincavam que molhavam a roupa, ficava todo mundo, ficava suado.”

UMA CONVERSA ENTRE DUAS AMIGAS NO PONTAL DE MACEIÓ

Neci Viana: “- Pontal de Maceió era um lugarzinho acanhado, as casas de taipa cobertas de palha. Algumas eram de tacaniço. Os homens, quando iam pro mar, coitados, o que traziam mal dava pra alimentar a família. Se uma pessoa ia numa bodega comprar fiado, pra quê? Pra pagar com quê? Se ia pro mar, no dia que fazia, ele dava de comer pro filho, no dia que num fazia, coitado. A gente sofria. Eu tiro por mim. Meu pai era pescador, ele ia pro mar, trazia aquele peixe, a mamãe ficava em casa trabalhando no labirinto... Aí foi tempo que eu fui crescendo, mãe me ensinou a trabalhar também em labirinto. A gente fazia aqueles trabalhozinhos, ia deixar no Aracati e recebia aquele dinheirinho, era dois e cinquenta, mas do dinheiro antigo, uma mixaria!



Mas tinha a escola da Colônia dos Pescadores. O meu pai foi professor lá. Ele sabia ler e escrever. Eu estudei lá. Já desmantelaram. Hoje a escola está situada ali pra baixo onde tem o colégio. Eu num sei da leitura de hoje, mas eu num sou cega no conhecimento não. Naquele tempo era uma lamparinazinha cheia de gás. Eu talvez tivesse uns oito ou nove anos. Num tinha carro, onde existia carro era só no Aracati, a gente ia embarcado nos botinhos pra Aracati, chegava lá no posto, tinha o posto do Chagas, aí a pessoa descia e ia fazer... Não tinha estrada, só tinha a estrada do fio, como chamavam, que ia pro Aracati, mas num andava ninguém por lá porque era muito longe. O meu pai ele começou a comprar labirinto aqui no Maceió pra levar pro Aracati. Ele saía umas horas da noite pra chegar de manhãzinha. Nesse tempo o que a gente via no mundo era só o grito da raposa, somente, podia andar. O papai saía com dois sacos de labirinto amarrado aqui. Ele comprava aqueles labirintos, mandava lavar, esticava na grade, botava dentro daquele saco, amarrava e botava aqui na frente um saco e nas costas outro, aí ele ia embora.

Se a pessoa estivesse doente ia pra Aracati. Botava a coitada numa rede amarrada num pau, e levava lá pro posto. De lá, pegava um bote, botava a pessoa dentro e a pessoa ia. Porque não existia carro, não senhora. Se fosse pra morrer, morria, de repente mesmo, porque daqui, olhe, a gente ia pra Aracati. Quando era a favor do vento, tudo bem, mas contra o vento... Contra o vento e contra a maré... O bote era todo tempo pra trás, a gente dando bote e ele indo pra trás.

Aldeiza Silva: “- O labirinto, graças a Deus acabou-se. Eu não vivo mais de labirinto não. Labirinto se acabou, sabe por que? Ninguém num trabalha, eu já estou rebotalha velha, mas se fosse pra trabalhar eu ainda trabalhava. O labirinto é sem futuro, embora tenha delas que trabalhe. Eu vou lhe dizer, um metro de linho está custando dez reais, a gente compra um tubo de linha pra encher, cinco reais, o tubo de paleitão, cinco reais, o tubo de 200, cinco reais. Aí a gente vai fazer, pega aquele linho, manda cortar na cortadeira, ela pede três reais pra cortar todinho, aí desfia. Tudo é pago. Aí a gente vai encher, quando termina aquele trabalho todinho, por quanto é que o Valdemar quer comprar o cento? Pelo amor de Deus!

O Valdemar é quem compra labirinto, mora no Aracati, olhe, por 22 reais, às vezes muita pessoa compra por 25, e assim continua. Isso dá futuro?! Eu faço



porque eu num sei estar brincando. Quando eu acabo de fazer minhas coisas na minha casa, eu tomo banho, me sento e vou trabalhar.”

Neci: “- Eu num faço não, num é porque já esteja velha, não. É porque a pessoa trabalha tanto pra quando acabar não dar pra comprar um vidro de remédio. Minha irmã, pra que serve uma coisa dessa.”

Aldeiza: “- Agora, hoje, eu nem sei o que é que se planta por aqui, acredita que eu num sei! Os homens daqui, a maior parte, trabalham no mar, pescam. No dia que vão trazem um bocado pra comer. Eu tenho uns filhos que estão trabalhando num hotel novo, na praia. Os meninos trabalham tanto, chegam em casa doentes das costas! Lá tem uma coisa que estão botando, a brita, pois é um peso medonho e eles carregando naqueles carros de mão. O Guilherme fica doente. Eu já disse que ele deixasse porque é muito peso, criatura! Muita gente está deixando.”

Neci- “- Eu ouço dizer que o ganho num paga o trabalho que eles têm.

Aqui nesse lugar não tem nada não, seu menino, é um lugar abandonado! O rapaz num tem em que trabalhar, pra ganhar um tostão. Eles vão pra Fortaleza. Eu tenho três filhos em Fortaleza, trabalhando lá e esses dois estão aí. O Dodô, o Guilherme e o Marcelo, todos três têm mais de 20 anos, tudo aí.”

Aldeiza: “- O Dodô, esse meu caçula, o nome dele é Alípio, eu vou lhe falar a verdade, ele num conhece nem a Canoa Quebrada! Tu acreditas? Ele nunca foi lá, nem sabe de que jeito é. Agora num sei se o Guilherme já foi, mas o Dodô num foi. Eles brincam por aqui. Têm umas festas ali, aí às vezes eles vão de noite e vêm se embora pra casa, quando não ficam ali pela pracinha. As meninas são do mesmo jeito, vão pra festa de noite. Quando num é, ficam ali pela pracinha Outros dias vão pra novena de noite, vão pra igreja, vão pra missa e de dia, vão pra escola delas.”

Neci: “- Hoje, a festa é de noite de sábado, um carro de som e muita gente ao redor. Tudo acontece, até morte. Às vezes vem bandas, às vezes não, de fora ou mesmo conjunto daí. É forró. Eles têm o CD e colocam, aí fazem de conta que tocam. Se num tivesse isso, era uma solidão maior do mundo, meu irmão! Essas meninas mocinhas, adolescentes, não têm curiosidade de saber dos dramas. Nunca se interessaram.”

UMA HISTÓRIA MUITO TRISTE

“Antigamente, por aqui, ninguém podia ter amizade de sair por aí nas casas dos outros. Seis pra sete horas da noite, as casas já estavam tudo fechadas. Porque nossa lei era diferente, ninguém ia pra casa de vizinho nenhum porque num tinha esse costume, só se fosse um negócio, que o pai da gente mandasse. Podia morar perto, mas ninguém via menino em casa dos outros, brincava só. Porque a gente quando é criança gosta de brincar na casa de uma amiguinha. Eu mesma cansei de sair pra ir brincar

Meu pai morava assim na frente, tinha outra casa assim pra trás, tinha a finada Francisca que já morreu, aí eu saía. Mamãe me procurava, me chamava: ‘- Neci, Neci!’ Aí eu gritava: ‘- Senhora!’ Quando eu dava fé ela chegava no meu rastro. ‘- Ói, você vai apanhar, o que é que você está fazendo nas casas?!’ Eu respondia: ‘- Não, mamãe, é porque eu vim aqui mais a Francisca pra brincar. Eu queria brincar porque eu sou sozinha’. Ela disse: ‘- Não, num tem esse negócio de brincar não. Vamos pra casa, senão você apanha’. Aí eu saía chorando pra casa, ia embora.

Quando eu me formei mocinha, que o pessoal começou a sair pra dançar, foi o tempo que o papai desmantelou a casa lá na colônia e veio morar aqui. Aí, de seis pra sete horas, a casa já estava fechada, a gente estava tudo deitada, eu, mamãe, papai, éramos só nós três. E o pessoal passando pras quermesses. Eu tinha tanto desgosto na minha vida!

Então, eu metia o par de queixo a chorar. Chorava, chorava, e papai percebia que eu estava chorando. Ai papai dizia assim: ‘- Está chorando? Pode chorar que eu num vou sair daqui, num vou com você pra festa não’. Eu respondia: ‘- Não senhor, num estou chamando o senhor pra ir não’. Ele dizia: ‘- E a sua mãe, já está dessa idade, velha desse jeito, pergunte a ela se ela sabe o que é festa, que ela nunca viu na vida’.

Mamãe num sabia nem o que era festa. Aí eu falava com cuidado pra ele num se zangar: ‘- Agora eu vou dizer uma coisa pro senhor, eu num tive sorte na minha vida, porque todo mundo teve irmão e eu num tenho nenhum irmão’. Era isso que eu dizia, porque se eu tivesse irmã ou irmão, podia até ser que ele deixasse eu sair mais o meu irmão, né? Eu chorei muito, porque se tinha uma coisa que eu era alucinada era por festa.” (Neci Viana)

A HISTÓRIA DA SERRA DO FÉLIX

O nome da Serra do Félix foi dado em homenagem a Félix Bernardo, um dono de gado lá das bandas do Aracati, que andou na serra depois dela já ocupada, não apenas pelos índios, mas até mesmo por outros brancos e caboclos, como ele, derrubando mata e matando bichos. Tinha o vulgo de matador de onça, porém não poupava veado, tatu ou peba que fosse, bastando passar em sua frente. José Fernandes de Moraes, seu Zuca, memorialista, da mesma Serra do Félix, um dos seus moradores mais ilustrados, qualifica de injusta tal nomeação e reivindica a mesma para seu bisavô Baltazar José da Costa, agricultor já sediado no local, antes da chegada do dito matador de onça, bicho aliás hoje completamente extinto na região.

Além de agricultor nas horas vagas, esse Baltazar, que me lembra conhecido boneco do teatro de mamulengos, era não apenas consumidor como propagador de uma boa cachaça. O caso era que, além de sua bodega central, tinha oito bodeguinhas espalhadas por diferentes recantos da serra, como a marcar terreno na dita cuja. Sua predileção era pela genebra, cachaça especial, tida com poderes curativos. Conta-se até que, certa feita, ele vinha a pé, lá do Córrego do Meio, “quando chegou aqui perto, onde hoje é a fazenda da Faisa, e havia um jucá muito grande com uma cascavel enrolada. A bicha cravou a presa nas pernas dele. Aí ele tirou a garrafa da genebra, bebeu um pouquinho. Batia na cabeça da cobra e botava cachaça na boca dele. Assim matou a cobra e foi embora. Quando chegou lá, a perna coberta de sangue, perguntaram: ‘- Que foi isso, Baltazar?’ ‘- Isso foi uma coisa que houve pra acolá.’ Aí o pessoal acendeu o fogo e voltaram no trilho de sangue que ele deixou. A cascavel estava lá, uma cascavel de 18 anos! Mas ele tinha corpo-fechado. Ele matava uma cascavel com a genebra potente. Era feito de barro duro, matava, botava na cabeça, a bicha, abria a boca, botava água, botava cachaça também na boca da cobra e botava na boca dele.”

Foi assim que ouvimos a história contada por Seu Zuca, na defesa de que, pelo menos, metade da Serra do Félix deveria se chamar Serra do Baltazar. Ele nos disse, também, que certa ocasião quase houve briga entre os dois, porque o Félix estava tirando cedro em terras reivindicadas por Baltazar e foi preciso a intervenção de um juiz, que demarcou o limite exato entre as propriedades

de ambos: do lado nascente é de Aracati, fica para Félix, do lado poente é de Cascavel, fica para Baltazar. Nesse tempo não existia ainda Beberibe.

Próximo de onde hoje fica a sede do distrito de Serra do Félix, Seu Zuca mostra os escombros da antiga casa-forte de Félix Bernardo: “- Essa casa do Félix Bernardo era de aroeira. A forquilha de aroeira é toda lavrada em quatro faces e enterrada com dez palmos de fundura. Só não se vê agora porque o pessoal gosta de destruir. Mas esse pau eu via muitas vezes quando ia pra Russas com a mamãe. Eu dizia: ‘- Mamãe e aquelas forquilhas tão bonitas acolá?’ Ela respondia: ‘- Aquilo é da casa do Félix Bernardo, o vulgo matador de onça.”

Maria Zilda Nogueira conta a história da Serra do Félix com ligeiras variações. Mesmo reconhecendo que ali já existiam índios, ela também aprendeu que tudo começou com os “dois titãs”:

“- Essa terra surgiu de dois nomes muito fortes: um foi Félix Bernardo, o herói da Serra do Félix, e o outro foi Baltazar José da Costa. Baltazar era de um lugar por nome Andresa, que pertencia na época a Cascavel. Veio por dentro do rio Pirangi e saiu no Riacho do Toco, na localidade onde hoje é Vitoriano. Daí pegou a estrada em procura da Serra. Ele vinha caçar. Quando chegou aqui, olhou pra serra e disse: ‘- Essa serra deve ter muito tatu, peba, onça!’ E tinha mesmo, até índio! Baltazar José da Cunha foi o primeiro homem que morou nesta terra.

Quando ele chegou aqui e viu Félix, Félix disse: ‘- Eu sou de paz, estou aqui para matar os animais.’ Aí o outro foi, disse: ‘- Eu também sou de paz, estou aqui para matar os animais. Vamos dividir a terra!’ Essa história foi contada por meu tio mais velho, Sabino, casado com minha tia-avó, Maria Pereira. Eu tinha 16 anos de idade quando fiz essa pesquisa com ele. Eu digo: ‘- Alguém tem que ficar com o nome da terra.’ Ele ainda convalescente de uma doença passou a história da Serra do Félix do princípio, até aquele momento.

Então, Félix e Baltazar dividiram as terras e ficaram, um pro lado de lá, do cume da serra pra direita, pro Aracati, seria dele, Félix, e pra esquerda, pro Cascavel, seria de Baltazar. Baltazar volta com oito dias e vai pra Andresa. Chega lá, convida sua esposa, Josefa, e sua filha, Sancha, para morar aqui na Serra do Félix. Quando chegaram aqui, um cidadão chamado Antonio Raimundo de Moraes, vindo de Russas, que comboiava pra Cascavel, passou na porta, viu Sancha, se apaixonou por ela e perguntou se ela queria casar com ele. Ela foi, disse: ‘- Depende do meu pai e da minha mãe.’ E aí ele passou, foi a comboio.



Quando voltou do comboio, perguntou. A família queria. Aí ele foi pra Russas, organizou tudo, veio, casou e aqui ficou morando. Que é o pai do tio Sabino, do meu tio-avô que eu digo. Ele é casado com a irmã da minha avó paterna, tia Maria Pereira. E aí as famílias foram crescendo. Tio Sabino foi doando terra pro povo, foi chegando gente.

A primeira família depois da Moraes, que é a do tio Sabino, foi a família Pereira que veio da Paripueira, que pertenceu a família Aderaldo. Aí nesse meio veio minha avó e meu avô, comboiando também de Beberibe a Russas, viu minha avó e perguntou: ‘- Naninha, tu queres casar comigo?’ Ela foi e disse: ‘- Olha, o meu pai, ele é valente!’ E entrou pra lá, ela veio deixar água, ela voltou, num disse nada, ele foi embora. Quando ele passou outra vez, ele perguntou: ‘- E aí?’ Ela balançou só com a cabeça que sim, deu um sim. Ele foi embora pra Beberibe. Quando chegou lá: ‘- Meu pai, sele seu cavalo que eu vou selar o meu. Nós vamos pra Serra do Félix que eu vou pedir a mão da Naninha em casamento!’ E aí pediu. Dentro dum mês houve o casamento e viveram felizes até a hora em que ele partiu pra eternidade.

Meu avô era um homenzinho de baixa estatura como eu, ele era um conhecedor também da palavra de Deus, lia as Escrituras pra gente, foi quem fez a família toda rezar. A gente ia às seis horas da tarde pra rezar o terço com ele. Rezava na casa dele lá em Boqueirão dos Pereira. Porque o Boqueirão dos Pereira, quando a família foi chegando foi comprando. Aí o meu bisavô Joaquim Pereira comprou as terras do Boqueirão todinhas pra ele. que era o avô de meu pai. E até hoje ainda tem a nossa morada lá no pé da serra. Na casa da tia Maria Pereira tinha um oratório, na casa da minha avó tinha, mas não era oratório, era uma taubinha pregada na parede com cimento e os santos lá. Ela limpava, zelava e todo mundo fazia devoção, lá encostado dos santos.”

HISTÓRIA DOS NOMES DOS LUGARES

Cada localidade tem seu historiador. O de Tanques é Francisco Ferreira Lima, conhecido como Chico da Cândida. Como tal vai decifrando o porquê do nome de cada lugarejo. O de Tanque foi devido a uns barreiros que havia, um cercado, reservado para se beber água, e os outros abertos, para se lavar roupa e tomar banho. Chamavam a esses barreiros de tanques, daí o nome.



“- A Lagoa do Tapuio quem descobriu foi um cavalo”, explicou Chico da Cândida. “- Tem aquela várzea nossa lá e um cavalo vinha de lá todo dia com os pés molhados e saía aqui na vargem. Quando foi um dia, o cara, um dos primeiros homens que moravam lá perto, viu. Aí ficou olhando o cavalo, pra onde ele ia. Acompanhou o cavalo de contra rasto e saiu lá na lagoa. Descobriu por causa desse cavalo. Já o nome de Tapuio foi por causa de um cacimbão, tipo um fosso, que encontraram, cheio de panelas de índio. Esse cacimbão eu ainda cheguei a ver. Ele tinha uma escada, obra feita por índio mesmo, no barro.



A Serra do Félix ganhou o nome de um tal Manuel Félix aqui da Pimenteira, o primeiro homem que matou mais onça por aqui. Quem me contou isso foi o finado Luizinho, avô do Carlinhos aí, vizinho meu. E como o senhor também sabe, no tempo da Guerra do Paraguai, andaram pegando os rapazes pra ir pra guerra. Aqui mesmo teve o Manuel Batalha que foi pegue. Depois esse homem teve sorte, voltou.

Mas as mulheres e as mães daqueles rapazes deram o nome da Serra do Félix foi por esse motivo: porque a serra, naquele tempo, não era habitada, era só mata,



e as mães entregavam seus filhos ao Félix da Pimenteira, pediam pra ele esconder os filhos, e ele levava aqueles rapazes. Foi levando, levando, abrindo vereda, até que parou na tal serra. Daí ficaram chamando, Serra do Félix, a Serra do Félix, do Félix da Pimenteira. Aí ele ficou trabalhando, fez quase um tipo d'uma vila, sem depender de dinheiro. Ele arranhou muito rapaz e foi trabalhando naquele lugar até que fez a Serra do Félix, o começo dela.”

A HISTÓRIA DE TANQUES

O bisavô de João Rodrigues Lima se chamava Joaquim, mas era conhecido por Quinquim. Veio fugido de Russas. Roubou uma moça por lá e de uma tirada só veio parar aqui. Arranchou-se numa choupana velha, casou-se, comprou um chão, meia-légua de frente, por uma légua e meia de fundura, e ficou morando. Aí foram nascendo os filhos, seis ao todo, quatro homens e duas mulheres. Uma casou no Pirangi, a outra casou, foi morar lá perto de Russas, em Santo Antonio, chamava-se Aninha, e os outros, homens, ficaram aqui mesmo, Joaquim, João, Francisco, avô de João Rodrigues Lima, e José.

Nos anos 30 do século passado, quando João Rodrigues Lima, neto de Francisco, bisneto de Joaquim, era menino, Tanques era um lugar seco, onde o povo precisava carregar com distância água pra beber. João, pequeno ainda, cansou de ir buscar água no Juazeiro, com meia-légua de caminhada. Saía às duas da madrugada de Tanques num jumentinho, com um pedacinho de beiju e uma coisinha de peixe assado que sua mãe preparava. Amanhecia o dia na cacimba. Ia com os irmãos. Carregavam a água em duas barricas de madeira fabricadas pelo pai, uma em cada lado do animal. Quando não, levavam quatro latas menores, chamadas por eles de barris.

Quando chegavam em casa, ainda cedinho, iam levar os animais pra beber em Umburana, a uma légua de distância, onde havia uma cacimba, e trazer água pro gasto caseiro. Era uma luta. Bem que o pai de João tentou cavar uma cacimba, ali perto de casa. Chegou a abrir 70 palmos e, quando rompeu tudo, atravessou tudo quanto é pedra, apareceu uma areinha fina e bem alvinha, parecendo areia do mar Depois veio uma água salgada “de matar sapo”, como ele disse. Aí o cacimbão começou a desbocar e o pai de João desistiu. Fechou a boca com madeira e mais adiante com tijolo.

João conta como o problema da água foi resolvido em Tanques, mercê da iniciativa de um padre holandês: “- A água que tem hoje aí é a de um açude. Está com pouco tempo que esse açude foi feito. Aí tinha um padre aqui da Holanda, e ainda hoje existe, ele ainda vive, esse fim de semana passado ele esteve aqui. Aí ele via essa água passar, essa água que vem aí do Medeiro, ela vai descer lá em baixo lá no Guajiru, lá donde tem aqueles barcos. E a água passava direto e ele viu essa água indo se estruir pra lá, e ele inventou de fazer uma barragem. Aí ficou.

Ele foi tirado pra Paramoti, não deu certo, já estavam os papéis ajeitados. Quando foi depois ele deu uma ajudazinha, arranjos aqui o trator, só arredando o barro e fazendo a parede pra água passar por cima. Aí morreu uma mulher na Holanda, a mulher era recursada, aí falou com a irmã dele lá, e a irmã foi, enviou esse dinheiro pra cá, pra barragem, aí deu certinho, chegou no tempo certo.

Aí fizemos a barragem e ela veio bater aqui, veio comer o peixe assado aqui, veio mais o esposo dela. E o padre celebrou a missa ali, benzeu o açude. E ela veio, num sabia nem onde era, veio da Holanda com o esposo. Realmente botemos até o nome do açude, Santo Antonio, porque a minha mãe era Antonia, foi começar dia de Santo Antonio, e a mulher que doou o dinheiro era Antonia também, aí ficou o açude Santo Antonio. Ainda tem uma placazinha lá, tem um santuariozinho com Santo Antonio lá. Tem a placazinha feita com a data todinha, com as ajudas que foi feito.

Aí nós temos esse açude que num tinha não. E com esse açude melhorou muito a situação porque peixe não falta, quem tem armadilha, pega. Tem curimatã, piaba, traíra... Mas agora está é com uma praga de peixe que está acabando com tudo, é uma tal pirambeba, que é ver uma piranha! Morde que só cachorro, aí tem muita, é botar uma rede lá e pegar mais é dela. Mas de toda qualidade de peixe tem aí. E também favoreceu muito a água por causa do açude. Mesmo as cacimbas estão tudo fartas d'água. Eu tenho uma cacimba ali embaixo, cheinha d'água, bem cheinha, e onde cavar perto, dá água. Favoreceu muito, foi muito bom pra população esse açude aí.”



HISTÓRIAS DE VIDA

DONA FORMIGUINHA

No Pirangi, localidade que fica dentro do município de Russas, onde Formiguinha morou até os 22 anos, havia um fazendeiro russo que era doido por cantoria de viola. Volta e meia, ele reunia cantadores no terreiro de sua casa, pra noitadas de desafios, com uma grande presença de apreciadores do gênero. Já Dona Rita, a mulher dele, essa, era mais chegada aos dramas. Certa vez convidou Formiguinha e suas amigas para se apresentarem no alpendre da casa grande do velho russo apologista de cantoria. Não é que ele gostou. Tanto que as apresentações se repetiram nos dois anos seguintes.

Quando Formiguinha, já casada, mudou-se para o município de Itaiçaba, onde morou 14 anos, parou com as apresentações de dramas, porque lá as moças preferiam o pastoril e ela “não era muito chegada”. Como ela disse: “- O drama era mais animado!” Dedicou-se, então, a participar de campanhas políticas, uma verdadeira festa no interior, onde as disputas valem por elas mesmas, como um jogo, uma partida de futebol em final de campeonato, a cidade dividida entre dois partidos. Formiguinha procurou sempre escolher o candidato certo, como ela mesma nos disse. Sua participação era fazer e cantar a música da campanha. Não apenas no âmbito municipal.

Ela sempre teve uma admiração especial por Lula: “- Olhe, quando o Lula foi candidato pela primeira vez, eu votei e ele perdeu, segunda, terceira, quando foi na quarta, ele ganhou e pra mim eu não perdi, eu ganhei sabe por que? Porque eu lutei até ele ganhar e eu dizia: ‘- Ele tem que ser presidente do Brasil em qualquer tempo! É nosso presidente e eu gosto muito dele!’ Pra mim ele foi muito bom.”

No Aracati, quando chegou em 1977, Formiguinha ainda apresentou alguns dramas com Maria Bahia, mas depois parou. Suas comédias e bailados eram diferentes, ou seja, tinham procedência diversa dos da



Foto: AH

mestra, e as duas não se afinaram. Daí que Formiguinha, a partir de então, só apresentou drama por convite de alguma professora ou algum professor, em colégio ou faculdade. Ficou viúva em 2006. O marido morreu em um acidente de moto.

“- Hoje eu perdi o gosto de fazer drama. O pessoal daqui, os grupos daqui eu num sei se eles num gostam das minhas coisas, eu num sei, também não conhecem né? A última vez que fiz drama está com muito tempo, eu acho que foi em 76, d’eu participar pra brincar. Mas nunca fiz foi esquecer. Eu vim pra cá em 77. Ai a gente ainda fazia alguma coisa junto com a Maria Bahia, mas ela nunca queria fazer as minhas apresentações e as dela são diferentes das minhas. Eu sinto falta dos dramas. Mas é coisa pra jovem, num é pra gente idosa!”



DONA FORMIGUINHA, LETRA PARA UM **BAILADO**

No dia 8 de maio fomos conhecer a morada de Dona Formiguinha. Sua casa é um formigueiro cheio de aprendizes de dramistas e doceiras, bolos e fantasias. Labirintos de quartos e corredores por onde ela sai dançando e cantando, com agulha e linha na mão, costurando pedaços de tecidos e trechos de melodias, emendando sons e aromas no ar. Daí saiu esta letra para um bailado em sua homenagem.

Salve meu povinho inteiro!
Sou a Dona Formiguinha.
Aqui nesse formigueiro
Sou a Formiga-Rainha.

Porém não vivo parada
Nem jamais fico sozinha.
Estou sempre acompanhada
Da família formiguinha.

Meu trabalho noite e dia
É de agulha e de linha
Costurando fantasia
Cantarolando modinha.

Faço bolo confeitado
Sou a mestra da cozinha
Só me falta um namorado
E dinheiro na caixinha.

A ÚNICA **PROFESSORA**

Eufrásia Ferreira nasceu na Lagoa Escondida, um lugarzinho pra lá de Aroeiras, afastado de tudo, mas teve a oportunidade de estudar em Aracati. Logo que terminou os estudos, aos 18 anos, foi morar em Aroeiras, onde foi professora por 31 anos. Então, por lá se vivia de roça de mandioca. Só havia as moradias dos roceiros e casa de farinha. Ensinou a tudo quanto foi menina e menino do lugar, da carta do ABC ao quarto ano, sozinha. Só depois de aposentada, apareceram outras professoras.

SINA DE MULHER

O pai de Edite Carneiro ainda rapaz aventurou-se no Amazonas. Era de Piquiri, e correu mundo por lá. Atravessou a fronteira do Brasil. Esteve em Sena Madureira e na Venezuela. Em um bocado de lugar, ele andou. Quando voltou, engraçou-se da mãe de Edite, moça que ali mesmo, na Barra da Sucatinga, nasceu, criou-se, casou-se e morreu. Daí Edite começa a contar a história das mulheres de sua família. Ela tem 80 anos, fala na presença da filha Maria, da sobrinha Núbia e da neta Roberta:

“Minha mãe morreu na minha casa ali. Por isso eu tenho raiva de filha fêmea, tenho pena e tenho raiva. A mamãe tinha cinco filhas fêmeas, quando ficou velha num tinha uma que quisesse ficar com ela: ‘- Não, isso é muito serviço!’ Aí ela num queria ficar acolá porque o povo bebia. Eu digo: ‘- Mamãe, quando eu mudar de casa eu vou buscar a senhora.’ ‘- Minha filha, eu deixei minha casinha lá!’ Eu digo: ‘- Num tem falta, eu vou lhe buscar!’ Aí eu acabei de ajeitar aqui a casa e me mudei. Com oito dias fui buscar ela. Mais eu, ela passou 18 anos, até que faleceu!

A minha vida é complicada. Eu vivia lá em casa junto com meus seis irmãos homens! Tudo bebia. Eu tinha tanto desgosto! Quando eu me deitava toda noite, rezava: ‘- Meu Jesus, não bote um rapaz que beba pra mim não, porque eu já quero sair de dentro da cachaça.’ Alcancei a graça, o meu marido não bebia. Aí eu dizia: ‘- Eu não quero casar, meu Jesus, com rapaz que não tenha casa, porque eu nem fico na casa da mamãe e nem vou pra casa de sogra!’ Alcancei! Menina, Deus é muito bom pra mim! Aí vim pra cá morar na Barra, morava bem pertinho. A maré só faltava bater na calçada da minha casa, acolá no morro, lá perto onde é o Zé Tota. Aí morei lá 12 anos!

Com 12 anos, Zé comprou esse terreno aqui e mudamos a casa pra cá. Agora vai com 48 anos que eu moro aqui! Aí haja ter família! Tive nove filhos, sete machos e duas fêmeas. Uma Deus levou. Graças a Deus, só deixou essa daqui pra sofrer! Porque gente fêmea só presta pra sofrer, minha filha, é por isso que eu num dou valor. Que gente fêmea sofre muito, mulher! Os outros todos bebem, todos sete! O povo diz assim: ‘- Mulher, quando acabar tu queria que tudo fosse macho’. Eu digo: ‘- Meu povo se fosse um bocado de fêmea, como são sete machos, tudo bebendo. Se Deus botasse na minha casa sete mulheres bêbadas!’ [risos] Ave-Maria, porque homem é homem!



Aí morreu uma, ficou essa daqui, e os sete machos foram embora, se espalharam pra São Paulo, Aracajú, Bahia, pra todo canto, quando eram rapazes. E fique só mais o Zé e o Antonio, que por apelido a gente chama Ludugero. O Antonio nasceu no ano daquele disco do Coronel Ludugero. Aí a mamãe vivia comigo, quando o menino tava chorando, ela dizia assim: ‘- Olha aí, o Ludugero chorando!’ Quando o menino se batizou a gente já chamava Ludugero, aí ficou por Ludugero. [risos]

Agora, tive a felicidade, de novo, andou, virou, bateu, agora está tudo no pé da minha porta, se estirando de casa aqui, tudo é filho meu, é de lado, é de banda... quando num é filho é neta. Têm as duas netas, as duas da Roberta, da Maria e da Régia, tudo no terreiro da minha cozinha. E pra cá, a do Antonio é aqui, a do Ludugero é acolá, do Luciano é mais acolá, do João é aqui. Está tudo aqui. Mas eu digo sempre, Seu José - que eu num sei do nome do senhor, se eles num bebessem tanta cachaça eu estava rica! É muito bom um filho daquele, quando eu num tenho comer: ‘- Pegue mamãezinha!’ Aí chega um com um comer. Pouco mais: ‘- Ai, eu num tem não!’ ‘- Pegue mamãe outro comer.’ Ou então a Maria chega, e tudo me dá. Mas a cachaça é que me mata, porque atrapalha minha cabeça, eu fico doida, sofro do coração. Do coração, na minha mente, eu fiquei boa, porque senão eu já tinha morrido! Porque é uma coisa medonha de cachaça!”

UMA HISTÓRIA DE AMOR

“Eu tinha 14 anos. Em junho, nós tínhamos prova, me lembro bem. Uma colega minha disse: ‘- Socorro, eu vou botar um presente na tua mão, abre.’ Eu abri. Era um papel enrolado, ‘- Feche.’ eu fechei. Aí ela disse: ‘- Se você fizer isso com fé, você vai ver teu esposo, acredita?’ ‘- Não.’ ‘- Mas se fizeres com fé, um dia quando nós estivermos todas moças, tudo com 20 anos, e nós nos encontrarmos, você vai me dizer se deu certo.’ ‘- Mas como é que eu faço isso?’ ‘- É uma corrente, não podes cortar. Você vai fazer nove cópias pras suas amigas e você vai rezar três noites. A terceira noite é a verdadeira. Pode sonhar com noivo todas as três ou um em cada noite, mas a preferida é a terceira noite. E essa oração é de Santa Rita de Cássia pra mostrar o esposo.’

Eu cheguei em casa muito angustiada e fiz logo as cópias. No outro dia, fui pro colégio, dei as copias. Pensei: ‘vou fazer hoje’, e comecei. Uma semana antes,

vizinho à casa da minha irmã, tinha falecido uma senhora. O trabalho dela era lavar e engomar. Ela levou um choque e ali mesmo caiu. Então o velho ficou sozinho na casa. E aí eu fiz a oração de noite e num é que sonhei com o velho! Menina, eu acordei chorando num desespero! E minha irmã disse: ‘- Menina, você está doente?’ ‘- Não, eu sonhei com esse velho aí!’ Aí ela disse assim: ‘- Se for a sua sina, num tem pra onde correr!’ ‘- Aiiiiiiiiiiiiiooohhh!’ Aí era que eu chorava mesmo. ‘- Eu num faço mais!’ Ela disse: ‘- Mas ainda tem duas noites!’ ‘- E se eu sonhar com ele as duas noites?’ ‘- Danou-se!’ Ela repetia: ‘- Se for sua sina num tem pra onde correr!’ ‘- Ai meu Deus, que é que eu faço? Se eu rezo, se num rezo, mas eu vou rezar. Se for minha sina...’

Eu olhava pro velho assim... Ele tinha uns 60 anos. Na segunda noite eu rezei mais firme e sonhei com a pessoa que eu namorava mesmo, mas ele morava no Rio, só vinha de ano em ano. ‘- Ah eu estou feliz, tomara que amanhã seja ele de novo.’ Aí na terceira noite eu sonhei que vinha do colégio, toda fardada, e um rapaz estava em frente ao colégio, debaixo dum pé de pinheiro muito grande que havia. Só que eu ia me aproximando e ele ia rodando. Eu ainda estou com essa imagem na minha cabeça até hoje. ‘- Meu Deus, quem é essa pessoa?’

De tarde, vim pra festa de Nossa Senhora do Carmo aqui, mas num assisti à missa. Fiquei no banco da pracinha, sentada, pra ver se passava alguém parecido. Nada, num aparecia ninguém. As meninas: ‘- Vamos passear?’ ‘- Vou não!’ Pra ver se passava. Nada. Aí terminou a festa. Nós fomos por Uruaú. Nesse tempo num tinha carro, a gente ia de pés pela praia. Botava as coisas no jumentozinho... Num tinha bolsa não, era trouxa. Quando chegemos lá, seis horas, mais ou menos, já estava escuro.

A festa de Nossa Senhora do Carmo tem todos os anos lá e depois da festa daqui nós fomos pra lá, passar um dia na praia, numa casa duma tia nossa. Nessa festa, havia a disputa dos partidos, que pegava fogo, azul e vermelho. Pense, como dava briga! Mas dava dinheiro. Todo dia as meninas do azul e do vermelho faziam passeata ao redor da pracinha. A gente ouvia a briga de cacete das bandeiras. Batiam, ‘pá’, uma bandeira na outra. ‘- Bando de carne podre’, que era do bloco azul.’ [ri] Como era o canto que a gente cantava? Isso era uma animação tão grande! Era um bloco arrodando a pracinha, cantando. Isso era no mês de Julho, depois da festa do municipio, começando no dia 7 e terminando no dia 16. É até feriado no dia 16.



Então nós fomos pra praia. Como num tinha banheiro dentro de casa, a gente tomava banho de cuia nos correntes. Entre a casa onde a gente estava e o corrente tinha um botecozinho e nós pegamos as toalhas e fomos tudo conversando pra tomar banho, que quando eu levantei a cabeça e vi a pessoa que estava ali, aí eu fiquei: ‘- Valha, quem eu estou vendo! Foi com esse aí que eu sonhei!’ E o coração dizia, ‘é esse, é esse, é esse’. Aí descemos pra tomar banho. Mas eu estava angustiada pra voltar. Puxei água bem ligeiro. A gente descia lá pro buraco, aquelas cacimbas de barro, e levava pra encher o alguidar e tomar banho.

Voltamos, mas quando eu olhei, ele não estava mais. Porém, com a maré muito seca e a lua muito clara, fomos pra praia jogar bola. Era bola de meia ou peteca, só as meninas. A gente é que fazia. Só sei que quando a gente estava lá, ele apareceu e o coração dizia: ‘é esse, é esse’. Aí ele mandou um recado por uma colega minha, que queria falar comigo. Ele era do Uruau, que hoje se chama Marambaia. Tinha morado 15 anos em São Paulo, mas estava voltando. Tocava violão, sanfona, cavaquinho, bandolim, tudo ele tocava. Trouxe uma sanfona muito especial e ia fazer uma tertúlia na casa do irmão. Convidou pra gente ir, mas queria um particular comigo, porque gostou de mim desde a hora que me viu.

Como amiga é pra isso mesmo, elas ajustaram. Naquele tempo num tinha energia, era lamparina, oito horas da noite era pra todo mundo já estar deitado. Ele tocou lá um pedacinho e a Margarida fez o aceno que a gente já ia. Aí ele veio rápido, chegou perto de mim, perguntou meu nome e disse que queria casar comigo. Aí eu respondi: ‘- Mas eu sou muito nova, só tenho 14 anos.’ E ele: ‘- Mas eu estou de idade, preciso casar. Desde a hora que lhe vi, gosto de você. Só se você num quiser’. A gente namorou um ano, inda fui passar uns dias lá em Fortaleza, mas vim embora. Ele se chamava Luís.”

(Socorro Góes, autora e protagonista desta história, casou-se com Luís três anos depois, ela com 17 e ele com 32 anos.)

QUANDO **ADÃO** ERA CADETE

Socorro Góes nos contou que, antes desse seu namoro com Luís, estudou numa escola para crianças pobres, organizada pelo padre Joaquim Dourado, filho do lugar. O padre, capelão do Exército em Fortaleza, visitando sua comunidade

de origem, compadeceu-se da falta de estudo das crianças. Resolveu, então, através de uma associação beneficente, organizada em Beberibe, abrir uma escola noturna para meninos e meninas carentes. Desse modo, as crianças e adolescentes poderiam ajudar os pais no trabalho da roça ou do artesanato, durante o dia, e estudar de noite.

Nessa escola, a menina Socorro estudou, brincou dramas e namorou: “- Namorei nos dramas, mas a gente num namorava assim sentada, namorando, era passando bilhetes, recados. Num tinha essa chance que se tem hoje. Quem era que ia beijar alguém naquele tempo?! Não. A minha tia um dia acordou chorando desesperada e minha avó perguntou: ‘- Por que você está chorando?’ Ela respondeu: ‘- Porque eu num sou mais moça!’ ‘- Porque você num é mais moça! Quê que o Pedro fez com você?’ ‘Ele pegou na minha mão essa noite.’ [ri] Pra você ver a inocência que havia naquele tempo.

Mas eu era danada. A primeira vez que eu namorei foi com o Fernando, um menino bem moreninho com os dentes brancos. Só que eu casei com um bem branquinho. O Luís era branco demais. Eu tinha era sorte. Naquele tempo, se o pai num aceitasse, triste daquele porque ia se ver com a espingarda de espoleta. Se ia fazer serenata lá, o pai já sabia, ficava esperando, ele pegava uma lata d’água nos couros. Ali naquela rua lá de cima, tinha um rapaz que era louco pela tia Odete, a mãe do Ivo, ali na Sucatinga - hoje ela ainda é viva - mas o pai num queria. Então ele fez uma música dizendo: ‘Hoje eu faço uma serenata pra Odete/Pode o velho rebolar água.” Aí começou: Eva querida/Quero ser o teu Adão./Quero que me diga/Haja o que houver/Custe o que custar/O nosso amor/ Não vai se acabar.’ Mas quando começou a serenata, o velho abriu a janela, jogou água e ele correu até em casa. [ri]

Se o pai botasse muita banca, eles roubavam. Mas roubavam assim: pegavam três cavalos bons, ele vinha com a namorada na garupa e dois amigos acompanhando. Depois, botava a moça numa casa de família até casar. E sempre, a correspondência do amor era a serenata.”

LIBERATO E A ARTE DO **TOCADOR**

O pai de Liberato Lima Vieira era o sanfoneiro das festas em toda a redondeza de Umburanas e Encruzilhada. Liberato, menino, desde cedo lhe



acompanhava. Ouvia e observava o pai. Quando chegava em casa e o velho dava uma folga, Liberato arriscava uns toques, "dava trabalho pra botar aqueles



tons sem saber". Tanto fez que aprendeu. Depois, quando o pai, durante as festas, lá pela madrugada, cansava, passava o fole para o filho. Foi quando sua mãe lhe deu um violão. Assim, Liberato podia tocar junto com o pai. Daí, na família, a orquestra completou-se: violão, sanfona e pandeiro.

Quando o pai morreu, Liberato abandonou. Passou muitos anos sem tocar. De uns dez anos pra cá, por insistência das irmãs, retomou a sanfona para acompanhar os dramas. De animar festa, já não gosta. Modesto, explica: "- Eu tocava nas festas mais meu pai, ele na sanfona, eu no violão. Quando ele estava cansado, eu pegava a sanfona e tocava. Depois ele vinha de novo, era assim, passava a noite tocando, fazendo zoada. Naquele tempo, qualquer

pancadazinha e todo mundo dançava. Era diferente de hoje, tem aquelas bandas medonhas e o pessoal nem dança! Naquela época era diferente."

ADOLFO DE **ARACATI** E O OLHO DE RAIMUNDO BERNARDO

Antigamente, no Aracati, antes do sujeito ir para o médico, passava pela farmácia do Seu Adolfo. Ele havia estudado muitos anos na Bahia, embora nunca houvesse completado os estudos. Mas todo mundo confiava nele. O que dizia era certo. O sujeito chegava na farmácia, fazia aquela consulta com ele. Se tinha doutor e precisava, ela mandava pro doutor, pra ver o que o doutor dizia. Se não, quando chegava, o camarada contava a história, ele aí resolvia.

Raimundo Bernardo foi testemunha: "- Seu Adolfo de Aracati era um Deus, só da banda de cá da Forquilha, ele desenganou bem umas cinco pessoas. Dizia: '- Vocês querem tratar, pode tratar, mas ela num vai escapar'. Aí trazia pra cá, era só chegar em casa, uns morriam logo, outros passavam mais tempo. Meu avô passou cinco anos. Foi o primeiro que ele desenganou."

Pois foi esse mesmo Adolfo que tirou o espinho do olho de Raimundo Bernardo, quando ele cegou, um acidente besta: "- Foi na mata, eu já tinha pegado. Ia tirando, levando esse boi pra um primo meu, pra transferir pro Medeiro, montado num cavalo meio assustadiço, tangendo de mascara. Trouxe ele debaixo de um pé de jurema que tinha, muito fechado, o cavalo num era o meu. Aí estrepei o olho, tirei um pau aqui dentro no Aracati, tinha uma polegada de comprimento. O farmacêutico que arrancou o pau disse a um tio meu: '- Aquele senhor, sobrinho seu, que eu arranquei um pau do olho, ou é doido ou é porque tem coragem demais!'"

A VIDA DE MARIA **ESTELA** ANTES DE PERDER A VISTA

Maria Estela nasceu enxergando tudo, embora aquele solzão da praia do Cumbe, onde nasceu em 1937, ferisse seus olhos muito claros e sua pele bem alvinha. Naquele tempo o Cumbe era uma comunidade quase tão somente de pescadores

e labirinteadoras. Sua comunicação principal era com outras comunidades praieiras, tanto que, quando Maria Estela completou cinco anos, em 1942, uma tia sua, irmã de seu pai, a levou para passar uns dias com ela no bairro do Mucuripe, em Fortaleza. Que dias foram esses, que se prolongaram por mais de oito anos:

“- Fui porque essa minha tia ia ser minha madrinha de crisma, se algum dia eu me crismasse. Aí pediu ao papai pra eu passar uns dias lá mais ela. Ela pediu, ele foi, deixou. Era uma dificuldade o pessoal deixar, mas como era ela, irmã dele, e ia pra longe, pro Mucuripe... Eu fui e lá ela me botou na escola. Eu aprendi até o quarto ano. Quando inteirei oito anos, fiz minha primeira comunhão, na igreja da Volta da Jurema, parece-me que no dia 26 de outubro. Já minha crisma, eu fiz quando tinha dez anos, lá na igreja do Rosário.

Em Fortaleza, estudei até o quarto ano, em particular. A professora dava aula na casa dela, num tinha colégio. Aprendi também a fazer labirinto com cinco anos. Eu tenho 55 anos de labirinteadora. Eu fazia tudo no labirinto. Num disse que eu era danada! Foi por isso que eu ceguei, porque eu era danada demais! [ri]

Fiquei no Mucuripe até os 13 anos. Lá era uma praia de pescador. Eu morava embaixo, perto da praia, ali onde depois foi o campo do Terra e Mar. Meu vizinho era seu Pedro, num sei se ele era pescador, sei que chamavam ele de Soldado Preto, o apelido. Lá também morava meu tio Joaquim, marido da minha madrinha, que era estivador. O outro vizinho se chamava Mundinho, ele era um pescador.

Tinha drama por lá, outros, diferentes dos do Cumbe. Muita gente brincava. Eu lembro bem do bailado dos astros. No Mucuripe a gente só brincava no tempo do Natal, porque lá chamavam também de pastora, mas era o mesmo drama. Lá outras pessoas brincavam o pastoril propriamente, um senhor que tomava de conta, o nome dele era José, chamavam ele de Zé Taié, num sei se era nome próprio. Agora, drama, do Mucuripe eu só me lembro da

Raimundinha, Raimundinha do seu Neco., Era ela que ajitava os dramas. Tinha outra Raimundinha que também morava lá na minha rua, filha de seu Julio, ela era outra que brincava de drama.

Aí quando eu cheguei logo me ingressei com as meninas, Tu sabes que menino faz amizade de repente com os outros! Aí tinha esse drama e eu já sabia as partes que eu tinha brincado aqui, aí brinquei lá também. Aprendi as partes que as meninas brincavam todinhas. Aí quando uma tia minha, que morava também no Cumbe, foi lá pro Mucuripe, aí ela copiou essas partes de drama todinhas.

Era uma vantagem muito grande, eu com dez, onze anos, nova assim mesmo, comecei a brincar drama. Papai dava muito valor aos dramas! Eu fazia aquela parte da florista, que eu ia vender, papai saía atrás de mim todo o tempo, chega achava graça d'eu fazer essas coisas. Eu também ensinava catecismo pras crianças, desde eu menina pequena. Dizia: ‘- Nós vamos brincar de catecismo!’ Eu ensinava reza aos meninos, que o papai ensinava reza a gente, porque não tinha catecismo. Isso, eu com uns 12 anos.

Do Mucuripe, fomos morar na Aerolândia. Nesse tempo, eu no colégio já paquerava os meninos. Era danada, viu? Cresci e deu vontade de vir embora pro

Cumbe. Cheguei já dentro dos 13 anos. Fui namorar. Ensinei às meninas os dramas que aprendi no Mucuripe. Nesse tempo eu era gordinha. O pessoal dizia que eu era a mais bonita da casa do papai. No drama eu fazia a parte da menina perereca. É porque agora num faço mais o ‘atiça fogo’ não, mas era com os pés, toda se rebolando, que eu era bonitinha, mas eu era mesmo. Se eu era a filha mais bonita do papai, eu num sei. Só sei que a mais danada eu era. Casei com 15 anos. Deixei duas ou foi três pra trás mais velhas de que eu! [ri] Depois que eu casei foi que eu fiquei magra.

O Cumbe é praia de pescador. Meu marido, Magal, era pescador, um filho que eu tenho também é pescador. A vida aqui,



Foto:AH



quem num é agricultor é pescador. Meu marido era agricultor e pescador, porque quando era no tempo do inverno ele plantava, tinha a plantazinha dele no quintal. Mesmo depois de casada eu ensaiava com as meninas. Elas se apresentavam. As minhas filhas todas brincavam, Cléa brincava, Juci brincava, até Cleidinha, que nesse tempo era a menor, também dançava drama. Depois a gente foi para a praia de Uruaú, onde eu morei 27 anos. Lá não tinha drama, lá ninguém brincou não. No Uruaú, eu fiquei bem magrinha, de tanto subir e descer aqueles morros. Ia pro Cumbe e pra Sucatinga de pés.

Eu usava essas roupas antigas mesmo, vestido de cintura comprido. De primeiro só se usava aquelas roupas de cintura. Agora é que tão fazendo vestido inteiro. Eu nunca vesti esses vestidos inteiros, meu marido não deixava, e nem roupa de manga. Nem uma japonesa servia, se ele visse a cava aqui da manga, pra ele num servia. Ele era assim meio besta, num queria que eu cortasse o cabelo, num queria que eu usasse batom, num queria que eu usasse nada! Também depois que ele morreu e eu me peguei só, cortei o cabelo... Ora, tinha lá uma mulher, que perguntou a dona Josefa: 'Expedita, me diz uma coisa, a Maria Estela ficou doida?' 'Sei não, por que?' 'Torou o cabelo daquele jeito!' [ri]- Agora, tá é mais compridinho! No retrato que tenho lá em casa, eu junto com o meu marido, estou com o cabelo aqui. Agora está é grande! Tem mais de um mês que eu cortei."

O DIA EM QUE TETELA COMPLETOU 60 ANOS

Quando Maria Estela perdeu a vista totalmente estava com quase 60 anos, viúva e morando no Cumbe. Foi perdendo a visão aos poucos, de glaucoma. Nem por isso, a comemoração dos seus 60 anos foi menos animada. Pelo contrário, as amigas sabiam que Tetela, como era conhecida desde mocinha, era mulher festeira e chegada a demonstrações de afeto. Mas para nos contar como foi a festa, Maria Estela, fez retroceder sua vida ao dia do seu casamento com Magal:

"No dia do meu aniversário de 60 anos as meninas fizeram um bolo muito grande, muito bonito. Mas eu num vi o bolo, só passei a mão assim por cima, porque não enxergava mais. Vou me lembrar do começo, do dia em que me casei. Meu sogro era tocador de rabeca, tocava bastante bem! Não tocava nos dramas não, tocava nos noivos. No dia que eu casei, ele fez duas festas de

casamento, aliás, três. No dia do casamento católico, a gente pensando que o padre estava lá, fomos parar no Beberibe, mas ele tinha ido pra Fortaleza. Aí foi uma dificuldade pra voltar de Beberibe pro Cumbe, os animais, tudo difícil. Aí uns ficaram dormindo lá. Eu sei que eu fiquei, o noivo ficou e outras irmãs minhas ficaram, pra no outro dia já estarmos lá.

No dia seguinte era pra ter o casamento, e antes das nove era pra festa já estar troando, que quando o povo chegasse, os noivos chegassem já estar a animação. Aí meu sogro já estava tocando, mas aconteceu um porém que ninguém casou naquele dia. A festa parou, só casamos no dia seguinte, e foi outra festa a noite todinha, meu sogro tocando com a rabeca, tocava valsa, tocava samba, tocava tudo! Tem a valsa do marinheiro, tem aquela música do cisne-branco? Conhece? Ele tocava isso na rebeca: Qual cisne-branco que em noite de lua/Vai navegando num lago azul/O meu navio também flutua/Nos verdes mares de Norte a Sul... Aí ele cantava em marcha e nós mandávamos brasa a dançar!

Meu sogro tocava tudo quanto é música, tocava xote, tocava valsa e eu dançava tudo. Às vezes, dia de semana, tinha um rapaz que tocava violão e ele ia fazer brincadeira lá na casa do papai pra mode a gente brincar. Pois é, lá em casa, meus irmãos, eles me chamam de Tetela, é meu apelido. E por aqui ainda tem quem chame. Aí tem aquela música que diz assim: [Canta: Que nem Jiló, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira] ' ...Porém, se a gente vive a sonhar/ Com alguém que se deseja rever/Saudade entonce assim é ruim/Eu tiro isso por mim/Que vivo doido a sofrer.//... Saudade assim faz roer/Amarga que nem jiló.// Mas ninguém pode dizer/Que eu vivo triste a chorar./Saudade, meu remédio é cantar/Saudade, meu remédio é cantar.' Aí esse rapaz, ele cantava com um final assim: '- Tetela, o meu amor é você!' [risos]

Eu era menininha, ele doido pra namorar comigo, o rapaz, aí ele cantava: '- Tetela, o meu amor é você!' Quando foi no dia do meu aniversário de 60 anos, a minha irmã que é muito encapetada, ela mora lá no Cumbe, aí ela fez a cantiga, e no fim disse lá umas palavras sobre quem eu era, aí no final ela cantou: '- Tetela, o meu amor é você!' Terminou com isso. Eu achei muita graça!

Outra vez, esse dito cara, ele casou e foi morar em Fortaleza, nós estávamos morando no Uruaú, há bem uns 15 anos, Quando foi no dia do aniversário dele, ele vai lá pra barraca do Zé Maria Magal, meu marido, na praia do Uruaú. Aí ele foi até lá em casa com meu marido. Chegou lá, falou comigo e eu não conheci.



Um filho meu: ‘- Mamãe, é um conhecido seu!’ ‘- Não estou conhecendo não, nem pela fala!’ Eu já estava meio ruim da vista. Aí ele foi e cantou assim: ‘- Tetela, o meu amor é você!’ Aí: ‘- Ah, que eu já sei quem é!’ Conheci ele pela cantiga! Aí eles aqui tudo só me chamam de Tetela, meus sobrinhos, meus irmãos botaram esse nome.

Me lembrei agora de uma cantiga que eu gosto muito de cantar: [Canta] ‘A flor que tu me destes/Como lembrança do primeiro amor/Ainda me lembro quando me dissesstes/Quando me destes tão mimosa flor.//Ela está murcha assim, mas fala ainda/Fala de amor e fala de amizade/Coitadinha, tinha uma cor tão linda/E desbotou, meu Deus por ter saudade.’ Tem outro verso que começa e no fim diz assim: [Canta] ‘Pensando em ti nas noites de luar.’Essa música é minha, de quem eu era outrora e de quem sou hoje. É assim mesmo, passei 30 anos casada, 30 anos!

Pois bem, no dia do meu aniversário, eu cantei aquela parte do drama, o bailado da ceguinha. Num sei onde foi que eu adquiri essa parte do drama, parece que é uma cantiga, e no fim virou drama. Eu sei que eu cantei aqui, e as meninas aqui só querem que eu cante e a negrada chora quando eu canto! No dia do meu aniversário, eu cantei essa parte de drama, e minhas amigas, muitas, foram embora, num esperaram nem que partisse o bolo: ‘- Mulher, tu num esperaste não!?’ ‘- Não, a senhora num deixou, foi fazer foi a gente chorar!’ Porque eu cantei nesse dia do meu aniversário, cantei esse e cantei outra, a outra também num é parte de drama não, é assim também como uma moda, mas se a pessoa quiser fazer, faz, é até muito conhecido. Essa outra moda também é triste. Diz assim: [Canta] ‘Já fui alegre, contente/Hoje não sou mais ninguém./Já fui consolo dos tristes/Hoje eu sou triste também.//Meu coração não tem dono/Vive só de querer bem/Por não ser compreendido/Hoje não ama ninguém.//Eu visto preto por luto/E branco pro galhardia/Verde por ter esperança/De ser feliz algum dia.//Quem viver triste no mundo/Venha juntar-se comigo/Venha passar como eu passo/E venha viver como eu vivo.’

Agora eu vou cantar o Bailado da Ceguinha, esse que eu cantei no meu aniversário. Quando eu vou começar a cantar, me arrepio porque eu sou cega mesmo. As meninas dizem assim: ‘- Mulher, essa é que é boa de você cantar, dá bem certo porque você já é cega!’

(Maria Estela levanta-se e canta, aos poucos começa a dançar.) ‘Sou ceguinha de nascença/Isto assim não é viver./Minha tristeza é imensa/Minha tristeza é imensa/Quem me dera já morrer.//Ainda ontem ouvi dizer/Que é linda a cor do mar/Quem tem olhos pode ver/Quem tem olhos pode ver/Quem não tem vive a chorar.//Não conheço as estrelinhas/Na igreja, um só altar/Só conheço as andorinhas/Só conheço as andorinhas/Porque ouço ali cantar.’

A Ceguinha (Bailado)

♩ = 80

A m E7 D m

Sou ce - gui - nha de nas - cen - ça Is-to'as - sim não é vi - ver Mi-nha tris - te-za i -

6 A m E7 D m E7 A m

men - sa mi-nha tris - te-za i - men - sa quem me de - rá já mor - rer

Eu cheguei aqui nos Caetanos em 1999. Aqui tinha havido drama antigamente, mas nesse tempo estava parado. O drama recomeçou aqui no ano passado, porque houve uma missão e aí a Isabel mais as meninas precisaram apresentar alguma coisa. Botaram os dramas e a brincadeira do coco. Isso foi uma novidade. O padre achou bonito, levou a gente pra lá, parece que foram duas vezes, lá pro Beberibe. Veio o padre, veio o bispo, e depois fomos apresentar lá em Beberibe! Os Caetanos eu conheço ele todo, porque eu conheci os Caetanos antes de ficar cega.

A LONGA ESPERA DE MARIA RIBEIRO

Maria Ribeiro a bem-dizer foi criada na casa de um tio no bairro do Montese, em Fortaleza. Voltou de lá, para morar em Paripueira com 16 anos. No que voltou, casou. Paripueira já estava diferente, tinha luz a motor e radiadora enviando recados e oferecendo mensagens musicais para os moradores.



Prática de namoro, bem-dizer, ela não teve, porque casou com o primeiro namorado. Que era diferente era. Pra beijar, o rapaz precisava primeiro pedir. Se a moça dissesse que sim, beijava. Se dissesse que não, paciência.

Maria começou a namorar ligeiro. Chegou em Paripueira no Dia de Reis e nesse dito dia teve início seu namoro. A festa de Reis era completa, missa, novena, reisado, passeio na calçada ao redor da igreja. Começou justamente aí a troca de olhares, as mãozinhas dadas, passeando, a conversa depois da novena. Quando foi em agosto, casaram no civil, e no dia dez de outubro, casaram no padre. Tudo em menos de um ano.

O marido trabalhava na roça e complementava as refeições da família com o resultado da caça. Matava muito passarinho, marreca, jacu e outros animais pequenos. No primeiro ano de casada, Maria não teve filho, no segundo, apareceu a primeira filha. Daí em diante não parou mais. Foi uma carreirinha de dez. Não contente, Maria inventou de ainda criar outro, um morenã forte, que passou quando a gente estava no meio da entrevista. Dos onze, morreu um casalzinho, primeiro uma menina e, por derradeiro, um menino. E olhe que, em casa, Maria dividia o trabalho de criar menino, com a arte do labirinto.

Na seca de 58, o tempo apertou, não havia trabalho pra homem nenhum naquelas bandas de sertões nem naquelas beiras de praias. O jeito foi o marido arribar pra Fortaleza. Passou uns meses lá, trabalhando. Depois emendou viagem para Manaus, lá passou três anos sem dar nenhuma notícia.

Nessa época, Maria tinha duas filhas. Ficou sozinha com elas. Trabalhava dia e noite no labirinto pra dar conta. O povo dizia: “- Mulher, dá esses teus filhos que tu não podes criar, tu hás de morrer trabalhando!” “- Dou não, meus filhos eu não dou!” Ela teimava. Lembrava-se do sofrimento que foi, quando criança, morar em Fortaleza na casa de um tio e do juramento que fez então: “- Eu tenho fé em Deus se um dia eu chegar a casar, nem que eu tenha dez filhos, mas eu não dou nenhum pra ninguém!”

Assim fez Maria, criou os filhos todos. Cuidava deles de dia e atravessava a noite no labirinto. Trabalhava para os intermediários, que ficavam com o grosso da renda do labirinto, por conta do adiantamento para a compra do tecido e da linha. Com Maria ficava o justo para saldar a dívida com a bodega.

LIÇÕES DE SANFONA E DE VIDA

O avô de Francisco Pereira Nunes era apaixonado por sanfona. Chamava-se Joãozito. Mas foi só o neto ver e ouvir o avô tocar e apaixonou-se também. O problema é que a sanfona era uma só e o velho era muito ciumento. Quando saía para a roça, o menino buliçoso, sete, oito anos ainda, lá ia mexer no que o avô tinha de mais precioso. Abria o guarda-roupa, se enfiava no quarto e ficava imitando o velho, vendo se tirava o tom de uma cantiga. Olho na janela para ver o rastro de Joãozito de volta do roçado.

Besteira esconder a sanfona. O velho conhecia pelo desafino. Lá vinha o carão. Mas o menino teimava, coisa de sentimento. “- Eu era apaixonado pela sanfona, era não, sou, vou morrer apaixonado por ela, porque gosto do instrumento. Em minha família têm muitos que tocam e acho que eu puxei essa benção.”

Francisco não gostava da implicância do avô, mas hoje, sanfoneiro já feito, entende o velho Joãozito. “- Não tem um sanfoneiro que goste que o aprendiz pegue a sanfona dele, por quê? O aprendiz quê que faz? O costume que ele persegue logo de início são os tons naturais que são mais fáceis: dó maior, sol maior, lá menor... Aí você pega e você desafina. Todo tocador ele é enjoado com o instrumento. O que é ser enjoado? Porque quando o instrumento desafina uma voz, duas, você pega faz um tom, aí a voz esmorece, aí desconfeita a coisa. Aquele que num conhece passa, o que conhece vê, aí ele fica fulo da vida! Eu num sabia que tava desafinando, na época eu num sabia, mas hoje eu sei. Se eu tivesse uma sanfona aqui eu faria o mesmo que meu avô.”

Francisco, ao mesmo tempo que entende o avô, que diz que ‘faria’, como ele, não faz, pelo contrário, é um professor de sanfona dos mais pacientes, não apenas com seu filho Juninho. E explica porque não faz como o velho Joãozito:

“- Num faço porque eu tenho uma filosofia comigo e tenho dito pros meus amigos. Eu num sou artista e nem toco, apenas conheço um pouquinho, mas faço uns tonzinhos e quando o cara é bom, eu digo, quando é ruim também digo. Mas a gente num aprende porque tem violonista que num ensina, tem guitarrista que também num ensina, tem pandeirista que num



ensina, e vice-versa. E eu conversando com meu filho digo: '- Olhe, chega uma pessoa na minha casa pra aprender, perca tempo e ensine porque o que eu sofri na minha mocidade, faz pena!' Porque eu hoje não poderia ser quem eu sou, porque quando eu tinha vontade, hoje é menos, mas na minha época, se eu vou para uma escola, e mesmo se eu pego uma sanfona, e meu pai tem condições, eu hoje tocava um acordeom desaperreado. Num estou me exibindo, porque num é necessário, mas eu conhecia meu potencial. Você sabe que tudo tem uma época, tem o tempo, você perdeu tempo, aí você perde a profissão. Foi o que aconteceu comigo.

Eu comecei com oito anos, a paixão pela sanfona, mas meu pai num podia comprar. Aí foi passando, de oito passou pra 16, aí com 18 anos foi quando Raimundo, meu irmão mais velho, comprou uma sanfona, eu já tinha 16 a 18 anos, aí foi que eu comecei a apontar sozinho, que é muito difícil, sem você ter alguém que oriente. Mas eu aproveitei mais, ele já sabia, fazia uns tonzinhos que nem eu, o mais velho, aí comprou uma sanfona. Ele tinha raiva, mas eu pegava, e com pouco tempo eu tocava melhor de que ele. Ele num gostava muito, mas eu pegava. Depois ele vendeu a sanfona.

Eu aprendi com a própria sanfona. Eu ia fazendo aqueles tons, aí a mente ia abrindo, quando dá fé alguém tocava, eu olhava as composições e fui indo,

fui indo e aprendi a fazer uma porção de tons. Hoje eu num conheço muito tom por falta de estudo. Minha derrota veio com a mudança de ritmo. Eu num me adaptei ao ritmo porque as músicas têm algumas que pode se aproveitar, é como feijão, eu comparo esse pessoal de hoje, eu comparo ao feijão, você bota na mesa e cata, o bom você joga no fogo e os chochos você bota pra fora. A mesma coisa eu faço com as músicas. Porque na minha ótica as músicas de hoje, num quero difamar os que são bons tocadores, mas se aproveitam bem pouquinhas."

Juninho é meu filho, Francisco Júnior Santos Nunes, nasceu com a mesma doença

que eu tenho, apaixonado pela música! Eu chamo doença, querer tocar sem poder, num sei nem se é permitido, mas eu chamo. Pois ele nasceu com esse dom que eu tenho. Sei que é um dom de Deus. Eu digo doença, mas eu gosto muito de brincar. Ele nasceu vendo eu tocar e ele queria tocar e eu num podia comprar os instrumentos! Eu comprei uma sanfona velha, ensinei os tons a ele e ele começou a querer acompanhar a evolução desse novo tempo. Eu digo: '- Não é por aí!' Aí ele aprendeu uma música antes de aprender os tons, e já queria tocar, já queria andar. Digo: '- Não dá, vamos ter paciência!' Aí eu peguei ele, fiz os tons naturais, depois fui fazendo os outros tons: sol menor, dó menor, fá menor, e por aí vai.

Ele se aprimorou fazendo os tons, fazendo a mudanças. Eu digo: '- Porque pra tocar você tem que fazer os tons.' Ele toca pouco mas o pouco que ele toca, a gente observa que falta nele o instrumento bom, alguém ensinar mais alguma coisa a ele e ele se aprimorar. Eu digo sempre a ele: '- Meu filho, você tem que tocar todo dia porque o próprio instrumento abre sua mente!' Mas se você tiver o ensinamento, esclarece mais, anda mais depressa. Mas mesmo o instrumento ele se encarrega de ensinar. E ele está tocando. Ele toca esse ritmo que eu já falei, mas eu corrijo ele de muita coisa, que eu sei corrigir, eu corrijo. Porque aquele negócio das coisas desenfreadas, eu num concordo!"

ESCREVEU NÃO LEU O PAU COMEU

Quando Júlia Bernardo era menina, no Piquiri, onde nasceu e se criou, o povo vivia debaixo d'água. Sendo assim, o transporte principal era o cocho. O cocho mesmo, esse onde se coloca comida para os porcos. Um tronco de cajueiro escavado, só que dos maiores e na forma de uma canoa, com tábuas atravessadas, para os passageiros sentarem, com o condutor governando para trás. Eram quatro navegações, da Lagoa do Piquiri à Barraca, o cocho Tabajara, o maior, e os outros, chamados Mergulhão, Faisquinha e Caracol, o menor.



Foto OB

Vivia-se da roça, e da pesca na lagoa, peixe grande, farto, de água-doce. As mulheres trabalhavam raspando mandioca nos engenhos de farinha e fazendo renda ou labirinto, outras tomando conta de casa. Menina de dez anos já trabalhava no labirinto. Assim disse Júlia:

“- A mãe ensinava as bichinhas a trabalharem. As escolas eram muito longe! Minha casa é bem ali do outro lado, eu morava aqui e ia estudar na Barra da Sucatinga, lá na praia! Ia de pé. As outras também, seis horas já estavam todas acordadas. Iam pra escola que era longe. Ia à pé um bocado delas. Se juntavam aos alunos, iam arengando mas iam bater lá. Eu era

muito arengueira. Na escola a professora ensinava bem, nós respeitávamos ela, que era uma mulher muito religiosa! Chamava-se Vera Severino. Era só uma professora para todas as matérias, e a palmatória ensinava a sentar! Se soletrasse e não lesse, o pau comia. Agora não, agora é uma vida de rosa. Os meninos num apanham mais.

A gente voltava meio-dia em ponto, morrendo de fome, comendo araquá, pra gente botar em casa, que nesse tempo num existia merenda nem nada pra criança. Saía de casa com cafezinho, se tivesse. Fome tinha muita!

Em casa, se num obedecesse, apanhava. Era tudo criado na lei boa! Essa lei chamava-se lei católica. A mãe levava o filho pra missa, botava a carga no jumento, um par de caçuá, botava um bocado dentro, outro na garupa e iam pra igreja, pra Sucatinga. Agora aqui num vai mais. Passava era muito tempo sem ter missa. De ano em ano tinha a festa de Nossa Senhora da Penha e as mães levavam, Natal, Dia de Ano... Tudo a gente ia”.

ZUCA, O PROFESSOR QUE ESCOLHEU FICAR

O pai de José Fernandes de Moraes, o Seu Zuca, era um homem que amava o campo e amava a Serra do Félix acima de tudo. Casou-se com uma moça de Russas e, em 1918, os dois foram morar na Serra do Félix, lugar bom, mas de gente sem instrução nas letras e na religião. Tanto que a mãe, pra rezar uma novena, tinha que se deslocar até as capelas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Caiçara, ou de São João Batista, em Suçuarana.

O menino Zuca aprendeu as primeiras letras com ela, a carta do ABC, o primeiro livro, como se dizia à época. Com oito anos, ainda teve aulas com um rapaz muito inteligente chamado Jonas Veríssimo dos Santos, que chegou querendo abrir uma escola no lugar. Desejo de dias, logo o tal rapaz regressou à capital.

Escola mesmo apareceu dois anos depois, em 1933, com o professor Manoel Joaquim Vieira. Cada aluno pagava cinco mil réis por mês, Zuca lembra bem. Em seguida foi uma sucessão de professores na pequena sala de aula. Zuca fala com a precisão de um historiador:



“- Depois, por intermédio de Pedro Raimundo de Moraes que era meu tio, a prefeitura mandou uma professora. Ela pagava 50 mil réis por mês. Veio a dona Malvina, a primeira professora chegada de fora. Veio indicada por Maria Estevão. Ela vivia aqui no sítio Juazeiro, um lugar muito animado. Essa professora, ela veio de Cascavel, era uma mulher politizada e sabia onde pisava. Nesse tempo, aqui havia dramas, era muito movimentado, em 1934, 35, com a participação dos habitantes da Serra do Félix.

O nível da escola aqui era muito pequeno, aí quando foi em 1939, eu fui para o seminário de Fortaleza na Prainha. Saía fugido pra me preparar. Fui pra Russas, lá eu pagava dez mil reis por mês. Mas eu me preparei pouco porque o rapaz que me ensinava era estudante do Liceu e só queria passear. Mas eu fui, fiz o exame e passei, mas passei me arrastando em português. A maior nota era seis e eu tirei três em português e cinco em matemática.

Passei ainda quatro anos no seminário, mas saí por causa de uns fofoqueiros. Você sabe que em todo lugar tem fofoca, e há muitas pessoas que pra crescer é como urubu, quer crescer nas costas dos outros. Aí eu disse ao padre: ‘- Padre eu vou embora. Num fico mais aqui não.’ E quando cheguei: ‘- Papai eu vim embora, saí do seminário!’ Papai disse: ‘Num tem nada não’.

Aí fiquei aqui na Serra do Félix em vez de ter ficado lá em Fortaleza mais perto da fonte do saber. Aqui a terra é muito boa, a gente trabalha, mas falta a ciência dos homens. E eu fiquei nessa tolice minha e por isso me arrependo muito. Se eu tivesse ficado lá, uma tia minha pelejou comigo pra que eu entrasse na Base, mas eu num tinha muita experiência da vida e mesmo era um pouco tímido e achava que só dava certo estar perto do papai e da mamãe.

Passaram-se muitos anos e eu tratei de ser professor avulso, ensinando aqui na Serra do Félix. O ensino era então até o 3º ano e eu fiz uma doídice: ‘- Agora eu vou entrar nesse matagal difícil que é o ensino’. Fui até ao prefeito. O prefeito num gostava de mim porque geralmente os políticos num gostam de gente de direito e autônomo, só gostam de gente subserviente. Então, eu fui, tirei 500 mil réis do meu bolso e paguei lá na Funefor. Lá eu sofri muito, porque sofri várias doenças, mas em todo canto existe gente boa e gente ruim. Gastei do meu bolso 500 mil réis pra fazer um curso lá na Funefor, pra ensinar. Era em 1980, passei quatro anos, aí deixei.

Aí eu plantei aqui um sistema de TV, eu fui o implantador. Agora, quem trabalha pela educação é muito mal compreendido. Esses mesmos alunos que hoje estão aí de anel no dedo, professores, foram meus alunos, mas quando foi lá na faculdade que eles terminaram o curso num se lembraram do pobre professor que se esforçou, passou fome... Mas é isso mesmo, cada qual só dá o que tem!”



HISTÓRIAS DE TRANCOSO

A HISTÓRIA DO SOLDADO LUSTROSO, COMO OUVI DE GERALDO LIMA

No tempo do era, menino já nascia com uma sina, com um destino escrito, e esse Príncipe, o filho mais novo de um rei, nasceu com a maldição de beber até cair na rua de tão embriagado. Sabedor disso, o Rei, pai dele, muito rico, mandou construir um navio e criou esse filho no mar, separado dos outros. No mar, o Rei deu estudo e de um tudo a ele. Tanto ele sabia ler como sabia matemática e todas as artes e ciências de seu tempo.

Quando o Rei e a Rainha iam lhe visitar no navio, os seus irmãos ficavam em terra, até que um dia, o Príncipe caçula da família, já rapaz, perguntou à mãe, porque aquilo acontecia. ‘- Minha mãe, por que toda minha família vive em terra e só eu moro preso neste navio?’ ‘Meu filho, respondeu a mãe, só quem pode lhe responder esse mistério é seu pai.’

Então o filho caçula chegou-se até o Rei, seu pai, e insistiu com ele, que queria desembarcar daquele navio e conhecer o continente. ‘- Por que meus irmãos podem viver na terra e eu não posso? Que mistério é esse?!’ Disse ele, muito revoltado. Forçado, dessa maneira, o pai resolveu contar-lhe o segredo; o filho tinha nascido com a sina de beber e cair na rua, por isso ele vivia preso naquele navio.

Sei que ele contou a historia toda, mas o filho não se conformou: ‘- Então o senhor quer ter mais poder do que Deus! Deus me deu uma sina e o senhor quer revogar, não está certo!’ Sei que andaram teimando muito e o filho ainda quis se atirar n’água, mas o pessoal não deixou. Ele ficou desgostoso, foi uma coisa medonha!

Aí terminaram toda a conversa. Quando foi no outro dia, que o Rei, pai dele, chegou, ele disse que ia embora, ganhar o mundo naquele navio. Acaso um dia, se cumprisse sua sina, voltaria pra terra, pra casa do pai. Porém se a sina não se cumprisse, o Rei nunca mais tornaria a ver o filho.

O velho Rei pai dele aceitou. Fizeram o acordo. O filho partiu no navio com os tripulantes e ganhou os mares do mundo. Fez a primeira parada, por sorte ou por azar, num porto em que o Rei era seu tio. Logo as filhas do Rei e outras moças do lugar vieram visitá-lo no navio. Mas ele não queria saber de nada. A primeira coisa que fez quando aportou nesse reinado foi saltar em terra e pedir bebida no primeiro bar que encontrou. Bebeu, voltou para o navio e dormiu. No outro dia, fez a mesma coisa, tornou a terra, bebeu e foi dormir.

Sei que estava com dias nessa arrumação, até que arranhou um companheiro de bebida, um soldado, um soldadinho raso. Gostou tanto do companheiro, que disse pro Capitão dele que ia ficar ali naquela cidade. O navio era dele com tudo dentro, podia ganhar o mundo, só não podia, nem queria, era voltar pra terra do pai, e havia resolvido ficar ali.

Daí ele ficou bebendo mais esse companheiro e, por insistência do companheiro, acabou sentando praça como soldado raso. Daí nasceu o Soldado Lustroso, porque ele era comprido, muito ilustre, e o pessoal passou a chamá-lo por esse nome. Ninguém sabia que ele era um príncipe.

O tempo se passou, ele servindo como praça e bebendo com esse companheiro. Até que um dia, o Capitão deles chamou todo mundo para uma reunião, menos o Soldado Lustroso. Sei que ele estava bebendo e o companheiro perguntou se ele não ia para a reunião. Ele disse: ‘- Não, eu não fui avisado dessa reunião não’. Aí o companheiro foi e ele ficou bebendo.

Quando o companheiro chegou lá na reunião, o Capitão perguntou por que o Soldado Lustroso não tinha vindo, e ele disse: ‘- Rapaz, ele disse que não tinha sido avisado e não vinha não!’ Aí o Capitão mandou dois soldados: ‘- Vocês vão chamar ele, tragam ele aqui!’ Talvez para ser preso. Só sei que eles foram. Quando chegaram lá, deram o recado do Capitão. Ele tinha mandado levar ele preso se ele não quisesse ir. Aí ele disse: ‘- Pois bem, vocês querem me levar preso ou querem dar um recado pro Capitão?’

Os soldados, ouvindo aquilo, olharam um pro outro e disseram: ‘- Homem, nós vamos dar o recado, num vamos levar você preso não!’ ‘- Pois você diga ao Capitão que dez soldados da marca de vocês não me levam preso, avalie só dois!’ Eles voltaram e quando chegaram lá, que o Capitão perguntou, os



soldados deram o recado que o Soldado Lustroso tinha mandado para ele. O Capitão ficou sem acreditar: ‘- Foi mesmo!?’ ‘- Foi!’ ‘- Entonce, nós vamos escolher dez soldados dos melhores que tiverem, pra trazer ele preso, vivo ou morto!’

Os dez soldados foram, chegaram lá, deram o recado do Capitão. O Soldado Lustroso como da primeira vez: ‘- Está certo, o que vocês querem fazer, me levar preso ou dar outro recado pro Capitão?’ Eles olharam uns pros outros, notaram que o negócio não era muito fácil e disseram: ‘- Rapaz,

Quando foi no outro dia, o Rei mandou chamar o Soldado Lustroso. Ele foi e o Rei perguntou, por que ele tinha matado o Capitão. Ele disse que tinha matado o Capitão porque o Capitão tinha feito uma reunião e não avisou a ele. Veio logo foi com historia de prender. E contou o resto, que ele tinha mandado o recado que dez soldados não prendiam ele, avalie dois, e o Capitão mandou os dez pra levar ele ou preso ou morto, e ele perguntou aos dez soldados se queriam levar ele vivo ou morto ou se queriam dar outro recado ao Capitão. Ai eles tinham concordado em dar o recado e ele tinha mandado o recado que ia matar o Capitão e que se ele pegasse com besteira, matava ele também.



Foto: AH

nós vamos dar o recado.’ ‘- Pois você diga ao Capitão que ele se prepare que eu vou matar é ele lá!’ Os cabras voltaram bem ligeiro e quando deram o recado o Capitão ficou pra não viver. Disse: ‘- E tem uma coisa, se ele vier é pra baixar fogo quando ele apontar bem ali no campo.’

Ora, foi com pouco tempo, o Soldado Lustroso veio de lá pra cá se fazendo de meio entubado. Sei que eles baixaram fogo, mas ele caiu no chão rolando e veio de lá pra cá, o bacamarte comendo. Até que ele chegou perto, puxou pelo punhal e matou o Capitão. Matou o Capitão e quando acabou disse: ‘- Olhem, se quiserem resolver, ainda tem mais briga, se não quiserem a briga está acabada!’ Aí ele voltou e foi embora.

Então o Rei disse: ‘- Não lhe chamei pra brigar! Eu mandei chamar você aqui, para você assumir o canto do Capitão.’ ‘- Eu não quero assumir o canto do Capitão’, respondeu o Soldado Lustroso. ‘- Porque assim eu não posso beber minha cachaça e eu não vou deixar de beber pra ser capitão não. Quero ficar mesmo soldado raso!’ Ai ele aproveitou e fez também um negócio com o Rei pra que, quando ele tivesse lá nos fuxicos dele, o Rei não bulisse com ele.

Só sei que os dois concordaram e levaram o negócio adiante. O Rei tinha uma gurita e quando foi desse dia pra frente, ele colocou uma pessoa, noite e dia, pastorando a gurita. Mas todo aquele que ia pra gurita amanhecia morto! Do meio pro fim, já estavam fazendo um sorteio, quem saía sorteado já sabia.



Quando foi um dia o amigo do Soldado Lustroso foi sorteado pra ir pra gurita! Aí quando eles se encontraram de manhã no canto de beber e o amigo, triste, não queria beber de jeito nenhum, ele perguntando por que ele não queria beber, aí o amigo disse. Contou que tinha sido sorteado pra ir de noite pasturar a gurita. Pediu que o Soldado Lustroso fosse pra gurita no canto dele, prometendo que daquele dia em diante lhe daria a metade de tudo quanto ganhasse.

Então o Soldado Lustroso respondeu: ‘ - Não preciso disso não. Eu vou. Basta você me dar um burrinho de cachaça, que eu vou pra gurita!’ Só sei que eles beberam, beberam até umas horas, daí o Soldado Lustroso foi pra casa, tomou banho, comeu, dormiu um soninho, quando acordou arrastou o bacamarte e foi se ajeitando pra ir de noite pra gurita. Finalmente, antes de anoitecer ele foi. Levou uma enxadinha, quando chegou lá perto, cavou um buraco e esperou escurecer de todo. Aí ele meteu-se dentro do buraco com o bacamarte, o Soldado Lustroso.

Nessa época tinham os fresquinhos, o sujeito todo empalitozado, como tem hoje muito cabra de gravata. Sei que um camarada desses, estava namorando com a Princesa e queria raptar ela nessa mesma noite com a ajuda de outros dois ladrões. Acontece que eles só estavam de olho no dinheiro da Princesa. Quando foi já quase meia-noite, lá vêm os cabras de lá pra cá, com um punhal que não tinha tamanho, tudo de ponta de pé, tomando chegada à gurita, mas quando chegaram não tinha ninguém!

Aí eles disseram: ‘ - Hoje é a noite da gente roubar a Princesa e o dinheiro.’ A Princesa estava dormindo no alto de um sobrado e esse namorado dela estava acostumado a subir pela corda para conversar com ela. Só sei que os três sujeitos balançaram a corda, a criada desceu, aí eles conversaram com a criada, que era a noite de roubar a Princesa, que ela botasse logo o dinheiro porque não tinha ninguém na gurita. Ela botou o dinheiro, dois dos sujeitos saíram levando e o que namorava com a Princesa ficou, pra quando ela descesse, levar.

O Soldado Lustroso, lá no buraco dele, vendo toda a arrumação. Que quando a Princesa desceu e pegou no braço do tal sujeito que namorava com ela - os outro já tinha ido - aí que quando ele pegou... Nessas alturas o Soldado Lustroso ainda botou o bacamarte para atirar, mas aí: ‘ - Não, eu não vou atirar agora, vou ver o que vai acontecer!’ E aí o cabra saiu com ela pela rua e o Soldado Lustroso saiu atrás se escondendo, pra ele não perceber, nem ele, nem ela. E lá vai, lá

vai, lá vai e lá vai, pegaram o mato, e lá pelo meio do mato, aí ele aprestou bem aquela arrumação.

O ladrão pegou a conversar mais ela, disse a ela que eles eram uma corja de ladrões que viviam naquele mato e que ele não era fidalgo, que pegou esse namoro com ela só pra roubar o dinheiro dela, e nem queria casar com ela. Pior de tudo que tinha de matá-la. Aí ela pediu pelo amor de Deus que ele não a matasse, mas ele disse que não tinha jeito. Se ela quisesse, rezasse um Pai Nosso.

Ela caiu nos pés dele rezando. Só sei que quando ele puxou o punhal, o Soldado Lustroso passou fogo no cabra. Aí o cabra desceu, se encostou. Aí ela já conhecia, eles eram primos, mas ele num sabia ainda. A Princesa já sabia do acontecido, do Capitão e de tudo. Quando viu que era ele, pediu ao Soldado Lustroso que a matasse. Mas ele disse: ‘ - Rapaz, é o seguinte, nesse instante você estava rezando, se valendo de Deus pra não morrer, agora você quer que eu lhe mate! Pois agora você num morre não! Agora você vai voltar pra casa do seu pai pra prestar contas lá.’

Sei que depois vieram de lá pra cá e ela deu em riba dele, dizendo que ele não era um soldadinho, pra ele dizer quem ele era realmente. Ele negando todo tempo e ela pelejando pra ele dizer. Até que, já muito perto do sobrado, ele disse: ‘ - Olhe, eu vou lhe dizer quem eu sou. Agora só tem uma coisa, se você contar, você morre na mesma hora!’

Aí ele contou que era Príncipe, que foi criado e vivia no mar, que elas tinham visitado ele e eram primos. Então ela respondeu que queria casar com ele. Aí ele disse: ‘ - Está bem, a gente se casa, agora você tem que mandar seu pai fazer uma reunião com todo mundo pra você escolher um homem pra se casar. Esse homem tanto faz ser solteiro, viúvo, preto ou branco, o que você escolher ele tem que aceitar. Eu vou chegar na reunião por derradeiro, com um burrinho de cachaça que um amigo me deu.’

Depois de combinar tudo, o Soldado Lustroso vestiu a roupa de príncipe e botou a roupa de polícia por riba, pra ela conhecer. Aí lá vai, quando foi de manhazinha, ela chamou o pai e contou a historia. Disse que queria se casar, mas com uma pessoa do agrado dela, uma pessoa que ela escolhesse, fosse solteiro, viúvo, o diabo que fosse.

Aí a historia espalhou-se. E era homem velho fazendo barba, outro cortando o cabelo, tudo pra ser o primeiro escolhido. Quando foi na hora da escolha,



ela sentou-se numa cadeira na janela do sobrado e o pai, embaixo, mandando passar os candidatos. Começou logo da classe mais alta, porque achou que ela ia escolher uma pessoa importante, e foi passando, e foi passando, e foi passando, e ela: ‘- Não é esse, não é esse, não é esse!’ Passou tudo!

Aí veio a classe mais baixa, e foi passando, e foi passando e nada. Aí quando passou pra classe mais baixa ainda, ele apontou. O Soldado Lustroso apontou com a arrumação dele, e tombando. Desde aquele dia da gurita, ele num bebeu mais, mas vinha fazendo que estava bêbado. E veio de lá pra cá e de lá pra cá, pra cá e pra lá, o pessoal passando, caiu no pé da calçada! Ele tinha combinado com ela tudo isso, como eu disse. Caiu no pé da calçada e ficou ali. Os outros foram passando e ele ali.

Quando passou o derradeiro, o Rei disse pra Princesa: ‘- Não existe essa pessoa que você queira casar. Ela apontou para o Soldado Lustroso caído na rua: ‘Mas num chegou uma pessoa ali não?’ O Rei respondeu: ‘- Chegou, mas essa pessoa eu não posso mexer com ela!’ ‘- Mas vamos lá ver se é com ele que eu quero me casar?’ Disse a Princesa.

O Rei foi então, com a Princesa, até onde estava o homem caído. Reconheceu logo quem era e disse: ‘- Levanta-te Soldado Lustroso para ver se tu és a pessoa com quem a Princesa quer casar?’ O Soldado Lustroso levantou a cabeça e falou muito aborrecido: ‘- Vão com o fuxico de vocês pra lá!’ E voltou a dormir.

Daí que o Rei olhou para a filha e disse que esse não podia ser. A Princesa, porém, insistiu: ‘- Meu pai, dê um posto a ele, que ele logo quer casar comigo, dê um posto a ele.’ Aí o Rei disse: ‘- Levanta-te Príncipe Lustroso, pra vê se tu és a pessoa com quem a Princesa quer casar.’ Ai quando ele disse: levanta-te, o Príncipe Lustroso levantou-se e disse: ‘- Sou Príncipe, mas não por teu poder!’ Aí tirou a roupa de soldado e mostrou a roupa de príncipe por baixo.

Viajou com a Princesa e foi morar na terra do Rei seu pai.

HISTÓRIA DAS DUAS FAMÍLIAS

Essa história ouvi também de Geraldo Lima, na sua casa em Umburanas. Diz assim: “Em um lugar só existiam duas famílias. Em uma família havia três moças e na outra, três rapazes. Na família das moças, a mulher açoitava o marido e todas eram valentes. Já na casa dos rapazes todos eram mansos. Aí

o tempo foi se passando e só existiam elas, o mais velho dos rapazes noivou com a mais velha das moças. Casaram-se e ela açoitava o marido quase todo dia. E lá vai e lá vai e lá vai, até que o outro encostado a ele num tinha o que fazer, pegou namoro com a outra lá, tornou a ter casamento e lá vai e lá vai apanhar também. Aí ficou o caçula lá e a caçula cá das mulheres valentes.

Só sei que passou um bocado de tempo aí ele disse pra mãe que ia se casar com a menina lá. Aí a mãe disse: ‘- Meu filho, você num está vendo o que está acontecendo com os seus irmãos não?’ Ele respondeu: ‘- Mamãe, comigo o negocio vai ser mais diferente, não vai ser assim como está acontecendo com os meus irmãos não!’

Sei que ele justou o casamento lá com ela, e ajeitou, botou um roçado, fez uma casa boa e quando foi no dia do casamento ele foi, levou uma besta com uma sela de montaria - não sei se você alcançou que antigamente as mulheres andavam na sela de montaria, e ele foi no cavalo machador. Aí eles se casaram por lá. Tiveram até umas horas da madrugada. Então, ele convidou a mulher: ‘- Mulher, vamos embora!’ Aí ele botou a mulher na besta e ele veio no cavalo, balaiando pra aqui e pra acolá. Encostava na mulher e dizia: ‘- Mulher, bota essa besta pra frente mulher!’ E a bicha ruim quase não andava. Aí ele deu uma volta, chegou e disse de novo: ‘- Mulher, bota essa besta pra frente!’

Aí, já bem pertinho de casa ele falou a terceira vez e disse: ‘- Olhe, minha filha, você tenha cuidado porque eu só falo uma coisa três vezes. Desça da besta!’ Ela desceu. Ele arrastou ela, prantou fogo e a besta caiu. Ai ele disse: ‘- Olhe, eu só falo uma coisa três vezes e agora você coloque essa sela na cabeça.’ Ela colocou. Foram chegando em casa, tinha um cachorro, o cachorro viu a mulher com a sela na cabeça e correu em riba. Aí ele falou com o cachorro para calar. Falou com o cachorro novamente, falou três vezes. Prantou fogo no cachorro e o cachorro desceu. Ele disse: ‘- Olha minha filha, tenha cuidado que eu só falo uma coisa três vezes!’

Entraram dentro de casa já de madrugadazinha. Ele de manhã cedo foi logo pro roçado mais os trabalhadores. Tinha mandado os homens matar a criação, deixou carne, deixou tudo, mas não deixou lenha. O roçado era tão grande, que não se avistava nem o mato. O sol começou a altear e ela atrás de fazer o fogo, atrás de fazer o fogo e sem ter lenha. Ai pegou a imaginar



como faria o fogo se não tinha lenha, aí pegou a imaginar: '- O homem só fala uma coisa três vezes. Agora deu bom! Como é que eu vou fazer esse de comer?!'

Aí tinha uma mesa, ela pegou o martelo, lascou na mesa e fez o fogo. Quando ele chegou o comer estava cozido. Quando ele estava comendo ela foi e contou a ele, ela já tinha feito! E ele disse: '- Não, num tem problema não, o problema é o comer estar cozido!' Quando foi no outro dia, a velha veio - que a velha era que era valente, aí chegou e começou a conversar mais ela. Perguntou quantas surras ela já tinha dado nele. Ai ela disse: 'Surra, nele? Olhe mamãe, vindo de lá pra cá, ele falou pra besta sair da frente três vezes e a besta não andava, ele mandou eu descer, matou a besta, matou o cachorro e me disse que só fala uma coisa três vezes, o diabo é quem vai se meter com ele, mas não eu!' [risos] O bicho era brabo mesmo não era?"



HISTÓRIAS MISTERIOSAS

○ LOBISOMEM

Hoje em dia, no interior, o povo tem medo de ladrão e traficante de droga, mas antigamente, na mata escura o perigo era ver uma caipora ou um lobisOMEM. Socorro Góes jura que viu um e eu não duvido.

"A gente tinha medo de lobisOMEM, é tanto que a gente ia pro ensaio do pastoril e chegava apavorada. Tinha que chegar cedo por causa dos lobisOMENS. Ali onde eu moro, onde hoje é o mercado, ali era muita árvore, só tinha aquela casinha que hoje ajeitaram, uma casinha que era da minha avó. Eu vi lobisOMEM sim, é verdade, eu vi. Ali onde é o mercado do peixe, ali era aberto, eles jogavam todos os ossos do boi que matavam de oito em oito dias, debaixo de um barracão no meio de uns pés de benjamins que havia. Pois foi lá que eu vi com esses próprios olhos.

E hoje eu entendo, o homem que vira lobisOMEM é o homem de má vida, que num tem nada com Deus, é bêbado. O lobisOMEM só sai em época de lua cheia, ele não sai no escuro.

Eles vão para a estrebaria dos animais, lá eles fazem aquela oração forte, o demônio vem botar aquela capa preta em cima deles e eles correm sete províncias, que hoje chamam comunidades. Se eles pegarem cachorro novo eles comem todinhos e eles têm que estar atentos pra antes do galo cantar voltarem pra estrebaria e se desvirarem de novo. O lobisOMEM fica rolando

pra cá e rolando pra lá, se ele não chegar depois que o galo cantar, ele fica lá como um bicho.

Então eles corriam as sete províncias e iam lá pro mercado, lá pro barracão comer os ossos, limpar os ossos dos pedaços de carne. É horrível, isso aqui dele forma a orelha, muito grande, essas pernas aqui eram pra trás. Ele corre, num tem quem pegue. Se ele passar numa cerca de arame ele é virado, porque se riscar o couro ele desvira na mesma hora.

Nesse dia, eu tinha ido pro ensaio do pastoril e lá no barracão tinha muito osso, que o meu avô juntava para levar pro mercado, ali perto. Tinham derrubado a cozinha lá de casa, que era de taipa, e meu pai mais meu avô botaram a cantareira

com os potes lá debaixo da mangueira, porque tinha muita árvore ali onde eu morava, e quando minha mãe chegou e foi beber água lá, o bicho estava lá limpando os ossos e comendo, puxando as carnes.

Minha mãe gritou, meu avô se levantou com a faca na mão e ele pulou. Quando ele pulou, rasgou o couro no arame, aí ele desvirou lá pro outro lado. Ele desvirou e todo mundo viu, aí ele se ajoelhou e pediu ao meu avô que nunca revelasse o nome dele. Era um homem de bem e num queria que fosse revelado o nome dele. Meu avô prometeu, ele morreu e meu avô nunca revelou o nome dele.

Eu vi o lobisOMEM nessa madrugada, minha mãe chamou: '- Vocês nunca viram!?' Está aqui!' A gente olhava por

debaixo do buraco da janela, a lua clara mesmo. Coisa que fazia pavor a gente num era ladrão, era lobisOMEM! Quando você visse um homem amarelo, no boteco bebendo cachaça, cusbindo, as unhas grandes, cabeludo, esse aí vira lobisOMEM. Diziam que o Lagoinha virava. [ri] Ele era um cara muito amarelo, num tinha uma gota de sangue, só vivia da bebida mesmo.





Luís, meu marido, ele já sabia dessas histórias. Quando ele ia fazer serenata lá pela Sucatinga, com os colegas - que o Luiz morava na lagoa da cidade, perto do Uruaú, eles viam também. Eles num tinham sapatos, era tudo de pés descalços, sentavam três no jumento pra ir fazer serenata, e ele disse que via. Então o grande pavor que a gente tinha era o lobisomem, hoje são os ladrões. [ri] E tinha também a burrinha que é a mulher que namora com padre. Ela aparece na encruzilhada em noite de lua, lá vai a burrinha passando 'trin-trin-trin'. Se ela atravessar a encruzilhada, ela também desvira."

O SEGUNDO LOBISOMEM

Dona Mariquinha, do Córrego da Nica, também conta história de lobisomem. Primeiro a de um rapaz que namorava uma sobrinha dela e que toda noite se destacava pra vir namorar na casa dela. Um dia, quando foi na volta apresentou-se aquele bicho com um chapéu horroroso. "- Aí ele puxou a faca pra furar o bicho, era um lobisomem, e o bicho pra comer ele e ele saltando praqui, saltando pra acolá. Ele disse que lutou mais de dez minutos pra se evadir desse lobisomem e nada.

Ele começou a rezar e o bicho atrás dele pra matar, pega num pega, ele e os cachorros, que estavam acompanhando ele. O bicho balançava a cabeça praqui, pra colá, e ele dizia: '- Valha - me Deus, me acuda pelo amor de Deus! Até que ele pulou no cercado de casa pra se livrar. Era um lobisomem que queria comer ele. Ai minha mãe que já estava deitada, quando ouviu aquela cachorrada, pega, num pega, ela disse: '- Valei-me Nossa Senhora, meu Deus do céu!', que ela olhou, era aquele bocado de cachorro e aquele bicho-preto. Quando os cachorros davam nele que davam dentada, o bicho dizia: '- Te aquieta cachorro!'

Minha mãe disse que ela só faltava se acabar de medo, o bicho e um cachorro de um lado e outro de outro, porque a porta da barraca era de palha. Aí ela começou a rezar e o bicho, arrodando a casa, dava aquelas lapadas e dizendo: '- Te aquieta cachorro! Aí ela saiu por aqui, por acolá, rezando, e o bicho foi se distanciando com os cachorros, até que sumiram na escuridão. Era um lobisomem."

UM MILAGRE DO PADRE CÍCERO, SEGUNDO RAIMUNDO BERNARDO



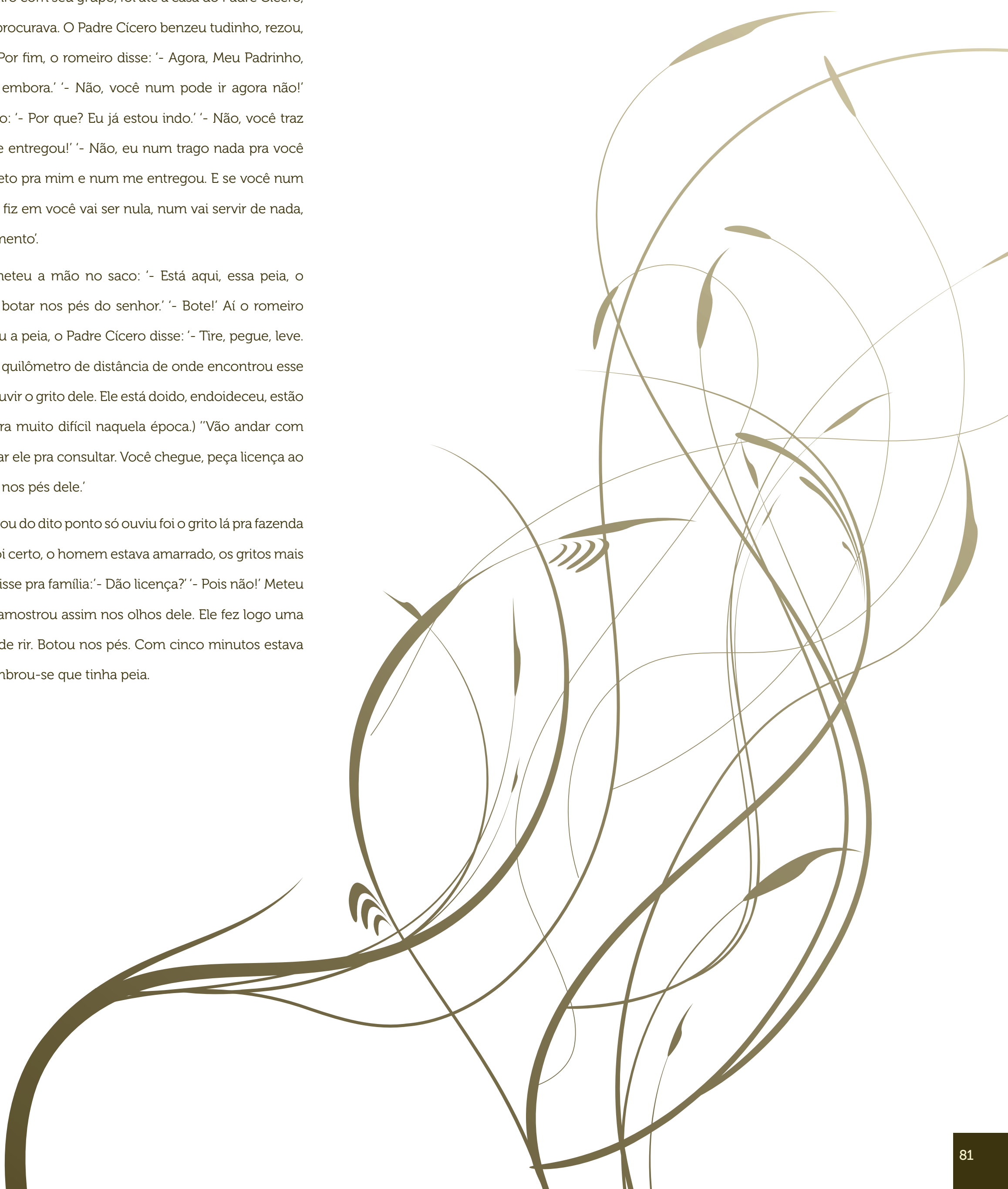
Uma vez, umromeiro passou pela fazenda de um homem que estava fazendo umas telhas e ele perguntou: '- Seu romeiro, que mal eu lhe pergunte: você vai pra onde? - Vou pro Juazeiro fazer uma romaria com Padre Cícero, o meu padrinho.' Aí o homem foi pegou uma peia da mão: '- Pois pegue essa peia, bote nos pés dele.'



O romeiro chegou em Juazeiro com seu grupo, foi até a casa do Padre Cícero, contou a história da cura que procurava. O Padre Cícero benzeu tudinho, rezou, fez a recomendação da cura. Por fim, o romeiro disse: ‘- Agora, Meu Padrinho, me abençoe que eu vou-me embora.’ ‘- Não, você num pode ir agora não!’ Padre Cícero disse. E o romeiro: ‘- Por que? Eu já estou indo.’ ‘- Não, você traz uma coisa pra mim e num me entregou!’ ‘- Não, eu num trago nada pra você não!’ ‘- Traz! Você traz um objeto pra mim e num me entregou. E se você num me entregar, toda cura que eu fiz em você vai ser nula, num vai servir de nada, você vai ficar no mesmo sofrimento.’

O sujeito, com medo, foi meteu a mão no saco: ‘- Está aqui, essa peia, o coronel fulano mandou pr’eu botar nos pés do senhor.’ ‘- Bote!’ Aí o romeiro botou a peia. Depois que botou a peia, o Padre Cícero disse: ‘- Tire, pegue, leve. Quando você chegar com um quilômetro de distância de onde encontrou esse fazendeiro, você já começa a ouvir o grito dele. Ele está doido, endoideceu, estão com ele amarrado.’ (Médico era muito difícil naquela época.) “Vão andar com ele pra adquirir médico pra levar ele pra consultar. Você chegue, peça licença ao pessoal que tiver e bote a peia nos pés dele.’

Aí ele foi. Quando se aproximou do dito ponto só ouviu foi o grito lá pra fazenda do homem. Quando chegou foi certo, o homem estava amarrado, os gritos mais medonhos do mundo! Aí ela disse pra família: ‘- Dão licença?’ ‘- Pois não!’ Meteu a mão no saco, puxou a peia, amostrou assim nos olhos dele. Ele fez logo uma cara como quem dá um jeito de rir. Botou nos pés. Com cinco minutos estava falando com todo mundo! Lembrou-se que tinha peia.



FESTAS, FOLGUEDOS E OUTRAS ARTES

DIVERSÃO E ARTE EM ARACATI

No Aracati, as diversões se concentravam nas férias e finais de semana, com destaque para as quadrilhas e blocos de carnaval, dos quais Formiguinha participava ativamente fazendo figurinos e adereços para os casamentos matutos e os destaques carnavalescos. Linduína frequentava o Aracati Clube com suas festas elegantes animadas pelo conjunto Paulo de Tarso, mas era no Sete e Sete Clube onde aconteciam os bailes dos carnavais populares.

Aliás, no dizer de todas as dramistas, o carnaval em Aracati era uma beleza! Principalmente o de rua, com seus inúmeros blocos, o dos Índios, o da Caveira, o Malandro do Morro, o Cabe Mais Um e a Banda de Seu Chico de Janes. O pai de Linduína, Tenente Barbosa, foi Rei Momo por quase uma década. Tinha tudo pra não ser, pois não era gordo e, muito calmo, quase não falava. Porém dançava como ninguém. Dançava manso, em ritmo de marcha-rancho: 'bandeira branca amor', aquele passo bem marcado.

Linduína conta: "- Havia o curso de tarde, quando ele vinha de carro aberto. Eu tenho até a foto do Seu Israel e papai, era uma pick-up, papai em cima com a rainha do carnaval, percorriam todo esse percurso. Era feito na Rua Grande, passava na outra rua, aí vinha novamente. À noite ele visitava todos os clubes, passava no 7 e 7, que era 7 de Setembro nesse época, o clube dos funcionários da fábrica de tecido. Terminava no Aracati Clube, onde a gente ficava dançando. Quando a festa acabava, a maior parte da orquestra morava ali pro lado da Coluna, no começo da Rua Grande, então eu ia com meu pai

acompanhando a orquestra até lá. Depois, nós voltávamos caminhando e mamãe dizia que nós chegávamos depois do leiteiro [ri] só na manhã seguinte. Mas era bom demais!"

O Natal era comemorado coletivamente, era um Natal popular de praça, de visitação de presépios nas casas de famílias, de reisados, de congos, de bumbas meu boi, de missa do galo, de pastoris e de fandangos. Na noite de ano, havia o réveillon, com seu baile, em que não faltava o bloco dos velhos, e a queima de fogos. O São João era conhecido pelas quadrilhas, sendo a mais famosa a do Bairro de Fátima, marcada por Maria Bahia, também dramista famosa. Mas não faltavam os fogos, as sortes e as fogueiras. No litoral havia a dança do coco, com seus emboladores afiados, entre eles Zé Mendes e Zé Coco, e ainda, poetas famosos, como o inesquecível José Melancia, de Canoa Quebrada.



Foto AH

Ao longo do ano, Aracati não descuidava em sua programação de arte e cultura. O Cine Moderno passava filmes toda noite e no domingo havia duas sessões, uma às 18 e outra às 20 horas. Já no Cine Teatro São José, além de cinema, o espectador podia apreciar as artes cênicas. Companhias de teatro e dança, nacionais e internacionais, passavam ali em temporadas. A maior parte vinha do Rio e São Paulo, mas algumas delas eram portuguesas. Havia

também os circos, alguns bem grandes, como o Circo Nerino e o Circo Garcia, que passavam no mínimo uma vez por ano pela cidade. Além dos números de acrobacias e malabarismos, apresentavam dramas, alguns inesquecíveis, como os baseados em canções de Vicente Celestino, Coração de Mãe e O Ébrio, que tanto exerceram influências sobre a dramaturgia das dramistas.

Por fim, muito citadas foram as retretas no coreto da Praça do Jardim Doutor Leire, toda sexta-feira, o jantar dos namorados no Instituto São José, as quermesses nas festas das igrejas, a passagem das trupes de ciganos, os passeios pelas praças e os banhos de mar em Canoa Quebrada.

OS PAPANGUS DE JUDAS



Os papangus são os guardiões do sítio do Judas. Na véspera do Sábado de Aleluia eles passavam encaretados, levando o Judas. Vinham montados em cavalos, burros, jumentos, as barbas medonhas, vibrando vassouras e chicotes nas mãos, com chocalhos enormes pendurados nas cinturas, uma gritaria assustadora e o povo morrendo de medo. Seu Diniz, menino então, em Aroeiras, era um que só faltava se acabar, mas não despregava os olhos. Escondia-se, porém não perdia uma passagem. De longe se ouvia a algazarra e já se sabia, porque desde a sexta-feira os papangus começavam a passar assombrando o povo.

Ninguém sabia quem eram aqueles papangus, ocultos por trás daqueles trapilhos, que não deixavam ver nem a ponta dos dedos. Eles ficavam zanzando pela vila só espiando os outros e o povo sem saber deles. Cada marmota! Depois eles paravam vigiando o circo do Judas, tomando de conta das prendas arrecadadas, também dos pequenos furtos que faziam, frutas, legumes, galinhas, coisas pequenas, que era pra ele deixar de herança quando morresse. O circo do Judas era todo cercado de folhas de coqueiro, carnaubeira e bananeira, era todo enfeitado, bem bonito. Se algum moleque tentasse entrar nele para roubar as prendas, os papangus tinham a licença de meter o chicote.

No testamento, antes do enforcamento e da queima do Judas, dava muita briga. Aparecia fofoca, crítica, mau feito de um que era intrigado com outro, e não prestava. Mas era só brincadeira, vinham os papangus e apartavam. Porque os papangus são também os soldados do Judas. De uns dez anos para cá, eles fugiram de Aroeiras e da maioria dos vilarejos do interior do Litoral Leste, porém costumam aparecer às centenas nos sítios praieiros de Beberibe, durante a Semana Santa.

A SERRAÇÃO DA VELHA

Após a Queima do Judas, tarde da noite, havia a Serração da Velha. Maldade do povo. Escolhiam uma velha daquelas rabugentas, ranzinza, que escondem dinheiro enterrado. Roubavam-lhe, anteriormente, uma galinha para fazer o tira-gosto da cachaça. Os papangus chegavam com um serrote, mas primeiro abriam uma cova na frente do portão da casa da velha, tiravam a terra e cobriam com papel, disfarçando com areia, como uma armadilha. Em seguida, com a terra da cova, levantavam como uma sepultura, com uma cruz fincada em cima, e davam início à Serração.

O serrador, em altos brados, chamava o nome da velha, e dava início à enumeração de uma série de acusações e impropérios contra a dita cuja. No entremeio de um e outro, passava o serrote contra um pau, acompanhado pelo coro de: "serra a velha, serra a velha". Toda esta algazarra e estes desaforos acabavam por provocar a fúria da velha e mais dos seus familiares e amigos. Cegos de raiva, não poucas vezes, eles saíam, espingarda na mão, em perseguição à turba de papangus serradores, mas quase sempre se esbarravam de encontro às armadilhas preparada pelos fugitivos.



AROEIRAS, UM PEQUENO CENTRO NERVOSO

No sertão de Aracati, Aroeiras era um pequeno centro nervoso. Talvez por ter sido durante muito tempo a única comunidade a possuir igreja nas redondezas e devido ao seu próspero comércio. Seu vilarejo atraía um amplo raio de gentes nos finais de semana e, principalmente, por ocasião das festas religiosas. De onze comunidades em torno, que hoje possuem capelas, provinham os frequentadores da igreja de Aroeiras. Primeiro para namorar, depois para batizar e crismar os filhos, assistir as primeiras comunhões e, por fim, se enterrar.

Vinham principalmente para se divertir, porque santo também gosta de festa e em Aroeiras, festa de padroeiro era o que não faltava. As festas mais importantes eram as da padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no dia 24 de julho, a de São José, no dia 19 de março e a de São Francisco de Xavier, no dia 03 de dezembro. “- Eram festas maravilhosas, conta Seu Diniz. Vinham pra cá de dois carrosséis.” Aparecia inclusive um tipo que não foi mencionado ainda nesses relatos, o trocador de cavalo, gente parecida com cigano, mas sem ser. Aliás, cigano não participava desse negócio. O trocador de cavalo vinha pra feira da festa, era um profissional do negócio, trocava e também comprava.

Havia de um tudo na feira da festa, ambulantes de modo geral, desde vendedor de bebida, peixeiro, açougueiro, miçangueiro, vendedor de tecido, de sapato, até cantador de viola e embolador de coco. De noite, depois da missa, tinha quermesse, leilão e forró mais tarde. A cerveja era natural. Naqueles confins não havia gelo, mas ninguém estranhava, achava bom do mesmo jeito.

Também, nesse tempo, quase não havia carro e o pessoal chegava quase tudo a cavalo, ou então de caminhão. A família Silva, de Pedras, município de Russas, que era mais abastada, vinha de caminhão. Pessoal rico que arrematava nos leilões. Outra família também, Lima, da Encruzilhada. Os Bentinho, de Morada Nova, igualmente. Além delas, havia uns Silva, outros, da Lagoa da Cruz e alguns convidados que vinham de Aracati. Formavam uma multidão de gente.

FESTA GRANDE PARA SÃO JOÃOZINHO

Festa maior de santo em Aroeiras, como de resto por sertão e praia todo daquele pedaço de mundo é São João. De Aroeiras era gente pouca para a festa na comunidade de Alexandre, por isso a maioria do pessoal vinha mesmo era de outros lugares, até onde alcançava a fama da dita. Como no resto do Aracati, no Beberibe e no Fortim, fogueira não podia faltar, mesmo na casa mais pobre, no terreiro de frente. Também eram obrigatórias as brincadeiras de roda, os fogos, as advinhas e as simpatias. Quadrilha só chegou muito depois.

Começava com a festa de Santo Antônio, tinha o seu cume na festa de São João e o seu deságue na de São Pedro, comemorada na casa de Seu Artur Pereira. Uma completando a outra. Depois da novena, o povo botava o santinho de lado e tome sanfona até de manhã. Melhor dizendo, sanfona não, concertina, pé de bode, harmônica, sanfona de botão, sanfona de oito baixos, ou outro nome que se desse a esse fole menor tão conhecido por todo o Nordeste.

No São João também era a coisa mais beleza do mundo. Todo mundo dançava que molhava a roupa! Só aos pares, não havia ainda quadrilha. Os rapazes pulando a fogueira acesa no terreiro, os fogos papocando, as crianças soltando aqueles traques miúdos, aquelas bombinhas, as moças tirando a sorte. Maria Linduína contou-nos que, em Alexandre, as moças costumavam escrever nomes de rapazes nas pontas do lençol de dormir. Escreviam muitos nomes e se cobriam aleatoriamente com o lençol. Quando acordavam no outro dia, aquele nome de rapaz que estivesse mais próximo do rosto delas era o nome daquele com quem elas iam casar. Já outras iam olhar o rosto do rapaz na bacia com água. “Tudo menina solteira e doida pra casar!” Disse Linduína.

Nos Caetanos, do mesmo jeito, Irene nos contou que se dançava a noite toda ao som da sanfona, balão subindo, fogos explodindo, amigas firmando compadrio ao redor da fogueira, adivinhando casamento. Em Paripueira, as mocinhas faziam a experiência da agulha. Cada uma botava duas dentro de um prato cheio d’água. Se elas se juntassem era sinal que o amor desejado chegaria até ela, namoro certo. Também se podia enfiar a faca na bananeira



e deixar amanhecer. No outro dia, ao retirar a faca, bastava ler na lâmina o nome do rapaz com quem a moça ia namorar ou até casar.

Na Serra do Félix, festa de São João era no Sítio Sussuarana, fogos, adivinhação, fogueira das grandes, sequenciado com quermesse, leilão e cantoria. No final da noite, um forró animado com sanfona de botão. Dançavam até o amanhecer.

A NOITE DO BICHO CARETA

O Natal era a festa mais animada que havia na Serra do Félix. Chamavam o padre e ele passava de cinco, seis dias na igreja de São Sebastião. O povo vinha de Sussuarana e de tudo quanto é redondeza, às vezes de duas léguas de distância, para a festa. Reunia-se, fazia a desobriga, se confessava e estava pronto para a animação. Tinha quermesse e missa do galo. “Presépio a gente via porque Natal sem presépio num é Natal!” Conta Seu Zuca. Tanto havia em muitas casas de família, quanto havia um grande na igreja.

Já em Aroeira, o Natal era conhecido como a noite do bicho-careta. Seu Diniz, quando menino, pensava que bicho-careta era um bicho fazendo careta. Tinha medo que se pelava. Depois viu que careta era mascarado, figura de reisado, que na Noite de Natal saia pela primeira vez e na Noite de Reis pela derradeira, tirando prenda para o Santo Reis do Oriente oferecer ao Menino Deus nascido em Belém.

Muita gente se destacava para Aracati, de cavalo, burro, jumento, a pé, outros de mais posses arrumavam um caminhão, todos na intenção de assistir à Missa do Galo. Já depois que foi levantada a igreja de Aroeiras, se juntava, desde dentro até ao redor, uma multidão de gente, com a roupa e o calçado que podia. Depois da missa, a quermesse e os divertimentos costumeiros de festa de santo.

Já o povo que ia assistir missa longe, fora da sua comunidade, gente de lugares como Pau-Branco onde não havia capela, penava no caminho de volta. Maria Linduína contou que via até assombração. “- O pessoal falava que vinha uma luz atrás dos animais, o tal batatão. Diz que é uma luz muito forte, que domina os animais e eles não conseguem andar. Meu pai contava essa história. Teve um tempo ruim que num tinha água pra beber, aí o papai foi passar uma temporada lá no Aracati, mas a mãe dele teve um problema

de saúde e ele teve que voltar pra cá. Ele disse que vinha mais um rapazinho amigo dele e, diz ele, que lá se vem essa luz, uma luzona grande, pouco mais está assim no olho das carnaubeiras, que no Salgado tem muita carnaubeira, aí ficava no olho da carnaubeira, pouco mais já vinha atrás dele, aí pouco mais voltava pro lado. Aí papai: ‘- Quê que é isso?! Nem tem zoadá e nada, só aquela luzona!’

O menino que vinha com ele dizia: ‘- Seu Joaquim, pelo amor de Deus, estou morrendo de medo!’ Diz que o menino só faltava entrar dentro dele. Aí sei que conseguiram sair, ir andando, até que a coisa sumiu. Mas muita gente reclamava disso.”

NOVENAS E TERÇOS

Menina, principalmente, mas menino também, adorava novena e terço. No mês de maio era sagrado. Na Umburanas, as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro eram especiais. Maria Lina e Mundinha, tias de Evandro, lideravam a devoção. Armavam um altar, enfeitavam com flores, tendo ao centro a imagem de Maria e, toda noite, a noveninha: mulheres adultas, moças, poucos homens e a meninada, respondendo o terço.

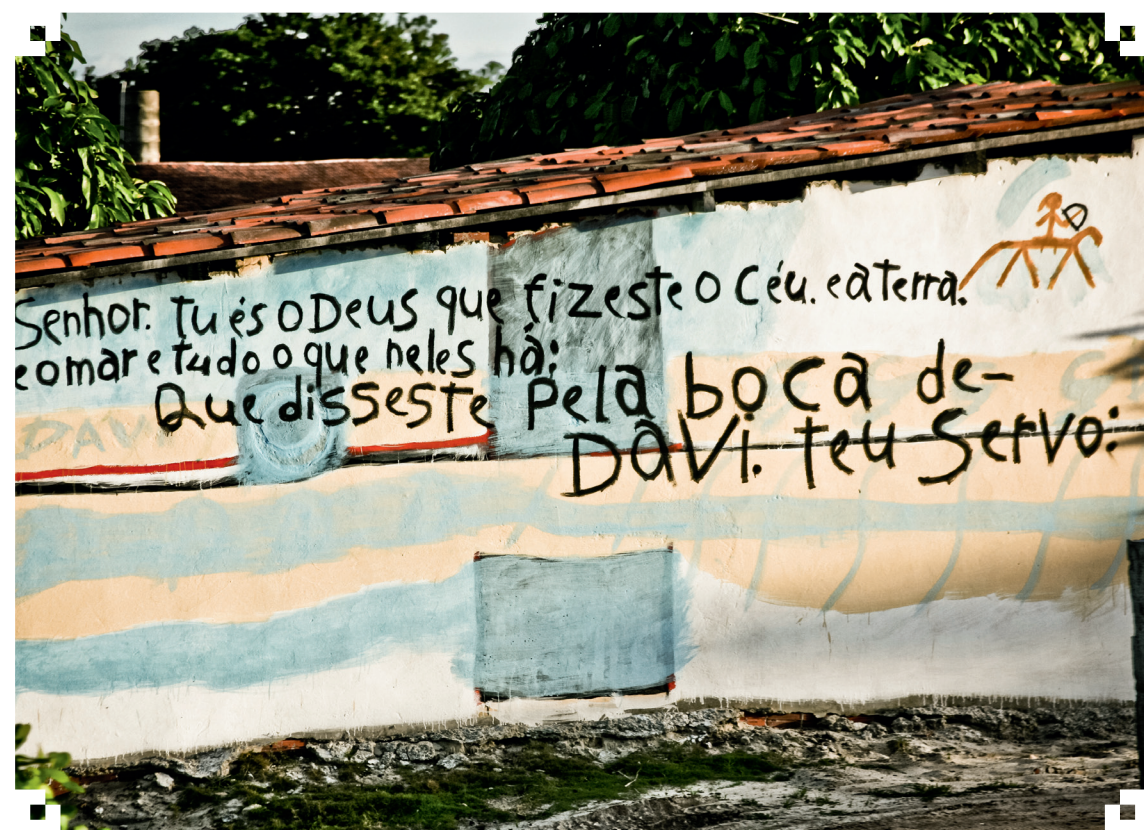


Foto AH

As mulheres, com o coração apertado e os olhos em Maria, debulhando o terço, muito concentradas na fé, resmungando aquele mantra sem-fim, quase transportadas, e a meninada malinando, rindo, cutucando uns aos



outros. Evandro lá no meio. Elas tentando não perder a concentração, não cair em tentação, até que Mundinha, a mais responsável, psiu, pedia silêncio a primeira vez, Nada, continuava o fungado e o ririri dos mal educados. Psiu, a segunda, a terceira vez. Até que lá pelas tantas, “elas se levantavam e esculhambavam: ‘- Desgraça, suas praga, vão tentar o cão com reza...’ Esculhambavam e depois voltavam e continuavam rezando.” Bem, pelo menos foi assim que Evandro Vieira nos contou.

AS FESTAS NACIONAIS

Nos colégios da sede do município de Beberibe, como em Aracati, as datas nacionais eram comemoradas devidamente: Dia do Estudante, Dia do Soldado, Dia da Bandeira, 7 de Setembro. Os alunos passavam o mês anterior ensaiando o Hino Nacional e o hino específico daquele dia, treinando marcha e na data saiam desfilando naquele areal medonho, em ruas sem calçamento, “chega levantava a areia debaixo da saia!”

Socorro Góes conta: “- Era tudo areia, quando chegava na antiga pracinha, que só tinha o quadro com esse tijolo brabo, é que a gente sentia um alívio quando subia na calçada pro desfile. Às quatro horas da madrugada já começava a radiadora tocando aqueles hinos e a gente tudo acordava, as roupinhas tudo durinhas, engomadas naquele ferro em brasa, chega saía fumaça, as fardazinhas, mas de tamanco. Alpergata era muito difícil, sapato piorou.

Eu sempre fui escolhida para estar na frente das coisas do colégio. Eu cantava em latim pra homenagear os bispos quando eles vinham, isso tudo no tempo da minha adolescência. Discurso sempre eu era convidada para fazer. Às vezes eu ficava assim muito rígida por causa da educação, tinha que fazer direito, fazer bem feito. Era a Escola Ana Facó.

Péricles Facó, o segundo mandão daqui, viu que as crianças não tinham onde estudar. Mas antes do Péricles havia a escola dos meninos pobres, onde hoje é a casa paroquial. O padre Joaquim Dourado que era capelão do Exército, filho daqui, foi pra guerra em 40, quando chegou ficou preocupado com a juventude. Muito jovem não tinha estudo, porque os pobres tinham que trabalhar na agricultura durante o dia, e ele fez a escola dos meninos pobres à noite, eles trabalhavam na roça e a noite funcionava. Foi a Escola Ana Facó.

Eu me lembro do último desfile que houve. Eu fui desfilar no coreto lá da

pracinha. Aí eu dizia: (discursando) ‘Em 1822, quando Dom Pedro I cortou os laços do Brasil com Portugal proferiu o Grito da Independência ou Morte. Esse moço corajoso e de bom coração, também impetuoso e violento, português de nascimento, veio à nossa terra e tornou-se fervoroso brasileiro. Após o Grito do Ipiranga, Dom Pedro escolheu o verde que predomina nas cores da nossa Bandeira. Brasileiros serraí fileiras em torno dessa Bandeira, com ela no coração e as mãos em continência, selemos o compromisso de nunca faltarmos ao Brasil. (Agora cantando) ‘No Brasil não tem (bis)/Pano mais bonito/Que eu mais queira bem.//A Bandeira brasileira/Tem no meio o céu pintado/Tem um céu com 20 estrelas/Cada estrela é um Estado.//Cada festa em cada mastro/Bate o sol numa bandeira/Fico toda satisfeita/Quando eu vejo a brasileira.’

Essa música, a gente cantava no 7 de Setembro, na hora do desfile lá no palco.”

OS CALUNGUEIROS

Teatro bom é o de bonecos, ou melhor, brincadeira de calunga, mamulengo de empanada como os que Zé Maia dava vida com suas mãos de mágico. Hoje ele ainda mora no Aracati, mas abandonou os bonecos por imposição de sua nova crença evangélica. Sua fama, porém, continua perambulando feito lenda por onde passou botando boneco, praias e sertões mundaréu afora, animando toda gente miúda que nem ele. Levantava empanada nas salas das casas grandes ou nos alpendres das casas pequenas, cobrava ingresso do tamanho do bolso menor ainda de roceiros e pescadores e fazia baixar o circo de calungas que trazia encantado em sua mala. Mostrava primeiro Cassimiro Coco, o dono da brincadeira, sua mãe Maria Lapisaia, as noivas suas pretendentes, em seguida o negro Baltazar, o capitão João-Redondo, e lá vinha uma turma enorme de outras figuras e bichos, como Chico Coco, Rosa, Telvina, Alma, Cobra, Boi e não sei quantos mais.

Seus bonecos eram a alegria e o terror da criançada. Chico da Cândida que não perdia uma passagem dele pelos sertões de Tanques e adjacências, conta que Zé Maia fazia até mesmo “menino botar ovo”. “Eu gostava mais do Zuquinha, um boneco da boca grande, segredou-nos Chico. Uma vez Zé Maia saiu com ele da empanada pelo meio do povo, foi esfregando as mãos na cabeça do boneco e perguntou: ‘- Zuquinha, você anda atrás de quê?’ - De menina que come barro.’ Ele respondeu. Aí as duas meninas minhas, a Terezinha e a Socorro saíram correndo e vieram se esconder na saia da mãe. Quer dizer, elas se declararam.”



Não é que não houvesse outros calungueiros, havia. Nos Tanques, Chico da Cândida falou de um tal Floriano, na Lagoa do Arroz tem o Manuel da tia Elisa e tinha o Celestino, e nas Umburanas, Luís Nunes citou um que andou por lá, mas que “só tem uma fala e os bonecos são mal feitos, desmantelados”. Bem, pelo menos, segundo ele lá. Dia desses Terta Garcia insistiu com Manuel de Elisa que voltasse a botar boneco. Ele não quis. “- Eu num tenho mais aquele jeito de mudar as falas, eu já estou velho, num sei mais mudar as falas!” O caso é que como Zé Maia é difícil ter outro calungueiro.

NOITES DE CANTORIAS

Outro divertimento eram as noites de cantoria. Os cantadores viajavam geralmente em dupla, embora houvesse deles que chegasse sozinho. Diziam: - Dá licença eu falar aqui com o dono da casa pra eu apresentar hoje uma cantoria? “- Aí a gente dava, porque a gente gostava. Eles vinham e se hospedavam nas casas. A gente dava o almoço deles. Se apresentavam de sábado para domingo. Cantavam canções, cantavam temas, repentis,” Contou-nos Irene, de Caetanos.

De noite, a cantoria era de pé de parede. Escolhiam um terreiro grande defronte a casa onde ficavam hospedados. A notícia se espalhava e, logo que escurecia, danava a chover gente. Havia uns poucos cantadores locais, tocador de viola, repentista amador, feito Bebeu, irmão de Dona Terta Garcia, e Chico, em Lagoa do Arroz, porém a maior parte vinha de fora. Andavam geralmente em dupla, só às vezes destacado. Nesse último caso, cantava canções, narrava romances, reeditava cantorias famosas ou improvisava sobre temas dados pela plateia. Já quando viajavam de dupla, a atração principal da cantoria era a peleja em desafio, jogo de argúcia, memória, raciocínio e destreza, disputado ferozmente entre os repentistas cantadores. Alguns eram verdadeiras lendas, como Antônio Nunes de França, outros quase tão famosos quanto, como Raimundo Simplicio, Luís de França, Geraldo Alencar, Moacir Laurentino, Antônio Fernandes, Benoni Conrado e Zé Muniz.

RÉCITAS E JOGOS POÉTICOS

Jogar com versos e palavras, nas praias e sertões do Litoral Leste do Ceará, foi brincadeira de muitos alpendres, divertimento de fim de tarde e boca de noite. Construir e desconstruir poemas, combinar e descombinar estrofes

com métricas e rimas às mais intrincadas, brincar com ritmos e trocar sonoridades são formas de testar o bestunto de caboclo sabido, de por a prova a inteligência de cabra da peste e, ao mesmo tempo, de se amostrar e de divertir parentes e aderentes, entreter gente do mato e da cidade em noites de luar mundaréu afora.

Geraldo Lima, marido de Alice, pai de Evandro, aprendeu essa arte com Luís Lino, seu sogro e irmão de seu pai, José Lino. Tanto ele é rápido no repente, quanto no trava-língua, recita trovas antigas, declina longos romances, sejam em versos ou em prosa e conhece os diversos estilos de cantorias. Feito um moto-contínuo sai rimando verso. Primeiro essas queixas da mulher que ouviu do seu tio Luís Lino: “Índa num sei namorar/Mas meu coração palpita/



Foto AH

Se passa moça bonita/Eu quero logo casar.//Mas se ela me enjeitar/Eu brigo, eu mato e eu morro/E mando comprar baralho/Para divertir na praça./Quem num casa também passa/Quem tem mulher tem trabalho.//Quem casa vive amarrado/Como boi no cabeçalho/Nem tira o pé do lugar/Nem passeia mais na rua/Tem sempre a vida tão crua/Quem tem mulher tem trabalho.//Se um dia o marido fala/E diz: Mulher, vou na feira./Lá vem a mulher ligeira/Mais veloz que uma bala./Vai lá dentro e vem na sala:/Benzinho traz um baralho.//Traz prima pra meu violão/Arroz, açúcar e feijão./Quem tem mulher tem



trabalho./Me traga um metro de fita/De toicinho, um bom pedaço/Se não houver embarço/Traga u'a sandália bonita/Açúcar, arroz e cupim/Quem tem seu bem faz assim.”

Agora, Geraldo dispara um trava-língua, desafiando o contendor: “Você me vencer/No salão num deixo/Pois sou competente/No queixo, na boca/Na língua, no dente/No dente, na língua/Na boca, no queixo/No carvão, na brasa/Na lenha, no feixo/No verso, na rima/E no versejar.//No N, no S/No J e H/No tempo, na hora/Na ordem, no uso/No eixo, no veio/Na roda e no fuso/Que eu canto galope/Por fora do mar/(Recita:)) Eu canto galope/Em qualquer salão/No meu versejar/Eu faço o enredo/Na mão e na junta/Na junta, no dedo/No dedo, na junta/Na unha, na mão/E na padaria.//Na massa, no pão/É perto ou ali,/Aqui, acolá/É longe, distante/É lá e é cá/Que o tempo agora/Tem que ficar roxo/Como fica o galo/Correndo já coxo/Cantando galope/Por fora do mar.’

E perguntei a Geraldo porque se falava “fora do mar”, quando sempre conheci este galope, como galope na beira do mar. Ele riu e confessou a traquinagem: “É por fora, porque tem na beira e por fora, eu estou fora do mar né!” Ou seja, Umburanas fica longe do mar. Porém, Geraldo conhece ainda o galope a beira-mar, afinal Umburanas não fica tão distante do litoral assim. Senão vejamos esse galope falando sobre cenas na beira do mar: “Vê-se uma menina/Na beira da praia/Saltado e cantando/Como uma sereia/Beijando um rapaz/Dizendo eu sou peia/Com cada uma coxa/Da cor de cambraia/E ela se chega/Tira logo a saia/Que dá uma lapa/De arrepiar./Ao rapaz se abraça/Começa a beijar/E deita no colo/Ela cata-piolho/Ela beija ele/Que ele vira o olho/Esfregando a pança/Na beira do mar.//Em vindo uma moça/Com seu namorado/Foi tomar um banho/Em grande alvoroço/Logo na barriga/Nasceu um caroço/E o velho pai dela/Ficou com cuidado/Chamou o doutor./Bastante avexado/O doutor chegou/Foi, examinou/Depois disse ao velho/Não posso operar/Porque esse caroço/Tem venta e tem braço/E tem espinhaço/Foi o chamegado/Na beira do mar.

Raimundo Bernardo tem umas lembranças poucas desses torneios de rimas disputados também nos terreiros de Forquilha, onde sempre morou. Os cabras sapateavam no ritmo do coco, enquanto ele mais outros embolavam os versos da guabiraba, cujo refrão dizia mais ou menos assim: “Quebra,



quebra guabiraba/Quero ver quebrar (bis)./Quebra lá, que eu quebro cá/Quero ver quebrar.” Já Paulina, de Jardim, gostava de recitar poesias de amor. Muitas que ela própria escrevia, como esta que fez em forma de carta numa noite de sono pouco e paixão farta. Com a voz muito comovida, ela declamou pra gente: “Quando de noite eu me deito/C’ o coração cheio de dor/De pensar e imaginar/Muito suspiro eu dou.//Vai-te carta venturosa/Por este mundo além/Q’eu aqui fico chorando/Por não poder ir também.//O papel para escrever/Tirei da palma da mão/A tinta tirei dos olhos/A pena do coração.”

Na Lagoa do Arroz, Chico Gomes, tio de Terta, nas noites de lua, enchia os terreiros, contando histórias de trancoso. Quando não, lia romances de cordel para uma assistência silenciosa. Terta lembra-se bem da história de João Grilo e do Romance de Coco-Verde e Melancia. Muitas vezes, contou-nos ela, menina ainda, pegava no sono e continuava sonhando com aquelas histórias.

Circo por Lagoa do Arroz passava pouco, ficava a memória dos palhaços. Terta se recorda de um circo bem pequeno, cujo palhaço se chamava Laranjinha, palhaço e dono do circo. Fazia dupla com um outro, por nome Soquete.

REISADOS E PASTORIS

Dia de Reis, as cantadeiras de Pau-Branco e Aroeiras passavam por Umburanas pedindo prendas para os Santos-Reis do Oriente. Terezinha Vieira bem que se lembra: “- Era um tocador de violão e bem umas quatro mulheres. Até eu uma vez fiz reisado. (Canta) Boa noite dono da casa/Abra a porta acenda a luz / Queira me dar uma esmola/Pelo nome de Jesus.//Se não quiser abrir a porta/Pode dar pela janela/Nós queremos uma esmola/E não saio daqui sem ela”.

Terezinha também brincou de pastoril, em Umburanas, com as primas. Aprendeu com Antonieta, uma senhora que chegou de Fortaleza junto com o marido José Alcanforado. Ele era telegrafista e veio para assumir um posto telefônico aberto em Umburanas. O casal e uma filha participaram do pastoril. Isso nos anos 50.



BOI DE PRAIA

A brincadeira de Boi no Litoral Leste guarda a tradição do Boi praieiro e a particularidade do Boi jaguaribano cearense. Tem dois cordões de galantes, um vaqueiro e um cordão de índios. As figuras e os bichos brincam todos juntos no terreiro. Nunca faltam o Vaqueiro, a Catirina, o Rei dos Bichos, o Jaraguá, a Burrinha, o Urubu, a Ema, o Bode e o Boi, é claro, figura principal, chamado por muitos, carinhosamente, de Boio. Em Aroeiras, o Boi era mestrado por João de Barro e, além das figuras citadas acima, tinha o Babau, o Gigante, que era feito por um primo do Chico Raimundo, e um grupo de maneiro-pau.

Nos Caetanos, Irene nos descreveu como se fazia a figura do Boi: “- Fazia assim um caçuá de cipó, quando acabar arrumava uma cabeça de boi, fazia o pescoço, cobria tudim de pano, que ficava um boi bem grande. Um homem entrava pra debaixo e ia brincar o Boi. Tinha a Ema, tinha a, como era? – Zé, como era aquele cangaço que acompanhava o Boi? Era a Ema e era o quê mais? Ele está esquecido. Tinha a Catarina, uma velha com uma roda fazendo pirueta no meio.” Boi havia também em Campestre, no Córrego, na Prainha, numa porção de lugares e no Juazeiro de Seu Agostinho e Dona Suzana Xavier.

Chico da Cândida brincou de Bandeirinha, quando era menino, num Boi que Osmar Monteiro, irmão da professora Ilda Monteiro, organizou na escola onde ele estudou em Amarelas. O Bandeirinha trazia um espadim de madeira tendo uma bandeirola no cabo, tipo um pequeno toureiro. Sua ação era investir contra o Boi, tentando enfiar o espadim, no que o animal de brinquedo voltava-se contra ele tentando chifrá-lo. Além do Bandeirinha e do Boi, Chico da Cândida lembra-se de outros bichos e figuras, Burrinha, Ema, Raposa, Jaraguá e Urubu. Deste último, gravou até uns versos: “Seu Urubu escreveu/Uma carta ao seu Tenente/Que já estava amarelo/De comer carne de gente.”

AGOSTINHO XAVIER, VIDA DE BOIEIRO

“Eu nasci na Palestina, Córrego do Sal, ali perto de Paripueiras, e me criei entre Juazeiro e Amarelas. Papai era evangelizador. Eu aprendi a brincar de Boi com uma criatura que veio de Fortaleza. Chamava-se Raimundo Carnaúba. Ele era daqui de Amarelas, foi embora pra Fortaleza, passou muito tempo, aprendeu



Foto OB

um bocado de coisa e retornou. Quando chegou, foi lá pro Córrego do Sal e me convidou pro mode a gente formar um Boi. Eu digo: ‘- E como é que a gente forma um Boi se nós num sabemos?’ ‘- Não, mas eu sei. Eu ensino você e nós vamos brincar.’ ‘- Ah, então vambora!”

Eu tinha 15 anos nesse tempo e o meu pai aceitava! Papai só não gostava de pessoa que vivia bebendo, fazendo coisa que não devia fazer. Mas isso era uma



brincadeira simples, a gente num andava bebendo, ninguém andava fumando, nem jogando, aí papai gostava era demais! É porque era simples a brincadeira e eu nunca aprendi a beber, nem a jogar.

Comecei brincando de Boi, eu já morava em Parajuru. Eu brincava de Dama. Tem Dama também, porque o Boi completo é um bocado de figura. Tem o Jaraguá, o Urubu, a Ema, os três Reis dos Bichos. Os três Reis dos Bichos são três pessoas bem vestidas, com trajes de rei. Não são Reis Magos não, são os Reis dos Bichos. O Rei dos Bichos é uma qualidade mais bonita, mais aperfeiçoada, é coroado. Eram os Reis dos Bichos porque eles comandam os bichos. No Boi podia ter também índio, mas no da gente não tinha.

Tinha um Boi em Maceió, era igual a esse daqui, desse jeito. Tinha o Jaraguá, a Ema, o Urubu, a Burrinha, a Catirina, o Boi... Não tinha Cavalo, Doutor, Rei dos Bichos, Damas, uma pessoa marcando e o Vaqueiro. Quem dançava eram as Damas, a gente tocava e elas dançavam. Dançavam soltas assim, fazendo aquele passo. Eram as garotonas, podia ser garoto, podia ser garota, menino ou menina, porque as damas são tudo vestida de mulher.”

CHAMADA DA RAPAZIADA DO BOI

Rapaziada do boi/Forma tudo em um cordão/Para dar a volta e meia/Na porta do cidadão.

CHAMADA DA BURRINHA

Minha burra come milho/Come palha de arroz/Arrenego desta burra/Que não pode com nós dois.//Dança, dança minha burra/Cada vez dança melhor/Dança marcha, dança samba/Dança xote, até forró.//Minha burra está dançando/Com galho de mussambê/Pra toda rapaziada/E pra todo mundo ver.

CHAMADA DO VAQUEIRO

O meu amo está chamando, amor/Ai meu Deus pra que será?/Pra ir buscar o garrote, amor/Que não dormiu no currá.//Boi holandês, chegou, chegou/Nesse terreno de amor, de amor.// (refrão)//O meu pai era vaqueiro, amor/Amansou boi barbatão./E eu como filho dele, amor/Trago a mesma

opinião./Com braça e meia de corda, amor/Trago o garrote ao mourão.// Vira, vira meu garrote/Não deixemos de virar/Que tu és garrote novo/Pai do campo do lugar.//(refrão)Vira, vira meu garrote/Não deixemos de virar/Que tu és garrote novo/Filho da vaca Araçá.//(refrão)//Se essa rua fosse minha/Eu mandava ladrilhar/Com pedrinhas diamante/Pro meu garrote brincar.

DESPEDIDA DO BOI

Adeus, adeus, adeus/Que eu já me vou/Até para o ano/Se nós vivo for.

SUANDO A CAMISA

Francisco Nunes Pereira, sanfoneiro dos bons, conheceu um tempo em que o povo tinha paixão pela dança. Suava a camisa, literalmente, por amor à arte de bem dançar, naqueles sertões de Aroeiras. Lembra ele que, lá pelos ano 60, quando era jovem, costumava levar duas camisas para uma festa. Era suando e trocando camisa, até o galo cantar. Ele costuma comparar o comportamento da moçada, nas festas de antigamente, com o comportamento nas festas de hoje. Vejam como mudou:

“-: Eu tenho sessenta e três anos, na idade de 18, 20 anos, eu ia pra uma festa com uns colegas, ali no Domingo Aroeira. Ele, na festa de Santa Luzia, fazia o leilão e a festa dançante. Ele cobrava uma cota, e aquele pessoal corria, entrava todo mundo, pagava, A novena começava às seis horas, quando eram seis e meia, sete horas, iniciava o baile e ia até o sol sair. Tinha gente que levava duas camisas, quando molhava uma, estendia, aí pegava a outra. Quando molhava, aquela que estava molhada tinha enxugado e ele vestia.

Hoje a festa mudou. Primeiro que começa às 11, dez horas. O preço evoluiu, cobram caro. Pra mim, a festa hoje num é mais diversão, é um comércio. Você dizia assim, eu vou convidar meus amigos do Pau-Branco, das Umburanas, da Encruzilhada pra uma festa na minha casa. Hoje eu já digo diferente: eu vou chamar meus amigos pra fazer uma festa e explorar. Porque você bota água mineral na garrafa, a um real, você bota um litro de cachaça que podia vender por 10, vende por 15 e por aí vai. Eu chamo de exploração porque pra mim deixou de ser festa!



No nosso tempo você ia pra uma festa, dançava, namorava, tudo com respeito. Hoje o negócio está bastante diferente! E o que eu penso é em piora. Briga dá muita, porque num são nem eles que brigam, é a cachaça que briga. É predominado pela bebida, e você sabe que embriagado tem cabeça, mas num pensa, aí haja confusão, haja bagunça; é o que está acontecendo, pode num ser bonito, mas é a realidade.”

Maria Linduína ouviu o irmão descrever as festas de antigamente e comparar com as de hoje. Dá razão. Porque, diz ela: “- E agora, quê que faz o jovem? Vai pra uma festa, todo mundo de braço cruzado, bebendo. Só vão enxergar o tocador quando a festa está acabando. Aqui na nossa comunidade funciona assim. O pessoal num tem mais aquela empolgação de dançar. Fica só bebendo, de braço cruzado, o copo na mão, a garrafinha na mão... Só vai querer dançar no final da festa, quando o sanfoneiro já está saindo.”

Francisco retoma a palavra: “- Porque eles vão pra festa, aquele que tem namorada fica com sua namorada, a namorada em pé e ele sentado no bar, pedindo uma cerveja de vez em quando, e o tocador tocando. Eu digo isso, porque eu tenho um filho que toca. Eu bato um triangulozinho lá mais ele, e a gente vê. O cara começa a tocar onze horas, quando é quatro horas da manhã termina. Eles começam a dançar quando estão embriagados. Às vezes quando vão se embriagar é lá pras três horas. Dançam aquela pontinha e querem que continue. O sanfoneiro tem o contrato de tocar só até quatro horas. Aí começa a bronca. O sujeito começa a querer brigar depois que enche a cara.”

Linduína concorda: “- É verdade! Por incrível que pareça.”

VAQUEJADAS

Chico da Cândida é um apologista de Vaquejada, mas daquelas do tempo em que o cavaleiro corria risco, pegando boi no mato. Hoje ele deplora um jogo desigual em que o boi é a vítima fragilizada e sem chance de defesa frente ao carrasco armado e cruel. Trata-se do que se pode chamar parafraseando Chico César de Vaquejada de Plástico. Lembra, Chico da Cândida:

“- Antigamente a vaquejada era o vaqueiro pegando o boio fora do curral, pegando no mato e trazendo. O pai desse aí (aponta para Evandro), eu vi ele dar uma carreira na Ema, na dita Ema, esse boi até era meu, ele, mais o finado Anselmo e o Quinco. Ele correu num cavalo que ele tinha comprado, o cavalo

tinha sido do Russo, um cavalo castanho. O que mais me admirou foi ele ter corrido de óculos, com os óculos na vista. Tirou aquela carreira todinha na mata fechada. Eu digo: ‘Mas esse homem num tira os óculos?!’ Ele correu e num quebrou os óculos, parece uma mentira, e era carreira pesada, carreira pra pegar e pegou.

Eu só num fiz foi pegar gado, mas assisti e achei que é coisa pra louco, o vaqueiro, o homem botar um cavalo no mato atrás de bicho! Hoje ainda tem vaquejada, mas num é vantagem não. Eu acho até uma extravagância, é uma judiação, grande judiação que se faz com o pobre do bruto! Agora pense que botar o avô desse aí, Zé Lino, nas Umburanas, que foi profissional, a campear, pegar boio brabo, se atracar com touro mais o parceiro dele que se chamava Antonio Carnaúba e num temer a hora de enfrentar um touro. Porque um touro é um touro! O touro é um animal selvagem de muita força! E naquele tempo o gado nosso era dos duros, chamado! Touro brabo, barbatão!”

A DESTRUIÇÃO DA PAISAGEM

No tempo de Tertuliana menina, Lagoa do Arroz era só mata fechada e um caminhozinhos de areia solta, alvinha. Só havia uma estradinha carroçável, quase coberta de mato, porque entrar carro era raridade. Mesmo aqueles jipes velhos, antigos, só na época da política. Ainda assim era uma dificuldade, atolava no areal solto. O pessoal se juntava, calçava com vara para desatolar. As crianças tinham até medo quando chegavam. Os mais velhos é que corriam pra



Foto OB



cima, naquela alegria medonha. Na vila não havia igreja, nem escola. Quando se ia batizar uma criança, era preciso ir para outras comunidades, montado em cavalo, uma dificuldade muito grande.

Na Serra do Félix, a paisagem era igualmente a de Lagoa do Arroz. Os cajueiros não muito numerosos misturavam-se na mata. Só depois foram alinhados em plantações, dizimando outras espécies, à força dos herbicidas e agrotóxicos, para alimentar a indústria de óleo de castanha. Uma espécie de cajueiros menores, trazidos de Sucatinga. Agora estão derrubando as plantações de cajueiro, para tirar a madeira e fazer carvão ou lenha. Daí o desmatamento da serra.

Seu Zuca louva a vida bucólica do passado:

“- O clima aqui era muito diferente, tratava-se de um lugar muito agradável. Podia num chover em canto nenhum e chovia na Serra do Félix! Você num ouviu dizer que no rio a gente cavava com a mão? Pras ovelhas beberem, papai criava ovelha. A vida na comunidade era boa porque todos se conheciam pelo nome. Quando era nas festas, todo mundo era compadre e conhecido um do outro. No Surubim, aqui perto, tinha o aturador. O aturador era um pedaço de madeira aceso que ficava ali pra nunca faltar fogo. Aqui, às vezes, a gente se descuidava, o fogo se apagava, e se ia buscar no Surubim. Se usava o aturador, porque fósforo era coisa difícil! O pessoal fazia fogo no artifício. Pegava um pedaço de ferro, passava na pedra, tirava fásca e fazia fogo. E pra facilitar mais tinha aquela lenha sempre acesa, que era o aturador.

Eu fui para Fortaleza, passei lá um bocado de anos, quando voltei, aqui continuava quase a mesma coisa. Mas agora estão acabando com a Serra do Félix! Tirando a madeira. É proibido desmatar, mas num tem o jeitinho brasileiro! Diz que tem a lei, mas eles, lá por trás, arranjam uma maneira de fazer. Todo dia saem cinco, seis caminhões cheios de madeira! Isso é uma coisa que vai acabar com Serra do Félix. Desmata, aí vem a seca.

Porque eu conheci a Serra do Félix em 1934. A gente cavava na areia do riacho que tinha água com um palmo de fundura. Depois que arrancaram toco pra plantar cajueiro, pra plantar carnaúba, aí pronto, salgou tudo! É a ambição do homem, o homem é ambicioso! Essa lenha que cortam é pra queimar nas caieiras de Russas.”





PARTE II:

A ARTE DOS DRAMAS POPULARES



APRENDIZADO

Nas comunidades tradicionais, as crianças aprendem por hábito, por querer imitar os mais velhos. Assim acontecia e em muitos casos acontece ainda com as dramistas. Quando não são colocadas pelas próprias mães, muitas crianças, pequenas ainda, se metem, durante os ensaios, a “arremedar” as mais velhas, tentando um passo de dança ou repetindo o refrão de uma música. Logo ganham um traje e uma ponta em um bailado e, conforme se saiam, ascendem a papéis de maior responsabilidade.

Para isso, porém, é preciso ter vontade, insistir, ter vocação, como se fala, antes mesmo de ter o dom. Tomar o exemplo de Dona Edite Carneiro de Barra da Sucatinga: “Eu dizia: Mamãe as meninas vão ensaiar drama, me convidaram pra ir, eu vou? Vai não! Mamãe, deixe eu ir! Eu gosto dos dramas! Aí, ia. Ela tinha raiva da encenação porque todo dia ela tinha que dar aquela grade de labirinto pra eu desfiar. Lai vem! Isso é pra ser ensaiado todo dia? É mamãe, porque já está certo senão a gente num sabe. Aí eu ia ensaiar os dramas.”

Aprendem ligeiro, as meninas observadoras, aquelas enxeridas, como se diz, que mesmo sem serem chamadas, se apresentam; ou as que as mães zelosas ou orgulhosas das filhas colocam no drama de todo jeito, mesmo que no início elas só fiquem por ali choromingando. Vale vivenciar o ambiente do drama, se familiarizar com ele. Daí que é recorrente entre as dramistas afirmações como: “aprendi já brincando”, “já comecei a ver drama e aprendendo”. O testemunho de Eunice Cartaxo ilustra bem esse modo de aprender das dramistas: “Comecei no drama aos nove anos. Eu prestava atenção a minha tia que eu toda vida fui curiosa. O labirinto ninguém me ensinou, eu aprendi por espontânea vontade, agora o bordado ainda teve uma que me ensinou, costureira também, mas eu era muito ativa, eu olhava tudinho como era, aí a tia Caruga cantava os dramas, eu ficava lá observando, aí gravei tudinho.”

Já o aprendizado mais sistemático, por assim dizer, conduzido pela mestra, se dava pela mão de pessoas bem próximas, quando não da mãe, de uma tia, de uma vizinha, de uma professora, em todo caso de alguém que exercia um papel de orientadora junto à jovem dramista. Nos grupos de drama do século passado, mesmo que a criança tivesse se iniciado muito

cedo, só na pré-adolescência, isto é, a partir dos dez, 12 anos, ela passava a ganhar papéis de maior responsabilidade. Mais recentemente, com as modificações ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, na função social dos dramas populares, muitas mulheres se iniciam nessa arte depois de adultas e até em idade bem avançada, implicando em modificações no processo de aprendizado.

Uma boa dramista precisava ser uma atriz completa, dançar, cantar e interpretar com perfeição. Dona Neves Monteiro, uma das principais mestras de dramas da região, explica com suas palavras: “Boa dramista é aquela que vive o papel bem, se o papel é de pobre ela faz e se o papel é de uma pessoa orgulhosa, tudo isso, precisava saber viver o papel. Além disso, tem que saber cantar e dançar direitinho, ter uma voz boa.” Cabia à mestra fazer desabrochar a artista da adolescente, descobrir seu dom e ajudá-la a desenvolver seus talentos. De todos os papéis, os mais cobiçados eram os da Baiana e da Cigana, porque os que melhor davam oportunidade à menina-moça de exhibir seus dotes femininos e seu poder de sedução.

Fazer dramas nunca era uma imposição das mulheres adultas, no máximo uma sugestão. Quase sempre era uma solicitação das adolescentes. Sua didática costumeira era a da paciência, ou seja, a da mestra fazer o gosto da aprendiz, ou melhor a da mestra guiá-la em seu aprendizado. Por isto, as partes do drama a serem apresentadas eram geralmente escolhidas de comum acordo entre mestras e aprendizes, não poucas vezes ficando com as aprendizes a última palavra. Um igual acordo definia os papéis, em que se levava em conta, especialmente nas comédias, a aparência da dramista, a altura natural do corpo e o timbre da voz.

Dona Linduína, de Pau-Branco, nos contou como iniciou suas meninas nos dramas, repetindo uma narrativa comum a muitas mestras, embora às vezes, no seu caso, a paciência tenha lhe faltado: “Quando minhas meninas cresceram, começaram a falar em drama. Elas diziam: ‘- Mamãe o que é o drama?’ ‘- Drama é uma coisa bela, você canta, você dança ao som de um violão.’ ‘- Mamãe faz drama pra gente ver?’ Aí eu fiz o primeiro, foi ali no salão. Nesse tempo não foi mais a lamparina, já existia lâmpada. Ninguém sabia nem como dançar, nem como começar. Eu dançava com essas meninas, eu cantava, depois a gente dançava pra elas. Aprenderam

as músicas. Eu dava tanto puxavante de orelha nessas meninas! Porque eu queria tudo do jeito que eu queria. Aí elas se cantavam num dançavam, se dançavam num cantavam! Então eu dizia: - Tem que fazer as duas coisas junto, tem que mexer com a mão, com o pé, se rebolar, tem que ter jogo de cintura!

Mas a gente conseguiu com seis meses de ensaio! Só com seis meses de ensaio, mas era tão bom, todo mundo dava graças a Deus chegar sábado e domingo pros ensaios. Aí compadre Liberal chegava aqui e puxava o violão, começava a tocar, todo mundo se rebolando, aí todo mundo assistiu. Num me lembro mais a data, mas acho que foi em 97. Foi sem microfone, tudo no gogó mesmo. Foi uma coisa tão bela, veio gente de toda comunidade, ficou lotado, esse pátio.”

A ECONOMIA DOS DRAMAS

A sustentação dos dramas estava na comunidade. Sua economia era parte da economia da comunidade. Primeiro porque todos, das famílias das dramistas, trabalhavam para montar os dramas, ajudando desde a levantar o circo e o palco, até a confeccionar figurinos e adereços. Daí seu custo em dinheiro ser o mínimo. Depois porque, além de sustentarem-se com os recursos financeiros da comunidade, ainda ajudavam a viabilizar financeiramente as causas e necessidades da mesma, como o apoio a uma escola, a uma igreja e até, como ocorreu em Tanques, à ida para o seminário de um jovem do lugar.

Precisava-se de dinheiro, antecipadamente, para os trajes das dançarinas dos bailados, confeccionados em papel de seda e/ou papel crepom, com muita areia prateada e colorida, lantejoulas etc., assim como de material para as bandeirolas coloridas enfeitando o palco, ou seja, toda a matéria-prima da fantasia em cena. Isto porque, o figurino das comédias se conseguia com as famílias das dramistas mesmo, terno de um avô, vestido de uma tia e assim por diante.

Para tal, o empréstimo de algum comerciante ou fazendeiro mais abastado, simpaticamente de drama era providencial. Formiguinha nos falou de um tal Coronel Cléber, lá pras bandas de Russas, onde ela morou, acostumado a promover vaquejada e cantoria para seus vaqueiros, que se engraçou também com os dramas. Já Dona Neves Monteiro, recordando sua mocidade em

Amarelas, lembrou-se de Antônio Clemente, fazendeiro e negociante, que possuía uma “bodegona” no lugar, onde todos se reuniam, e vizinho à qual era levantado o circo dos dramas. Ele adiantava o dinheiro para a montagem do drama. Depois, com a renda da bilheteria e a arrecadação das prendas, as dramistas repunham os recursos adiantados.

Noutros casos, a professora, mestra dramista do lugar, tirava do seu próprio bolso, isto é, dos seus minguados recursos, o dinheiro para comprar



o indispensável para a montagem do drama e, às vezes, ainda distribuía um trocado, “um agrado”, com as dramistas. Porém, davam melhor encaminhamento aquelas que convocavam suas dramistas para batalharem recursos junto ao comércio local: “A gente ia trajada de Baiana, de Cigana, de Florista e saía no comércio, amarrava uma tira e só soltava quando o sujeito dava um tostão, dois tões ...” (Socorro Góes, de Beberibe/sede).

Em todo caso, a receita principal do drama provinha de seu próprio espetáculo, ou melhor, de seu poder de sedução, ou ainda mais precisamente, do poder de sedução de suas dramistas. Em boa parte dos casos, se cobrava ingresso, isto é, quando era levantado o circo do drama, uma paliçada em roda, fechada, com apenas uma abertura na frente para a entrada do público, onde funciona uma bilheteria. Este ingresso, porém, não era e nem pode ser muito caro, porque o público, principalmente o masculino, precisa reservar seu dinheiro para as



prendas que lhe serão oferecidas pelas dramistas, principal fonte de receita do drama e até de pagamento das dramistas. Em muitos casos, com o dinheiro arrecadado com os ingressos se paga os tocadores, ficando o das prendas para pagar os figurinos dos bailados e os cachês das dramistas.

As prendas são como que oferendas das dramistas a pessoas da plateia, distinções, dons, que esperam retribuições a altura. No Litoral Leste esta prenda toma geralmente a forma de uma flor, no caso da Florista, de uma fita, no caso da Cigana, ou de uma cocada, no caso da Baiana. Em outras regiões se usa também colocar uma faixa, quando a dramista a porta, passando para a pessoa da plateia. Também no Litoral Leste é muito usado fazer versos com o nome de um rapaz ou senhor da plateia, esperando retribuição de uma dádiva em dinheiro. Seria vergonhoso para o cavalheiro que recebeu uma prenda não retribuí-la, por isso, todos os que vão ao drama saem de casa prevenidos.

O ponto mais alto dessa economia da sedução, entretanto, é o pedido de bis. Nos bailados em solos, principalmente naqueles em que a dramista melhor pode mostrar seus encantos e seu poder de sedução, como nos da Baiana e da Cigana, a plateia tem direito de pedir bis. Quando isso acontece, ela pede que, o solicitante ou os solicitantes do bis, paguem pelo pedido feito. Só depois de receber dele ou deles o pagamento, a dramista reedita sua exibição. Nesse caso, o arrecadado fica para ela, enquanto a renda da bilheteria e a obtida com o restante das prendas ficam para o grupo, sendo distribuídas entre as dramistas, apenas quando sobra dinheiro das despesas.

A ÉPOCA

O drama sempre foi apresentado em qualquer época do ano. Diz-se até ser ele uma maneira encontrada pelas mulheres de brincar sem obrigar-se ao calendário religioso de festas e folguedos populares. Assim, permitem-se tirar jornadas do pastoril ou de contradanças quadrilheiras, fora dos ciclos apropriados, com a mesma liberdade que trazem os dramas circenses e os romances cantados para seus palcos.

Dai o dizer das dramistas sobre essa liberdade do drama no tempo. Vou dar uns exemplos. Primeiro, Dona Irene, dos Caetanos: “A gente fazia drama, quando dava vontade, quando dava na telha, era quando se reunia e dava vontade de ensaiar.” Depois Dona Formiguinha, de Aracati: “Não tinha tempo,

a gente pensava, vamos fazer um drama, em tal tempo!” Por fim, Dona Maria Estela, também dos Caetanos: “A gente custava a brincar, quando dava fé, a gente inventava o drama.”

Porém, as circunstâncias da vida e os costumes sociais da região levaram a que no Litoral Leste suas encenações recaíssem principalmente em algumas épocas do ano e dias da semana. Em primeiro lugar, como a maioria das dramistas eram estudantes e muitas das mestras, professoras, as apresentações de dramas coincidiam com os finais de semestres escolares, principalmente, com o encerramento do ano escolar. Costumava-se encenar dramas nas férias escolares, mais especialmente, nos finais de semana e, em alguns lugares, como na Serra do Félix, de preferência, aos sábados.

Também era costume apresentar dramas nas festas ligadas à Igreja Católica, mais comumente na da padroeira, mas também de outros santos, como no São João e no Natal, assim como no mês de Maio, durante a festa de Nossa Senhora. Em Aracati, no Colégio Marista, após a novena e a Coroação de Maria, costumava-se encenar os dramas.

OS CIRCOS DE DRAMA E OUTROS ESPAÇOS DE APRESENTAÇÃO

O espaço apropriado e usual para a apresentação dos dramas era o “circo de drama”. Trata-se de uma grande paliçada em forma de arena com um palco levantado em um ponto e uma entrada aberta no ponto oposto do círculo. Na entrada era cobrado o ingresso e a própria plateia conduzia seus assentos até o interior da paliçada, onde se acomodava para assistir ao drama. A paliçada era feita, comumente, com talos e folhas de carnaubeira e/ou coqueiro, e não havia cobertura, senão e às vezes no palco.

Os circos de drama eram armados em quintais, terrenos baldios, em frente às casas das dramistas, no meio de ruas pavimentadas com terra batida, mas especialmente nos terreiros das fazendas, nos alpendres das casas grandes, em frentes às bodegas dos pequenos vilarejos e até em casas de farinha, na época das farinhadas. Em Amarelas, por exemplo, o circo de drama era armado no terreiro que ficava entre a bodega e a casa grande da fazenda de Antônio Clemente. Já em Paripueira, ele era levantado no centro do campo de futebol.

Mas havia quem optasse por soluções mais engenhosas, como as irmãs Cartaxo, de Beberibe, que usavam a porta da própria casa como entrada de palco para o drama. Contou-nos Maria Ivani: “A gente brincava drama na frente de casa. Fazia o circo de palha e botava a mesa na janela. Se preparava dentro do quarto e saía pela janela pra frente da casa. Passava o dia carregando palha de coqueiro, fazia o circo aqui mesmo em frente de casa, no meio da rua, e brincava de circo.” Parecido, faziam as moças da Serra do Félix, no dizer de Maria Zilda: “A gente apresentava o drama do lado de fora, na frente da casa da minha mãe. A parede servia de cenário, a gente entrava pela porta da casa, os degraus da gente subir pro palco eram na porta principal lá de casa, na porta de entrada.”

Na cidade sede de Aracati, entretanto, onde os dramas tinham o acompanhamento e a orientação de agentes da Igreja Católica, suas apresentações dispunham de infraestrutura bem mais convencional, como os auditórios dos colégios dirigidos por irmandades de padres e freiras e os salões paroquiais. Mesmo assim, em muitos casos, como no Colégio dos Salesianos, os dramas aconteciam nos pátios de recreio, ficando a plateia acomodada nas galerias e corredores escolares.

OS FIGURINOS E ADEREÇOS

De todas as partes dos dramas, os figurinos dos bailados eram os mais bonitos. Podiam ser feitos de tecidos ou de fantasia. Os de tecidos eram melhores, mais duradouros. Os de fantasia rasgavam logo, davam apenas para duas ou três apresentações. Em compensação, eram mais bonitos e, além disso, realçavam a performance das dançarinas, como revelou a mestra Júlia Bernardo, de Piquiri, referindo-se ao caso da Baiana: “Tinha uns que faziam os trajes de papel, outros que faziam de tecido. Papel era muito ruim porque rasgava, mas a Baiana era de papel que era pra se balançar, mode a moça se requebrar.”

Talvez por isso, para os bailados em geral, eram mais usados figurinos de fantasia feitos de papel crepom e papel de seda enfeitados com areia prateada e/ou colorida, além de adereços confeccionados com papelão recoberto com papel laminado colorido, fitas e fitilhos, além de adornos outros inúmeros. Com esse material eram confeccionadas, por exemplo, as figuras dos astros, no bailado do mesmo nome, colocados sobre a cabeça de cada dançarina que os representassem, ou seja, o Sol, a Lua, a Estrela Dalva, o Cruzeiro do Sul etc.

Maria Zilda, da Serra do Félix, conta que o pai dela comprava o papel crepom em Cascavel e, junto, “trazia os jornais que existissem lá que era pra costurar o papel crepom no jornal e fazer as saias e as blusas. A gente vestia uma blusinha sem manga por baixo e um shortezinho por baixo, porque podia o vestido se rasgar que era de papel.” Este cuidado, o de “vestir uma roupinha velha por baixo” foi citado por muitas outras dramistas.

Quando confeccionados em tecidos, nos trajes dos bailados multiplicavam-se as rendas e labirintos, abundantes na região, também os tecidos coloridos e estamparias, laquês, cetins, saias rodadas, babados e corpetes. As baianas podiam usar um chitão estampado e, tanto para elas quanto para as ciganas, eram obrigatórios lenços coloridos nos cabelos.



Foto: AH

Para as comédias, dada a profusão de personagens, os figurinos eram improvisados com roupas emprestadas pelas famílias das dramistas. Trajes masculinos dos irmãos e pais, trajes femininos das mães, irmãs e tias. Aqui, acolá, fazia-se algum arranjo e bastava.

A decisão sobre os figurinos era de responsabilidade das mestras dramistas. Por vezes, elas mesmas confeccionavam, quando não, cortavam, desenhavam ou orientavam pessoalmente as costureiras do lugar, mesmo que os custos ficassem por conta das mães de cada dramistas. Maria Berenice Cartaxo, de Beberibe, explica que o traje da Florista era uma saia godê cheia de flores



e que ela trazia na mão uma bandeja com flores também feitas de papel de seda, mas que poderia ser também de um tecido bem florido, mesmo de um tecido cor rosa. O certo é que a Florista deveria trazer uma cesta de flores na mão.

Já as Ciganas e as Baianas traziam um lenço colorido na cabeça, um corpetezinho no busto e a saia longa colorida e rodada, ou cheia de babados. Trajes sempre bem sensuais. Para fazer soar melhor o sapateado delas, usavam uma caneleira de tampilhas de refrigerantes. Dona Socorro Góes, de Beberibe, conta a odisséia de se conseguir as tais tampilhas: “De primeiro era difícil a gente arrumar. A mamãe arranjava de Cascavel as tampilhazinhas pra botar nas nossas canelas, tampilha de refrigerante. Ai furava um buraco pra quando a gente sapateasse - a gente cantava sapateando, pra tinir. Ai ela ia buscar em Cascavel porque aqui num tinha refrigerante. O primeiro guaraná que eu conheci na minha vida foi o guaraná Tai, mas só bebia quando tava doente. [ri] Era muito difícil! O sapateado era quando a gente cantava as baianas batendo os pés. A gente batia o pé e fazia aquele tinido medonho! Só as baianas tinham o sapateado, pano amarrado aqui na cabeça, a mamãe comprava o fustão bem estampado, tecido. Era só a baiana que utilizava as tampinhas.”

Socorro Góes descreve também o figurino da Índia: “O traje da Índia, a gente fazia com pena de pavão, quando não com de peru, a gente costurava na mão com papelão. E aqui era só o papelzinho amarrado, o sutiãzinho, uma tirazinha amarrada, e na cabeça, com as penas menores, fazia um circulo também.” Agora são as irmãs Juraci e Neci Viana, de Fortim, que falam de algumas figuras de comédias: “- O Coió tinha um bigode de tisna de panela e um chapéu de palha na cabeça. Já o Cangaceiro trajava calça de homem, que nem roupa de cangaceiro, ai botava o fuzil, o sapato de homem. O chapéu de palha quebrado aqui na frente com o nome do cangaceiro. O Lampião é três estrelas, tudo encarrilhado.” Finalmente deixo para dona Eufrásia Ferreira, a mestra de Aroeiras, a descrição do figurino das Cozinheiras no seu bailado: “- Bota um aventalzinho, o boné mesmo que nem as cozinheiras, o vestido de quadrozinho, aventalzinho e as panelinhas. Dançavam com uma panelinha na mão.”

AS ANTIGAS MESTRAS E SUAS REFERÊNCIAS

Antônio Clemente, o mecenas dos dramas de Amarelas, tinha quatro filhas: Egídia, Elisa, Edilce e Maria, e muitas netas também dramistas, entre as quais Zilca, Zilma, Zenaide e Zuleica. Havia ainda Maria Dulce, menina criada em sua casa, que se tornou professora e mestra dramista, tendo depois de casada se mudado para Mutuca, de onde saíram suas filhas Edilsa e Egilsa, além de Maria Hosana de Lima e de outras dramistas hoje residentes nos Tanques.

Das Monteiro, o outro ramo de dramistas de Amarelas, conta-se, entre as mais notáveis, Ilda, Francisca, Elisa e Maria das Neves, casada com Osmar Monteiro, e uma das nossas principais informantes. Além dessas, Amarelas foi berço de formação de muitas outras notáveis dramistas, como Suzana Xavier, Paulina Pereira de Lima, Maria Linduína Pereira Nunes e sua tia Julia, de quem a mesma foi discípula em Pau-Branco.

A influência dessas dramistas, formadas basicamente em Amarelas, espalhou-se por grande parte do município de Beberibe, marcando o estilo e o repertório dos dramas de localidades próximas, como Tanques, Umburanas, Encruzilhada, Pau-Branco, Aroeiras, Mutuca, Lagoa do Tapuio, Juazeiro, Paripueira, e até de localidades mais distantes, como Juazeiro, já próximo à sede de Beberibe, e Jardim, no município de Fortim. Em Aroeiras, por exemplo, Luís de Sena Filho, Seu Diniz, nos deu notícias de dramas encenados, já em 1950, por uma professora de nome Gisa Clemente, vinda de Amarelas, só muitos anos depois aparecendo dramas de outras procedências.

As fontes e linhas de procedência dos dramas que, inicialmente, não eram muitas, aos poucos, se somavam e iam se cruzando. Em Aroeiras, como dissemos, chegara inicialmente uma linha de dramas procedente de Amarelas, tanto via Mutuca, onde vivia a família de Maria Clemente, filha do velho Antônio, como Maria Dulce e suas filhas, quanto, num momento seguinte, pela presença direta da professora Gisa Clemente. Até que, cerca de 15 anos depois, retorna a Aroeiras como catequista, Evane, uma moça do lugar que fora estudar no colégio das irmãs salesianas, em Aracati, e traz com ela um caderno de dramas, com muitas partes assentadas, uma série de bailes e comédias. Reúne as mocinhas do lugar e resolve encená-las. Quando retorna ao Aracati, poucos anos depois, deixa o caderno com sua





cunhada Eufrásia, que leva a missão à frente. Algum tempo depois, aparece também em Aroeiras, a professora Raimunda Sena, que chega a dar aulas e promover dramas, em várias outras localidades da região, inclusive em Umburanas/Encruzilhada. Raimunda Sena mora hoje em Parajuru e nos concedeu proveitosa entrevista.

Alcançaram, ainda, a área de influência de Amarelas, dramas de diversas outras procedências, entre os quais os do professor Zacarias Simões da Costa, que veio de Sussuarana, e os da citada professora Raimunda Sena¹, que ensinaram em Umburanas e Encruzilhada, formando as dramistas das famílias Lino e Vieira, assim como os de dona Mariquinha, rezadeira do Córrego da Nica, levados por suas filhas que trabalharam em Umburanas. Já em Pau-Branco, segundo Maria Linduína, a mestra primeira dos dramas foi sua tia Joana, formada professora em Fortaleza, que retornou a Beberibe para exercer o ofício nos sítios onde nasceu. Os dramas, porém, ela já aprendera em Amarelas, com as mulheres das famílias Clemente e Monteiro, bem como com Zilma e Zilda, na fazenda de Chiquinho Silva em Mutuca.

Em Aracati, no colégio das salesianas, as freiras escreviam os dramas, com finalidades didáticas e moralizantes. Também condensavam textos de dramaturgos famosos, como Victor Hugo e Shakespeare, além de escreverem pequenas peças históricas falando sobre a fundação do colégio e da própria cidade, segundo depoimento de Paizinha e Linduína Barbosa. Entretanto, essas não eram as fontes exclusivas dos dramas, porque uma das mestras dramistas mais atuantes, nos anos 60 e 70, Dulce Varela, contou-nos que começou a brincar drama no Pirambu, bairro de Fortaleza, onde passou a infância e a adolescência, levando seu repertório de bailados e comédias para o Aracati.

No Fortim, as dramistas mais antigas de quem nos deram notícias foram as filhas do Manduca, do Piquiri, por nome Isolda, Iselda e Maria. Porém a família Carneiro, da Barra da Sucatinga, avó, mãe, filha e sobrinha, aprenderam mesmo foi com a Chica Toco, moradora ali mesmo da Barra, embora nascida em Choró, do Beberibe. Maria Carneiro, filha de Edite Carneiro, mãe de Roberta Carneiro, todas dramistas, mostrou-nos o caderno com as partes de drama que copiou e nos explicou: “Só que tem algumas peças que antes as letras falavam uma coisa e agora não tem muito sentido, aí a gente cria outra

coisa, encaixa outra palavra. Essa da dona Benedita é muito difícil, precisa modificar...”

Em Beberibe, cidade sede do município, quem ensinou às irmãs Cartaxo foi a finada Anita Peroba. Maria Elieta conta que: “A gente ia lá pro Macapá, subindo e descendo morro, cantando. Ia de pé e voltava de pé e ela ia ensinando a gente. Como era aquela cantiga bem bonita que a finada Anita nos ensinou? Aquele que ensinava as cores? Era parte de drama.”

Outra fonte do drama era o circo, prossegue Maria Elieta: “Tinha o circo aqui, do finado Zé Cuica, eu aprendia tudinho. Aí quando eu dançava, cantava tudinho. Eu aprendi aqui no Beberibe, junto com minha irmã aí, a Neném. Vinha o circo, a gente ia, aí tinha a Baiana. Eu ia pra escutar e aprendia tudinho, as cantigas das baianas. No circo tinha comédia, tinha Baiana, tinha um bocado de coisa lá.”

Porém, tanto para as irmãs Cartaxo, como para Socorro Góes, dentro da cidade de Beberibe, a referência maior de mestra antiga de dramas foi sua tia Caruga, autora de comédias famosas, como a do casamento dos bichos, até hoje cantadas e decantadas pelas dramistas do lugar. Pelo menos até o dia em que deixou a cidade, no dizer de Eunice Cartaxo: “Aí depois a tia Caruga foi embora pra Fortaleza e eu fiquei comandando mais as minhas irmãs e meus irmãos.”

Em Paripueira, a mestra mais antiga chamava-se Joaquina, cujo saber repassou para sua filha Irene que, por sua vez, formou dramistas tanto em Paripueiras, quanto em Caetanos, vilarejo já próximo à cidade sede de Beberibe. Joaquina, além das filhas Irene e Elenita, foi responsável pela iniciação nos dramas de Ozerina Albuquerque e de toda uma geração de dramistas de Paripueiras, que incluiu entre outras, Eugênia, Mocinha e Inês. Nos Caetanos, só bem recentemente, com Maria Estela, chegaram dramas de outra procedência, no caso do Cumbe, onde a citada dramista morou.

Lídia Bento de França, que hoje mora em Paripueira, disse que em Lagoa das Porteiros, onde nasceu, havia uma mulher por nome Santa, que inventava muitos dramas e com quem brincou. Em Piquiri, Julia Bernardo contou que a primeira mestra foi Rosa Cacheado, sua tia. Segundo Seu Zuca, quem trouxe os dramas, no caso de Cascavel, para a Serra do Félix, foi a professora Maria Estevão. Já Maria Zilda informou que sua prima e madrinha de crisma, Estrogilda, que



reside atualmente em Sergipe, foi a responsável pela introdução dos dramas na Serra do Félix. Em Lagoa do Arroz, Tertuliana Garcia, a Terta, lembra que o primeiro drama organizado por lá teve à frente uma moça de mais idade chamada Jacira, moradora de Itapeim, antigo Cruzeiro.

No Fortim, as dramistas são unânimes em afirmar que a grande mestra foi Esmeralda. Todas ali aprenderam com ela. Esmeralda era uma espécie de animadora da comunidade, porque, além do drama, comandava os pastoris e até o carnaval do então distrito de Fortim. Mãe de Juraci Ferreira da Silva, ela foi a professora de uma geração de dramistas, que incluiu, entre outras, Neci, Maria, Nicinha, Martinha, Dalva, Aldeiza e a finada Denisa. Para saber da importância de Esmeralda, basta perguntar a alguma delas e só vai ouvir elogios.

Foi o que fizemos em uma roda de dramistas reunidas na casa de Juraci, filha de Esmeralda, residente na periferia da cidade sede do município de Fortim. A conversa começou com Maria Ferreira do Nascimento. Disse ela:

“- Aqui era o local em que o pessoal mais gostava de drama. Esmeralda inventava esses dramas só mesmo pra gente se divertir, porque outra diversão num tinha naquele tempo, só mesmo com a Esmeralda. Se a Esmeralda num fizesse um drama, a gente ia dormir bem cedinho. A Esmeralda só num fez mais drama quando ficou sem nenhuma moça no Maceió. Acho que se ela fosse viva, mesmo velhinha daquele jeito, doente, ela ainda fazia as coisas dela.

A Esmeralda só levava moça que tinha voz e sabia dançar, porque pra fazer vergonha...! Aquelas moças ficavam tudo em cima daquele palco e os tocadores tocando e ela se escondia lá pra dentro. Pensa se ela dizia assim: - Eu vou já dar o tom a esses tocadores pra elas dançarem! Isso não senhora. Ela sabia que ia sair bem feito.

Foi a Esmeralda que criou essa parte de drama, a do Cangaceiro. Era só dançando e cantando. Ela fazia esses bailados e essas comédias aqui e depois mandava para outros lugares. Mandavam era chamar ela para ensinar drama em muito canto por aí.”

Neci, entrando na conversa, fala referindo-se às partes de drama cantadas pelas companheiras:

“- Faz pena a mulher nascer, ficar velha e se acabar. Tudo da memória dela, você acredita, isso aí tudinho que vocês estão ouvindo?”

Estão cantando o bailado da Florista, e Maria intervém, fazendo graça:

“- Agora pergunte quem foi que fez.”

Todas, rindo, respondem em uníssono:

“- Esmeralda!”

Em Pontal de Maceió, outra localidade de Fortim, a conversa das dramistas era proclamar as bondades de Esmeralda. Neci Viana não economizava palavras:

“- A primeira vez que eu vi um drama foi aqui na casa dela. No tempo em que ela fez a brincadeira, a gente era aluna. Aí ela convidou umas alunas, umas brochotas pra irem brincar o drama e nós fomos. Ela ensinava aqui na colônia mesmo, porque num tinha colégio aqui não. Foi quando a gente começou a fazer a brincadeira dos dramas.”

Aldeiza Silva faz coro com a amiga no elogio a Esmeralda:

“- Ela ouvia uma música dum cantor, formava outros versos e criava dali a parte de um drama. Uma vez ela inventou o bailado de uma rosa, outra vez ela fez um drama muito bonito com os planetas e com a lua. Ela num rendia homenagem a essas professoras formadas que estão aí no colégio, só alcançava a Esmeralda se fosse essas que vem do Aracati.”

Neci atribui o talento de Esmeralda a um dom divino. Adiantou-se na conversa, dizendo: “- O que é da pessoa já vem com ela, a pessoa já traz de Deus. Às vezes eu me admirava tanto e dizia: - Esmeralda, mulher, eu num sei donde é que tu tira tanto verso! Porque aquilo era coisa muito bem feita, e eu dizia assim: - Esmeralda, mulher, como é que você faz umas coisas dessas tão bonitas? Ela dizia assim: - Mulher, a gente escreve. E eu dizia: - E como eu num faço, mulher!? [Neci riu] - Como é que eu num sei fazer? Ela respondia: - É porque você num tem cabeça e eu tenho. E eu respondia: - Eu tenho a cabeça grande, mas é bruta.

Agora, eu vou dizer pra vocês, num existe no mundo uma mulher de cabeça melhor do que aquela minha prima, Esmeralda. Vocês fiquem sabendo que a Esmeralda tanto fazia música pra cantar como negócio de verso, tudo no mundo. Num existia aqui dentro do Maceió uma pessoa como ela. Depois que ela morreu, acabou-se, não tem ninguém como ela, é tudo jumento, num faz nada.” Neci olhou pra gente e riu.





Juraci, a filha de Esmeralda, que nos contou a morte da mãe, fez um relato não muito diferente:

“- Ela já doente na redinha, ela pegava um caderno e ficava escrevendo, porque ela num podia falar. Apresentou uma doença na garganta dela e quando nós vimos num deu mais jeito levar ela pro hospital, pra Aracati, pra Fortaleza. Ela morreu em véspera de Natal, já faz três anos, em 2007, de câncer. Esmeralda acabou-se, acabou-se tudo.”

As fontes de inspiração das mestras dramistas, para a criação de bailados e comédias, vão desde as mais previsíveis as mais imprevisíveis, desde as mais formais até as mais informais. Trata-se de um campo de criação no qual a autoria individual, muitas vezes, se funde com a autoria coletiva e, em igual número de vezes, se destaca dela. A mesma peça flutua em incontáveis variações no tempo e no espaço, no que diz respeito a cada um de seus elementos, sejam literários, musicais ou cênicos.

Dito isto, podem ser citados como as fontes mais recorrentes de procedência de inspiração das mestras dramistas para a composição de bailados e comédias, as jornadas de pastoris (bailados das Ciganas, Baianas, Pastoras e Borboletas), os romances de origem medievais (como o de Dom Jorge e Juliana, o da Bela Camponesa, o de Dona Lindalva, o da Bela Pastora etc.), fábulas tradicionais (o Besouro e a Barata, por ex.), dramas circenses (O Bêbado, por ex.), canções de rádio dramatizadas (Coração Materno, por ex.), textos dramáticos compactados (Romeu e Julieta, por ex.), novelas de rádio compactados, romances ou contos literários compactados, textos didáticos (Bailado dos Astros, por ex.) etc.

Dona Neves Monteiro é uma das mestras e escritoras de dramas, mais antigas, em atividade no Litoral Leste do Ceará. Com mais de 80 anos de idade, continua a escrever comédias e bailados, em sua casa no Parajuru. Conta o caso de uma professora já falecida, de uma geração anterior à sua, que por sabedoria, ao ensaiar as comédias de drama, passava para as dramistas todos os papéis, menos o seu. Quando ia embora do lugar, aquelas partes de drama ficavam sempre incompletas, pois no texto faltava a fala de uma personagem, a que a tal professora reservara para si, não por acaso, sempre a da figura principal. Daí a fama deixada pela professora: não revelar o segredo de seus dramas.

As dramistas viviam em comunidades pequenas, com vida sedentária, onde a comunicação com o mundo lá fora era difícil. Por isso, toda oportunidade

de troca, entre elas era aproveitada. Estas trocas se davam principalmente nas férias, quando as escolares, professoras e estudantes, retornavam aos seus sítios de origem. Havia intercâmbio de partes de dramas e de cadernos de dramas entre dramistas e comunidades de dramistas. Também, por vezes, professoras voltavam de centros mais distantes, filhas do lugar de onde haviam migrado e vinham passar as férias. Aproveitavam e organizavam dramas com as meninas do sítio de origem. Foi o que certa vez aconteceu em Lagoa do Arroz, com Geovana, que foi morar em São Paulo e se tornou professora.

A passagem era marcante. Dona Neves Monteiro conta que sua filha Gleide brincou no pastoril e também nos circos que apareciam em Parajuru:

“- Quando dava fé apareciam uns circos, esses circos de areia, e aí o circo passava tempo, muito tempo. Eles faziam aquelas peça de santa, milagre num sei de que, comédia, e chamavam. Aí ela ia. Eles gostavam, porque precisavam duma menina. Ela fazia lá, entrava no circo pra trabalhar no circo, fazer as comédias do circo.”

Germana de Souza e Silva, de Caetanos, Beberibe, fala sobre como as lembranças vem chegando:

“- Tem outras partes, mas eu num recordo, tinha uma dos dentes. Como se diz, recordar é viver, a lembrança é que nem uma cacimba, se não tirar água ela vai criando a capa, assim tava eu também. Mas tirou um pedaço, já porque eu fui semana passada lá no colégio, a gente vem lembrando. Quando chega em casa é que vêm as lembranças. Aí as pessoas perguntam por que eu num escrevo um livro pra eu não me esquecer. Algumas músicas eu anoto das antigas. Já os dramas novos eu escrevo em cima do que eu vejo elas falando. Tem esse que eu apresentei hoje, Minha Mãezinha do Coração, tem o das Rosas, Moça do Sertão. A música é improvisada na hora.”

Uma parte de drama pode nascer como nessa ideia de Maria Estela, de Caetanos, que ouviu em um cd, um Rojão de Cego. Ela conta:

“- Era uma embolada dum cego que cantava, eu ouvi assim em CD e aprendi. Mas eu acho que dá uma parte de drama também sabe, que é também do cego. A gente chega, se senta assim numa cadeira, aí bota pra pedir água, o cego num pede né? Aí bota lá, aí canta:

Irmãos que estão me ouvindo/Me preste bem atenção./Ouvir o cego contando/A sua história em rojão./Já vi o cego contando/A sua história em



rojão.//Por isso estamos aqui/Eu e a minha viola./Por favor, vamos pedindo/
Meu irmão me dê uma esmola./Por favor, vamos pedindo/Meu irmão deixe
a tua esmola.// Quem vê a luz deste mundo/Não sabe o que é sofrer/Um
sofrimento profundo/Quer ver e não puder,/Um sofrimento/Quer ver e não
puder.//Por isso estamos aqui/Eu e a minha viola/Companheira inseparável/
Que as minhas mágoas consola. (Nota do autor: Trata-se da canção Lamento
do Cego de Jackson do Pandeiro, com algumas modificações.)

Num dá uma parte do drama? [ri] Pois então, sei que quando eu chego, as
meninas aqui só querem que eu cante, e elas choram quando eu canto! Um
dia, na festa do meu aniversário, eu cantei essa parte de drama, e minhas
amigas foram se embora, num esperaram nem que partisse o bolo: - Mulher,
você num esperou não!? Perguntei. - Não, a senhora num deixou a gente
cantar, foi fazer foi a gente chorar!”

SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS HOMENS

Repetir não custa ser o universo dos dramas feminino. Portanto, lugar de
homem no drama era na orquestra, tocando violão, pandeiro ou bumba. De
resto é exceção, menino com queda para a dança ou a comédia, desasnado a
ponto de enfrentar o preconceito machista que contra ela cairia, partindo dos
próprios colegas. Isto porque tal interdição não era de iniciativa das mulheres.
Elas até que gostavam, quando um molecote ou outro ganhava um papel
numa comédia.

Entre estes “bendita sois entre as mulheres”, pelo menos dois ficaram famosos
dentro de Beberibe, nos dramas das irmãs Cartaxo. Um foi o Padilha, primo
delas. Maria Ivani lembra:

“- Ele brincava mais nós de drama, era muito encapetado. Cantava e dançava,
era muito bom. Ele fazia tipo o palhaço. Eu era a Baiana, ele era o Palhaço, o
meu irmão era o que batia o pandeiro, nós subíamos em cima do palanque e
dávamos o maior show, só nós três.”

O outro foi um de quem Eunice nos deu notícias: “Tinha outro no meio
também. Era o Chiôla. Ele fazia a parte do cigarro, do Seu Coió de calça-curta,
ele mais Lelinha. Fazia também a do Camaleão. Ele brincava, fazia tudo mais
nós, sapateava que nem prestava.”

Em Aracati, nos colégios de freiras, homem não entrava em drama por um
motivo bem óbvio, eram colégios exclusivamente femininos. Porém, mesmo fora
desses colégios, apesar dos ares civilizados da cidade, a resistência masculina
em participar dos dramas ainda hoje é sentida. Disse-nos, Formiguinha: “-
Homem não quer brincar drama, é muito machista. Diz: ‘- Ave-Maria, num vou
nada, eu num vou não!’ Porque homem não gosta de brincar drama, homem
gosta é de fazer parte de teatro junto com mulher.”

Só quando a iniciativa de organizar o drama partia de um homem, a
participação dos meninos tornava-se mais fácil. Foi o que aconteceu em
Aroeiras, certa feita, com um professor por nome Adail, que também escrevia
e encenava dramas. Contou-nos Luís de Sena Filho, Seu Diniz, que uma vez
esse professor escalou uns meninos, para representar uma comédia sobre
o futebol, e não é que deu certo! Entre outros, desempenharam papéis na
comédia os primos de Seu Diniz, Geraldino e Raimundo Vieira, com muito boa
aceitação pela comunidade.

A IDADE DAS DRAMISTAS

Dramista não tinha idade, era moça solteira, ou mulher casada quando o
marido não se incomodava. Havia deles sim, que inclusive as acompanhava.
Mas a maioria não permitia e a carreira de dramista terminava cedo, porque
até a algum tempo atrás, no interior do Ceará, mal concluía a adolescência,
moça já estava casando. Assim, dos 12 aos 16 anos, portanto, quatro anos
apenas, durava a trajetória de uma artista de drama em grande parte das
vezes.

Como disse Irene Aquino de Sousa, de Caetanos: “- Naquele tempo quem
brincava drama, era moça de toda idade, moça nova e moça velha, até criança,
tivesse disposição todo mundo podia, só mulher. Mulher casada naquela época
não brincava.” E assim era, costume trazido para o Litoral Leste, desde outros
lugares. No Pirambu, bairro de Fortaleza, onde Dulce Varela, mestra dramista
de Aracati iniciou-se nos dramas, as dramistas eram filhas de operários e
operárias. A idade delas variava entre oito e 14 anos. Muitas, ainda menores de
idade, saíam dos dramas porque iam trabalhar em fábricas.

Fatos semelhantes se repetiam com a grande maioria de dramistas nos
meados do século passado. No Aracati, as meninas começavam com oito, 12





anos. Linduína Barbosa deixou de fazer drama no dia que terminou o segundo grau, para casar. Paulina, de Amarelas, fez dramas até os 20 anos. Maria Suzana Xavier, também em Amarelas começou brincando aos nove anos, mas só até 12 anos, porque a mestra, Neves, casou-se, e ela Suzana casou-se com 17 anos. Mudou-se para a comunidade de Louva a Deus, que fica no Córrego do Sal. O marido dela, Agostinho, mestre de Boi, deixava ela brincar, queria até, mas as outras mulheres casadas abandonaram os dramas e ela já não havia com quem brincar, por isso deixou.

Fátima Lima, das Aroeiras, começou nos dramas aos 9 anos, na década de 60, lá nos Cocos. Maria Izaíde, também das Aroeiras, brincou o último drama com 16 anos. Maria Estela iniciou-se nos dramas aos cinco anos, no Cumbe. Maria Bênis Félix Garcia, da Lagoa do Arroz, ficou nos dramas até casar. Terta Garcia, da mesma Lagoa do Arroz, até os 21 anos, embora só tenha casado com 25, porque não houve mais dramas na sua comunidade. Suzete, ainda da Lagoa do Arroz, começou como as outras, na faixa dos 14 anos e só parou quando se casou, cinco, seis anos depois.

Algumas meninas começaram no Pastoril, como Socorro Góes, de Beberibe, que aos cinco anos foi anjo de presépio e depois passou para o drama, quando apresentou muitas personagens. Entre as irmãs Cartaxo, de Beberibe, Berenice começou com dez anos e só brincou até os 12 anos, Elieta começou aos dez anos também, Maria Ivani brincou até 17 anos e Eunice brincou entre os 14 e os 16 anos. Aldeíza, do Pontal de Maceió, brincou drama dos 12 aos 15 anos. Já Maria Ezilda, da Serra do Félix, foi uma daquelas meninas que nasceu, praticamente, dentro dos dramas. Deixo por conta dela, a narração de sua história:

“- Conheci o drama com três anos de idade. A minha mãe fez um drama, eu tinha três anos, mas não pude sair porque era muito pequena. Aí eu chorei, chorei, chorei. Quando foi com dois anos ela fez outro. Aí no outro drama, eu saí. Ela fez três dramas. Isso eu com cinco anos de idade, era desse tamaninho assim. [ri] Tem uma menina que eu boto na coroação - eu faço coroação, porque a senhora que fazia coroação faleceu, e eu ajudo as mães cristãs da igreja a fazer a coroação. Aí tem uma bem pequenininha - ontem ela estava com o microfone cantando na igreja, eu digo - Está aí a Ezilda antigamente! [ri] Só brinquei drama, quando eu era pequena. Quando fiquei moça não brinquei mais.”

Maria Hosana contou que em Tanques brincavam drama moças de dez até 30 anos, somente solteiras. Ela mesma brincou até casar, com 20 anos. “No meu tempo de casada o meu drama foi criar dez filhos. Esse drama foi abençoado!” Com Maria Linduína, de Pau-Branco, foi a mesma coisa, brincou de drama dos dez aos 23 anos, quando casou. Ozerina Albuquerque, de Paripueira, tinha nove anos, quando se iniciou nos dramas. Conta que as filhas é que insistiam com as mães para que fizessem dramas. “- Aí quando a brincadeira pegava, elas tomavam gosto.” Assim foi com Cleidiane Pereira, de Pau-Branco. Na época ela tinha 13 anos. E até hoje, ainda brinca. “- A primeira vez que eu vi foi eu brincando, eu nem assisti, brinquei mesmo já.”

Juraci, filha de Esmeralda, de Fortim, critica a acomodação das moças de hoje: “- As moças daqui quando estão com 12 anos já são mães! Já tem é menino pra segurar! Você sabe por que nós fazíamos isso? Porque nós éramos divertidas, queríamos era dançar, brincar, ninguém num ia namorar. Eu fui namorar com 18 anos. Fui me divertir primeiro. Eu ainda dancei drama. Mas menino! É capaz de eu deixar meu drama por causa de namorado!”

Maria Carneiro, da Barra da Sucatinga, como era costume em seu tempo, começou nos dramas com 12 anos e parou aos 16 para casar. Voltou só em 1993, já com idade avançada, para brincar com as filhas e sobrinhas, quase tudo gente da família, senão vizinhas. Nestes casos, aliás, muito numerosos atualmente, em que a dramista volta aos palcos, mesmo casada, para brincar com filhas e/ou senhoras da mesma idade, a oposição dos maridos é bem menor. Como proclamou dona Solange de Aroeiras, vangloriando-se: “Graças a Deus, meu marido num tem essas frescuras não, a gente é livre pra participar dos dramas.” Ainda deu pra ouvir quando alguém comentou: “- Agora, não é, Solange!”

Muitas vezes, a proibição de a mocinha participar do drama já vinha da mãe. Edite Carneiro conta que só brincou de drama quando era pequena, porque “depois de moça a mãe num deixou mais eu brincar de jeito nenhum! Também foi tempo das meninas casarem, as meninas do finado Manduca, aí acabaram os dramas, porque eram elas que inventavam.”

Edite, porém, sabe que seu caso foi bem particular, pelo menos em relação à mãe: “- Casada, se quiser brincar e o marido deixar, num empata não.” No que diz respeito a Edite, a questão foi diferente: “- Eu num brinquei nem moça



quanto mais casada, meu marido era pior de que minha mãe com dança!” E conta como aconteceu:

“- Quando casei com o Zé, eu fui dançar no meio da casa com o meu primeiro menino, porque ele estava chorando. Aí o Zé entrou em casa e perguntou se eu estava doida! Eu disse: ‘- Ave-Maria!’ Aí pronto, acabou-se, eu já vi que ele era pior de que minha mãe. A mamãe, eu fui pro drama duas vezes escondido dela. Apanhava mas dançava, eu sabia que ia apanhar, mas eu gostava de dançar, eu achava bonito!

Uma vez, o Oscar meu irmão, esse que foi pro Amazonas, eu estava dançando na brincadeira do Judas, quando ele chegou lá e me viu dançando. Foi na mamãe e disse: ‘- A sua sem-vergonha tava lá no Zé Rufino dançando!’ A mamãe respondeu: ‘- Menino, que conversa é essa?!’ ‘- Ela tá!’ ‘- Eu já sei, ela foi mais a Odete, foi dormir na Odetinha, mas amanhã ela me paga!’

Quando foi de manhã bem cedinho, lá vem a mamãe com a corda no cós da saia, me pegou. Foi de corda, mas foi a surra mais maneira que eu já apanhei na vida. Achei foi bom porque eu fazia assim e batia mais era no meu vestido! [risos] Que as mães só davam de bolo nas mãos, com os tamancões que a gente usava. Nesse dia foi de corda, mas pegou muito no vestido. Apanhei, mas dancei. Agora as mulheres casadas brincam muito drama, às vezes passam a noite brincando drama.”

Dona Maria Ribeiro conta que essa moda de drama na terceira idade chegou em Paripueira nos anos 60, já depois dela casada. Chegou com o trabalho social do Coping, uma entidade social ligada à Igreja Católica, que reuniu os moradores do lugar numa série de projetos. Tanto havia projetos voltados para a melhoria da renda familiar, quanto ligados a atividades culturais e artísticas da comunidade. Os trabalhos eram muitos, desde a criação de galinhas e cabras, a confecção de renda e labirinto, até, e não poderia faltar, o resgate da brincadeira dos dramas.

O fato é que, no Litoral Leste, os dramas populares encontraram nos movimentos da “melhor idade”, campo fértil para florescer. Em Caetanos, uma verdadeira febre de alegria e juventude coloriu o semblante das senhoras da comunidade. Regina Morais de Souza conta que sua mãe, mesmo sendo dramista, nunca ensinou sua arte às filhas. Só agora, depois de adultas, elas aprenderam. No caso de Regina, porque encontrou uma colega, a Ednir, que

se tornou sua parceira nos dramas, as duas, já com idade em torno de 45 anos.

Observa-se que hoje, muitas senhoras, de mais de 30, 40 anos de idade, participam das brincadeiras de dramas e não se sentem intimidadas. A maioria brincou quando meninota e deixou com o casamento. Foi o caso tanto de Maria Sílvia Marcolino dos Santos, como de Vera Maria Ribeiro dos Santos, Maria da Conceição Xavier Brito, Rosa Miguel Ribeiro e Maria Irene Aquino de Souza que retomaram a brincadeira, com 48, 53, 56, 48 e 71 anos de idade respectivamente. Porém há exemplos como os de Maria Anunciada e de Maria dos Santos, de mulheres que se iniciaram nos dramas depois dos 57, 58 anos de idade.

Maria Elenita também só começou a participar dos dramas recentemente. Filha de Irene, a grande dramista dos Caetanos, que nasceu em 1970, por azar a época em que os dramas estavam sofrendo com o grande avanço da televisão no interior, só veio a conhecê-los dois anos atrás: “- A minha mãe sempre falava e eu não conhecia. Eu não sabia o que era mesmo esse drama. Aí quando a minha mãe foi ensinar foi que eu fui entender o que é comédia. Então eu achei muito legal e ela perguntou se eu queria fazer uma apresentação. Eu fiquei em dúvida: - Mamãe, será que eu consigo?! Aí comecei a cantar, a aprender as músicas. Gostei e já está com três apresentações que eu faço.”

Em Encruzilhada, fronteira de Fortim e Beberibe, nós presenciamos uma discussão entre dramistas do clã Lima Vieira, sobre a idade apropriada das dramistas. Essa discussão torna-se mais pertinente ainda, no momento em que o drama assume uma nova função social nas comunidades do Litoral Leste do Ceará, como veremos adiante.

A conversa travou-se entre Umbelina (dramista), seu irmão Liberato (violonista/músico de dramas), sua irmã Alice (dramista e mãe de Evandro, o idealizador de nosso projeto), e sua prima Terezinha Lima (mestra/dramista do lugar):

Umbelina: - Eu nem me lembro mais. Eu era muito pequena também. Comecei a brincar drama com 12 anos. Só me lembro das minhas partes.

Liberato: - Naquele tempo o pessoal era mais novo, só tinha gente nova, num tinha gente velha dessas daqui, umas bruacas velhas dessas! [ri] Era tudo gente nova, moça nova, tinha mais gás, mais garganta, se requebrava melhor. Aí a turma diz: - Rapaz, arranja umas mocinhas mais novas pra ensaiar, pra aprender! É que fica mais adequado. Umás velhas tudo feias desse jeito, meu pai!





Terezinha - Interessante, a gente vê aquele drama do Tianguá? Você já viu? O Evandro tem o DVD. As velhas são piores de que nós!

Liberato- Mas realmente drama é pra gente jovem, num é pra velha não, porque velho tem vontade de fazer, já fez, mas num tem o gás duma pessoa nova.

Umbelina - Nós damos de dez a zero nas novas!

Alice - Quando entra uma nova é toda desajustada!

Liberato - Porque num sabe, num foi ensaiado, tem que botar aquela jovem pra ensaiar.

Umbelina - Tu num vistas as novas daqui, nós ensaiando, cantando, pintando o sete, quê que elas fizeram!?! Correram e saíram, num quiseram mais.

Liberato- Mas é que nem toda pessoa serve pra drama, tem que saber dançar, ter voz pra cantar e ter cabeça viva pra aprender, tendo um pouco de vontade porque se num tiver...

Terezinha - Tudo que você faz com vontade você vai em frente!

Liberato- Se quiser cantar e num tem voz nenhuma... perigosa pra mim! [ri]

Eufrásia de Aroeiras, observadora arguta, desde antigamente, detectou uma pequena divisão de tarefas, por idade, entre as dramistas: "As comédias sempre eram feitas por aquelas moças de mais idade, que tinham mais experiência."

Roberta Carneiro, filha e neta de dramistas, é uma das jovens mais empenhadas na difusão dos dramas entre as moças de sua geração. Sua busca é a de reativar os dramas como brincadeira de adolescentes. Bem preparada e com apoio da família, sua persistência nesse intento é notável. Daí a importância em registrar seu depoimento:

"A dificuldade que hoje a gente tem de trabalhar é que essa nova geração não presenciou nenhum espetáculo de dramas que tivemos no passado. O mais complicado é isso. Pra você mostrar pra elas como é legal, é difícil. Até eu mesma, que já cantei em banda de forró. [ri] A mamãe pedia: '- Roberta, vamos fazer um drama?' '- Ah mamãe, drama com aquelas roupas!' Na época as roupas eram de papel crepom. '- Hoje eu já estou moça, eu morro de vergonha de ficar mostrando a barriga, dançando.' '- É, mas num tem vergonha de ficar cantando em banda de forró!' Mamãe reparava.

Se a gente for comparar as letras das músicas de hoje com as de ontem, é uma coisa totalmente diferente. Mas é uma cultura bem interessante. Eu estou tentando resgatar lá no Polo de Convivências, antigo ABC, onde eu trabalho. Antes eu trabalhava com artes, dava aula de canto e de dança, hoje trabalho mais com famílias. E eu estou com o Pró-Jovem e também na área de dança, mas um pouco mais com o pró-jovem, e nós estamos tentando resgatar os dramas. É uma coisa bem difícil, porque nem todos os adolescentes, por não conhecerem, aceitam. Mas é uma coisa interessante, inclusive tem a mamãe que eu posso levar para demonstrar alguma peça.

Na Secretaria de Cultura do Município, a gente sentou pra ver o que estava trabalhando e viu que era mais dança contemporânea. Só que não era nossa realidade, é uma coisa lá da Europa e num tem nada a ver com a gente. E a gente voltou a trabalhar realmente as coisas que são daqui. Então, como eu sou do distrito de Sucatinga - cada polo fica num distrito, e o distrito de Sucatinga resolveu trabalhar com o drama, por ser algo mais frequente nas comunidades vizinhas, começamos a trabalhar com os dramas. Mas a gente não teve muito sucesso. Vamos ver se agora no restante do semestre, que vai começar em agosto, a gente retoma o trabalho em cima do drama.

A gente começou em julho, mas por não ter muita procura a gente precisa criar estratégias mais atrativas para os jovens quererem participar. Eu ainda não levei minha mãe justamente por isso, por não ter procura. [ri] O Valim que é ator, trabalhou bastante tempo com teatro e hoje ele está na coordenação do pólo, também entende um pouco de drama e por o drama ser uma mistura de música, dança e teatro, ele vai ajudar bastante, e eu quero levar mamãe pra dar uma oficina de drama pra eles verem como funciona.

Os jovens estão abertos a participar de todos os eventos culturais da comunidade, mas o drama num é o forte deles, porque muitos têm vergonha: '- Ah, mas essas músicas velhas são muito antigas!' Têm vergonha de cantar. Se fosse uma dança de forró seria bem mais fácil conseguir alguém pra dançar, mas como é o drama, é algo mais complicado. Mas mesmo assim eu ainda me admirei, num é mãe? (Maria, sua mãe estava presente à conversa.) Vieram pra cá, ensaiaram. Eu num tinha muita paciência, dizia: - Mãe, ensaia aí bem direitinho! Porque às vezes faltava paciência, eu ensinava mil vezes: - Não, mas não é assim! Ai tem toda uma questão do tipo de dança. Por ser uma nova geração, a dança num é do mesmo



jeito. Eu passava uma coreografia, quando chegava minha avó: ‘ - Está tudo errado, num é desse jeito que se dança o drama!’ Mas foi bem interessante.

Justamente, a dificuldade é por isso, não só o drama, mas todas as culturas antigas são difíceis de resgatar pelo que a mídia prega, que num é legal, o que é legal é o que vem de fora. Tiro pelos meus alunos, se você faz uma coreografai com música regional tipo xote, eles vão dançar, mas só em época junina. Agora, se for em outra época que não a junina: ‘ - Não, é brega! Querem Britney, querem num sei quem, pessoa de cultura que num tem nada a ver com a gente. Então eles querem o que a mídia prega. Forró, se está passando uma música tão pornográfica que a gente não pode trabalhar no pólo?! É tanto que uma das razões da evasão do pólo é essa, porque a gente não pode estar trabalhando com músicas desse tipo e os adolescentes procuram música desse tipo, que estão ouvindo no dia a dia, na TV, no rádio. Até as próprias mães! Ano passado, na quadrilha, a gente homenageou as brincadeiras populares. Era a gente vestida de boneca de pano, tinha pião, tinha tudo, eu fiz as músicas. Como eu também faço música, a gente fez tudo voltado pra essas brincadeiras. E uma senhora disse: - Ai que eu vim perder meu tempo vendo essas besteiras! Entendeu? Por ser coisas antigas. Outras adoraram: - Roberta foi tão legal, brinquedos que eu não via há tanto tempo como pião, carro de lata...! Então foi bem interessante. Trabalhar com cultura e, principalmente, de resgate, é muito complicado, porque o público jovem não aceita muito, quer o que está na atualidade.

Agora, nós estamos atualizando o bailado da cigana, fazendo só com jovens. Está ficando bonito.”

O contrário acontece quando se quer trabalhar os dramas com senhoras idosas, parece que tudo flui com facilidade. Pelo menos é o que transparece nos depoimentos de quem já tentou, ou seja, sempre dá certo. Rosa Miguel Ribeiro nos contou como os dramas voltaram a ser moda, após décadas parados, na comunidade de Caetanos, em Beberibe. Disse, ela:

“- Ia ter a visita pastoral missionária e o bispo vinha visitar toda a paróquia. Aí o padre colocou no convite, justamente nesse convite, que teria uma noite cultural na comunidade, e eu fui pensar o que nós iríamos inventar nessa noite cultural pra apresentar pro povo. Aí eu fui na casa duma senhora que mora lá em cima e perguntei: ‘ - Dona Zilda, será que se a gente inventasse uma brincadeira de drama ia dar certo?’ ‘ - Oh, Ave-Maria, o pessoal gosta muito! A maioria do povo num

conhece, está com muito tempo que a gente não faz.’ Ela respondeu.’ - Então vamos inventar’, eu disse.

Aí, de lá, eu falei com a minha irmã, a comadre Vera, e ela apoiou também. Fui na casa da Maria Luzia, que está ali, e ela também apoiou. A terceira visita foi na casa da minha madrinha Irene e ela apoiou também. Porque quando a gente vai tomar a decisão de uma coisa dessas, a gente fala com as pessoas de mais idade, pra poder ver a decisão delas. E todas elas acharam muito importante.

Aí, a gente se reuniu, foi ensaiar e vieram aquelas pessoas conhecidas, uma foi chamando a outra: - Olhe, fulana brincou na minha época, cicrana brincou na minha época ... E foi convidando, chamando e está aí, o grupo, graças a Deus. A gente apresentou aqui na nossa comunidade, na vinda do bispo, e agora no mês de julho que esse ano vai fazer um ano, a gente apresentou também na festa de Nossa Senhora do Carmo, em Beberibe. O pessoal achou muito interessante porque estava com muito tempo que não acontecia.

Agora, estão convidando a gente pra ir pras festa de padroeira e outras apresentações, como tem esse convite de vocês. A gente atende, pronto, Ave-Maria, com maior prazer, porque eu acho muito importante, como diz a madrinha Irene, a gente não deixar que a cultura da comunidade da gente se enterre, se esconda.”

Em Tanques, os dramas foram retomados também a partir de uma necessidade suscitada pela paróquia. Maria Hosana de Lima, dramista quando mocinha, havia abandonado a brincadeira desde o casamento, mas foi dos dramas que se socorreu quando o padre pediu-lhe uma alternativa à tradicional festa dançante que o povo fazia às vésperas do dia da padroeira. O padre era novo na paróquia e não gostava de misturar forró com festa de santa, daí ter pedido à dona Hosana, uma espécie de zeladora da capelinha do lugar: “ - Invente assim uma outra coisa, contanto que não seja forró!”

Hosana pensou logo nos dramas e fez. O padre adoeceu e não pode vir para assistir. Mas dona Hosana fez junto com as amigas, todas senhoras com mais de 50 anos de idade. Depois, apresentaram o mesmo drama, umas poucas de vezes. Dona Neves Monteiro é outra que só vê vantagens em fazer dramas com senhoras de sua idade: “ - Gostei muito de voltar a brincar de drama na terceira idade. Eu acho é bom pra animar mais esse povo, porque a gente envelhece, fica tão sozinho, e é uma coisa boa para os velhos se divertirem.” Já em relação a



tentar passar a arte das dramistas para as novas gerações, dona Neves não é tão otimista: “- Eu acho que é bom tentar, agora tenho pouca esperança que esse pessoal continue, porque o povo hoje só quer praia, forró, é muito diferente!”

A MÚSICA E OS MÚSICOS

Linduína Barbosa conta que, na escola, em Aracati, a música para acompanhar os dramas era um tanto improvisada. Nos últimos ensaios, a professora arranjava quem tocasse violão, pandeiro, sanfona, ou até uma gaita (realejo, como é chamada no Ceará), na preparação das meninas. Os mesmos músicos amadores acompanhavam as dramistas durante as apresentações, no fim das quais, a professora dava uma gratificação aos tocadores e era tudo. “- Porque pagar a gente não podia.” Ela lembra especialmente de João Caboré, velho tocador de fole, pai de um professor da escola, que acompanhava a brincadeira.

Já no Colégio das Salesianas, onde Paizinha estudou, muitas partes de dramas, por vezes textos compactados de peças de teatro, eram acompanhados ao piano pelas freiras. Vale lembrar que, no auditório do referido colégio, onde os dramas eram encenados, havia dois pianos alemães, e que, a cidade orgulhava-se de ter recebido Jacques Klein, famoso pianista internacional ali nascido, para dois concertos.

No interior, os músicos eram mais raros. Em Aroeiras, Solange conta que precisava vir Seu Nelson, de Umburanas, para acompanhar os dramas que se fazia na localidade. Depois de sua morte, ficou vindo em seu lugar, Liberato Vieira, irmão das dramistas de lá. O acompanhamento era violão, pandeiro e triângulo. Em Barra da Sucatinga, os dramas da família Carneiro, antigamente, eram acompanhados por violão, depois passou para fole, sanfona e agora, apareceu de novo violão, junto com pandeiro e outros instrumentos de banda de forró, trazidos pela Roberta. Mas Núbia, também dramista, sobrinha de Dona Edite avó de Roberta, nunca se esquece de um tocador em particular. Ela fez questão de lembrar:

“- Tinha um senhor que participou do primeiro drama e acho que também dos demais que a titia fez. A gente chamava ele de Seu Zé do Mané Leão. Ele tocava muito, chega o violão fazia a gente dançar. E ele nem era profissional! Mas ele sabia quando uma pessoa não acompanhava e quando alguém

cantava bem. Ele dizia: ‘- Essa daí sabe cantar!’ Mas o violão chega cantava nas mãos dele! E era só violão e pandeiro.”

O finado Augusto Martins, padrinho de Juraci, foi quem acompanhou no violão as dramistas de Fortim e Portal de Maceió, nas brincadeiras de antigamente. Tocavam com ele o Luizinho, na harmônica e o finado Aristides, no bumba. Na sede de Beberibe, segundo Socorro Góes, para acompanhar drama, só aparecia violão e sanfona, já no Córrego da Nica, dona Mariquinha rezadeira contou-nos que havia cavaquinho também.

No Mucuripe, onde Maria Estela morou, os dramas eram acompanhados por violão e pandeiro, mas no Cumbe, incluía-se também o reco-reco. Paulina, que foi dramista em Amarelas, contou-nos que lá, no seu bailado, as duas ciganas dançavam batendo, cada qual, um pandeiro, além de terem o acompanhamento dos tocadores como nas demais partes. Na Lagoa do Arroz, quem acompanhava os dramas, antigamente, era o finado Otávio ao violão, depois substituído pela sanfona de Seu Joãozinho.

Liberato Lima Vieira é um dos músicos de drama mais experimentados da região, porque além dos dramas das Umburanas e da Encruzilhada, levados adiante por sua família, é chamado para acompanhar outros, por tudo quanto é vilarejo da redondeza. Sua opinião, portanto, sobre o instrumental mais adequado para acompanhar os dramas, deve ser por demais levada em conta, apesar da modéstia: “- Eu acho mais adequado pra drama o violão, pandeiro, triângulo, zabumbazinha... que eu acho, né. Eu tenho visto um bocado de drama, mas de sanfona eu vi muito pouco acompanhamento de drama. Pode até ser que exista também, mas eu acho mais adequado violão. Digo, porque o violão faz aqueles tons, aqueles acordes mais adequados, que eu acho, no meu pouco entendimento, agora num sei os outros. Eu era rapaz novo, broxote, quando comecei a acompanhar drama. Eu conheço um bocado de parte de drama, elas cantam eu sei o que é, mas acompanhar bem, num acompanho não.”

Liberato enumera os ritmos usados nos dramas: xote, valsa, mazurca, marcha, bolero, samba... Mas Umbelina, sua irmã, diz que “dramista gosta mesmo é de sambar, das partes que é sambando”. Maria Estela lembra que antigamente chamavam tudo de samba, “tinha o samba arrastado e tinha o samba de dois passos que era o xote, tudo isso eu sabia”. E conta mais:



Foto AH

“- Papai me ensinou a dançar xote e valsa, eu era a maior na valsa! Era eu cantando e valseando.”

A Mestra Neves Monteiro cita o violão e também o cavaquinho como os principais instrumentos melódicos de acompanhamento dos dramas, em sua juventude. Já o ritmo era dado pelo pandeiro e por um “tambor batido bem fraco”. A sanfona, disse que ficava mais para o forró da festa que acontecia em seguida. Só que em Paripueira, segundo dona Ozerina, a sanfona sempre foi que puxou a música dos dramas. O mesmo ocorreu em Pau-Branco, onde ouvimos a afirmação da boca de Francisco Pereira Nunes, o próprio sanfoneiro, cuja experiência com as dramistas teve lá suas facilidades, mas também suas dificuldades. Disse-nos:

“- O drama tem vários ritmos, o último drama que a Linduína fez aqui quem acompanhou fui eu de sanfona, só que dá um trabalho muito grande acompanhar porque as dramistas num fazem curso de música, cantam na base do ouvido, como eu acompanho, aí fica muito complicado, porque uma canta fora do ritmo da outra. Um bailado, por exemplo: normalmente o bailado é uma música lenta, aí uma, duas, três cantam bem no ritmo, facilita, outra já num canta, aí precisa você amortecer o volume, você esperar. Às vezes aumenta pra poder pegar o ritmo dela, aí fica uma coisa meio complicada. O violão, o cabra sendo técnico, fica melhor, elas acham mais bonito o violão. Agora tem muitos ritmos nos drama, tem valsa, tem samba-canção, tem samba-ritmado, tem uma marchinha mais acelerada... Tem partes que

tem dois ritmos, precisa você ter o ouvido que nem eu, porque eu toco um pouquinho de sanfona, eu faço uns tonzinho, mas hoje eu estou deixando por causa da coluna, estou com uma hérnia, tenho vontade mas num posso porque tenho um problema na coluna seríssimo.”

NAMORO E SEDUÇÃO

História de namoro e sedução era só o que havia nos dramas. Afinal, drama era para isso mesmo, arranjar namorado e até casamento, se possível. Os rapazes vinham de longe para ver as apresentações de dramas, ou melhor, para ver as dramistas. As moças se juntavam, apresentavam os dramas e depois iam paquerar na volta pra casa.

O fuxico começava nos ensaios. Quem nos revelou esse segredo foi Maria Carneiro. Ela nos contou que neles, “a coisa era a maior beleza. Porque toda noite a gente tinha que ir pro ensaio, aí fechava a porta depois da gente entrar. Os rapazes num podiam entrar, só quem ia brincar. Aí quando dá fé arrombavam as portas e entravam.” Maria disse isso e riu muito. Depois continuou. “É porque quando a gente vai ensaiar, fecha a porta porque não quer que as pessoas vejam. Só é pra ver no dia da apresentação. Mas só que aí, eles abrem a porta, e quando dá fé, está cheio de gente.” Maria riu de novo lembrando as cenas.

Hoje, as antigas dramistas proclamam envaidecidas o sucesso de suas artimanhas de sedução. Berenice Cartaxo não tem pejo de confessar o quanto



abalava o coração da rapaziada: “- Nos dramas tinha muito namoro sim. Eu, por exemplo, fui pra Andreza e deixei lá todo mundo doido. Endoideci tudo quanto foi homem quando arrastei a Baiana. Comecei a dançar e quando eu disse ‘fasta o boi, querem me matar’, o que era de rapaz ficou tudo doido por mim! [riu] Até o sanfoneiro... tudinho. Mas eu cantava e sambava mesmo! Dançava, num tinha um pingão de vergonha, dançava mesmo! Aí quando terminava o drama, os rapazes ficavam tudo doido pra namorar comigo! Era uma coisa medonha! Carnaval era conhecido, vinha gente de Fortaleza, perguntava: ‘- Quem é a dançarina daqui?’ Aí os meninos diziam assim: - ‘É aquela dali, aquela dali!’ Eu num tinha vergonha de brincar, não. Brinquei até agora em Imperatriz, sambei foi muito!” E não era só Berenice. Animada com a conversa, Eliete, sua irmã mais nova, saiu falando das suas: “... Aí eu levantava a saia e o pessoal endoidava! [risos] Eu tinha 12 anos, naquele tempo.”

Geraldo Lima acabou de inteirar 52 anos de casado com Alice Vieira, dramista de família. Ele, contador de causos, prosista, repentista até, nas horas vagas, é um dos que pode dizer por experiência própria da influência dos dramas nos namoros daquele tempo. Como exemplo, contou-nos como os dramas ajudaram no seu namoro com Alice, ou melhor, na sua descoberta dos encantos daquela que seria sua futura esposa.

Alice tinha apenas 13 anos, quando Geraldo a viu pela primeira vez dançando uma parte de drama. Foi na casa do pai dela. Do grupo de dramistas, faziam parte ainda Totô, uma irmã dela e Geresa, hoje comadre de Geraldo. “- Eu assistia a tudo quanto era drama nesse tempo. Meu pai era até meio despeitado com o pai dela, não gostava do meu namoro... É uma história cumprida danada. Ela dançava bem. Ah se dançava!”

Geraldo fala e ri, se lembrando. Depois sai no gracejo. “- Hoje é que está velha, assim meio caducando, num faz mais nada que preste. Quando começamos a namorar ela era bem novinha - porque é mais nova de que eu, sete anos. Eu não tinha ciúme não, ela estava lá no meio do meu povo, eu num podia sentir ciúmes. Agora, hoje, que está velha assim, eu num quero ela metida nisso, que num pode é ela solta no mundo, com negócio de drama, e eu ficar em casa.”

Namoro acontecia inclusive entre dramistas e tocadores. Júlia Ribeiro, de Piquiri, desde a escola fazia sucesso entre os meninos. Mas só gostava de dois. Dizia: “- Se eu tiver de namorar é com Raimundo Girão ou então com Zé Miguel, cada



qual o mais lindo, o mais bonito!” Mas era arengueira de fazer medo, e em vez de namorar vivia era brigando com eles. Acabou namorando com Raimundo Girão, que teve mais paciência. Ela com 14 e ele com 13 anos.

Raimundo aprendeu a tocar violão e quando Júlia iniciou-se nos dramas, ele entrou junto, como tocador. Difícil é saber como Raimundo conseguia conter o ciúme vendo os rapazes de olho nas pernas bonitas da namorada. Perguntei e Júlia respondeu:

“- Num sei, ele é quem sabe aí o que sentia! Eu num estava nem sabendo, eu tava era toda ‘tê-rê-tê-tê’ pra banda dos homens, né! Dançando que era pra eles pagarem uma prenda e eu ganhar dinheiro, porque pra tudo a gente pedia dinheiro. Pedia com aquelas flores, com as Ciganas que laçavam os outros, com o pessoal que pedia bis. Pra Baiana o povo pedia muito bis, só pra ver ela se requebrar. Mas eu nunca brinquei de Baiana. A vez que eu ia brincar de Baiana a minha sogra me pediu que eu num fosse não me requebrar, e eu fiz o gosto dela. Mas o Raimundo mesmo, nunca me impediu.”

Ali encostado, Raimundo, marido de Júlia, acabou entrando na conversa: “- Eu queria ver era o balançado!” Disse, morrendo de rir.

E Júlia continuou: “- Eu queria que você visse. Eu era dessa grossurinha, bem fininha, mas bem fininha mesmo! Aqui num tem uma moça com eu. Eu cantava essas músicas bonitas que era pro povo achar bonito. Como essa da Xandoca, que se chama Moça Bonita, espie: (cantando) Meu povo chegou Xandoca/Com sua face de carimim./Quem quiser ver moça bonita/Basta só olhar pra mim.//Eu ontem fui ao cinema/Começaram a me olhar./Namorei de instante em instante/Que não pude aguentar.

Olha que coisa bonita! Chega os homens babavam! [risos] E hoje ainda me lembro, Moça Bonita. Eu estava bem prontinha, bem miudinha, com os beicinhos bem encarnadinhos de batom, estava bonita! A boquinha bem pequeninha, cheia de batom, aquela moça era bonita! O que atraiu o Raimundo? Aposto que foram as pernas que eram grossas!”

Júlia contava e ria, lembrando suas peripécias de artista. Já Raimundo ouvia com um sorriso meio desconfiado de todo aquele convencimento. Quando foi sua vez de falar, parecia mais preocupado com sua arte de músico. Disse: “- Num foi porque ela tinha essas bonitezas, num era feia, mas também num era bonita! Eu num sei não. Sei lá! Eu gostava de tocar pra ela dançar, mas tinha raiva porque



ela errava muito! [risos] Eu toquei esses dramas muitos anos, tinha muito drama bom, mas me fez muita raiva, esse povo! Porque tinha drama que a gente pelejava e num ia não, num pegava não! Fazia raiva porque elas num cantavam em riba do tom do fole não. Era preciso eu procurar. Elas pegavam num tom e quando eu dava fé, eu estava tocando e elas estava mudando pra outro tom, era preciso eu ir atrás delas. Era todo tempo assim! O povo era muito safado pra cantar. Eu tinha tanta raiva! Eu dizia: - Na minha mente é porque elas num querem!”

Júlia não concordou, certamente: “- Mas num era não, tinha drama que a gente pegava logo em cima e tinha drama que era mais ruim! Tinha drama que eu cantava melhor, mas tinha drama que era muito ruim! Tinha drama que a gente cantava só no toque do fole, a gente dançando e lá ele pegava, tocava. Mas tinha drama que ele num pegava e arrasava. Mas tinha drama bom que ele pegava, era muito bom de dançar, como o da Baiana do Colar de Ouro!”

PALCOS

Os palcos dos dramas eram arranjos feitos pelas dramistas com os recursos que elas tinham mais a mão. Maria Linduína, de Pau-Branco conta como elas se arranjavam:

“- Nesse tempo, a gente não tinha palco como o Evandro tem agora. Pra conseguir um palco, a gente ia nas casas dos vizinhos e tomava emprestado a mesa, mesa resistente porque com qualquer mesa num fazia. Aí vamos fazer o palco. Fazia na porta principal da casa. Pegava as mesas, botava uma junto da outra, cavava assim um pouco o chão, aí botava as mesas pra enterrar um pouco a perna da mesa que era pra ficar bem firme pra poder dançar e não balançar. Depois levantava quatro varas de pau grande nas laterais, aí a gente fazia a cortina com a colcha da cama. Pra você ver a dificuldade naquela época, pegava colcha de cama estampada botava na frente e nas laterais, e assim acontecia o drama.”

Outra opção era fazer o palco de tábuas. Armava-se uma base com forquilhas e varas, para a colocação do tabuado em cima. Sobre o palco, levantava-se uma empanada, com uma abertura para a cortina. A mestra dramista Neves Monteiro explica ser como uma tenda ou uma espécie de casa. “- O circo do drama era onde ficava o pessoal que ia assistir, e a casa era o palco, onde as dramistas iam trabalhar. O palco era coberto também. Como

uma empanada, uma casa formada de tecido. Quando tinha possibilidade, faziam de palha, uma parte, mas era sempre coberta com aqueles tecidos, pra dar uma impressão melhor na casa, era colcha de cama, umas colcha bonita de chenile, aí fazia aquelas cortinas ... Eles clareavam com lâmpada, já tinha lâmpada de gás, duas atrás e uma na frente.” Na hora da apresentação, não faltavam voluntários para ficar abrindo e fechando a cortina, no começo e no final de cada parte.

Claro que nos colégios do Aracati, os dramas eram apresentados nos auditórios, verdadeiros teatros, onde não faltava palco, com luz e cortina apropriados. Mas nos dramas populares dos distritos e vilarejos, até os anos 60, quando lá não chegava lampião de gás, reinava a lamparina a querosene, quatro grandes, feitas com lata de leite ninho e pavio comprido, uma em cada ponta do retângulo, que formava o palco. Depois chegou o lampião de gás e a lâmpada petromax. Os palcos foram ficando mais claros e crescendo, de uma mesa apenas, onde as dramistas se espremiavam, passaram para uma mesa maior, depois para duas, três mesas, ou para um tabuado mais largo. Atualmente, dançam em palco de show de banda de forró, muitas vezes, delas aproveitando alguns recursos de som e luz.

AS PARTES DO DRAMA

O drama sempre começa com um bailado de abertura. Primeiro as luzes do palco se acendem, as cortinas são abertas e uma apresentadora dirige seu “boa noite” ao público, que em Caetanos, durante nossa pesquisa, foi mais ou menos assim: “- Boa noite, sejam todos bem vindos e bem vindas para assistir hoje o drama popular apresentado pelas jovens da nossa comunidade. Agora elas vão iniciar com o Boa Noite, o canto de entrada. Pode começar!”

Para a abertura, ou canto de entrada, sempre é escolhido um bailado com a participação de todas as dramistas, ou com o maior número possível delas. Após a abertura, se seguem as partes do drama, uma série de bailados e comédias, alternados, que variam em número, entre 12 a 20, perfazendo, no total, em torno de duas a duas horas e meia, para se concluir com o bailado final, ou canto de despedida, também dançado com a participação de todas as dramistas.

Como o público é, quase sempre, restrito à sua própria comunidade e às comunidades próximas, o grupo de dramistas procura sempre variar em suas

apresentações. Maria Izaide, de Aroeira, explicou-nos o procedimento: “- Em cada drama, a gente sempre modifica as partes. A gente nunca bota todas as partes, nunca elas são as mesmas. Sempre que a gente apresentava a gente arranjava partes diferentes pra cantar, nem toda vida é uma coisa só que a gente apresenta. Cada vez que a gente apresentava um drama, nas partes dos cantos, as músicas eram diferentes, nunca eram repetidas, só algumas, não todas.”

Paulina, antiga dramista de Amarelas, hoje morando em Jardim, explica o significado da designação comédia, no universo do drama, e nos conta a história de uma que protagonizou: “- Chamava comédia porque era uma historia, um passado, que tinha sido passado, então se apresentava ali pra todo mundo ver. Podia ser alegre ou triste. Mas num era muito triste não, a maioria era alegre. No drama, eu fazia os bailados, como esse da Noite. A Noite é uma moça trajada com uma roupa escura, preta. A Noite cantava: ‘Quando a noite agora vem/fico a meditar/À luz triste do luar/penso em ti meu bem./Sinto n’alma um tal prazer/ Em pensar que o torno a ver/Teu rosto sedutor/a me inspirar de amor./Estrelas no céu são flores/A brilhar no firmamento.’ Também, quando eu era menina, eu era pequena e muito despachada, num tinha vergonha de nada, aí minha prima me pediu um bis. Aí fiquei morrendo de contente que eu ganhei dinheiro. A parte que eu dancei foi um bailado que cantava assim: ‘Papai não quer que eu saia a passear/De lá eu fujo e vou brincar./Sou pequenina, mas sei me requebrar/ Vestido curto, meia regular.”

Nas escolas e nos colégios de Aracati, principalmente, muitas comédias tinham preocupações didáticas e sociais. Tratavam de temas ligados às matérias que estavam sendo ministradas em sala de aula. Paizinha nos deu um depoimento bem ilustrativo nesse sentido. Disse, ela: “- Tem uma parte de drama que fala da nossa ida pra Capital, e que pra isso nós tínhamos que tomar um pontão que era como a gente chamava os caminhões que iam pra Fortaleza, tipo mistos, porque tinham três boleias e uma carroceria. Às três horas da manhã, conforme a maré do Rio Jaguaribe, o caminhão saía apanhando os passageiros, que iam viajar, de casa em casa. Chegava na beira do rio e tomava o pontão, propriamente dito, com a maré-cheia, porque o carro era pesado, e atravessávamos. Nesse tempo nós não tínhamos essa ponte. Daí pra Fortaleza também não havia estrada asfaltada, era só piçarra, estrada carroçável. A parte do drama falava sobre isso, falava também sobre as salinas, porque o Aracati exportou muito sal. Essa comédia de drama era

toda falada, não tinha nada cantado. Só o final, que fechava com o hino do Aracati.”

Interessante é que muitos bailados, tendo origem em canções populares ou dando origem a elas, confundem autorias. É o caso de uma que começa com “Olha a palha do coqueiro quando o vento dá”, que em Beberibe é tida pelas dramistas como do finado Zé Cuíca, assim como o João Peixoto, outro músico do lugar, também compunha peça para drama, entre elas o bailado, “Fasta Boi querem me matar”.

Vera, dos Caetanos, falou-nos de muitas comédias. Foi enumerando. Lá pelo meio, disse: “- Tem a da beira da praia, em que eu ficava olhando os peixinhos passarem. Tem a do roçado em que eu namoro escondido do meu pai, mas meu pai vai passando e ele me pega no meio do caminho namorando. Tem a do camarão, em que eu vou comprar uns camarões. Tem essa que eu já falei “minha velha não beba cana” que eu num sei nem se a mulher vem pra gente mostrar! A velha bebe que chinela e fica bêbada! E eu vou tentar levar ela pra casa e ela num quer ir. Abandona os filhos pela cachaça e num quer ir pra casa! E eu tenho que levar! É uma velha que eu deixo ela em casa cuidando dos filhos e eu vou trabalhar. Quando eu chego ela está no balcão bebendo, aí eu vou ter que levar ela pra casa pra cuidar dos filhos e da casa, mas ela num quer ir e eu tenho que levar a força mesmo, na marra, pra ela ir poder cuidar dos filhos!”

De todas as escritoras de dramas da região, Dona Neves Monteiro talvez seja a mais ativa. Tem sempre seu caderno à mão. Cria novas e reescreve velhas comédias de dramas. Trabalha por último, reescrevendo antigos dramas, entre eles, A Pérola do Bosque, uma parte de drama criada por sua madrinha Clemente, de Amarelas. Lembra-se que sua madrinha fazia uma das personagens, a irmã dela outra, tendo a própria Neves, também atuado na sua encenação. Quando estivemos com ela, tentava recordar dos seus detalhes:

“- Me lembro da Pérola do Bosque. Era uma menina que se perdeu no bosque, filha de gente rica. Não sei bem, mas essa menina desapareceu e foi criada longe, só com os pássaros. A mãe dela chorava, tinha sempre lembrança, mas nunca tinha esperança de encontrá-la. Mas sei que, no fim da história, ela se encontra com a mãe. Era cantado e falado. A Pérola do Bosque cantava muito bem, dizia ela que aprendeu com os passarinhos, tudo história antiga, tinha uma fada que ajudou ela a caminhar, tem as estrofes que a fada cantava. Tinha até um verso

que ela dizia (cantando): 'Sou uma pérola abençoada.' Mas eu vou me lembrar... deixa eu ver... nesse pessoal dessa família rica, onde tinha a baronesa de São Carlos e tinha a duquesa num sei do que, existia uma pessoa que era muito amiga desse povo, mas era má, tinha sempre inveja, porque os outros possuíam muita coisa e ela possuía pouca. Ela tinha inveja, então me deram esse papel, chamava-se Lenira, era tão ruim! Era eu que fazia.

Quando apareceu essa Pérola do Bosque, essa menina que cantava aí, a Lenira, era invejosa, tinha raiva, por que ela dizia: '- Ela num vai nunca pisar nesses salões fidalgos, quem pisa aqui não é ela, ela é pobre, sei lá de onde veio!' Ela era ruim. Mas havia outras moças da peça que diziam: '- Num diga isso Lenira, ela é tão bonita, canta tão bem!' '- Eu num acho!' [risos] Ela era invejosa! Naquele tempo a gente gostava. Essa parte foi tirada de uma peça, eu num sei de quem era, de onde tinha vindo, mas deve ter um autor que escreveu! Tem muita coisa que a gente põe. Ainda hoje eu encontro uma coisa num livro aí passo a fazer uma parte, eu gosto de... gostava, agora num gosto mais.

Uma história eu fiz com minha tia, ela era minha tia e na comédia ela era minha mãe, e eu era ruim, eu era um menino muito ruim, e num tinha escola nenhuma que me suportasse, e ela era rica e mandou trazer um professor pra dar aula em casa, mas o menino não tolerava o professor, o professor dizia uma coisa e o menino: '- Ih, eu não gosto não! eu não gosto!' Ele era todo antipático. Quando o professor dava uma volta ele chutava o chapéu dele. Aí o professor vinha. Quando foi uma vez, o professor pegou na orelha dele e o menino gritou 'ai!' Quando chegou a mãe: '- O que foi, meu filho?' O menino: '- Esse professor está me machucando, minha mãe, olha minha orelha como está vermelha!' Mas a mãe em vez de ser do lado do professor ficou do lado do menino.

Tinha outra comédia que uma minha amiga fez, a história duma bacurinha. Ela saía no palco com essa bacurinha e a bacurinha num queria chorar e ela bulia na bacurinha, que no papel era pra bacurinha chorar, e ela queria vender a bacurinha, toda com chapéu de pano! Era uma bacurinha mesmo. Levava a bacurinha vestida, ela botava debaixo do braço, num amarrava pelo pescoço e saía. E tinha hora que ela botava a bacurinha aqui (debaixo da saia). A história eu num tenho mais lembrança de como terminava. Ela andou muito com essa bacurinha. Vendeu a bacurinha, mas logo voltou pra comprar a bacurinha

porque num podia ficar sem a bacurinha dela de jeito nenhum: '- Não, eu dou até o dobro do dinheiro que eu recebi!' Mas ela era muito engraçada com essa bacurinha. Quem fazia era essa mulher que morreu há pouco tempo."

Dona Neves sai mostrando seu caderno de drama e explicando: "- Esse é Os Morangos, já foi feito aqui, fui eu que fiz. Esse aqui é novo, eu fiz agora, porque as meninas tinham um negócio dum mendigo e uma princesa, aí queriam o enredo e eu escrevi. Esse aqui nunca foi feito, O Mendigo e a Princesa. É bem longo! Os Morangos eu tirei porque foi feito há muito tempo, então era muito comprido e eu tirei só o centro do drama, só a história pra fazer só um cenário só. Esse aqui é de outro autor, mas eu num tenho mais o livro, eu fiz adaptado pro drama."

Júlia Bernardo, de Piquiri, empolgou-se ao falar da parte do soldado, do reservista. Hora de louvar a Pátria e o destemor dos pracinhas que foram à guerra. Também, a marcha e os movimentos do bailado não eram para menos! Vestidas de soldados, as meninas dramistas cantavam: Adeus toque de sentido/No clarão de nossa terra/Mostrando ser destemido/ Defender a nossa Pátria/Amada terra do Brasil//Chora pai, chora mãe/Chora noiva adorada/Pelo anjo infeliz/Que vai partir./Enxuga o pranto/Esposa amada/Chora a Pátria abençoada/E chora o berço/ Que eu nasci//A vitória acende/No nosso centro do Brasil/Tanta esperança/Vem gloriar/Nosso peito juvenil//Na gargalhada da metralha/E no ribombo do canhão/Marchai, marchai, marchai soldados/Marchai, marchai, marchai irmãos!

"- Eram seis dramistas, cada uma com uma espingarda, isso era tudo marchando. As espingardas todas carregadas que era pra quando dissesse o pé, 'no ribombo do canhão', uma tombava prum lado, outra tombava pro outro, aí quando voltasse, era pra disparar. Aí elas disparavam pra cima! Tinha uma parte que era de noiva, a mulher toda de traje de noiva! Mas é bonito esse drama, sabendo dizer!"

Bailado de cigana há muitos, Aldeiza, de Pontal do Maceió, contou-nos de um tão bonito, capaz de enganar até mesmo um cigano verdadeiro. Disse, ela:

"- Eu num sei, porque num é do meu tempo. Agora, que eu vi a mamãe contar essa historia. A minha tia, irmã de mamãe, a finada Raimunda, era muito morena, bonita e ela fazia umas partes no drama e cantava umas músicas muito bonitas. E tinha um cigano que vinha por aqui e esse cigano era doido por ela. Um dia viu ela cantando esse Bailado da Cigana, lá na Colônia - a minha mãe contava

isso pra mim, e ele dizia assim: ‘- Des’tá cigana, que eu vou levar tu pra risca do meio!’ Pois era a finada Raimunda dançando. Mas eu num sei como era, sei que era bonita essa Cigana, num sei se a Juraci sabe.”

Linduína lembrou que no colégio em que estudou, em Aracati, as freiras transformaram a versão de Vinícius de Moraes para a música, Jesus Alegria dos Homens, de Bach, em uma parte de drama. Formiguinha encenou a comédia de um matuto que chorava de amor por uma Maria que o tratava a patadas. Eufrásia escreveu certa vez uma comédia muito bonita sobre a professora, mas houve um incêndio na casa de sua avó e o caderno onde ela estava assentada queimou-se. Solange dançou tanto no bailado das cozinheiras, quanto no dos marinheiros.

Vamos passar então para Barra da Sucatinga, em Fortim. Maria Carneiro, exímia dramista, aprecia por demais a comédia de Lindalva, um romance muito triste, como ela diz. Agora, acha muito complicado, por isso nunca aprendeu. Sabe muito bem as partes de Izelda, da Borboleta, da Baiana, do Pescador, da Florista, da Borracha, da Melancia, dos Marinheiros e dos Cangaceiros. Roberta lembra a ela a da Boneca e a da Cigana. Disse gostar de fazer a Cigana porque, para arrecadar dinheiro, ela precisa improvisar. Canta, batendo pandeiro e formando versos com o nome dos rapazes.

“- Como a gente precisava de dinheiro para investir na encenação da Paixão de Cristo, eu ia criando os versos na hora. Vieram pagar a Cigana, o padeiro, o comerciante... Eu dizia o nome de todo mundo, até que chegou o momento de não faltar mais ninguém! As pessoas ficavam com vergonha de não pagar. Todo mundo apoiou a Cigana e ela saiu de lá com bastante dinheiro. - Interessante é que criei na hora. Estava lá o prefeito, só que como eu num tinha muito tempo de decorar a letra da música, eu aprendi os principais versos e pensei: ‘lá na hora eu invento, quem estiver lá eu saio pedindo dinheiro.’ [riu]

As irmãs Cartaxo se lembram ainda da comédia do Romance da Camponesa, do bailado das Quatro Cores, da Baiana Quitandeira, do Fasta Boi, do Santo Cruzeiro, da Formiga, de uma parte tirada de uma música do João Peixoto, e de uma música do “finado” Zé Cuíca por título: A Palha do Coqueiro, que não é outra senão a famosa: “Olha a palha do coqueiro quando o vento dá, imbalança, imbalança, imbalança”, assinada por Zé Dantas e Luiz Gonzaga.

Nos Caetanos, foram citadas, ainda mais, as comédias do Bastião e Bastiana (um casal de matutos), de Geomá e Migaé (um casal de ingleses), da Moça do Sertão, da Mãezinha do Coração, das Três Negrinhas, da Velha Bêbada, do Esquilo, dos Olhinhos, do Zabumba, da Viúva, do Ceguinho, do Zezinho, da Dona de Casa, do Camarão, da Pobre Roseirinha, das Quatro Imperalinas, das Flores, do Romance do Príncipe Dom Jorge, da Velha Que Tem 200 Anos e Quer Casar, do Tocador de Bumbo, do Pirão Bem Mole e da Menina Que Vai Fazer Doce de Coco. Maria Estela lembrou uma parte do Pastor Daniel, que dialogava cantando com Sara, com claras referências a temas bíblicos do Velho Testamento.

Sobre o porquê da Comédia da Velha Bêbada, dona Regina de Souza procurou nos dar uma explicação convincente, embora não tenha conseguido conter o riso no final: “- É porque, ultimamente, esse pessoal mais idoso gosta muito de beber. Ai a gente fez essa comédia para mostrar como é feio essas senhoras já de idade bebendo.” (O riso de Regina foi por nós melhor entendido quando vimos, na apresentação da comédia, que a velha bêbada era bem divertida e espirituosa, não tendo nada de feio.) Já a da menina do doce de coco, é porque ela vai casar e não tem recursos. Daí, sendo muito pobre, precisa fazer doce de coco, vender, apurar dinheiro, pra poder mandar fazer a casa onde morar com o marido, depois de casar.

Na Encruzilhada/Umburanas, foram citadas outras partes de dramas, como variações de comédias de bêbados e bêbadas, a do Reservista, o bailado A Paixão Pela Dança, que aparece ainda em várias outras localidades, inclusive em Juazeiro, citado por Maria Suzana Xavier. Na Lagoa do Arroz além de várias partes já faladas, aparece também o Bailado do Violão. Neves Monteiro, uma das grandes criadoras de dramas de Amarelas e Parajuru, que tem preferência pelas comédias mais longas, falou-nos de algumas em que a mãe era boa para a filha e não era correspondida por ela, já noutras ocorria o contrário, a filha boa para a mãe era maltratada por ela. Ozerina, de Paripueira, lembrou-nos do romance de Dom Jorge e Juliana, enquanto em Pau-Branco, foram citados os bailados, da Primavera (um samba-canção), das Aves, do Cafezal, e das Flores. Na Serra do Félix, Maria Zilda recordou a dramatização da história da Chapeuzinho Vermelho e da Comédia dos Quatro Pontos Cardeais.

O SIGNIFICADO DOS DRAMAS PARA AS DRAMISTAS

Muitas dramistas, na verdade, passaram pouco tempo de suas vidas brincando dramas, algumas apenas três, quatro anos. Outras só vieram a fazer parte dos dramas muito recentemente, já com filhos adultos, ou mesmo avós. Todas, porém, falam dos dramas como algo inesquecível e apaixonante. Dulce Varela lembrou que na época em que não havia televisão, o drama “era o divertimento que a gente tinha” e enfatizou: “- A gente tinha o nosso público. Quando a gente ia cantar, aparecia a torcida. Ela aplaudia, pedia bis.” Solange da Costa, por sua vez, ressaltou o fato de que, “- Nessa parte aqui, do drama, quem manda é a gente. Até por isso, eu gosto.”

Todas se sentem como no céu, quando a bailar num drama. Formiguinha mesma confessou: “- Eu me sinto muito feliz, porque eu estou passando pr’aquelas pessoas o que eu sei e gosto. Porque isso serve pra muita coisa, serve pra sua mente, até pra saúde da gente serve. Porque, às vezes, você está tão triste e ai você se lembra daquelas coisas que você já fez, ai você vai cantar sozinha e melhora.” Germana, de Caetanos, a rainha da timidez, nos contou: “- Eu achava até que não ia conseguir quando as meninas me convidaram, mas na hora a gente se solta.” Aldizia, sua colega, de Caetanos, gosta tanto que exagera: “- Eu acho os dramas ótimos, se eu pudesse eu apresentava quantos eu pudesse apresentar, mas todo mundo tem que ter sua vez.” Regina, então, faz coro com as amigas e vai adiante: “- Só está com dois anos que eu entrei para os dramas. Mas eu adorei. Ah eu adoro, acho tão legal, acho tão divertido! Legal, legal mesmo. Eu rio tanto, chega choro de rir! [ri] Eu brinco e acho muita graça das outras brincando. Eu acho legal. Eu acho assim diferente, eu gosto, eu gosto!

Aliás, a turma toda de Caetanos, não deixa por menos. Maria das Graças conta que: “- Eu já tinha visto drama há uns 30 anos atrás, mas nunca tinha brincado, porque os dramas por aqui tinham parado. Quando foi agora elas resolveram fazer de novo e me convidaram. Eu adorei. Fico feliz quando eu estou brincado com minhas amigas, eu me sinto muito feliz, muito!” Em Lagoa do Arroz, Maria Bênis, mal a gente puxou o assunto, ela foi dizendo: “- Ah, meu Deus, como era bom! Você veio lembrar coisa boa, porque nesse tempo era bom!” Por último, perguntamos a Maria Hosana, em Tanques: - E os dramas, Dona Hosana, o que significam pra senhora? “- Ah, meu filho, é uma paixão pra mim, ave-Maria!

VIAGENS

Os grupos de dramas, quando ficavam conhecidos, passavam a receber convites para apresentações. Primeiro, das comunidades mais próximas, dos vilarejos e sítios onde moravam familiares de algumas das dramistas. Depois, em distritos e cidades mais distantes. Os grupos amadores arriscavam-se apenas nos arruados das vizinhanças. Cobriam os poucos quilômetros de distância, as dramistas a pé, ajudadas por parselhas de jumentinhos, encarregados de transportar figurinos e adereços, até as comunidades mais próximas, onde deveriam se apresentar.

Em Pontal de Maceió, Aldeiza conta que o grupo se encontrava todo sábado na casa da mestra Esmeralda, sua mãe, e que dali saía para atender algum convite, geralmente de um dono de bodega, com o propósito de atrair freguesia para as proximidades de seu estabelecimento comercial. Do mesmo modo, saíam as dramistas de Aroeiras para se apresentarem em Umburanas, as de Mutuca para se apresentarem em Aroeiras, as irmãs Cartaxo, da sede de Beberibe, para se apresentarem em Cruzeiro, hoje Tapeim, no Jatobá e em Choró Pedrinha, e as dramistas da mãe de Socorro Góes, também da sede de Beberibe, para mostrarem seus dramas em Sucatinga e Morro Branco.

Nas palavras de Socorro Góes: “- Minha mãe fazia drama com as filhas, as amigas, e isso ela saía com um jumentinho, montada nas cargazinhas, e saía pra Sucatinga, Morro Branco e outros lugares aqui perto de Cascavel, fazendo drama.” Já o pessoal da Encruzilhada se apresentava também no Preá, no Alexandre e sempre nas Umburanas, que é ali vizinho. O grupo das Amarelas, contou-nos Paulina que, quando morava lá, viajava demais mostrando drama pra banda da Mutuca, do Pirangi, lá pro lado de Juazeiro, e também no Córrego, em Santa Maria e Aroeiras, como bem confirmaram Maria Suzana e Neves, que também foram dramistas naquela localidade.

Para o grupo de drama de Lagoa do Arroz não faltavam convites. Maria Suzete lembra-se ter brincado em Alexandre, Cedro, Pedra Branca e Lagoa do Carão. Lídia apresentou-se com o grupo de Paripueira até no Tapuio e Ozerina contou que ele se apresentou em várias outras localidades, inclusive em um lugar por nome Escuricaba. Algumas dramistas, além de excursionarem com seus grupos até outras localidades, recebiam convites individuais para se apresentarem junto com trupes de dramas de outras comunidades. Uma dessas dramistas foi Maria Linduína, de Pau-Branco. Ela nos explicou:



“- Faziam muito drama aqui nas proximidades. Eu ia apresentar drama sabe onde? Na comunidade Lagoa do Arroz. Eu era chamada pra brincar drama também na Forquilha. Saía a cavalo. Pra não chegar nos ensaios atrasada e minha madrinha muito danada não judiar comigo, eu galopava daqui até a Forquilha! Chegava toda quebrada! [riu] Aqui nessa região toda, sempre eu era chamada pra fazer apresentação. Apresentava com grupo diferente. Na Forquilha fizeram muito drama, na Lagoa do Arroz... Chamavam minha pessoa. Elas escolhiam quem tinha a voz melhor, quem se destacava, aí chamavam pras outras comunidades.”

Muitas vezes, os grupos de drama de toda uma redondeza se deslocavam para um arruado mais central, onde havia um pequeno comércio, uma pequena feira, ou até mesmo uma mercearia maior, como no caso de Amarelas. Era o que acontecia com as dramistas de Tanques, uma localidade bem próxima de lá. Contou-nos Maria Hosana:

“- Tinha uma casa de uma prima minha que possuía uma mercearia, era lá na casa do Antônio Clemente, a gente apresentou drama ali, mas apresentou na casa do Joca Monteiro que era lá também nas Amarelas. Depois eu casei, a gente só fez dois dramas, mas o grupo andou, já estive no Theatro José de Alencar, aí com o Evandro, lá eu cantei duas partes.”

Certos grupos de dramistas conheceram períodos de atividades praticamente profissionais. Recebiam convites constantes e apresentavam-se sem interrupção. O grupo de Fortim, liderado pela Mestra Esmeralda foi um deles. Estava sempre com o pé na estrada. Da cidade sede de Fortim, saía mambembando em direção à Fortaleza ou Aracati. Em seu périplo passava por Canoa Quebrada, Majorlândia, Sucatinga, Juazeiro, Guajiru, Preá, Campestre, Carnaubinha... Juraci, filha de Esmeralda, continua: “- Era pra banda da estrada de Fortaleza. Ia de pé por esse mundo todinho! Levava só um animal com as coisas em cima. Levava os trajes dentro das sacolas, dentro dos caçuás. Iam as sete mulheres, mas também os rapazinhos, tudo acompanhando.

Outros grupos aventuravam-se por estradas mais compridas, por léguas mais tiranas, nem sempre com bons resultados. Formiguinha foi quem nos relatou o insucesso:

“- A gente viajava muito pra Milagres, mas uma vez nós fomos, sabe pra donde? Ali pro Cariri! Aí ia de que?! Num tinha aquelas rurais? Uma vez teve

um acidente matou bem seis pessoas do drama. Mas eu num estava, nem a Maria da Tia Chiquinha.”



BAILADOS

BAILADO DA FLORISTA

(Versão colhida em Barra da Sucatinga, Fortim, com Edite Ribeiro Carneiro, e na Lagoa do Arroz, com Maria Bênis Félix Garcia.)

Eu sou florista
Sou bem dengosa
Cravos e rosas
Eu trago aqui. (bis)

Todos me veem
Como eu sou bela
Meiga singela
Outra num tem (bis)

E quando eu passo
Vendendo flores
Cravo de amores
Os rapazinhos (bis)

Ficam doidinhos
Para mim olhando
Eu vou cantando
Só para mim. (bis)

Moças, rapazes
Gentis senhores
As minhas flores
Vem me comprar. (bis)

AS COZINHEIRAS

(Versão colhida em Aroeiras, de Eufrásia Ferreira.)

Vamos, vamos companheiras
Vamos alegres folgar
Que hoje em dia as cozinheiras
Também querem se alegrar. (bis)

Eu aqui bem disponível
Vim saudar de coração
Com meu verso alinhavado
Já compus o meu fogão. (bis)

Refrão:
Vamos, vamos companheiras
Vamos alegres folgar
Que hoje em dia as cozinheiras
Também querem se alegrar. (bis)

Sabe como eu me chamo
Benta Gorda da Assunção
E por meio desses versos
Vim mostrar mi'a gratidão. (bis)

(Refrão)

Que a Chica da Pitada
Hoje vem se apresentar
Quem quiser um bom petisco
Mande logo encomendar (bis)

(Refrão)



Sou cozinheira afamada
Ninguém me passa adiante
Sei fazer um bom petisco
De marreco e avoante (bis)

(Refrão)

Sou cozinheira perita
Sou de grande proteção
Sei fazer um bom petisco
De queijo com macarrão (bis)

(Refrão)

Se precisar de uma peixada
Nós sabemos preparar
Preparemos ligeirinho
Que é pra gente almoçar (bis)

(Refrão)

Quem quiser doce na hora
Chame logo tia Maroca
Que ela faz doce de abóbora
Misturado com pipoca (bis)

(Refrão)

Me desculpe, companheira
Por não estar aqui na hora
Foi por causa do compadre
Que se chama Zé Caipora (bis)

(Refrão)

A COZINHEIRA

(Versão registrada na sede de Beberibe, com as irmãs Cartaxo.)

A cozinheira meus senhores bem perita
Faz de tudo para arregalar a pança.
A cozinheira de outrora eu imito
A minha fama de estruir ninguém alcança.

Eu quero hoje nesta festa apresentar
Minha cadência que foi sempre estimada
Pra vós mercês uma panela bem gostosa.
Tenha cuidado que lá vem a feijoada.

Oh que feijoada boa
Feita da pernambucana
É gostosa bem cheirosa
Como um cálice de cana. (bis)

Eis aqui o mocotó
Que alegre o paladar
Que veio lá do Tororó
A feijoada completar. (bis)

Sou o charque salgadinho
Salgadinho como o quê
Pros da mesa sou beleza
Ninguém vai me dispensar. (bis)

Eis aqui o bom toucinho
Da tarimba do Gegé
Tão gostoso e cheirosinho
Tralari-lali-laré. (bis)

Sou o feijão-mulatinho
Dessa safra, bem colhido
Fico mole, bem molinho
Quando eu estou bem cozido. (bis)

O repolho singular
Que pra festa também vim
Faço um prato especial
Ninguém me dispensa assim. (bis)

Sorve, sorve verdejante
Eu me chamo couve-flor.
Quem aprecia verdura
Bem conhece meu valor. (bis)

BAILE DA CIGANA

(Peça colhida em Umburanas, Beberibe, e em Encruzilhada, Fortim, localidades bem próximas.)

Lá rá, rá, lá, rá, rá, rá...
As ciganinhas do Egito
Vieram hoje sambar.
Fazer número bonito
Para a plateia saudar.
Nós dançando bem faceira
Ao som da orquestra afinada
Só delirando nas rodas da batucada.

Aí, cai no samba, cigana, que tempo bom!
Requebra o corpo, cigana, que tentação!
Nosso requebro de cigana feiticeira
Inebriai essa plateia inteira.
Nosso requebro de cigana feiticeira
Inebriai essa plateia inteira.



Foto AH

PAIXÃO PELA DANÇA

(Bailado encontrado em Umburana, Beberibe e Encruzilhada, Fortim, expandindo-se para Tanques, em Beberibe, onde ouvimos, cantada por Maria Hosana de Lima.)

Nunca vi tal paixão pela dança.
No salão, quando encontro um bom par
Nem respiro, enfado e nem canso
A dançar, a dançar, a dançar. (bis)

Eu girando nas asas de uma valsa
Em meu passo um tal chique que tem
Entre os pares sou eu quem realço.
Danço bem, danço bem, danço bem. (bis)

Se eu morrer e chegar lá no céu
E São Pedro vier perguntar
O que foi que fizeste na terra
Só dançar, só dançar, só dançar (bis)

Bailado da Cigana

Samba (♩ = c. 100)

As ci-ga - ni - nhas do'e-gi - to vi - e - ram ho-je sam-bar Fa-zer um
do bem fa-cej - ra ao som da'or - - -
nú-mero bo-ni-to pa-ra'a pla - téi-a sau-dar nós dan-çan - ques-tra'a-fi-nada só de-li -
ran-do nas ro-das da ba-tu - ca - da - - - aí cai no sam-ba ci-ga-na que tem-po
cor-po ci-ga-na que ten-ta
bom re-que-bra'o ção nos-so re - que-bro de ci-ga - na fei-ti - cei - ra i - ne-bri -
ai es - sa pla - téi - - a'in - - tei - ra nos - so re - tei - ra

E depois que a festa termina
Que os convivas vão se retirando
No caminho de casa eu ainda
Vou dançando, vou dançando, vou dançando (bis)

Paixão pela Dança

Valsa ♩ = 140

Musical score for 'Paixão pela Dança' in 3/4 time, 140 bpm. The score is written on a treble clef staff with a key signature of one flat (F major). It consists of three lines of music. The first line starts with a C chord and contains the lyrics 'Nun - ca vi tal pai - xão pe - la dan - ça No sa -'. The second line starts with an 8-measure rest, followed by an F chord and the lyrics 'lão quan-do'en - con-tro'um bom par Nem res - pi - ro en -'. The third line starts with a 15-measure rest, followed by C, G, and C chords, and the lyrics 'fa - do'e nem can - so a dan - çar a dan - çar a dan - çar'. The score ends with a double bar line and repeat dots.

A CEGUINHA - Bailado

(versão cantada por Maria Estela, em Caetanos, Beberibe)

Sou ceguinha de nascença
Isto assim não é viver
Minha tristeza é imensa
Minha tristeza é imensa
Quem me dera já morrer. (bis)

Ainda ontem ouvi dizer
Que é linda a cor do mar.
Quem tem olhos pode ver
Quem tem olhos pode ver
Quem não tem vive a chorar. (bis)

Não conheço as estrelinhas

Na igreja, um só altar
Só conheço as andorinhas
Só conheço as andorinhas
Porque ouço ali cantar. (bis)

A OUTRA PARTE DA CEGUINHA

(Versão cantada por Maria Estela, em Caetanos, Beberibe.)

Já fui alegre, contente
Hoje não sou mais ninguém.
Já fui consolo dos tristes
Hoje eu sou triste também.

Refrão:

Quem viver triste no mundo
Venha juntar-se comigo
Venha passar como eu passo
Venha viver como eu vivo.

Meu coração não tem dono
Vive só de querer bem
Por não ser compreendido
Hoje não ama ninguém.

(Refrão)

Eu visto preto por luto
E branco pro galhardia
Verde por ter esperança
De ser feliz algum dia.

(Refrão)

MARIA TÁ PENEIRANDO

(Canção ouvida das Irmãs Cartaxo, em Beberibe, sede.)

Maria está peneirando (bis)
Goma e farinha de mandioca.
Quem se casar com Maria



Só vai comer tapioca.

Tá tá tapioca (bis)

Peneira de lá

Peneira de cá

Um peneirar bem gostoso

Danado pra peneirar.

A RAINHA DO BAIÃO

(Canção colhida em Pau-Branco, de Claudiane Pereira.)

Sou uma menina de sorte

Por onde eu passo vejo revolução

Os brotos que estão me olhando

Dizem que eu sou a rainha do baião.

Meu corpo parece de mola

Todo mundo olha meu vestidinho

Eu danço mas não me convém

Eu preciso de alguém que me faça carinho.

Aí, aí, aí me responda coração

Se você gosta de mim

Ou gosta do meu baião. (bis)

OS CANGACEIROS

(Canção colhida na cidade de Fortim, com Juraci, Neci, Maria e demais do grupo de dramistas local. São sete cangaceiros cantando e dançando.)

Refrão:

Olha a pisada, olha a pisada.

Eu faço tudo pra você me atrapalhar.

Sou Lampião

Que cheguei neste momento

Sou malvado, violento

Fica tudo em seu lugar.

Antonio Silvino

Cabra velho, resolvido

Acordado, prevenido

Na ponta do meu punhal.

(Refrão)

Eu vou zombar

Dessa turma tão valente

Jararaca é diferente

É preciso eu lhe avisar.

No meio da luta

Comigo não quero choro

Que eu sou menino de ouro

Precisa vir devagar.

(Refrão)

No meio da turma

De vocês tô me virando

Tô dormindo, tô brigando

Nunca temi a lutar.

Digo o meu nome

Para tirar do engano

Guerreiro Veridiano

Pisa no pé pra brigar.

(Refrão)



Os Cangaceiros

Baião ♩ = 80

Sheet music for the song 'Os Cangaceiros' in 2/4 time, key of B-flat major. The score consists of five staves of music with lyrics underneath. The lyrics are: O - lha'a pi - sa - da o - lha'a pi - sa - da eu fa - ço tu - do pra vo - cê me'a-tra - pa - lhar sou Lam-pi - ão que che-guei nes - te mo - men - to sou mal - va - do vi - o - - len-to fi - ca tu-do'emseu lu - gar An-tônio Sil - vi - no ca - bra ve - lho re - sol - vi - do a - cor - da - do pre - ve - ni - do na pon - te do meu pu - nhal

Eu sou Colchete

Eu aqui sou o maior

Na terra de Mossoró

Eu fiz a rua se fechar.

Sou Rio Preto

Natural de minha terra

Todo manejo de guerra

Sei o bem me exercitar.

POESIA DA SEPARAÇÃO

(Colhida em Pontal de Maceió, Fortim, de Aldeíza Silva, autoria de Esmeralda, para ser apresentado pela filha de um pescador.)

Na hora da janta

Do almoço eu me lembro

Dos cangulos gordos
Que eu via chegar.
Papai foi embora
Até hoje demora
Está chegando a hora
De mamãe chorar.

Tinha meu conforto
Na minha casinha
Do peixe à farinha,
Do açúcar ao café.
Hoje eu olho e não vejo
Espio e gorejo
Depois o sobejo
Me dão se quiser.

De manhã cedinho
Vou pelo caminho
Muito ligeirinho
Atrás de meu pão.
Mamãe fica olhando
Passada em tristeza
Ferina incerteza:
Se trará ou não.

A ÁRVORE

(De autoria de Maria Zilda Nogueira, da Serra do Félix, Beberibe.)

Cavemos a terra
Plantemos a árvore
Que amiga bondosa
Ela nos será.
Um dia voltamos
Pedindo-lhe abrigo
Ou flores, ou frutos
Ou sombra dará.

O sol de setembro
Lhe regue a semente.
O sol de dezembro
Lhe dê seu calor.

A terra que é boa
Lhe firme as raízes
E delas lhe surja
Frescura e verdor.

A CEARENSE ANIMADA OU A MENINA PERERECA

(Bailado encontrado nos Caetanos, com Maria Estela; em Juazeiro, com Maria do Carmo de Lima, ambos em Beberibe; em Umburanas (Beberibe) e Encruzilhada (Fortim), com as irmãs Vieira, com Maria Ribeiro e Dona Mariquinha.)

Eu sou pequena e sou perereca
Ninguém me diga que eu sou sapeca.
Atiça fogo, atiça fogo, arrebatada
Sou cearense bem animada.

Eu sou pequena e sou moreninha
Sou elegante, sou bonitinha.
Atiça fogo, atiça fogo, arrebatada
Sou cearense bem animada.

Eu vim do Norte e vou a Aquiraz
E lá namoro com um rapaz.
Atiça fogo, atiça fogo, arrebatada
Sou cearense bem animada.

Mamãe promete me açoitar
Se com rapaz eu for namorar.
Atiça fogo, atiça fogo, arrebatada
Sou cearense bem animada.

Escondido, eu vou namorando
E se ela quiser pode ir rodando.

Atiça fogo, atiça fogo, arrebatada
Sou cearense bem animada.

A Cearense Animada ou A Menina Perereca

Xote ♩ = 80

Eu sou pe - que-na'e sou pe - re - re - ca__ nin-gué[m] me di-ga que'eu sou sa-pe -
- ca__ a-ti-ça fo-go'a-ti-ça fo-go'ar-re-ba - ta - da sou ce-a - ren-se bem a-ni - ma-da__

PRETINHAS DA GUINÉ

(versão Aracati, Linduína)

Eram só quatro pretinhas
Todas quatro da Guiné
Que cantavam e pulavam
Dançando o siricoté.

Refrão:

Ai siricoté, aí siricoté
Quatro pretinhas de Guiné.

La na minha terra
Eu era uma rainha
Aqui na terra dos brancos
Eu não saio da cozinha.

(Refrão)

Eu lá na minha terra
Comia arroz com galinha
Aqui na terra dos brancos
Como feijão com farinha.

(Refrão)

VIVER DE BORBOLETA

(Peça cantada por Maria Estela, em Caetano, Beberibe.)

No meu viver de borboleta
Os dias são feitos de luz
Tu bem sabes que eu carrego
Uma tão pesada cruz. (bis)
Lá-ra-lá-ra
Já fui alegre e contente
Hoje não sou mais ninguém.
Já fui consolo dos tristes
Hoje eu sou triste também. (bis)
Lá-ra-lá-ra
A minha vida hoje é triste
Já não desejo a ninguém
Pode ser que o tempo mude
E eu seja feliz também. (bis)
Lá-ra-lá-ra

Minha mãe me dava surra
Com molambo de "rodí'a" (rodilha)
E eu chorava de dengosa
Quando o mulambo subia.

ZEFINHA E JANJÃO

(Colhido de Maria Estela, em Caetano, Beberibe, e de Dulce Varela, em Aracati.)

Minha gente venha ver
Essa grande confusão
De Zefinha com Maroca
De Maroca com Janjão.

Eu sou a Zefinha
Eu sou o Janjão
Eu sou a Maroca
Do pistolão.

Zefinha e Janjão

Baião ♩ = 100

Eu sou a Ze - finha/eu sou o Jan - jão eu sou a Ma - ro-ca do pis - to - lão

Lento ♩ = 40

Eu nas-ci na quin-ta fei-ra na sex-ta me ba-ti - zeí sá-ba-do'ar-ru-mei a noi-va no do-min-go me ca-

10 sei

Eu nasci na quinta-feira
Na sexta me batizei
No sábado arrumei a noiva
No domingo me casei.



Eu sou a Zefinha

Eu sou o Janjão

Eu sou a Maroca

Do pistolão.

Toda vez que eu vou ver água

Levo a quartinha na mão.

Cada vez que eu passo a cerca

Rasgo o fundo do calção.

Eu sou a Zefinha

Eu sou o Janjão

Eu sou a Maroca

Do pistolão.

O meu pai se chama Caco,

Minha mãe Caca Maria,

Misturei com tanto caco

Que vivo na cacaria.



COMÉDIAS

A BELA CAMPONESA

(Versão colhida das irmãs Cartaxo, na cidade de Beberibe.)

Personagens: Bela Camponesa, Príncipe (vestido como plebeu) e Anjo da Guarda.

Bela Camponesa

Valsa ♩ = 90

Camponesa

Príncipe

Oh be - la cam-po - ne - sa Que'es-tás fa - zen - do nes-se lu - gar

di - da meu se - nhor não me'a-bor - re - ça por fa - vor

Não me fa-le'as - sim oh be-la me-

Per-dão se - nhor por mi-nha po -

ni - na que eu sou um prín-cipe não me fa - le'as - sim

bre - za eu sou tão po - bre não te - nho ri - que - za

Príncipe:

Oh bela camponesa
Que estás fazendo neste lugar?

Bela Camponesa:

Perdida meu senhor
Não me aborreça, por favor.

Príncipe:

Não me fale assim,
Oh bela menina.
Eu sou um príncipe,
Não me fale assim.

Bela Camponesa:

Perdão senhor,
Por minha pobreza.
Eu sou tão pobre,
Não tenho riqueza. (bis)

Príncipe:

Oh bela camponesa,
Queres ir comigo
Ao meu palácio?

Bela Camponesa:

Senhor, muito obrigada,
Eu não mereço seu palácio.

Príncipe:

Não me fale assim,
Oh bela menina.
Eu sou um príncipe
Não me fale assim.

Bela Camponesa:

Perdão, Senhor!
Meu Deus do Céu,
Valei-me agora
Nessa aflição!

Mandai-me um Anjo
Pra defendei-me
Desse pagão!

Príncipe:

Meu Deus do céu,
Mandai-me um Anjo
Que eu sou de Deus
E sou cristão!

(O Anjo aparece e celebra o casamento entre os dois, em diálogo falado.
Quando termina, volta o canto.)

Bela Camponesa:

O que será de mim agora?
Responde, Príncipe
E te farei senhor.

Príncipe:

Estou casado com a camponesa
Graças a Deus
E ao Pai criador.

BELA PASTORA

(Parte de drama cantada - versão colhida das irmãs Cartaxo, na cidade de Beberibe. Cotejada com a das dramistas de Taboleiro do Norte.)

Personagens: Rei (vestido de plebeu) e Pastorinha.

Pastorinha:

Quem diz que o amor não custa,
Por certo nunca amou.
Eu já fui feliz, fui amada
mas sei quanto me custou.

Rei:

Bela pastorinha
Que fazeis aqui?



Foto AH

Pastorinha:

Pastorando gado
Que tá vindo ali.

Rei:

Tão gentil mocinha
Pastorando o gado.

Pastorinha:

Já nasci senhor
Pra tão triste fado.

Rei:

Pois vamos menina,
Tudo te darei.
Tudo quanto tem
Tudo em meu palácio.
Tudo será teu
Se vieres comigo.
Venha, pois, menina,
Venha sem perigo.

Pastorinha:

Senhor vem comigo
Ver o meu sofrer.
Deixa-me senhor o gado recolher

Bela Pastora

Rei

Pastorinha

Quem diz que o amor não custa por mas sei - to
eu já fui feliz - ta

be - la pas - to - ri - nha que fa - zeis a - qui?
nun - ca a - mou to - cus - tou

tão gen - til mo - ci - nha

pas - to - rando o ga - do que tá vin - do a - li

pas - to - rando o ga - do

já nas - ci se - nhor pra tão tris - te fa - do

Rei:

Não posso ver calmo
Ninguém padecer.

Pastorinha:

O que estás dizendo
Não quero saber.
Deixa-me senhor,
Gado recolher.

Rei:

Consinta, pastora
Que eu recolha o gado.
Com muito prazer
Serei o teu criado.

Pastorinha:

Um cristão tão nobre,
De roupas assim.
Tuas meias de seda
Não são para mim.

Rei:

Foge desse campo
Tudo eu te darei.
Vem morar comigo
Lá onde eu sou o rei.

(No final, os dois saem abraçados em direção ao reino.)

ROMANCE DE DOM JORGE E JULIANA

(Versão colhida em Umburanas, com as dramistas: Terezinha, Alice e Umbelina.)

Dom Jorge:

Boa noite, Juliana
Nessa cadeira sentada. (bis)

Juliana:

Boa noite, oh rei Dom Jorge
No seu cavalo montado. (bis)

Dom Jorge:

O que fazes, oh Juliana
Que estás desconsolada? (bis)



Juliana:

Esperava rei Dom Jorge
Que estava para chegar. (bis)

Juliana:

Rei Dom Jorge, ouvi dizer
Que tu estavas pra casar. (bis)

Dom Jorge:

É verdade, Juliana
Eu só vim te convidar. (bis)

Juliana:

Rei Dom Jorge espere aí
Que já vou em meu sobrado (bis)
Buscar um copo de vinho
Que tenho pra ti guardado. (bis)

(Quando ela entrega o copo a ele que ele pega no copo de vinho aí ele diz.)

Dom Jorge:

Eu te peço Juliana, oh
Não me faças falsidade (bis)
Que ainda somos parentes
Prima minha de minh' alma. (bis)

(Aí quando Dom Jorge bebe o vinho.)

Dom Jorge:

Que botastes, Juliana
Neste cálice com vinho (bis)
Já estou com a vista curta
Não enxergo meu ruzzinho. (bis)

Quando a minha mãe pensava
Que tinha seu filho vivo. (bis)

Romance de Dom Jorge e Juliana

Valsa ♩ = 100

Juliana

Dom Jorge

Bo-a noi - te Ju - li - a - na nessa ca - dei - ra sen - ta - da bo - a ta - da

Bo - a noi - te'oh rei Dom Jor - ge no seu ca - va - lo mon - ta - do bo - a ta - do

Juliana:

E a minha também pensava
Que tu casavas comigo. (bis)

Guarda:

Estás presa, oh Juliana
Pelo crime que fizeste. (bis)

Juliana:

Estou presa senhor guarda
Mas com meu peito lavado.
Estou presa senhor guarda
Mas matei o desgraçado.

Guarda:

Sobe, sobe, oh Juliana
Para as grades do xadrez. (bis)

Juliana:

Se pegar a me atentar
Mato todos de uma vez. (bis)
[aplausos]



DONA LINDALVA (Comédia Cantada)

(Comédia registrada em Barra da Sucatinga, com Núbia Carneiro, em Pau-Branco, com Cleidiane Pereira, em Caetanos, Beberibe, com Irene, e em Aroeiras, com Dona Eufrásia, onde a comédia aparece com o nome de Romance de Dona Grinária.)

Personagens: Lindalva e um Homem.

Homem:

Boa noite ó Lindalva!

Dona Lindalva

The musical score is written in 8/8 time with a key signature of one sharp (F#). It features three parts: Lindalva, Homem, and a duet of Soprano (S) and Tenor (T). The score includes lyrics and guitar chords (G, D, C, G, D). A large yellow graphic of a musical note is overlaid on the score.

Lindalva:
Bo-a noi-te'e vá em - bo-ra pa-pai não es-tá em

Homem:
Bo-a noi-te oh Lin - dal-va

Soprano (S) and Tenor (T):
ca - sa vi-si-ta'a-qui não de - mo-ra pa-pai não-es-tá em ca - sa vi-si-ta'a-qui-não de-

Soprano (S) and Tenor (T):
mo - - - ra

Lindalva:

Boa noite e vá embora.
Papai não está em casa
Visita aqui não demora.

Homem:

Tenha paciência, Lindalva.
Um sonho eu vim te contar.
Eu sonhei com seu retrato
Debaixo de um laranjal.
Parecia um beija-for
Quando, as flores, vai beijar.

Lindalva:

Sonho é variedade
Para quem quer namorar.
O senhor se arretire
Que o jardim vou aguar.
O sol está muito quente
As flores já vão murchar.

Homem:

Lindalva o teu jardim
Para mim não tem valor.
Só valerá alguma coisa
Se você me der u'a flor
Pra que eu fique na certeza
Que eu tenho um grande amor.

Lindalva:

Homem, você vá embora
Lhe peço até por favor
Que o senhor se retire
Que para a igreja eu já vou
Rezar minhas orações
Com fé no meu protetor.

Homem:

Tem paciência, ó Lindalva
Irei contigo, ao teu lado.
Vou levando o teu tercinho
Servindo de empregado.
Se o padre gostar da graça
Nós voltaremos casados.



Lindalva:

Valei-me Nossa Senhora
Meu Santo Antõe protetor
Tirai daqui esse homem
Que ele é iludidor.
Sou devota de Maria
Filha de Nosso Senhor.

Homem:

Adeus, adeus ó Lindalva
Daí-me um aperto de mão.
Só voltarei por aqui
Na noite de São João.
Conforme as águas que correm
Nós encruzamos as mãos.

PEDIDO DE FILHA

(Comédia encontrada na Barra da Sucatinga, com a família Carneiro, e em Beberibe, com as irmãs Cartaxo.)

Filha:

Minha mãe do coração
Vou lhe pedir um favor
Pra cortar o meu cabelo
Como a filha do doutor.
Encurtar o meu vestido
Para poder ir a passeio.
O meu tá muito comprido
Num visto que é muito feio.

Mãe:

Eu que sou mãe de família
Num me importo com essa gente.
Você não corta cabelo
Nem faz vestido indecente.
Você não brinca comigo
Nem ensina novidade
Eu aqui não quero moda
De gente lá da cidade.

Filha:

A mamãe também foi moça
Gostou de andar decente
Passou pó no rosto e ruge
E agora briga com a gente
Estamos no carnaval
Todo mundo na folia
O decote e a pintura
Não faz mal, é fantasia.

Mãe:

Pelo jeito que estou vendo
Você quer é sair mal.
Estou lhe dando juízo
Com um pedaço de pau.
Olhe bem para sua mãe
Que eu não sou de papelão
Ou tu endireita a vida
Ou te dou um pescoção.

Filha:

Meu Deus isso não é vida
Tomara já me casar
Para ver se eu não tenho
Liberdade pra luxar
Meu marido me dar tudo
Pomada, vestido e pó
Passeios de automóvel
Dançar em todo forró.

Mãe:

Você está muito enganada
Com esse gênio irascível
Não terás marido bom
Isto será impossível.
Tenho visto muitas delas
Como tu, arrebizada
Pagarás o desaforo
Mesmo depois de casada.





O BESOURO E A BARATA

(Fonte: irmãs Cartaxo, em Beberibe.)

Barata:

Besouro marido
Casemos nossa filha.

Besouro:

Como é que se casa
Uma moça sem marido?
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)

Barata:

Um marido, um marido
Por certo nós já temos.

Besouro:

Agora o vigário
Da onde nós veremos?

Todas:

Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá (bis)
Respondeu o urubu
Lá de cima do seu galho:

Urubu:

Pronto aqui estou
Para eu ser o vigário.
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)

Barata:

O vigário, vigário
Por certo nós já temos

Besouro:

Agora o sacristão
Da onde nós veremos?

Todas:

Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)
Respondeu o gato
Lá de cima do fogão.

Gato:

Pronto aqui estou
Para ser o sacristão.
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)

Barata:

Sacristão, sacristão
Por certo nós já temos.

Besouro:

Agora o cavaleiro
Da onde nós veremos?

Todas:

Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)
Respondeu o galo
Lá de cima do poleiro.

Galo:

Pronto aqui estou
Para ser o cavaleiro.
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)

Barata:

Cavaleiro, cavaleiro
Por certo nós já temos.



Besouro:

Agora o sanfoneiro
De onde nós veremos?

Todas:

Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá (bis)
Respondeu o porco
Lá de dentro do chiqueiro.

Porco:

Pronto aqui estou
Para ser o sanfoneiro.
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá (bis)

Barata:

Sanfoneiro, sanfoneiro
Por certo nós já temos.

Besouro:

Agora comida
Da onde nós veremos?

Todas:

Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)
Respondeu a raposa
Lá de dentro do capão.

Raposa:

Amarra os cachorros
Que as galinhas já vão.
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá. (bis)

Barata:

A comida, a comida
Por certo nós já temos.

Besouro:

Agora a dançadeira
Da onde nós veremos?

Todas:

Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá (bis)
Respondeu a jia
Lá do pé do pote.

Jia:

Pronto aqui estou
Para eu dançar um xote.
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá (bis)

Barata:

Dançadeira, dançadeira
Por certo nós já temos.

Besouro:

Agora farinha
Da onde nós teremos?

Todas:

Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá (bis)
Respondeu a formiga
De dentro do formigueiro.

Formiga:

Pronto aqui estou
Para dar um alqueiro.
Zingo zingo zingo
Zingo zingo zá (bis)





O CAMALEÃO

(Fonte: irmãs Cartaxo, Beberibe.)

Cameleão foi rezar

Na igreja de Belém

O padre que disse a missa

Virou camaleão também. (bis)

Apanha meu bem apanha

Apanha do pé com a mão

Apanha meu bem apanha

O rabo do camaleão.

A BÊBADA

Comédia falada e cantada.

(Fonte: dramistas de Caetanos, Beberibe.)

Velho:

Eu num tô acreditando! Minha velha, quê que você tá fazendo no pé desse balcão?

Bêbada:

Tô bebendo.

Velho:

Minha velha, num faça uma coisa dessa! Minha filha cadê os nossos filhos?

Bêbada:

Os nossos filhos? Acho que tão em casa agora.

Velho: Minha velha, num faça uma coisa dessas, como é que eu saio pra trabalhar, eu saí de manhã sem café, fui trabalhar pra dar o pão dos nossos filhos e você vem pra mesa beber?! Quem lhe deu essa bebida?

Bêbada:

É porque eu gosto de beber, eu comprei com meu dinheiro.

Velho:

Você não tem dinheiro, você depende de mim. Como é que vai beber?

Bêbada:

Eu tinha um trocadinho no meu bolso!

Velho:

Não vai mais acontecer dessas coisas porque eu não vou mais deixar dinheiro a toa pra você pegar meu dinheiro e andar bebendo. Olha, pois eu vou lhe dar um presentezinho que eu andava viajando e um rapaz pegou disse: olha, aqui dá certinho pra sua velha.

Velho canta:

Minha velha não beba cana

Que eu lhe dou uma saia. (bis)

Bêbada canta:

Uma saia me atrapalha

E tem carapanã bem aqui.

Velho:

Minha filha, uma saia dessas, tão linda, um presente e você, tá nua e crua, ainda num quer uma saia dessas!

Bêbada:

Eu não gostei.

Velho:

Minha velha num faça uma coisa dessas, se você não me obedecer eu vou trocar você por outra!

Bêbada:

Troque.

Velho:

Porque eu vi uma menina acolá e ela é muito linda, se você não me obedecer eu vou trocar você por outra, pra criar os meus filhos. Eu trouxe um presentezinho!





Velho canta:

Minha velha não beba cana
Que eu lhe dou um chapéu.

Bêbada canta:

Chapéu não me leva ao céu
Sem cana pra nós beber.

Velho:

Que é que eu vou fazer, quê que você quer que eu lhe ofereça pra você
parar essa bebedeira, minha filha?

Bêbada:

É dinheiro!

Velho:

Você quer dinheiro? Pois olha, vou lhe dar mais um presente!

Velho canta:

Minha velha não beba cana
Que eu lhe dou um chuchu.

Bêbada canta:

Chuchu fica sem tom
Sem cana pra nós beber.

Velho:

Eu vou trocar você por outra e vamos embora pra casa que isso num é
hora de mulher beber não, você num quer um presente não, vamos pra casa.

Cantam todas:

Adeus, vamos embora, é tarde.
Vamos alegre cantando nosso ideal. (bis)
Adeus até outro dia
Adeus, adeus, meu pessoal. (bis)

SEBASTIÃO E SEBASTIANA

(Fontes: Maria Adelaide, em Aroeira; dramistas de Caetano, e Roberta
Carneiro em Barra da Sucatinga.)

Sebastião e Sebastiana:

Sebastião e Bastiana, que nós samo
Viemos aqui pro sertão (bis)
Viemos aqui prantar, minha gente
Batata, milho e feijão. (bis)

A cidade só é barulho, correria
Apitos e confusão (bis)
Astromobe briga com bonde
E bondes com caminhão. (bis)

Sebastião:

Nós tava esperando o trem, minha gente
Pro mode se viajar (bis)
Mas quando o bicho deu um grito, minha gente
Ela quis desembestar. (bis)

Sebastiana:

Meu marido você não mangue, meu marido
Do que assucedeu.
Meu marido este aqui, minha gente
É mais besta de que eu. (bis)
Nós compramos dois sorvete, espetado
Daqueles de se a chupar (bis)
Bastião botou no fogo, minha gente
Pro mode o bicho esquentar. (bis)

Sebastião:

Vamos deixar de conversa, minha gente
Para começar de novo (bis)
Arengar é muito feio, minha gente
Quanto mais no mei do povo. (bis)





OS TRÊS NEGRINHOS

(Versão de Rosa Miguel Ribeiro, de Caetanos – Beberibe.)

Nós somos três neguinhos

Que viemos do sertão

De sapato preto

E bengala na mão.

Maninho me diz uma coisa

Que eu vou lhe perguntar

Cadê meu chapéu de palha

Que eu mandei você guardar?

O meu chapéu de palha

Que eu queria tanto bem

Maninho levou pra rua

E vendeu por um vintém.

Maninho tu te consola

Que nós estamos na praça

De sapato preto

E bengala no braço.

O CASAMENTO DE ROSINHA

(Fonte: Edite Ribeiro Carneiro, em Barra da Sucatinga/Fortim, e Dulce Varela, em Aracati.)

Personagens: Rapaz (Noivo), Rosinha (Noiva), Dona Chiquinha (Mãe da Noiva) e Mané Lourenço (Pai da Noiva)

Rapaz:

Boa noite Dona Chiquinha

Vim aqui lhe visitar

E pedir sua filha Rosa

Para com ela casar.

Dona Chiquinha:

Senta aí nessa cadeira

Deixa o pai dela chegar

Sem a ordem do pai dela

Eu não posso despachar.

Rosinha:

Mamãe despache o rapaz

Que ele está muito apressado

O papai foi pro comércio

E vem um pouco embriagado.

Filomena:

Menina tu só diz isso

Porque tu não tem juízo

A cachaça do teu pai

Só me dá é prejuízo.

Rosinha:

Mamãe deixe de besteira

Vá dar teu voto pra lá

Se você não der eu fujo

E com ele eu vou morar.

Noivo:

Dona Chica eu já te disse

Não tenha medo de mim

Eu dou conta de sua filha

Do começo até o fim.

Mané Lourenço:

Boa noite pra vosmicês

Que estão aí sentados.

Eu venho lá do comércio

Venho um pouco atrapalhado.

Dona Chiquinha:

Meu velho Mané Lourenço

Esse rapaz que aí está

Veio pedir a nossa filha

Para com ela casar.



Mané Lourenço:

Minha filha eu não dou
A rapaz de terra alheia.
Meu casamento pra ela
Tá no caibro de uma te'ia.

Rapaz:

Tenho dinheiro guardado
E casa para morar.
Pra fazer o casamento
Pouca coisa há de faltar.

Mané Lourenço:

Chica tu não está vendo
Que o noivo tá apressado!
Diga o que tá precisando
Que por nós tá despachado.

Rapaz:

O que falta em minha casa
É um penico e um alguidar.

Mané Lourenço:

O penico eu garanto (falando)
E Dona Chica o alguidar.

Mané Lourenço:

Fizemos o casamento
Agora vamos dançar.
Rosinha agarra a moqueca
Dona Chica venha cá.

GENTIL PASTORA

(Letra a partir de versão colhida com dramistas de Tabuleiro do Norte.)

Príncipe:

Gentil pastora
De vida estranha
Deixa a campanha
Vem me escutar.

Já que perdi-me
A mais de hora
Vem sem demora
Me aconselhar.

Pastora:

Tenha um bom dia
Benvindo seja
Tranqüilo esteja
Que a vila é perto.

Siga essa estrada
Bem direitinho
Não há caminho
Mais curto e certo.

Príncipe:

Distantes léguas
Do meu reinado
Estou prostrado
Não tenho lar.
Vé se me diga
Qual é o pouso
Onde um repouso
Posso encontrar.

Pastora:

Senhor, bem vejo
Que vós sóis nobre



Meu lar é pobre
Vem descansar.

Em vosso trilho
Não há perigo
Em meu abrigo
Vem repousar.

Gentil Pastora

♩ = 100

Gen - til pas - to - ra de vi - da'es - tra - nha dei - xa'o re - ba - nho'e vem me'es - cu -

tar já que per - di - me a mais de ho - ra o ga - do pas - to - ra nes - se

lu - - - - gar

Príncipe:

Muito obrigado
Gentil menina
Tua triste sina
Posso medir.

Tu, meiga e bela
De encantos, cheia
Cá dessa aldeia
Deves fugir.

Pastora:

Falo bom dia
Lá nas cidades

Só com saudades
Da gente nossa.

Por desafio
Levo essa vida
Quase esquecida
Na minha choça.

Príncipe:

Se vens comigo
Nada tu sofres
Dou-te meus cofres
Juro por Deus.

Deixa o exílio
Dessa choupana
Vem soberana
Aos braços meus.

Pastora:

Eu não aceito
Tanto tesouro
Guardes teu ouro
Meu bom senhor

Para entregá-lo
A u'a princesa
Que à camponesa
Não tens amor.

Príncipe:

Como desdenhas
Amor tamanho
Segue o rebanho
Mulher grosseira.

Como és tola
Perdeste tudo
Ouro e veludo
A vida inteira.



Pastora:

Deixai-me, Príncipe
Ao sol ardente
Cantar contente
Minha canção.

Mesmo não tendo
Vida folgada
Sou muito amada
De coração.

Príncipe e pastora:

Aos vossos pés
Dispus, senhores
Meus desamores
E privações.

Venho pedir-lhes
Corações nobres
Por nossos pobres
Os aldeões.



DESPEDIDA

Nossa hipótese inicial era a de que os dramas, sendo um rito de passagem feminino pela adolescência, teriam sua salvaguarda ligada à reconquista desta mesma função, ou seja, caberia às atuais dramistas, senhoras idosas para quem os dramas representavam uma reminiscência da mocidade distante, passar seus saberes e fazeres às suas netas. Estas sim, na condição de adolescentes, seriam as efetivas protagonistas de um renascimento dos dramas populares. Para tal, os dramas precisariam passar por uma renovação radical, de modo a atrair uma juventude com valores culturais e gostos estéticos bem distantes dos das gerações passadas.

Colocar-se-ia o desafio de atrair para os dramas mocinhas um tanto envolvidas pelo mau gosto da televisão de sinal aberto com seus big brothers e, principalmente, com o forró eletrônico, ou forró de plástico, como denominou muito apropriadamente o compositor paraibano Chico César. Algumas tentativas neste sentido, mesmo que limitadas, nos mostravam a possibilidade de algum êxito nessa empreitada.

Na sede do município de Fortim, um grupo de adolescentes filhas de antigas dramistas dedicou-se especialmente a encenar o bailado das Quatro Pretinhas da Guiné. Ligadas ao movimento de teatro amador local, elas se apresentam frequentemente e, incentivadas pela reativação da brincadeira na região, se propõem a montar outras partes de dramas. Já nos Caetanos, a participação de adolescentes se faz junto com mulheres adultas de todas as idades. Tanto elas aparecem em partes específicas, sejam bailados ou comédias, como juntas com as demais. Nessa comunidade, percebe-se não haver uma diferenciação entre as dramistas por faixa de idade.

Embora em menor número, em outras localidades, inclusive em Umburanas, também aparecem adolescentes envolvidas em grupos com dramistas mais idosas, figurando em alguma parte de drama. Entretanto, até agora, do nosso conhecimento, a tentativa mais bem sucedida na região, de reinserção das adolescentes no universo do drama, parece ter sido o de Barra da Sucatinga. Naquela localidade, no interior da família Carneiro, houve uma perfeita passagem dos saberes e fazeres da arte dos dramas, sem solução de continuidade, há três gerações, desde a avó Edite, passando pela mãe Maria, até a neta Roberta.

Jovem de 24 anos, Roberta organizou com seu grupo de dramistas, uma série de bailados e comédias, em que ela aparece acompanhada de adolescentes, alunas suas, em encenações de extremo bom gosto. Nelas, a tradição, como de costume, surge renovada, por informações procedentes da música pop, como a evidente influência performática da cantora Shakira sobre o Bailado da Cigana, em que Roberta faz um solo ao estilo oriental, respondido por um coro de bailarinas adolescentes. No caso, à diferença dos dramas da geração de sua mãe, Roberta, a professora e mestra dramista, participa com suas alunas na apresentação do espetáculo.

Esta parece ser uma conquista das mulheres da região, poder fazer drama além da adolescência. Isso, por diferentes vias. Em parte, porque algumas mulheres não estão casando mais tão cedo, por volta dos 16 anos como antigamente, mas até aos 20. De outra parte, porque uma maior quantidade delas está conquistando uma profissionalização mais qualificada, como Roberta, o que permite a algumas, inclusive no caso de separação do marido, uma melhor condição econômica e de tempo para o retorno ao estudo e para a dedicação às artes.

Ainda assim, o esforço em reconquistar a adesão das adolescentes para os dramas tem sido um trabalho difícil e demorado. Tais dificuldades têm por base problemas sociais que atingem principalmente a juventude, como a crescente desestruturação das famílias, ligada ao aumento do alcoolismo e à disseminação das drogas na região. Por outro lado, as conquistas sociais das mulheres abriram espaço para uma maior participação delas na vida comunitária, sendo objeto, inclusive, de diferentes programas de assistência social governamentais, alguns dos quais voltados para atender carências de segmentos da população feminina antes pouco levadas em conta.

Esta maior presença feminina na vida pública, assim como determinadas ações políticas de assistência social voltadas especialmente para determinados segmentos dessa população, em nosso caso, as mulheres idosas, tiveram influência decisiva no ressurgimento dos dramas populares, em diversas regiões do Ceará e não apenas no Litoral Leste. Isso nós já havíamos observado em viagem feita pelo interior do Estado, durante o Projeto Memória do Caminho, no ano de 2005.



O fato é que, durante o processo de pesquisa de campo do nosso projeto, nos contatos, visitas, entrevistas, encontros, ensaios, apresentações, já se configuravam os rumos que tomara e tomou o movimento de renovação dos dramas no Litoral Leste. Ficou claro, primeiramente, que à função antiga de rito feminino de passagem pela adolescência, aos dramas, se somara uma nova função, a de via de reinserção das mulheres idosas na coletividade e no prazer de bem viver.

Em segundo lugar, pelo entusiasmo como as mulheres adultas e mais idosas aderiam ao drama, como elas com mais facilidade conseguiam se reunir e se organizar para a brincadeira, como se multiplicavam e se dispunham nas reuniões e ensaios, ficou evidente que estava ali o terreno mais fértil para, pelo menos, o início da retomada do movimento dramista, com todo vigor, no Litoral Leste do Ceará. Até porque a tendência do número de mulheres idosas é aumentar percentualmente, na região, como no conjunto da população mundial.

Geralmente, como vimos pelos relatos apresentados ao longo desse livro, as dramistas idosas, em sua grande maioria, são mulheres seguras, bem resolvidas psicologicamente, que não perderam sua feminilidade, sua graça e encanto, seu poder de sedução. Dominam como poucas jovens o espaço cênico, se transformam quando dançam, encantam-se em sereias, em Iemanjá, no arquétipo feminino sem idade. O carisma que mostram em seus bailados, reincorpora a mocinha que foram, traz o viço da princesa de conto de fadas que nunca morreu no sonho de suas almas eternamente femininas.

Daí não ser impróprio dizer-se que o futuro do drama está nas mãos dessas velhas dramistas, nas mãos e no corpo inteiro dessas velhas bem novinhas, como elas mesmas dizem, porque remoçadas pela brincadeira do drama e pela arte de ofício de dramista. Cabe a elas retomar antigos temas e reintroduzir novos, recriar figurinos, inventar novas comédias, atualizar diálogos, adequar dias e horários, restabelecer relações com a plateia, recrutar dramistas de diferentes gerações, armar contatos, acertar novas apresentações, enfim, tomar a iniciativa e imprimir dinâmica ao movimento das dramistas do Litoral Leste do Ceará.

Isto não significa o alijamento das mais jovens. Primeiro daquelas que se aproximam da aposentadoria, isto é, da idade em que se livram da carga

dos serviços domésticos e podem ficar mais disponíveis para os dramas. Depois das crianças, das netas, sempre abertas e prontas às propostas de brincadeiras, principalmente daquelas feitas pelas avós. E finalmente das adolescentes, já que os dramas nasceram para mostrá-las. Os caminhos para atraí-las podem ser vários, como os experimentados pelas meninas do Litoral Leste. Desde os grupos de teatro amador, que encontram uma referência teatral em sua própria tradição, até a reintegração com suas mães e avós, num mesmo fazer, a exemplo das trupes circenses.

Em todo caso, para que os dramas retomem o vigor de outrora, é preciso que ele volte a ser um saber comunitário, um saber compartilhado pelas mulheres daquele bairro ou daquela localidade. Para tal a mestra deve fazer ensaios frequentes, chamando todas as mulheres que queiram participar, independente de idade, num lugar público, seja num centro comunitário, numa quadra ou até mesmo numa praça. Cabe também organizar melhor os grupos, se possível com sede, pessoa jurídica, recursos de comunicação, registrar sua memória, participar de editais e programas de políticas públicas de cultura etc. Ao mesmo tempo é necessário renovar os espetáculos, com a criação de novos bailados e comédias, e a atualização de temas, figurinos, adereços, estilos de canto, dança, encenação etc. Depois cumpre realizar encontros de dramistas para troca de informações e intercâmbio de espetáculos, tanto no âmbito municipal, quanto regional e estadual, assim como à circulação de espetáculos.

Fundamental é manter a paixão pelo drama. Dançar e atuar é o caminho. Para manter seu curso, os horizontes se abrem, sejam na forma de estradas ou veredas. Bom mesmo é que saibamos escolher àquelas vias mais ligadas à natureza de nosso povo e à diversidade de nossa cultura. Tal paixão de que falo, muito bem está expressa no Bailado Paixão pela Dança, que assistimos executado por Umbelina Vieira, que bailava cantando no centro do palco como fosse o planeta Terra luminoso, com uma bailarina evoluindo ao seu redor, feito uma lua por sua luz iluminada. Tal paixão pelo drama, também, se fez presente, na cena por nós presenciada, em que Maria Estela, ao narrar a história de sua cegueira, sentada em uma cadeira, levantou-se tateante e, de repente, bailou feito uma menina, cantando e dançando em meio ao salão, o Bailado da Ceguinha, por ela própria criado.



Foto AH



Foto AH



Foto OB

Foto AH



Foto AH